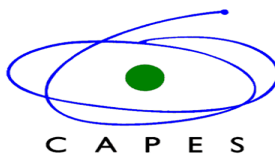




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL NOS
FALARES CULTO E POPULAR DE FORTALEZA – CE: UM ESTUDO
VARIACIONISTA



FORTALEZA – CEARÁ

2021

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL NOS
FALARES CULTO E POPULAR DE FORTALEZA – CE: UM ESTUDO
VARIACIONISTA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas**

Pereira, Maria Lidianne de Sousa.

Variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural nos falares culto e popular de Fortaleza: um estudo variacionista [recurso eletrônico] / Maria Lidianne de Sousa Pereira. - 2021.

296 f. : il.

Tese (DOUTORADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Programa de Pós-graduação Em Linguística Aplicada - Doutorado Acadêmico, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof.ª Pós-Dra. Aluiza Alves de Araujo.

1. Variação linguística. 2. Variedade culta. 3. Variedade popular. 4. Falares de Fortaleza-CE. 5. Sociolinguística variacionista.. I. Título.

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL NOS
FALARES CULTO E POPULAR DE FORTALEZA-CE: UM ESTUDO VARIACIONISTA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 07 de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA




Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Cassio Florêncio Rúbio
Universidade Federal de São Carlos – UFScar



Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará - UFC



Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Para Heitor Cauan.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, por tudo.

Ao meu sobrinho, Heitor Cauan, por toda alegria, amor, inocência, danças com que abrilhanta nossas vidas desde que chegou.

Ao Danilo, por todo amor, companheirismo, amizade, carinho, dedicação, segurança, exemplos, risos, planos e muitas outras coisas essenciais para minha jornada. Obrigada!

Embora eu saiba que não há uma única palavra capaz de expressar o carinho e gratidão que tenho por minha orientadora, a Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, eu deixo registrado que sempre serei grata a você, professora, por toda ajuda com esta tese, bem como com a construção de boa parte de minha carreira acadêmica. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos e espalhar sua luz, alegria, compreensão, carinho, apoio não somente a mim, mas a todos os seus orientados e suas orientandas. Seu trabalho é inspirador e sem sua preciosa ajuda, eu não teria realizado mais este sonho. Muito obrigada, Aluiza!

A amiga Rakel, pela amizade, por todo carinho, por compartilhar e confiar a mim momentos de sua vida pessoal e acadêmica. A você, querida Rakel, agradeço, também, pela ajuda indispensável com o GoldVarb X.

As amigas Brenda e Germana e ao amigo Murilo, por todas as tentativas de ‘enriquecer’ o Lattes, pelo compartilhamento de conhecimentos e experiências. Obrigada, gente!

Ao professor Lucineudo, por todo cuidado, carinho, ajuda e compreensão despendida não só a mim, mas a todos e todas que fazem o PosLA, sobretudo, nos momentos em que mais precisamos.

A todos e todas que fazem a Secretaria do PosLA. Agradeço, em especial, a Jamile e ao Ismael, por todo respeito, atenção, cuidado em todas as vezes que precisei de ajuda com questões burocráticas. Vocês são incríveis!

Aos professores da banca de qualificação (Prof. Dr. Cassio Rúbio e Prof. Expedito Ximenes), aos professores da disciplina de Seminário de Tese (Prof. Dr. Wilson Carvalho e Profa. Dilamar Araújo) e aos professores Dr. Valdecy de Oliveira Pontes, Dr. Antonio Luciano Pontes e a profa. Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos pelas contribuições valiosas para o aprimoramento deste trabalho.

A Hana, Tobinho, Sincera, Flocus, Branquinha e Gabiru, por todo amor e danças que só alegram os dias de trabalho duro nesta tese.

A CAPES, pelo apoio financeiro indispensável para a realização desta pesquisa.

“A ciência está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento. É apenas o melhor que temos. Nesse aspecto, como em muitos outros, ela se parece com a democracia. A ciência por si mesma não pode defender linhas de ação humanas, mas certamente pode iluminar as possíveis consequências de linhas alternativas de ação”.

(Carl Sagan).

RESUMO

Nesta tese, investigamos o comportamento variável da concordância verbal (CV) com a 3ª pessoa do plural (3pp), em amostras das variedades culta e popular faladas em Fortaleza - CE, à luz da Sociolinguística variacionista. A partir disso, objetivamos, especificamente: a) analisar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta fortalezense; b) investigar o conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas que condiciona o comportamento variável da CV com a 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza; c) Comparar, na medida do possível, os resultados obtidos para as amostras de fala culta e popular, a fim de verificar de que maneiras o fenômeno variável investigado aproxima e/ou distancia os falares culto e popular da capital cearense. Para tanto, selecionamos duas amostras de linguagem falada. A primeira é representativa da variedade culta falada em Fortaleza, composta por 34 informantes com ensino superior completo e oriundos do banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). A segunda amostra analisada é representativa da variedade popular falada na capital cearense, composta por 35 informantes com 0-4 anos de escolaridade, disponíveis no acervo sonoro do Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Com o auxílio do GoldVarb X, analisamos os dados coletados para ambas as amostras e verificamos o *quantum* com que cada fator postulado condiciona de modo favorável ou não a realização da variante com marcas de CV na 3pp. Em relação aos dados da variedade culta, trabalhamos com 1.421 ocorrências do fenômeno investigado. Desse total, 23,5% dos casos correspondem à variante sem marcas formais de CV na 3pp, enquanto 76,5% compreendem a variante com marcas de CV na 3pp. Além disso, constatamos que a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta, é beneficiada por variáveis linguísticas (*Saliência fônica; Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo) Presença ou ausência do que relativo entre verbo e sujeito e Paralelismo formal no nível oracional*), bem como por variáveis extralinguísticas (*Tipo de inquérito e Faixa etária*). No que concerne à amostra de fala popular, localizamos 1.153 casos de variação na CV com a 3pp. Desse total, 57,9% dos casos são da variante com marcas de CV e 42,1% correspondem à variante sem marcas de CV. De igual modo, verificamos que para o fenômeno, em amostra de fala popular, são pertinentes variáveis exclusivamente linguísticas (*Saliência fônica; Posição e distância entre SN/sujeito e verbo; Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo) e Traço semântico do sujeito*). Sobre o terceiro e último objetivo deste trabalho, descobrimos que a variação na CV com a 3pp apresenta pontos que distanciam e aproximam as amostras de fala culta e popular analisadas. A partir desses

resultados, concluímos que, tanto em amostra de variedade culta como popular faladas na capital cearense, a CV na 3pp é um fenômeno variável perfeitamente condicionado por uma série de fatores internos e externos ao sistema e compreende significativos pontos de aproximação e distanciamento entre as duas variedades de fala analisadas nesta tese.

Palavras-Chave: Variação linguística. Variedade culta. Variedade popular. Falares de Fortaleza - CE. Sociolinguística variacionista.

ABSTRACT

In this thesis, we investigate the variable behavior of the verbal agreement (CV) with the 3rd person plural (3pp), in samples of literate and popular varieties spoken in Fortaleza - CE, under the light of the variationist Sociolinguistics. From this, we aim specifically to: a) analyze which linguistics and extralinguistic variables condition the variations in CV with the 3pp, in samples of the literate speech of Fortaleza's natives; b) investigate the set of linguistics and extralinguistic variable that condition the variable behavior of CV in the 3pp, in samples of popular speech of Fortaleza's natives; c) compare, as much as we can, the obtained results for the samples of literate and popular speech, seeking to verify in which manners the investigated variable phenomena brings closer and/or distance the literate and popular speeches of the capitol of Ceará. To do so, we've selected two samples of spoken language. The first one represents the literate variety spoken in Fortaleza, composed by 34 informants with complete higher education and coming from the database of the Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). The second analyzed sample represents the popular variety spoken in the capitol of Ceará, composed by 35 informants with 0-4 years of education available on the sound collection of the Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza (NORPOFOR). With the help of GoldVarb X, we analyzed the collected data for both samples and verified the *quantum* with which each postulated factor condition favorably or not the fulfillment of the variant with traces of CV in the 3pp. About the data of the literate variety, we've worked with 1.421 occurrences of the investigated phenomenon. Of this total, 23,5% of the cases correspond to the variant with no formal traces of CV in the 3pp, while 76,5% comprehend the variant with traces of CV in the 3pp. Besides that, we found that the variation of CV with the 3pp, in samples of literate speech, is benefited by linguistics variables (*Phonic emphasis; Formal parallelism in the discursive level (traces on the verb); Presence or absence of the relative what between verb and subject and Formal parallelism on the oral level*), as well as through extralinguistic variables (*Type of inquiry and Age*). In what concerns the sample of popular speech, we've found 1.153 cases of variation on the CV with the 3pp. Of this total, 57,9% of the cases belong to the variant with CV traces and 42,1% correspond to the variant with no traces of CV. The same way, we've verified that for the phenomenon, in samples of popular speech, are pertinent exclusively linguistics variables (*Phonic emphasis; Position and distance between SN/subject and verb; Formal parallelism on the discursive level (traces on the verb) and Semantics traces of the subject*). About the third and last objective of this work, we've found that the variation on CV with the 3pp

presents points that distance and approach the samples of the analyzed literate and popular speeches. Through those results, we conclude that, both in samples of literate and popular varieties spoken in the capitol of Ceará, the CV in the 3pp is a variable phenomenon perfectly conditioned by a series of inside and external factors to the system and comprehend meaningful points of approach and distancing between two varieties of speech analyzed in this thesis.

Keywords: Linguistics variation. Literate variety. Popular variety. Fortaleza - CE's speeches. Variationist sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Fortaleza no Estado do Ceará	108
Figura 2 - Localização da cidade de Fortaleza - CE	108
Figura 3 - Bairros e Secretarias Regionais de Fortaleza - CE	110
Figura 4 - Praia do Futuro, Fortaleza - CE	111
Figura 5 - Praia de Iracema, Fortaleza - CE	111
Figura 6 - Teatro José de Alencar, Fortaleza - CE	112
Figura 7 - Catedral Metropolitana de Fortaleza - CE	113
Figura 8 - Centro Cultural Dragão do Mar	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Resultados referentes aos Níveis 1 e 2 da variável <i>saliência fônica</i> em Naro (1981)	149
Tabela 2 -	Atuação da variável <i>Saliência fônica</i> em amostra de fala culta fortalezense	179
Tabela 3 -	Atuação da variável <i>Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)</i> em amostra de fala culta Fortalezense	182
Tabela 4 -	Comparação entre os resultados obtidos nos trabalhos de Anjos (1999) e Rubio (2008) e nesta pesquisa, para a variável <i>Paralelismo formal no nível discursivo</i>	184
Tabela 5 -	Atuação da variável <i>Tipo de inquérito</i> , em amostra de fala culta de Fortaleza	188
Tabela 6 -	Atuação da variável <i>Presença ou ausência do que relativo entre verbo sujeito</i> , em amostra de fala culta fortalezense	192
Tabela 7 -	Atuação da variável <i>Faixa etária</i> , em amostra de fala culta fortalezense	194
Tabela 8 -	Atuação da variável <i>Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)</i> , em amostra de fala culta fortalezense	200
Tabela 9 -	Percentuais de uso para a variável <i>Tipo estrutural do sujeito</i> , em amostra culta fortalezense	204
Tabela 10 -	Percentuais de uso para a variável <i>Traço semântico do sujeito</i> , em amostra de fala culta fortalezense	206
Tabela 11 -	Percentuais de uso para a variável <i>Sexo</i> , em amostra de fala culta fortalezense	209
Tabela 12 -	Atuação da variável <i>Saliência fônica</i> , em amostra de norma popular fortalezense	222
Tabela 13 -	Atuação da variável <i>Posição e distância entre SN/sujeito e verbo</i> , em amostra de norma popular fortalezense	225

Tabela 14 - Atuação da variável <i>Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)</i>, em amostra de norma popular fortalezense	227
Tabela 15 - Atuação da variável <i>Traço semântico do sujeito</i> após amalgama, em amostra de norma popular fortalezense	228
Tabela 16 - Percentuais de uso para a variável <i>Tipo estrutural do sujeito</i>, em amostra de norma popular fortalezense	231
Tabela 17 - Percentuais de uso para a variável <i>Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)</i> após amalgamas, em amostra de norma popular fortalezense	235
Tabela 18 - Percentuais de uso para a variável <i>Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo</i>, em amostra de norma popular fortalezense	237
Tabela 19 - Percentuais de uso para a variável <i>Sexo</i>, em amostra de norma popular fortalezense	239
Tabela 20 - Percentuais de uso para a variável <i>Faixa etária</i>, em amostra de norma popular fortalezense	240
Tabela 21 - Percentuais de uso para a variável <i>Tipo de inquérito</i>, em amostra de norma popular fortalezense	241
Tabela 22 - Comparação entre os dados de Anjos (1999), Rubio (2008) e esta tese	254
Tabela 23 - Comparação entre os dados de Alves (2005), Araujo (2014) e esta tese	255

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Distribuição dos informantes por bairros, na região metropolitana de Fortaleza da década de 1990	119
Gráfico 2 -	Frequência de uso das variantes investigadas, em amostra de fala culta fortalezense	170
Gráfico 3 -	Percentual de uso para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp, no falar de informantes com ensino superior completo, em diferentes pesquisas variacionistas	172
Gráfico 4 -	Comparação entre os percentuais de uso das variantes estudadas, obtidos por Anjos (1999), Rubio (2008) e Monguilhott (2009) e nesta pesquisa	173
Gráfico 5 -	Frequência de uso das variantes investigadas, em amostra de fala popular fortalezense	210
Gráfico 6 -	Percentual de uso obtido para as variantes em amostra de fala popular fortalezense, no estudo de Pereira (2016)	212
Gráfico 7 -	Percentual de uso para as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp em outros estudos variacionistas sobre o falar de informantes com até 4 anos de escolaridade e nesta pesquisa	214
Gráfico 8 -	Comparação entre as variantes estudadas, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza	244
Gráfico 9 -	Comparação entre os percentuais de uso obtidos para a variante com marcas de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular fortalezense	246
Gráfico 10 -	Comparação entre os percentuais de uso obtidos para a variante sem marcas de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular fortalezense	247

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a variação na CV com a 3pp em diferentes variedades de fala do PB	78
Quadro 2 -	Percentuais de marcação <i>vs.</i> não marcação formal de CV na 3pp em diferentes variedades de fala do PB	81
Quadro 3 -	Comportamento variável da CV em diferentes amostras de fala do PB.....	91
Quadro 4 -	Descrição dos paradigmas pronominais tradicional e em uso efetivo no PB	97
Quadro 5 -	Parâmetros de CV em diferentes normas do PB	98
Quadro 6 -	Distribuição dos informantes do Projeto PORCUFORT segundo o <i>sexo</i> , a <i>faixa etária</i> e o <i>tipo de inquérito</i>	126
Quadro 7 -	Distribuição dos informantes do PORCUFORT de acordo com o <i>Sexo</i> , a <i>Faixa etária</i> e o <i>Tipo de inquérito</i> , na amostra desta pesquisa	127
Quadro 8 -	Detalhamento dos informantes do PORCUFORT selecionados para esta pesquisa	129
Quadro 9 -	Distribuição dos informantes do Projeto NORPOFOR segundo o <i>Sexo</i> , a <i>Faixa etária</i> , o <i>Tipo de inquérito</i> e a <i>Escolaridade</i>	133
Quadro 10 -	Distribuição dos informantes do NORPOFOR por <i>Sexo</i> , <i>Faixa etária</i> e <i>Tipo de inquérito</i> , na amostra desta pesquisa	135
Quadro 11 -	Detalhamento dos informantes do NORPOFOR selecionados para esta pesquisa	137
Quadro 12 -	Variáveis selecionadas e descartadas, em amostras das variedades culta e popular de Fortaleza	260

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	QUADRO TEÓRICO.....	28
2.1	Palavras iniciais.....	28
2.2	Advento e consolidação da sociolinguística variacionista.....	28
2.3	Síntese da seção.....	51
3	O FENÔMENO ESTUDADO.....	53
3.1	Palavras iniciais.....	53
3.2	A variação na cv de 3pp na perspectiva variacionista.....	53
3.3	Síntese de seção.....	82
4	NORMA CULTA E NORMA POPULAR.....	84
4.1	Palavras iniciais.....	84
4.2	Norma culta e norma popular: conceituação, limites e interseções.....	84
4.3	Norma culta e norma popular: implicações pedagógicas.....	94
4.4	Síntese da seção.....	103
5	METODOLOGIA.....	104
5.1	Palavras iniciais.....	104
5.2	Tipo de pesquisa.....	107
5.3	A comunidade de fala de Fortaleza.....	107
5.3.1	Fortaleza na década de 1990.....	114
5.3.2	Fortaleza na década de 2000.....	119
5.4	Os <i>corpora</i> e as amostras de fala.....	124
5.4.1	PORCUFORT e a amostra desta pesquisa.....	124
5.4.2	NORPOFOR e a amostra desta pesquisa.....	132
5.5	Variáveis controladas.....	139
5.5.1	Variável dependente.....	139
5.5.2	Variáveis independentes.....	145
5.5.2.1	<i>Variáveis linguísticas</i>	147
5.5.2.2	<i>Variáveis extralinguísticas</i>	159
5.6	Levantamento de dados e ferramenta de análise estatística.....	164

5.7	Síntese da seção.....	168
6	RESULTADOS.....	170
6.1	Palavras iniciais.....	170
6.2	Variação na CV com a 3pp, em amostra da norma culta fortalezense: visão geral do fenômeno.....	171
6.2.1	Variáveis selecionadas, em amostra de fala culta fortalezense.....	180
6.2.2	Variáveis descartadas, em amostra de fala culta fortalezense.....	204
6.3	Variação na CV com a 3pp, em amostra de norma popular fortalezense: visão geral do fenômeno.....	212
6.3.1	Varáveis selecionadas em amostra de fala popular fortalezense.....	223
6.3.2	Variáveis descartadas em amostra de fala popular fortalezense.....	232
6.4	Comparação dos resultados obtidos para a variação na CV com a 3pp, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza.....	243
6.4.1	Comparação entre os resultados obtidos para as variantes controladas em amostra de fala culta e popular de Fortaleza	244
6.4.2	Comparação entre os resultados obtidos para as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas em amostra de fala culta e popular de Fortaleza.....	258
6.5	Síntese da seção.....	266
7	CONCLUSÕES.....	267
	REFERÊNCIAS.....	275
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.....	294

1 INTRODUÇÃO

A heterogeneidade linguística é uma das propriedades que mais fascina e move o interesse dos estudiosos da linguagem verbal. Afinal, mesmo um olhar superficial deixa ver como a complexidade e riqueza desse fenômeno, inerente a toda e qualquer língua natural, move os esforços de muitos pesquisadores que trabalham no sentido de descrevê-lo e, assim, buscam lançar luz às inúmeras questões que suscita.

Grosso modo, a heterogeneidade das línguas naturais – em nosso caso específico, a Língua Portuguesa do Brasil (doravante PB) – é marcada pela possibilidade de usarmos, na grande maioria das vezes, uma mesma unidade linguística de diferentes modos, seja na dimensão fonético-fonológica, morfossintática, semântica, pragmática ou discursiva da língua. Esse fato abre espaço para que possamos identificar inúmeros fenômenos de variação linguística.

Nesta tese, investigamos, à luz dos postulados teóricos e metodológicos da Sociolinguística variacionista, um fenômeno variável situado no espaço da morfossintaxe, isto é, a variação na concordância verbal (doravante CV) com a 3ª pessoa do plural (doravante 3pp), em amostras representativas dos falares culto e popular de Fortaleza - CE. Dentre as questões que movem nosso interesse por esse fenômeno, destacamos que a variação na CV com a 3pp é amplamente reconhecida como um dos mais ricos e complexos fenômenos de variação linguística, pelo menos, em função de duas questões elementares.

Em primeiro lugar, é possível encontrar estudos descritivos que o apontam como uma regra variável¹ em diversas variedades de fala do PB. Em segundo, é sabido que a marcação vs. não marcação formal de CV com a 3pp suscita uma série de questões que ultrapassam os limites da língua enquanto sistema, convergindo para o âmbito social. No espaço deste último aspecto, sobretudo, comprova-se o quão estreita é a relação entre língua e sociedade.

Sobre o comportamento variável da CV na 3pp em diferentes localidades do Brasil, é possível localizar diversas pesquisas realizadas com base em dados reais de linguagem em uso (falada e escrita) e à luz da Sociolinguística de linha variacionista que demonstram como o PB oferece mais de uma maneira para usarmos a CV na 3pp. Na primeira forma, o falante tem a possibilidade de empregar as marcas de concordância padrão² (como

¹ A noção de regra variável será mais bem tratada na seção dedicada ao Quadro teórico desta pesquisa.

² Neste contexto, o termo ‘padrão’ é usado para referir o modelo de língua imposto pela tradição normativa, amplamente difundido pelas Gramáticas Tradicionais.

em (1): **eles vão** mesmo sabe)³; já na segunda forma, as marcas impostas pela tradição normativa não são preservadas (como em (2): **eles vai** sem merenda mesmo)⁴. De qualquer maneira, o uso de uma ou outra forma variante não implica mudança de significado, conforme atestam as ocorrências (1) e (2). Logo, a CV na 3pp oferece duas possibilidades distintas de realização; trata-se, portanto, de uma regra variável.

Todavia, o precípua traço variável da CV com a 3pp apontado pelos cientistas da linguagem vinculados à Sociolinguística variacionista contrasta com a tradicional postura adotada pelas Gramáticas Tradicionais (doravante GTs). De acordo com as GTs, a CV figura como uma regra ‘quase variável’. Nessa compreensão, a perspectiva das GTs assume que em determinados casos, o emprego de marcas plurais no verbo é um ponto facultativo, em outros, o uso dessas marcas é tido como obrigatório.

Por exemplo, dentre as regras eletivas, sabemos que, para construções com sujeito composto e estruturas em que o sujeito é marcado por um elemento de estrutura complexa como expressões partitivas ou núcleo coletivo singular, os falantes podem, sem ser acusados de cometer ‘um erro’, empregar ou não as marcas de CV padronizadas. Por outro lado, em determinados casos, o uso de marcas plurais no verbo é tido como obrigatório. Assim, recomenda-se, por exemplo, que em construções com sujeito simples e plural haja, obrigatoriamente, o emprego de marcas plurais também no verbo (BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2013).

Além dos pontos tidos como facultativos e obrigatórios, Anjos (1999) atenta que, para a CV na Língua Portuguesa, há muitas exceções. Segundo a estudiosa, esse fato acaba “dificultando seu ensino e aprendizagem, levando o usuário da língua a um estado de insegurança ao fazer uso desse processo sintático” (ANJOS, 1999, p. 45).

Em sentido contrário a muitos dos postulados das GTs, as pesquisas sobre CV na 3pp desenvolvidas pelos variacionistas apontam que o fenômeno em tela figura, no PB, como uma regra ‘essencialmente variável’. Assim, mesmo em casos para os quais as GTs exigem o emprego de marcas padronizadas de CV, nem sempre, no uso real da língua, tais exigências são atendidas. Essas e outras constatações há mais de três décadas nutrem o interesse de estudiosos e estudiosas, dentre as quais nos incluímos, pelo fenômeno de variação na CV com a 3pp.

³ NORPOFOR (DID 09; informante do sexo feminino; faixa etária I (15-22 anos); 0-4 anos de escolaridade).

⁴ NORPOFOR (DID 09; informante do Sexo feminino; faixa etária I (15-22 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Os pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam sobre o fenômeno abordado nesta tese empenham-se em procurar explicações cada vez mais sólidas e construídas com base em dados empíricos de linguagem em uso para o fato de que, ora os falantes realizam a CV tal como prega a tradição normativa, ora não. Em linhas gerais, os sociolinguistas compreendem a ausência *vs.* presença de marcas formais de CV como o resultado da influência de fatores internos e externos ao sistema linguístico.

Essas constatações têm sido de suma importância para indicar que tanto a variante⁵ com marcas padronizadas de CV na 3pp como a variante sem marcas padronizadas são perfeitamente regulares no uso real que fazemos da língua. Com isso, temos buscado não somente oferecer um apurado ‘retrato sociolinguístico’ do fenômeno em pauta, mas também romper com a manutenção de estigmas e preconceitos que comumente recaem sobre a variante sem marcação formal de CV na 3pp, já que essa forma é, pelo menos nos grandes centros urbanos, mal avaliada socialmente (MONTE, 2007; VIEIRA, 2007).

Na esteira desse último ponto emana o segundo aspecto sobre a variação na CV com a 3pp no PB que nos parece aguçar ainda mais o interesse de diversos pesquisadores, isto é: a marcação *vs.* não marcação formal de CV com a 3pp fomenta problemáticas que vão além dos limites da língua enquanto sistema e alcançam o âmbito social. A esse respeito, sabemos que tanto na fala como na escrita⁶ dos brasileiros, o emprego de marcas formais de CV que, ora são preservadas, ora não, é um dos fenômenos que supostamente sinaliza a existência de dois polos ou normas linguísticas. São as chamadas norma⁷ culta e norma popular (LUCCHESI, 2001, 2015).

No âmbito da norma culta, são postas as variantes linguísticas que mais se aproximam do modelo de língua padronizado, frequentemente associado à linguagem de indivíduos favorecidos economicamente, com alto grau de escolaridade e em situações formais de interação comunicativa (FARACO, 2008). Já no espaço da norma popular, são alocadas as formas que se distanciam do padrão normativo e são, comumente, atribuídas ao comportamento linguístico de sujeitos menos favorecidos economicamente e com pouca escolarização (CAMACHO, 2013).

⁵ A expressão ‘variante linguística’ é usada para referir duas ou mais formas diferentes por meio das quais podemos dizer a mesma coisa do ponto de vista da língua enquanto sistema (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Na seção dedicada ao quadro teórico desta tese, retomamos e aprofundamos a noção de variante linguística.

⁶ Sobre a variação na CV com a 3pp a partir de dados de linguagem escrita, *Cf.* Almeida e Antonino (2011), Almeida (2010).

⁷ As noções de norma culta e popular adotadas nesta tese são discutidas de modo mais aprofundado na seção 4.

Ao nos debruçarmos sobre os diferentes valores que são atribuídos a uma ou outra variante linguística que se aproxima em maior ou menor proporção dessa ou daquela norma linguística, assumimos, juntamente com Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2006, 2008, 2010) que, do ponto de vista linguístico, não há nada intrínseco às diferentes variantes linguísticas capaz de classificá-las como inferiores ou superiores a outras. Na verdade, o que há é uma complexa teia de relações sociais nas quais se evidenciam tensões de poder refletidas nas línguas, pois, como bem nos diz Cyranka e Pernambuco (2008, p. 18), “determinados falares são mais desvalorizados do que outros, segundo seus falantes pertençam a uma classe econômico-social mais ou menos privilegiada”.

Problemáticas como essas são levadas para o âmbito escolar através da valoração de um modelo de língua normativo que tende a ser preservado nas escolas por meio das GTs. Para elas, existe apenas um modelo de língua ‘correto’, cabendo aos indivíduos que chegam às salas de aula se apossarem desse modelo como podem (CAMACHO 2012; ALKMIN, 2012). Nesse cenário, defendemos, juntamente com Vieira (2007), a necessidade de nós, professores, conhecermos os fatores linguísticos e ou extralinguísticos que interferem no uso das variantes tidas como padrão e não-padrão⁸, sempre com base na linguagem usada em situações reais de interação verbal.

Esses conhecimentos podem ser fornecidos por meio de estudos descritivos, como esta tese, e que tratam fenômenos de variação e mudança linguística, em nosso caso específico, a variação na CV com a 3pp. Os exercícios de reflexão acerca da realidade das línguas certamente promovem o combate à estigmas e ao preconceito linguístico que, por sua vez, precisam ser enfrentados na escola. Afinal, a heterogeneidade linguística marca o comportamento linguístico dos estudantes que frequentam nossas salas de aula, independentemente de qualquer força político-social repressora – como a que enfrentamos hoje no Brasil – e que visa a homogeneização da sociedade brasileira em todas as suas dimensões, incluindo a linguística.

Embora tenhamos apontado de início que diversos estudiosos têm analisado o fenômeno de variação na CV com a 3pp no PB, sabemos, também, que há ainda inúmeras variedades de fala que não dispõem de um retrato sociolinguístico sobre o fenômeno em foco. Esse era o caso da capital do estado do Ceará, Fortaleza, contemplada nesta pesquisa. E,

⁸ Neste contexto, a expressão ‘não-padrão’ refere-se ao modelo de língua que se distancia daquele imposto pela tradição normativa.

embora tenhamos desenvolvido em nosso curso de mestrado uma pesquisa⁹ sobre a variação na CV com a 3pp a partir de dados extraídos do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR), desconhecemos outro trabalho sobre esse fenômeno realizado com base em amostra do falar culto da capital cearense.

Assim, não era possível – até a realização desta pesquisa – saber, por exemplo, qual variante tende a ser mais usada em amostra de linguagem culta de Fortaleza. De igual modo, não tínhamos como saber quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o uso das variantes que compreendem a realização variável da CV com a 3pp, em dados de linguagem culta fortalezense. Além disso, não era possível estabelecer comparações entre amostras de linguagem culta e popular da capital cearense, a fim de verificar possíveis divergências e/ou convergências no que tange à variação na CV com a 3pp.

Diante dessas lacunas, esta tese investiga, conforme sinalizamos de início, a variação na CV com a 3pp a partir de dados extraídos do Projeto NORPOFOR – com o intuito de ampliar o trabalho de Pereira (2016) acerca desse fenômeno na norma popular fortalezense – e, também, com base em dados oriundos de uma nova e, até aqui, inédita amostra de fala, retirada do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (doravante PORCUFORT), esta última representativa da norma culta da capital cearense.

Em relação ao estudo que desenvolvemos anteriormente com base em dados do NORPOFOR (PEREIRA, 2016), vale destacar que, embora tenhamos lidado com uma amostra significativa, isto é, constituída por 72 informantes, foram controlados apenas dados extraídos de um único tipo de inquérito, a saber, Diálogo entre Informante e Documentador (doravante DID). Dessa maneira, estudamos, na presente pesquisa, a variação na CV com a 3pp em amostra de fala coletada do NORPOFOR, não apenas com dados retirados do DID, mas também com dados extraídos dos inquéritos do tipo Diálogo Entre 2 Informantes (doravante D2), um dos fatos que, em nossa compreensão, justifica a retomada do NORPOFOR, nesta tese. Além disso, aqui, trabalhamos com uma amostra de fala extraída do PORCUFORT para a qual selecionamos dados do DID, D2 e Elocução Formal (doravante EF).

Importante mencionar que o intuito de ampliar o estudo de Pereira (2016) está entrelaçado ao propósito de analisar a possível atuação de fatores linguísticos (*Saliência fônica; Traço semântico do sujeito; Posição e distância entre SN/sujeito e verbo; Tipo estrutural do sujeito; Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito); Paralelismo*

⁹ Cf. Pereira (2016).

formal nível discursivo (marcas no verbo); Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo) e extralinguísticos (*Sexo; Faixa etária e Tipo de inquérito*)¹⁰ sobre o fenômeno de variação na CV com a 3pp em amostra dos falares culto e popular dos fortalezenses.

Sobre a possível relevância do *Tipo de inquérito* para as amostras de fala desta pesquisa, defendemos, em conformidade com Labov (1966, 2008), que o *Tipo de inquérito* pode exercer pressão sobre o uso de determinadas variantes linguísticas, diminuindo ou aumentando suas frequências de uso. Nesta linha de raciocínio, buscamos verificar o *quantum*¹¹ com que os inquéritos dos tipos DID, D2 e EF interferem no uso das variantes investigadas, tanto em amostra de fala culta como popular de Fortaleza. A esse respeito, vale destacar que, por meio de uma cuidadosa observação dos trabalhos realizados até aqui sobre a variação na CV com a 3pp, não localizamos estudos nos quais foram testadas as possíveis influências de diferentes tipos de inquéritos sobre a realização variável da CV na 3pp. Esse ponto figura como mais uma lacuna no quadro dos estudos sociolinguísticos sobre o referido fenômeno e que ajudamos a preencher com esta pesquisa.

A intenção de novamente trabalhar com dados do NORPOFOR foi movida, também, pelo fato de que, ao contrário do que esperávamos em Pereira (2016), não houve predominância da variante sem marcas formais de CV, em amostra do falar popular da capital cearense. Salientamos que esse resultado era esperado no referido estudo porque as variedades tidas como populares tendem a se mostrar mais sensíveis ao uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp (NARO; SCHERRE, 2007; MONTE, 2007). Todavia, em um total de 3.489 ocorrências do fenômeno investigado, em 35,60% dos casos houve aplicação da variante sem marcas formais de CV, enquanto o uso da variante com marcação de CV na 3pp prevaleceu em 65,40% das ocorrências (PEREIRA, 2016).

A refutação das hipóteses levantadas inicialmente em Pereira (2016) nos levou ao seguinte questionamento: ao estabelecer uma comparação entre dados representativos de linguagem culta e popular falada na cidade de Fortaleza encontraremos mais semelhanças ou divergências entre essas variedades linguísticas?

Sobre esse questionamento, vale mencionar que, ao iniciarem os estudos sobre fenômenos de variação com base em dados coletados do Projeto Norma Urbana Culta

¹⁰ Usamos o termo registro para referir à circunstância da situação comunicativa (LABOV, 1966).

¹¹ De acordo com Labov (2008), interessa à Sociolinguística variacionista observar, dentre outras coisas, o *quantum* com que variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas interferem no uso das variantes que compõem um determinado fenômeno variável. Abordaremos melhor essas questões nas seções dedicadas ao Aporte Teórico e à Metodologia da pesquisa.

(doravante NURC)¹², os pesquisadores esperavam que o modelo de língua empregado por falantes tidos como cultos apresentasse maiores semelhanças com o modelo de língua normativo. No entanto, percebeu-se que a língua usada por falantes situados em uma escala social mais favorecida economicamente e com ensino superior completo podia ser caracterizada como “um dialeto social que atende tanto aos falantes cultos como aos falantes comuns, com menor grau de escolaridade” (PRETI, 1999, p. 21). Em outras palavras, as diferenças entre as chamadas norma culta e popular não se mostraram tão acentuadas.

Inserido no quadro de problemáticas como essas, este estudo aborda a realização variável da CV na 3pp em amostra dos falares culto e popular de Fortaleza, conforme já nos referimos anteriormente. A partir dessa temática, levantamos os seguintes questionamentos:

- a) Quais variáveis linguísticas¹³ e extralinguísticas atuam sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza?
- b) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre a realização variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense?
- c) De que modo o comportamento variável da CV na 3pp aproxima e/ou distancia as variedades culta e popular faladas na capital cearense?

Na busca por respostas para esses três questionamentos, elegemos como objetivo maior desta tese analisar, à luz dos postulados Sociolinguísticos de linha variacionista, a variação na CV com a 3pp em dados de fala representativos das variedades culta e popular de Fortaleza. A partir desse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre o uso variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense;
- b) Testar a atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas sobre a variação na CV com a 3pp, em dados da variedade popular falada na capital cearense;

¹² Até os dias de hoje, o Projeto NURC é tido como um dos grandes passos para a quebra de idealizações acerca das variedades cultas, já que a partir dele, estudos com base em dados coletados na linguagem real desses falantes começaram a ser formulados. Trabalhos dessa natureza vêm indicando, por exemplo, que as variedades cultas também possuem variação sistemática e podem apresentar tanto pontos significativamente similares como divergentes das variedades populares.

¹³ Na seção da Metodologia, apresentamos cada uma das variáveis (linguísticas e extralinguísticas) que foram controladas nesta pesquisa, bem como as expectativas iniciais para o comportamento de cada uma delas diante da variação na CV na 3pp, em amostras de fala extraídas dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR.

- c) Comparar, na medida do possível, os resultados obtidos para as amostras de fala culta e popular, a fim de verificar de que maneiras o fenômeno variável investigado aproxima e/ou distancia os falares culto e popular da capital cearense.

Ao longo do nosso percurso e em consonância com os objetivos da pesquisa, fomos guiadas por algumas hipóteses gerais:

- a) Para a variação na CV com a 3pp, tanto em dados do PORCUFORT e NORPOFOR fatores de natureza linguísticas são pertinentes;
- b) O comportamento variável da CV com a 3pp é devidamente condicionado por fatores extralinguísticos, tanto em amostra do PORCUFORT como do NORPOFOR;
- c) A variação na CV com a 3pp comporta-se de modo semelhante aproximando mais do que distanciando as amostras de fala culta e popular analisadas nesta pesquisa.

Ressaltamos que este estudo foi desenvolvido segundo os interesses da linha de pesquisa 2 do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, pois investigamos um fenômeno linguístico resultante das muitas relações entre linguagem e sociedade por meio da interação verbal. Atende, também, aos interesses do Projeto Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza–CE, coordenado pela professora Dr^a Aluiza Alves de Araújo. Afinal, abordamos um dos fenômenos de variação contemplados pelo referido projeto sob os alicerces teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista e com base em dados retirados dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, também contemplados do projeto Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza - CE.

Em termos de organização retórica, esta tese está dividida em 7 seções. Na seção 1, temos esta Introdução. Nela, apresentamos o objeto de estudo, as problemáticas ou questionamentos que nos levaram a estudá-lo; as questões de pesquisa, bem como os objetivos e as hipóteses gerais do trabalho. A seção 2 compreende o nosso Quadro teórico. Nessa seção específica, discutimos algumas das principais questões que assinalam o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista. Na seção 3, revisitamos

alguns estudos de base variacionista que abordam a variação na CV de 3pp, em diferentes falares do PB.

A seção 4 é dividida em duas subseções: na subseção 4.1, tratamos as complexas noções de norma culta e popular. Na subseção 4.2, discutimos algumas questões que envolvem os conceitos de norma culta e popular com implicações para o ensino de língua materna. A seção 5 deste estudo é dedicada à Metodologia da pesquisa. Nela, apresentamos os principais passos metodológicos que executamos para a realização desta tese. A seção 6, por sua vez, compreende a apresentação dos Resultados aos quais chegamos. Por fim, na seção 7, apresentamos as Conclusões.

2 QUADRO TEÓRICO

2.1 Palavras iniciais

Nesta seção, discutimos alguns dos principais postulados teóricos e metodológicos que compreendem a Sociolinguística variacionista, enquanto campo do conhecimento. Afinal, esta tese foi desenvolvida tomando como norte teórico e metodológico justamente os pressupostos desse frutífero campo de estudos da linguagem.

2.2 Advento e consolidação da sociolinguística variacionista

Tradicionalmente, assumimos que a Sociolinguística variacionista — também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística, Sociolinguística quantitativa ou Laboviana — surgiu em meados da década de 1960, mais precisamente, no ano de 1964, durante um congresso realizado na Universidade da Califórnia (UCLA). Organizado pelo linguista norte americano William Bright, o referido evento contou com a participação de muitos pesquisadores que, ao longo do século passado, desenvolveram significativos estudos e se tornaram algumas das figuras mais representativas da área (CALVET, 2002; CAMACHO, 2012; BORTONI-RICARDO, 2014; LUCCHESI, 2015).

Dentre outros, merecem destaque John Gumperz, Einar Haugen, Paul Friedrich, Dell Hymes, John Fischer e William Labov. Em especial este último, tido como o grande responsável por delinear com precisão o objeto, os objetivos e os métodos de análise da Sociolinguística variacionista. Assim como Labov (2008), os demais estudiosos presentes no congresso organizado por Bright (1966) apresentaram uma série de novas propostas para o estudo das línguas naturais. No cerne de suas ideias, esses pesquisadores defendiam a análise sistemática da língua em uso sempre levando em consideração as relações que ela mantém com uma dada sociedade.

Essa abordagem assinalava, ao mesmo tempo, uma nova possibilidade de estudarmos as línguas naturais e uma oposição a muitas das ideias defendidas por áreas de estudos mais tradicionais, a exemplo do Estruturalismo (SAUSSURE, 2012) e do Gerativismo (CHOMSKY, 1957, 1965). Dentre as críticas dos variacionistas a essas duas áreas, destacamos o ‘recorte’ entre língua e sociedade efetuado tanto por estruturalistas como pelos gerativistas.

A esse respeito, vale dizer que, mesmo sendo a relação entre língua e sociedade reconhecida tanto por estruturalistas como por gerativistas, a análise desse liame foi posta em segundo plano — o que na prática resultou em exclusão — na agenda de preocupações dos pesquisadores vinculados ao Estruturalismo saussuriano e ao Gerativismo de Chomsky¹⁴ (MONTEIRO, 2002; WEEDWOOD, 2002; ALVES, 2011; ALKMIN, 2012; CAMACHO, 2012; COSTA, 2013). Saussure (2012), por exemplo, elegeu a *língua* como objeto central de estudo da linguística, “no dificilmente apreensível conjunto heteróclito e multifacetado dos fatos da *linguagem*” (ALVES, 2011, p. 55, grifo do autor). Para justificar seu posicionamento, Saussure (2012) lançou mão do suposto caráter homogêneo e imutável da língua. Os demais fenômenos, tipicamente heterogêneos, foram compreendidos como pertencentes a um universo secundário da linguística, isto é, à linguística da fala (SAUSSURE, 2012).

Por sua vez, Chomsky (1957) aprofundou a visão homogênea de língua defendida por Saussure (2012), ao excluir do quadro de estudos gerativistas qualquer reflexão sobre as relações entre língua e sociedade. Com isso, podemos dizer, juntamente com Monteiro (2002), que Chomsky (1957) elegeu, como objeto do Gerativismo, a chamada ‘competência linguística’ de um falante-ouvinte idealizado e membro de uma comunidade linguística homogênea. O falante-ouvinte idealizado do Gerativismo é visto, portanto, como um sujeito “possuidor de um conhecimento excelente da língua, além de, ao realizá-la, não ser afetado por nenhum problema que pudesse causar redução da memória, dispersão mental, deslocamento de atenção ou de interesse e lapsos quase sempre casuais” (MONTEIRO, 2002, p. 15).

Em direção contrária ao Estruturalismo (SAUSSURE, 2012) e Gerativismo (1957), a Sociolinguística variacionista impulsionada pelos trabalhos de Labov (2008) compreende a língua como um fenômeno essencialmente heterogêneo, mutável e que torna possível toda e qualquer situação de interação comunicativa entre os sujeitos por meio da linguagem verbal. Essa concepção de língua enquanto fenômeno heterogêneo está na base do pensamento variacionista e abriu espaço para a consideração de uma série de fenômenos resultantes da heterogeneidade linguística, vista não mais como um fator secundário, mas sim como uma das mais marcantes propriedades das línguas naturais. Na compreensão de Labov (2008, p. 238):

¹⁴ Haja vista as significativas mudanças nos pensamentos de Chomsky ocorridas ao longo de seus muitos trabalhos, sobretudo no que concerne às relações entre língua e sociedade, é importante destacar que, nesse contexto, estamos nos referindo às ideias defendidas por esse estudioso em obras como *Estruturas Sintáticas*, publicada no ano de 1957.

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida [...]. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional.

A partir da noção de língua enquanto fenômeno heterogêneo, Labov (2008) toma a relação entre língua e sociedade como objeto de estudo. Importante destacar que, tendo em vista os muitos fenômenos que emergem da relação entre língua e sociedade, os variacionistas centram suas atenções nos inúmeros fenômenos de variação linguística, fruto da heterogeneidade sistemática e que caracterizam a língua em uso.

Nesse cenário, dizer que as línguas variam implica reconhecer, antes de tudo, a existência de formas linguísticas distintas que possuem o mesmo valor referencial, isto é, formas linguísticas diferentes, mas capazes de transmitir a mesma informação. Estamos nos referindo às chamadas ‘variantes linguísticas’ que compõem uma determinada regra variável (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

De maneira mais precisa, Weinreich, Labov e Herzog (2006) explicam que a língua comporta não apenas regras categóricas — que não permitem variação — mas também, e certamente em maior número, regras variáveis com suas formas variantes. As variantes linguísticas, portanto:

[...] oferecem meios alternativos de dizer a “mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado em *B* que oferece a mesma informação referencial [...] e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A* [...] (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 97, grifo dos autores).

Além disso, Weinreich, Labov e Herzog (2006) assumem que as variantes coexistentes estão disponíveis e podem ser produzidas por todos os integrantes de uma determinada comunidade de fala — salvo os casos em que há algum problema cognitivo por parte do usuário da língua. Contudo, tendo em vista que, socialmente falando, os sujeitos são estratificados, Weinreich, Labov e Herzog (2006) compreendem que, em função de restrições sociais e, até mesmo pessoais, alguns falantes tendem a não fazer uso, ou usar em menor proporção que outros sujeitos, determinadas formas variantes.

No entanto, esse fato não implica dizer que esses falantes não são capazes de compreender os significados das variantes linguísticas, bem como os possíveis propósitos de

seu uso por parte dos locutores. Todo falante é, portanto, capaz de dizer se o uso de determinada variante está (ou não) adequado à determinada situação de interação comunicativa, à identidade social do locutor e interlocutor etc. (LABOV, 2008; BAGNO, 2009; CAMACHO, 2011; CABRAL, 2014).

Em consonância com esses postulados, vale lembrar que, desde o início, as pesquisas realizadas nos moldes da Sociolinguística variacionista têm evidenciado que as variantes linguísticas não estão restritas a uma única dimensão da língua. Ou seja, sabemos que é possível encontrar formas variantes coexistindo nos mais diferentes níveis da língua: fonético-fonológico, lexical, morfossintático, pragmático e discursivo (LABOV, 1978; 2008; CALVET, 2002; MOLLICA, 2012). Para exemplificar a noção de variantes linguísticas com a qual trabalhamos na Sociolinguística, observemos os excertos de 3 a 6, extraídos dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR:

- (3) Inf.¹⁵: **meus relacionamentos com eles são** muito bom (NORPOFOR: DID 34; informante do sexo feminino; faixa etária I (22-35); 0-4 anos de escolaridade).
- (4) Inf.: né?: mas se tiver alguém Olha se ali:: por exemplo o pai/ **os pais da gente** geralmente **entendem** mais né? do do do passado que **eles passaram** por isso:: aí **eles começam** a contar aquela estória a gen/ já:: desperta né (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).
- (5) Inf.: foi ruim quando assim:: quando **meus pais não queria** me deixar pra sai assim:: de noite sair com minhas amigas (NORPOFOR: DID 34; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (6) Inf.: **eles achava** interessante onde o pessoal onde onde o pessoal mesmo ia né :: mas eu num:: tinha aquela porque a gente tem aquela curiosidade de ver os ponto apesar de eu ser professora de:: de HistÓria né (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).

Nos excertos (3) e (4), destacamos enunciados produzidos por duas informantes dos projetos NORPOFOR e PORCUFORT, respectivamente. Neles, chamamos atenção para os casos de estruturas com sujeito na 3pp, a saber: ‘**meus relacionamentos com eles são** muito bom’; ‘**os pais da gente** geralmente **entendem** mais né’; ‘**eles passaram** por isso...’ e ‘**eles começam** a contar aquela estória’. Em todas essas ocorrências, vemos que as marcas de pluralidade estabelecidas nas GTs para CV na 3pp são preservadas pelas informantes.

Em contrapartida, nos excertos (5) e (6), temos as seguintes construções: ‘**meus pais não queria** me deixar pra sai assim’ e ‘**eles achava** interessante’. Ao contrário das

¹⁵ Informante.

construções em (3) e (4), as ocorrências em (5) e (6) não apresentam marcação formal de CV com a 3pp, conforme manda a tradição normativa.

A identificação dessas construções mostra, antes de qualquer coisa, que tanto na variedade culta como popular de Fortaleza, seja em maior e/ou menor proporção, é possível encontrar a variante com marcação formal de CV coexistindo com a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Esse fato assinala a possibilidade de compreendermos a CV na 3pp como um fenômeno de variação linguística nas variedades de fala que tomamos para análise.

Afinal, o uso da primeira ou da segunda variante não implica dizer que passamos a ter um fenômeno linguístico diferente, mas sim, que estamos usando de modos distintos o mesmo fenômeno. Logo, a alternância entre uma variante e outra não implica mudança de significado.

Essa afirmação, contudo, é válida para o âmbito estritamente linguístico, pois, do ponto de vista sociolinguístico, a alternância entre a variante com marcas formais de CV *vs.* a variante sem marcas formais de CV acarreta significados ou valores sociais diferentes. Sobre esse ponto, ressaltamos que o significado social das variantes linguísticas figura como uma questão pela qual a perspectiva variacionista se interessa desde os primeiros trabalhos realizados por Labov (1966, 1969).

Dentre as muitas questões suscitadas pelo valor social das variantes em competição, sabemos que o prestígio ou estigma atribuído à determinadas variantes por uma comunidade de fala específica podem, por exemplo, acelerar ou barrar os processos de variação e mudança linguística (LABOV, 2006; 2008).

No que concerne o fenômeno de variação que estudamos aqui, sabemos que a variante sem marcação formal de CV na 3pp tende a ser uma forma estigmatizada socialmente. Assim, o uso dessa variante pode acarretar julgamentos depreciativos, postura que caracteriza o chamado ‘preconceito linguístico’¹⁶. Por outro lado, a variante com marcação formal de CV na 3pp é avaliada, “ao menos em meios urbanos e letrados de forma absolutamente positiva” (VIEIRA; BRANDÃO; GOMES, 2015, p. 104).

O ponto de partida para a atribuição de valores negativos à variante sem marcas formais de CV na 3pp reside no fato de que essa forma linguística não condiz com o modelo

¹⁶ Ainda que seja chamado de ‘preconceito linguístico’, esse fenômeno marca essencialmente um preconceito social que busca nas diferenças linguísticas algum tipo de sustentação. Afinal, conforme argumentamos aqui, não existe nada na língua que seja capaz de eleger uma forma variante como superior ou inferior a outra (LABOV, 1966, 2008; CALVET, 2002; FARACO, 2008). Essa eleição é feita exclusivamente com base no prestígio social que possuem (ou não) os sujeitos situados em classes sociais favorecidas e que se acredita usar determinadas formas linguísticas ao invés de outras.

de língua conservado pelas GTs, amplamente difundido por grande parte dos veículos de comunicação, além de ser preservado pela educação formal (SCHERRE, 2005; MATEUS; CARDEIRA, 2007; LUCCHESI, 2015). Dado o prestígio que o modelo de língua apregoado pelos bancos escolares em consonância com os meios de comunicação disfruta, não surpreende que as variantes linguísticas diferentes do padrão imposto por esses elementos sejam avaliadas de modo negativo.

De igual maneira, não é difícil concluir, dado o reconhecimento da sistematicidade da variação linguística, bem como a legitimidade das variantes linguísticas, que toda e qualquer atribuição de valores positivos ou negativos a determinadas variantes é feita sem respaldo científico. Na verdade, o que distingue os valores conferidos a uma ou a outra forma variante é sua relação ou não com a valoração do *status* social atribuído aos falantes que usam (ou que imaginamos que usam) determinadas variantes e não outras.

Para esse tipo de postura, os falantes situados em uma escala social economicamente favorecida e geralmente com amplo acesso aos bancos escolares e a outros bens culturais prestigiados economicamente são correlacionados ao uso das variantes bem avaliadas socialmente (caso da marcação formal de CV com a 3pp). Em sentido oposto, as variantes desprestigiadas (como, por exemplo, a variante sem marcas formais de CV na 3pp) são relacionadas ao suposto comportamento linguístico de falantes posicionados em escalas sociais economicamente desfavorecidas (FARACO, 2008).

Essas assertivas indicam que a classificação de uma determinada variante linguística em ‘melhor’ ou ‘pior’ do que outra é feita com base em critérios, exclusivamente, sociais, isto é, externos à língua (CALVET, 2002; BAGNO, 1999, 2003, 2007, 2009, 2010, 2013; SCHERRE, 2005; SILVA, 2004; LABOV, 2008; FARACO, 2008; BORTONIRICARDO, 2011; CAMACHO, 2012, 2013; LUCCHESI, 2015).

No tocante à realização das variantes linguísticas, é essencial pontuar que o uso de dessas formas linguísticas não acontece de modo aleatório. Na verdade, ao postular a existência de variantes linguísticas ‘competindo’ entre si, Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (1966, 2008) defendem que toda variante linguística é influenciada por uma série de fatores linguísticos, ou internos, bem como por fatores externos ao sistema. Ou seja, para Labov (2008), a existência de formas variantes em toda e qualquer língua natural só pode ser explicada por meio da correlação entre as variantes e diferentes fatores linguísticos e/ou extralinguísticos.

A título de exemplificação, lembramos que muitos estudos acerca da variação na CV com a 3pp têm evidenciado a correlação entre fatores linguísticos e extralinguísticos com

o referido fenômeno variável. Esses fatores ou condicionadores (LABOV, 2008), por sua vez, interagem entre si e comprovam que a variação na CV alcança questões que refletem tanto o funcionamento do fenômeno em tela na língua enquanto sistema, bem como assinalam sua estreita relação com a sociedade.

Sobre o funcionamento da variação na CV com a 3pp no âmbito interno, sabemos que inúmeros são os aspectos linguísticos, isto é, próprios ao sistema, que favorecem, ora, o uso de marcas de plural, ora, a não marcação de plural para a CV na 3pp. A esse respeito, Lucchesi (2015, p. 249, grifo do autor) explica que:

No plano do encaixamento estrutural, o sujeito realizado imediatamente antes do verbo — exemplo: “**Meus pais** *trabalham* muito” — tem-se revelado um contexto que favorece muito a aplicação da regra; enquanto a posposição do sujeito, particularmente com os chamados verbos *inacusativos* — exemplo: “Hoje *nasceu* **três filhotes** —, seria um contexto que restringe fortemente a aplicação da regra de concordância verbal”.

Dentre os fatores de natureza extralinguística, muitos estudos apontam, por exemplo, a relevância dos diferentes níveis de escolaridade para a variação na CV com a 3pp (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; RUBIO, 2008). Em linhas gerais, sabemos que há uma tendência no sentido de que quanto mais anos de escolarização o falante possuir, maiores são as chances de a variante com marcas formais de CV ser favorecida. Por outro lado, menos anos de escolaridade tendem a beneficiar o uso da outra forma variante, isto é, sem marcas formais de CV com a 3pp.

Esses e muitos outros achados comprovam que a heterogeneidade linguística é sistemática e não reflete, em instância alguma, uma espécie de caos linguístico, como durante muito tempo se fez crer (CAMACHO, 2013). De igual modo, a premissa de que todas as variantes linguísticas são condicionadas por fatores de ordem interna e externa ao sistema fez com que os variacionistas rompessem com a ideia de ‘variação livre’, bastante difundida entre os estruturalistas e gerativistas, até pouco mais da segunda metade do século passado. Ao refletir sobre essa questão, Meyerhoff (2006, p. 10-11, grifo nosso, tradução nossa) explica que:

[...] os sociolinguistas acumularam evidências consideráveis mostrando que a variabilidade do locutor pode ser condicionada por fatores não linguísticos (coisas externas ao sistema), bem como por fatores linguísticos [...] demonstraram que muito do que parece ser uma variação livre, pode ser explicado se os linguistas levarem em consideração fatores sociais e fatores linguísticos. A linguística tem muito a ganhar ao distanciar-se de uma noção como a de variação livre. Os sociolinguistas argumentam que, *embora as análises não nos permitam prever com 100% de certeza qual variante surgirá, onde e quando, os estudos sociolinguísticos*

revelam uma camada adicional de estrutura sistemática que justifica a limitada indeterminação que permanece.

Conforme destacamos nas supracitadas palavras de Meyerhoff (2006), ainda que estejamos assumindo a existência de formas variantes e seu condicionamento por fatores de ordem linguística e extralinguística, é impossível dizer com absoluta certeza, quando e sob a influência de quais condicionadores, uma determinada variante vai ocorrer. Assim, “a explicação das relações descobertas é construída em termos de tendência de uso” (ALVES, 2011, p. 57).

Esse postulado é outro aspecto que norteia o modelo teórico-metodológico proposto no âmbito da Sociolinguística variacionista. Sobre esse ponto, convém ressaltar que, ao correlacionar fatores linguísticos e extralinguísticos ao uso das variantes, Labov (2008) percebeu a necessidade de lidarmos com uma grande quantidade de dados empíricos para o estudo de determinado fenômeno variável. Em decorrência desse posicionamento, compreendeu, também, que o tratamento de uma grande quantidade de dados empíricos sobre um fenômeno de variação linguística específico só poderia ser realizado mediante a adoção de análises estatísticas.

Assim, as chamadas tendências de uso, condicionadas pelos mais diversos fatores e que nunca agem isoladamente são transpostos em termos numéricos. A esse respeito, Naro (2012) explica que uma das questões centrais que a perspectiva variacionista coloca diz respeito à observação do *quantum* com que cada um dos fatores testados contribui ou não para a realização de uma, ou de outra forma variante. Além disso, Naro (2012, p. 16-17) explica que “no uso real da língua, que constitui o dado do linguista, seja na forma falada ou na forma escrita, tais categorias se apresentam sempre conjugadas; na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores”.¹⁷

Convencido do caráter heterogêneo das línguas naturais, Labov (1994, 1982, 2006, 2008) explica que, por mais capazes que sejam de reconhecer o uso de determinados fenômenos variáveis, nem sempre os falantes de uma determinada comunidade de fala o percebem do mesmo modo, ou melhor, com o mesmo grau de consciência. Logo, há ‘julgamentos’ sociais conscientes e inconscientes sobre os usos reais da língua (CAVET, 2002; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008; MILROY, 2011). Essa premissa fez com que Labov (2008) postulasse, com base nos diferentes níveis de consciência

¹⁷ Na seção dedicada aos procedimentos metodológicos da pesquisa, tornamos a discutir a questão das análises estatísticas empreendidas em um estudo de natureza variacionista.

que os falantes têm acerca de determinado fenômeno linguístico variável, a existência dos chamados ‘marcadores’, ‘indicadores’ e ‘estereótipos’.

Sobre a noção de ‘marcadores’, Labov (2008, p. 360, grifo nosso) explica que esses compreendem fenômenos que “exibem *estratificação estilística* tanto quanto *estratificação social*. Embora possam estar *abaixo do nível de consciência*, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva”. No que se refere aos ‘indicadores’, Labov (2008) postula que essas formas compreendem “traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa” (LABOV, 2008, p. 360). Por último, os ‘estereótipos’ “são formas socialmente marcadas, enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008, p. 360).

Haja vista as discussões que estabelecemos até aqui acerca do fenômeno que perseguimos, nesta pesquisa, podemos dizer que a variante sem marcas formais de CV com a 3pp pode ser vista como um ‘estereótipo linguístico’ ou mesmo como um ‘indicador’, dependendo de fatores sociais e linguísticos. Na dimensão social, o baixo ou alto grau de escolarização dos informantes pode interferir no modo como ‘percebem’ o uso da variante sem marcas de CV na 3pp.

A esse respeito, sabemos que o menor contato com o modelo de língua padronizado pode fazer com os sujeitos compreendam como ‘indicadores’, nos termos de Labov, fenômenos variáveis que podem ser vistos como ‘estereótipos’, em grupos sociais constituídos por indivíduos com alto grau de escolarização. Ou seja, a atribuição de valores negativos ou não à variante sem marcas formais de CV, em nosso caso específico, pode variar conforme o grau de percepção que os falantes têm da ausência de marcas formais de concordância entre sujeito e verbo.

No que concerne a influência de fatores linguísticos sobre a percepção que os falantes podem assumir diante das variantes com e sem marcas de CV na 3pp, sabemos, por exemplo, que a Língua Portuguesa comporta verbos que apresentam diferentes graus de distinção entre plural e singular. Assim, formas verbais que apresentam acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural (como: (7): **os meus primos são** muito pouco que não **são** pescadores vs. (8): **os ladrões é** igual a eles a gente sabe disso ne) implicam em um grau maior de percepção por parte dos falantes e, assim, podem acarretar um maior grau de estigmatização.

Por outro lado, formais verbais que não apresentam mudanças na qualidade da vogal na forma plural (como: (9): **as mortes hoje** principalmente em termos de assalto hoje

acontece porque o pessoal facilitava vs. (10)¹⁸: porque eu acho que os nossos governantes **eles sabem** do poder das quadrilhas do crime organizado) apresentam um menor grau de percepção e tendem a ser menos marcadas socialmente (MONGUILHOTT, 2009).

Ainda sobre a existência dos estereótipos, é interessante colocar que:

[...] alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir à mudança linguística rápida no sentido de extinção da forma estigmatizada. Outros estereótipos podem ter um prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros (COELHO *et al.*, 2015, p. 33).

A classificação dos fenômenos variáveis em ‘marcadores’, ‘indicadores’ e ‘estereótipos’, conforme a proposta de Labov (2008), mostra, ainda que brevemente, a importância de considerarmos o valor social das formas variantes visto que, assim, podemos compreender melhor o funcionamento social de determinadas formas linguísticas em competição. De igual maneira, reforça a relevância do estudo sistemático da variação linguística sempre no seio de uma comunidade de fala específica. Afinal, é no contexto social que as formas variantes surgem, se propagam e podem (ou não) levar à mudança linguística (LABOV, 2008). Além disso, é no contexto da comunidade de fala que às variantes linguísticas são atribuídos valores sociais diferentes.

Dessa linha de raciocínio, depreendemos que um estudo variacionista deve ocorrer sempre dentro de uma comunidade de fala específica, composta por falantes reais e que, portanto, fazem uso efetivo e não idealizado da língua. Ainda que seja uma noção basilar para o campo de estudos no qual esta pesquisa está inserida, é bem verdade que não dispomos de um consenso para a concepção de comunidade de fala, dada a impossibilidade de delimitar com precisão o alcance dos diferentes usos da língua feitos pelos falantes.

De qualquer modo, Labov (2008, p. 188-225, grifo nosso) propõe que:

Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida *como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua* [...]. Os membros de uma comunidade de fala *compartilham um conjunto comum de padrões normativos*, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real. Mas essa uniformidade nos julgamentos intuitivos é característica somente de variáveis sociolinguísticas bem desenvolvidas, que têm recebido correção social explícita. A maioria das regras linguísticas está muito abaixo do nível da correção social e não têm normas sociais explícitas associadas a elas.

¹⁸ As ocorrências de (8) a (10) foram extraídas do Projeto NORPOFOR: (DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I (22-35); 0-4 anos de escolaridade).

A partir das palavras de Labov (2008), compreendemos que é preciso buscar uma espécie de uniformidade nas atitudes dos falantes inseridos em suas respectivas comunidades de fala e são essas uniformidades ou semelhanças que permitem tentar estabelecer alguns limites entre as comunidades de fala. Na compreensão de Vanin (2009, p. 148, grifo da autora), ao sustentar essa ideia de comunidade de fala, “Labov garante homogeneidade no seu objeto de estudo – a comunidade de fala –, e não na língua, que é um sistema heterogêneo”.

Frisamos que o conceito de comunidade de fala postulado por Labov (2008) é bem aceito pelos estudos variacionistas chamados ‘de primeira onda’¹⁹, tal como esta pesquisa. E, embora trabalhem com a perspectiva de Labov (2008), outra concepção de comunidade de fala que merece destaque é a de Guy (2001).

Para esse último pesquisador, a noção de comunidade de fala deve ser estabelecida a partir de três critérios:

- a) Os falantes de uma comunidade de fala devem fazer uso de formas que os diferenciem de falantes pertencentes a outras comunidades;
- b) Devem estabelecer entre si alta frequência comunicativa;
- c) Devem compartilhar as mesmas normas e atitudes frente aos fatos linguísticos.

Em breve comparação com a perspectiva de Labov (2008), vemos que apenas no terceiro critério estabelecido por Guy (2001) as duas concepções de comunidade de fala se entrecruzam. Evidentemente que as diferenças não invalidam, tampouco diminuem a relevância de uma ou de outra compreensão para a escorregadia noção de comunidade de fala. E, “embora seja difícil estabelecer limites, é inegável que os seres humanos se organizam em grupos e neles fazem surgir suas identidades que têm na língua uma de suas mais fortes expressões” (PEREIRA, 2016, p. 34).

Uma vez identificada a comunidade de fala e o fenômeno variável que se deseja analisar — em nosso caso específico, a comunidade de fala de Fortaleza e a variação na CV com a 3pp, respectivamente — é preciso saber ‘como’ buscar os dados que alimentam a pesquisa. De acordo com os postulados labovianos, uma análise linguística pautada em conjuntos de frases soltas e hipotéticas, isto é, sem base no uso real da língua, tende a falhar

¹⁹ O termo ‘primeira onda’ é usado em referência aos estudos variacionistas que abordam a variação e mudança linguística com o intuito de estabelecer correlações entre categorias sociais e variáveis linguísticas (ECKERT, 2000). Como exemplo de estudo variacionista de primeira onda, podemos citar, dentre outros, o estudo pioneiro de Labov (2008), acerca da realização variável do /r/ pós-vocálico em lojas de departamento da cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

ou mesmo se revelar incompleta. Portanto, uma análise linguística comprometida com a descrição do funcionamento da língua em uso deve partir sempre de amostras colhidas através da observação empírica dos dados.

Além disso, não podemos esquecer que certas situações comunicativas, como aquelas em que os falantes estão expostos a grandes pressões e monitoramentos, podem não refletir seus verdadeiros comportamentos linguísticos. Com isso, o alvo da coleta de dados em uma pesquisa sociolinguística é o *vernáculo*. Ou seja, ao empreender um estudo de natureza variacionista, temos como alvo o modelo de língua em que o menor grau de monitoramento é dispensado pelo falante à sua fala (LABOV, 2008). Trata-se, nas palavras de Labov (2008, p. 13), da “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Dentre as formas de coleta do vernáculo, sabemos que a ferramenta mais comum na pesquisa variacionista é a entrevista individual gravada ou entrevista sociolinguística. E, ainda que esse mecanismo seja amplamente usado pelos pesquisadores, sabemos, também, que ele é bastante complexo. Afinal, será mesmo possível ter acesso a um modelo de língua espontâneo o bastante para ser tido como ‘vernacular’, estando o falante na presença de um entrevistador — no caso de entrevistas do tipo DID — bem como de gravadores e, ainda, respondendo a possíveis questionamentos? Juntos, esses fatores fazem com que a entrevista sociolinguística seja reconhecida como uma atividade estruturalmente formal. Nas palavras de Labov (2008, p. 102, grifo do autor):

A entrevista formal, em si mesma, define um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, aquele que podemos chamar de *fala monitorada* [*careful speech*]. Muito da produção discursiva do informante em outras circunstâncias pode ser bastante diferente. Ele pode usar a fala monitorada em diversos outros contextos, mas na maioria das ocasiões estará prestando menos atenção à própria fala, e empregará um estilo menos monitorado que podemos chamar de *fala casual* [*casual speech*].

Com isso, vemos que, talvez, um meio mais adequado para a coleta do vernáculo seja aquele em que a observação da fala dos informantes ocorre aleatoriamente e de modo anônimo. Contudo, Labov (2008) compreende que esse tipo de abordagem também pode se revelar problemático, pois não é qualquer informante que serve aos interesses de uma pesquisa variacionista. Ou seja, interessamo-nos por um grupo bastante específico de falantes que se encaixam especificamente, por exemplo, em determinadas faixas etárias, sexo, classe social, etnias, graus de escolarização etc.

Além disso, não sabemos ao certo até que ponto uma gravação anônima teria sua qualidade preservada, uma vez que ruídos, barulhos do ambiente e outras interferências podem comprometer seriamente a qualidade dos dados coletados. Essa situação pode ser agravada diante de fenômenos situados em níveis da língua além do fonético-fonológico, como por exemplo, o nível morfossintático em que localizamos a variação na CV com a 3pp. Sobre esse ponto, concordamos com Labov (2008, p. 223) ao explicar que “diversas partículas gramaticais ficam reduzidas a consoantes mínimas ou mesmo a traços de tensão ou vozeamento, difíceis de ouvir, a não ser nas melhores condições”.

Problemáticas como essas resultam naquilo que os variacionistas chamam de ‘paradoxo do observador’ (LABOV, 2008). Grosso modo, o paradoxo do observador é caracterizado pela necessidade de coletarmos dados que refletem o modelo de língua usado pelas pessoas quando não estão sendo observadas, todavia, “só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244).

Para todos os efeitos, Labov (2008) entende que diante dessas questões, resta-nos considerar o que pode ser obtido ao longo da entrevista sociolinguística. O primeiro passo é, conforme já sinalizamos, assumir que não existe falante de estilo único e que ainda que existam mais dimensões estilísticas do que podemos isolar, sabemos que “os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestado à fala” (LABOV, 2008, p. 243). Nesse sentido, dependendo do contexto²⁰ e do tópico discursivo, os informantes podem reservar maior ou menor grau de atenção a sua fala.

Logo, em situações de alto grau de monitoramento (como no caso dos inquiridos do tipo EF, Cf. Metodologia), a tendência é que encontremos um estilo de língua mais próximo do modelo de língua preservado em grandes manuais como as GTs, ao passo que, em situações de pouco monitoramento (como nos inquiridos do tipo D2), os informantes podem ficar mais à vontade e, assim, usar um modelo de língua mais distante daquele prescrito nas GTs.

De igual maneira, Labov (2008) entende que tópicos discursivos que compreendem temas ou assuntos mais familiares para os informantes, ou mesmo que suscitem suas emoções (como, por exemplo, no âmbito de assuntos que envolvem risco de morte), tendem a fazer com que os informantes prestem menos atenção a sua fala e usem, portanto, um estilo de língua menos monitorado e mais próximo do vernáculo. O mesmo, contudo, não

²⁰ Tais contextos podem ser observados em termos de tipo de inquiridos ou registros, a exemplo do DID, D2 e EF, como nos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR.

acontece com tópicos que compreendem assuntos menos familiares ao informante ou de natureza formal (como falar sobre política, ou mesmo em casos nos quais os falantes respondem a perguntas) (LABOV, 2008).

Somando-se a tudo que dissemos, é importante colocar que, em uma determinada comunidade de fala, alguns fenômenos variáveis podem existir durante um longo período sem que isso leve à mudança. Todavia, outros fenômenos de variação podem resultar em mudança linguística. Assim, tanto no primeiro, como no segundo caso, é essencial que em algum momento duas ou mais formas variantes — constituintes de um fenômeno variável específico — tenham coexistido e travado uma espécie de ‘competição’ entre si. Não é difícil concluir, com isso, que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125).

Tal como ocorre com a variação, a Sociolinguística variacionista compreende a mudança linguística como uma das mais marcantes propriedades das línguas naturais e, evidentemente, interessa-se pelos processos de mudança linguística pelos quais toda e qualquer língua natural passa. A observação da mudança linguística no espaço da perspectiva em discussão é, pois, de grande relevância para que possamos compreender mais claramente o dinamismo e flexibilidade das línguas naturais.

Ao assumir a mudança linguística como um dos principais aspectos das línguas naturais, cabe à Sociolinguística variacionista oferecer alguns princípios para que possamos observar esse fenômeno. A esse respeito, Paiva (2016) explica que o primeiro grande passo é romper com outra célebre dicotomia²¹ saussuriana estabelecida no eixo temporal, isto é, ‘sincronia e diacronia’. Em linhas gerais, ao dividir os estudos linguísticos em sincrônicos e diacrônicos, Saussure (2012) defende a possibilidade de observar os fatos da língua a partir de “duas rotas absolutamente divergentes entre si” (SAUSSURE, 2012, p. 120).

Na compreensão de Saussure (2012), o olhar sincrônico permite que os fatos da língua sejam estudados simultaneamente, enquanto a perspectiva diacrônica prioriza as sucessões dos fatos linguísticos na linha temporal. Assim como na dicotomia entre ‘língua e fala’ — mencionada no início desta seção — na qual o linguista genebrino prioriza o estudo da língua em detrimento da fala, na dicotomia entre sincronia e diacronia, a ênfase recai sobre

²¹ De acordo com Costa (2013, p. 116, grifo nosso), o termo ‘dicotomia’ compreende uma espécie “de divisão lógica de um conceito em dois, de modo que se obtenha um par opositivo. Podemos, assim, observar dualidades como *língua e fala*, *sincronia e diacronia*, *paradigma e sintagma*, *forma e substância*, *significado e significante*, *motivado e arbitrário*. Essas são algumas das chamadas dicotomias saussurianas”.

os estudos sincrônicos, resultando em uma quase que completa exclusão da observação diacrônica dos fatos da língua.

Na perspectiva variacionista, nada disso acontece. Aqui, rompemos com a dicotomia entre sincronia e diacronia, ao assumirmos a relevância de examinar o passado com o intuito de entender o presente e, a partir da consonância entre esses polos, lançar olhares para o futuro de um determinado fenômeno variável (LABOV, 2008).

Sobre essa questão, Paiva (2016, p. 24, grifo nosso) explica que:

Por um lado, o presente é o resultado, aparentemente estável, *de vários passos, sucessivos e inter-relacionados que culminaram na vitória de algumas variantes linguísticas ao longo do tempo*. Por outro, em qualquer estágio de uma língua convivem possibilidades múltiplas, podendo uma delas ser considerada um desvio a uma forma considerada padrão. Portanto, mudança na língua pode ser vista tanto como produto acabado como processo em curso.

Conforme destacamos nas citadas palavras de Paiva (2016), todo fenômeno de mudança linguística é resultado de um longo e lento percurso feito por determinadas variantes até ocuparem o lugar de outras. Além de ocorrer de forma lenta e gradual, Labov (2008) atenta para os diferentes estágios de um processo de variação e mudança linguística.

Segundo ele, ao observar um fenômeno de mudança na língua, é preciso atentar para, pelo menos, três estágios principais: ‘origem da mudança’, ‘propagação’ e ‘implementação’. No primeiro, o fenômeno de variação e mudança está ainda restrito ou marca um pequeno grupo. No segundo estágio, é possível observar um número mais amplo de falantes adotando uma das variantes em competição, com isso, o contrastante entre elas passa a ser mais evidente. Como o próprio nome sugere, no terceiro e último estágio, o processo de mudança se completa com a implementação de uma determinada variante e ‘eliminação’ de outra.

Além desses três diferentes estágios da variação e mudança linguística, durante o estudo dos processos de mudança linguística, Labov (2006) aponta dois parâmetros básicos. Ou seja, para ele, a análise dos processos de variação e mudança linguística pode ocorrer por meio do chamado ‘tempo real’ e do ‘tempo aparente’, noções essenciais para um estudo que se procede a partir da perspectiva variacionista.

Ao refletir sobre essa segunda noção (tempo aparente), no âmbito dos estudos variacionistas, Meyerhoff (2006, p. 127, grifo nosso, tradução nossa) explica que, no tempo aparente:

A aparente passagem do tempo é medida pela comparação de falantes de diferentes idades em uma única comunidade de fala em um único momento. Se os falantes mais novos se comportarem de maneira diferente dos falantes mais antigos, presume-se que a mudança tenha ocorrido dentro da comunidade. O constructo do tempo aparente baseia-se no pressuposto de que os falantes mudam apenas minimamente a maneira como falam depois do período crítico ou na idade adulta. Um método útil em que os dados em tempo real estão ausentes.

Com base nas palavras de Meyerhoff (2006), compreendemos que, em um estudo variacionista conduzido a partir da noção de tempo aparente, é possível investigar a variação e os possíveis indícios de mudança através de um recorte transversal na fala dos informantes de uma determinada comunidade de fala. Essa abordagem caracteriza um estudo de natureza sincrônica (LABOV, 2006, 2008). Aqui, não são estabelecidas comparações entre diferentes gerações ou sincronias e a variável faixa etária é observada como mais um ponto da estratificação social dos falantes e por meio da qual é possível intentar algumas incursões no âmbito da investigação diacrônica.

Diante dessas questões, é preciso pontuar que, para a realização desta tese, adotamos a noção de tempo aparente. Afinal, conforme abordaremos, mais especificamente na seção da Metodologia, realizamos um recorte transversal em amostras de linguagem falada extraídas dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR. Naturalmente, a opção de trabalhar com a noção de tempo aparente compreende, antes de tudo, um critério metodológico. E, portanto, é necessário reconhecer que esse tipo de estudo apresenta notórias vantagens e nos permitirá alcançar, acreditamos, nosso objetivo maior: analisar o comportamento variável da CV com a 3pp em amostras de linguagem falada nas normas culta e popular de Fortaleza.

Além de atender a nosso objetivo central, compartilhamos a ideia de Labov (1994, p. 72, tradução nossa), quando nos diz que “as inferências sobre mudança em progresso a partir do tempo aparente não podem ser desprezadas e que este tipo de análise pode ser realizado com proveito quando não há dados de tempo real disponíveis”. Assim, vemos que, além de possibilitar o alcance dos objetivos traçados aqui, a adoção da noção de tempo aparente também nos isenta de algumas dificuldades que podem ser enfrentadas pelo pesquisado e/ou pela pesquisadora ao adotarem a noção de tempo real, conforme veremos mais adiante.

Todavia, ao lado das vantagens proporcionadas por um estudo em tempo aparente, é possível encontrar, também, algumas desvantagens. Dentre elas, vale destacar o fato de que, com esse tipo de estudo, não é possível falar em termos de mudança linguística no sentido de, por exemplo, a variante sem marcas formais de CV estar, porventura, tomando o lugar da

variante com marcação formal para a CV na 3pp, em amostras dos projetos PORCUFORT e NORPOFORT.

No entanto, a variável faixa etária pode nos dar algumas ‘pistas’ sobre um possível quadro de mudança, mesmo em um estudo de tempo aparente. Assim, devemos verificar como falantes mais jovens e mais velhos se comportam diante de um fenômeno variável, pois, em casos de mudança, os falantes mais jovens tendem a favorecer a realização da variante inovadora – no caso desta pesquisa, a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Isso ocorre porque os falantes mais jovens tendem a ser mais sensíveis do que os falantes mais velhos, quando da implementação de uma variante inovadora (LABOV, 1994; PAIVA, 2016).

Entretanto, devemos ter muita cautela ao interpretar possíveis traços de mudança em progresso, tomando como norte apenas a variável faixa etária. Afinal, como bem nos alerta Labov (1966, 1994, 2006) e Paiva (2016), outros fatores como classe social e grau de escolarização podem estar atuando sobre o uso de uma forma inovadora. Isso sugere, dentre outras coisas, que a pura observação da faixa etária em um estudo de tempo aparente não é um critério, de fato, confiável, por diversas razões (LABOV, 1994).

Uma dessas razões, como explica Paiva (2016), é que na grande maioria das vezes, o recorte que fazemos de uma variável contínua, como é o caso da faixa etária, se aplica a diferentes momentos da vida de um determinado sujeito. Logo:

[...] não está descartada a possibilidade de que um falante adulto tenha iniciado sua trajetória de vida com taxas igualmente altas de uma determinada variante e que, ao longo da vida, as tenha alterado em função de pressões impostas, por exemplo, pelo mercado de trabalho, inserção social e redes sociais (PAIVA, 2016, p. 27).

Ainda sobre as problemáticas de pressupor uma mudança em curso tomando como parâmetro apenas um estudo em tempo aparente, é oportuno ressaltar, também, que a distribuição das variantes em diferentes faixas etárias pode ser apenas aparente e não representar mudanças na comunidade, vindo a figurar como um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração (LABOV, 1994; LEITE; CALLOU; MORAIS, 2003).

Com base na compreensão de Leite, Callou e Moraes (2003), podemos dizer que uma forma de escapar das problemáticas concernentes à observação da variação e mudança em tempo aparente, é a adoção da noção de tempo real. Ainda que não pretendamos desenvolver um estudo da variação na CV com a 3pp em tempo real, cabe comentar alguns

aspectos que caracterizam um estudo dessa natureza no campo da Sociolinguística variacionista.

De acordo com Meyerhoff (2006, p. 127, tradução nossa), um estudo em tempo real se propõe a estabelecer uma “comparação do modo como as pessoas falam em determinado momento com o modo como falam uma década, uma geração ou cem anos depois”. Em outras palavras, no âmbito do estudo em tempo real, lançamos mão de diferentes sincronias, as quais devem ser comparadas com intuito de identificar e entender se um dado fenômeno de variação apresenta indícios de mudança e quais os caminhos que ela aparenta seguir.

Para uma pesquisa variacionista realizada nesses moldes, o valor da faixa etária é acrescido. Aliás, os fatores de natureza externa ganham relevo, o que não significa dizer, em instância alguma, que eles se sobrepõem aos fatores internos ao sistema, isso porque:

[...] fatores sociais e internos estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 126).

Metodologicamente falando, sabemos que um estudo em tempo real pode ocorrer a partir de dois modos distintos. Primeiro, pode-se realizar uma comparação entre resultados fornecidos em estudos atuais e pesquisas realizadas anteriormente (LEITE; CALLOU; MORAES, 2003; PAIVA; DUARTE, 2012; BATTISTI; ROSA, 2012). Para isso, o pesquisador vale-se da literatura pertinente construída por outros investigadores acerca do fenômeno de seu interesse.

A partir disso, o(a) pesquisador(a) busca comparar os resultados encontrados em estudos anteriores com aqueles resultados fornecidos por sua atual pesquisa. Dentre os pontos problemáticos que se pode encontrar ao optar por essa primeira possibilidade de estudo em tempo real, destacamos que “são reduzidas as chances de que estudiosos, anos atrás, tivessem se interessado pelas mesmas questões hoje relevantes ou que tivessem lidado com os dados da mesma maneira (escolha de variáveis e fatores, por exemplo)” (BATTISTI; ROSA, 2012, p. 5).

Em segundo lugar, o estudo em tempo real possibilita a análise de um dado fenômeno, após um considerável distanciamento de tempo. Sobre esse ponto, acredita-se que “geralmente, o espaço de uma geração é suficiente para fornecer indícios acerca da estabilidade ou mudança no comportamento linguístico do indivíduo e da comunidade”

(PAIVA; DUARTE, 2012, p. 189). Com base nesses postulados, o(a) investigador(a) pode obter e comparar dados de amostras distintas de uma mesma comunidade ou amostras de fala obtidas com os mesmos informantes.

Independentemente de serem as amostras em comparação pertencentes à mesma comunidade ou aos mesmos indivíduos, Paiva e Duarte (2012, p. 186) acreditam que temos aqui “uma técnica mais controlada de acompanhar a direcionalidade dos fenômenos variáveis”. Importante ressaltar que, ao compararmos amostras distintas coletadas com base no comportamento linguístico dos mesmos informantes, realizamos um estudo dito de ‘painel’. Por outro lado, ao lidarmos com amostras distintas e representativas da mesma comunidade de fala, realizamos um estudo de ‘tendência’.

Apesar de ser tido como confiável para a observação da variação e mudança linguística, o estudo em painel encontra obstáculos tanto de natureza metodológica como teórica. Dentre os problemas de natureza metodológica, destacamos que nem sempre é possível, para o(a) pesquisador(a), estabelecer contato com os mesmos informantes após um lapso temporal.

Já no âmbito dos problemas teóricos que encontramos em um estudo de painel, destacamos, conforme Leite, Callou e Moraes (2003, p. 3), que “esse estudo, *per se*, não distingue gradação etária de mudança comunitária ou estabilidade de mudança geracional”. Em linhas gerais, em um estudo em painel, supõe-se que, se na mudança de uma faixa etária para outra, um indivíduo de determinada faixa apresentar, em certa medida, o comportamento da mesma geração na amostra anterior, temos um fenômeno variável que reflete uma ‘mudança gradual’ (LABOV, 1994).

Porém, se ao passar de uma faixa para outra, o falante reproduz, o comportamento linguístico referente à sua faixa na primeira amostra, temos uma ‘variação geracional’ (LABOV, 1994). Esses postulados nos levam a crer, portanto, que o ponto alvo em um estudo de painel é o indivíduo e muito pouco nos diz sobre a comunidade de fala (LEITE; CALLOU; MORAES, 2003).

Em sentido oposto, o estudo de tendência nos possibilita detectar o comportamento da comunidade. Na verdade, “essa técnica, que *nada nos diz sobre o comportamento linguístico do indivíduo*, permite verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, estabilização ou recuo de processos de mudança” (PAIVA; DUARTE, 2012, p. 188, grifo nosso). Embora nos pareça óbvio, cabe destacar que, ao construirmos amostras aleatórias da mesma comunidade de fala e em momentos distintos, para um estudo de tendência, é necessário que os mesmos parâmetros

de seleção e estratificação social dos informantes sejam adotados em ambas as amostras (PAIVA; DUARTE, 2012).

Com essas considerações, vemos que tanto o estudo em tempo real como em painel e tendência proporcionam um olhar mais apurado para os cursos tomados por processos variáveis em uma dada comunidade de fala. Contudo, vale pontuar que nenhum dos dois eixos (painel e tendência), nem mesmo a conjugação entre eles, é completamente satisfatória para a complexa observação da mudança linguística (LABOV, 1994), pois, conforme vimos anteriormente, “estudo ‘painel’ focaliza a comunidade/descontinuidade no comportamento do indivíduo sem reflexos no sistema. O estudo ‘tendência’, por sua vez, focaliza a continuidade/descontinuidade na própria língua que pode, em grau diferentes, se refletir no comportamento do indivíduo” (PAIVA; DUARTE, 2012, p. 189).

Vale mencionar, também, que os estudos em tempo real por tendência, ainda que não totalmente satisfatórios, vêm sendo amplamente bem recebidos pelos variacionistas. Afinal, em uma pesquisa desenvolvida nos moldes dessa teoria, o alvo não é o falante propriamente dito, mas sim a comunidade de fala, ainda que só seja possível ter acesso a essa por meio daquele (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, LABOV, 2008).

Além de atentar para as noções de um estudo em tempo aparente ou real, Weinreich, Labov e Herzog (2006) postulam que o pesquisador precisa lidar, ainda, com cinco problemas ou questões para a observação da variação e mudança linguística, a saber:

- a) O ‘problema da restrição ou fatores condicionantes’;
- b) O ‘problema da transição’;
- c) O problema da ‘avaliação’;
- d) O problema do ‘encaixamento’;
- e) O problema da ‘implementação’.

Com o ‘problema dos fatores condicionantes’, procura-se analisar o quadro de mudanças possíveis e as condições para que a mudança possa ser efetivada. Tais condições compreendem tanto condicionadores ou restrições sociais como linguísticas e, naturalmente, todo processo de mudança depende do delicado jogo de relações estabelecidas entre eles sobre o uso de uma ou de outra forma variante (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

No estudo realizado por Monguilhott (2009) acerca da variação na CV com a 3pp, no falar de Florianópolis, por exemplo, a variável de natureza linguística ‘posição do sujeito em relação ao verbo’ foi apontada pelo Goldvarb 2000 – programa estatístico usado pela

estudiosa – como estatisticamente relevante. De acordo com os resultados alcançados por Monguilhott (2009), as estruturas em que o sujeito se encontra ‘anteposto ao verbo’ favorecem o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido contrário, ocorrências em que o sujeito aparece ‘posposto ao verbo’ não se mostraram propensas ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp (MONGUILHOTT, 2009). Na pesquisa em questão, vemos que, no falar de Florianópolis, o ‘sujeito anteposto ao verbo’ favorece a manutenção de marcas formais de CV com a 3pp. Isso nos indica, dentre outras coisas que, em caso de mudança, ela seguiria na direção de queda das marcas formais de CV quando o sujeito estiver ‘posposto ao verbo’ e da preservação de marcas de CV em construções com sujeito ‘anteposto ao verbo’.

Em seguida, Weinreich, Labov e Herzog (2006) atentam para o problema da ‘transição’, em que devemos verificar o modo como uma determinada mudança progride ao longo do tempo, ou melhor, a partir de diferentes gerações. Em outros termos, procura-se medir como as formas em variação/mudança se estendem, passando de um determinado estágio a outro. Tenta-se perceber, também, a expansão dos contextos linguísticos no uso de determinadas formas pela sua transmissão entre gerações, sua difusão no tempo e entre diferentes grupos sociais.

Sobre esse ponto, e em consonância com que as discussões estabelecidas anteriormente sobre o estudo da mudança linguística, sabemos que um estudo de natureza variacionista pode procurar investigar os processos de variação e mudança linguística a partir de dois parâmetros: o tempo aparente e tempo real. No primeiro, tenta-se captar a estratificação das variantes linguísticas no comportamento linguístico de falantes com diferentes faixas etárias dentro de um único recorte temporal. Já no segundo, observa-se a difusão de determinadas variantes sempre a partir de duas ou mais gerações com espaço mínimo de uma década entre elas. Afirmamos, também, que é através deste último que os processos de mudança podem ser mais bem analisados. Contudo, um estudo em tempo aparente não deixa de fornecer importantes indícios para a observação de mudança em curso.

Neste sentido, vejamos o que o estudo de Anjos (1999) nos revela sobre a variação na CV com a 3pp, no falar de João Pessoa, a partir de dados extraídos do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) e que contempla diferentes faixas etárias. Segundo os dados da referida pesquisa, falantes jovens (15-25 anos), adultos maduros (26-49) e idosos (mais de 50 anos) fazem uso distinto da variante com marcação formal de CV. Para os falantes jovens, a manutenção da marcação de CV foi favorecida. O mesmo, contudo, não ocorreu no comportamento de falantes tidos como adultos maduros e na fala de

informantes com mais de 50 anos (ANJOS, 1999). Tais dados indicam que, na amostra de fala analisada por Anos (1999), os falantes jovens são os únicos que beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV com a 3pp.

Adotando a linha de raciocínio proposta por Eckert (1996), ao postular que o uso de formas inovadoras, geralmente tidas como não-padrão, tende a ser maior no comportamento de falantes mais jovens, Anjos (1999) verificou justamente o contrário. Afinal, no falar de João Pessoa, os jovens se mostram mais conservadores do que falantes mais velhos, sendo justamente eles os favorecedores do uso da variante com marcas formais de CV (ou variante conservadora). Dentro do problema da transição, percebemos que tais resultados não indicam marcas de propagação da forma inovadora no comportamento de falantes com diferentes faixas etárias, há, por outro lado, uma espécie de refreamento quanto ao uso da forma inovadora.

Ao lado dos dois problemas já comentados, temos a questão do *encaixamento* de um dado fenômeno no sistema linguístico e na estrutura social. Com esse problema, intenta-se analisar como o fenômeno investigado se relaciona com outros, quais fatores linguísticos e sociais condicionam a mudança, favorecendo ou inibindo o uso de determinada variante, bem como as causas, efeitos e as possíveis direções da mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

No que se refere à ausência de marcas formais de CV na 3pp (variante inovadora) e o seu encaixamento no sistema, destacamos que, em linhas gerais, as pesquisas realizadas até aqui mostram, dentre outras coisas, que “de um paradigma verbal pleno com seis formas verbais, uma para cada pessoa gramatical, o português brasileiro estaria passando por um processo de redução na sua morfologia flexional” (SILVA, 2012, p. 305). Tal mudança tem sido muitas vezes atribuída também, mas não somente, “a introdução de outras formas pronominais como **você (s)** e **a gente**, o que na fala, simplifica enormemente a conjugação verbal” (MONTEIRO, 2002, p. 109, grifo do autor).

Com o problema da *avaliação*, entende-se que os falantes lançam sobre determinados fenômenos de variação/mudança olhares avaliativos. Eles podem partir de dois pontos básicos: no primeiro tentam avaliar o potencial linguístico de determinadas formas, isto é, quais formas atendem de modo mais adequado, às exigências comunicativas de diferentes situações. Já no segundo, o foco recai sobre os juízos de valores que os falantes atribuem às formas em competição.

Assim, “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente” (WEINREICH; LABOV; HERZOG,

2006, p. 124). Neste sentido, testes de avaliação são ferramentas importantes para que possamos observar os graus de consciência que os falantes possuem sobre determinadas formas linguísticas, bem como em quais medidas são atribuídos valores positivos ou negativos a uma determinada variante linguística, sempre dependendo da comunidade de fala.

A esse respeito, convém mencionar que, em um estudo realizado por Rubio (2007) sobre a variação CV com a 3pp e 1pp²², no falar de São José do Rio Preto, o autor verificou que falantes do sexo feminino com alto nível de escolaridade atribuem diferentes valores às variantes com e sem marcas de CV. De forma mais específica, falantes com o referido perfil social.

[...] atribuem *status* diferentes para a CV de 1PP e de 3PP, pois apresentam índices maiores de CV para 1PP do que para 3PP. Isso demonstra que, na comunidade pesquisada, a não-aplicação da regra para a 1PP é mais estigmatizada socialmente do que a não-aplicação da regra para a 3PP, o que faz que falantes mais sensíveis ao significado social da fala (mulheres e indivíduos com maior grau de escolaridade) busquem se adequar mais à norma (RUBIO, 2007, p. 32).

Frisamos que, embora não tenhamos trabalhado com testes de percepção e avaliação linguística, sempre que possível, procuramos apontar, com base em outros estudos e nos resultados obtidos para o fenômeno a partir das amostras investigadas nesta tese, como a variação na CV com a 3pp tende a ser compreendido socialmente.

Após tratarmos os quatro primeiros problemas para o estudo da mudança linguística, espera-se, ainda, que o pesquisador e/ou a pesquisadora procurem analisar a questão da ‘implementação’. Com esse problema, objetiva-se compreender como uma dada estrutura se modifica na linha do tempo, sempre como resultado da atuação de forças externas e internas ao sistema (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). É justamente, aqui, que procuramos verificar como a difusão de uma dada variante linguística ocorre dentro do comportamento linguístico de falantes em diferentes estratos sociais e pertencentes a comunidades de fala específicas.

Em outros termos, nos moldes da Sociolinguística variacionista, vimos que as variantes linguísticas coexistem, até que uma seja, ou não, substituída por outra. No último caso, são atribuídos valores positivos à forma ‘vencedora’ e seu uso tende a se espalhar pelo comportamento linguístico dos indivíduos independentemente, por exemplo, do nível de escolaridade, faixa etária e sexo.

²² 1ª Pessoa do Plural (1pp).

No que tange à variação na CV com a 3pp, vemos que à variante sem marcas formais de CV são atribuídos, geralmente, valores sociais negativos já que essa forma linguística se distancia do modelo de língua padronizado. Por razões como essas, a variante sem marcas formais de CV na 3pp ainda tende a ser associada ao comportamento linguístico de sujeitos situados em escalas sociais menos favorecidas. Esses e outros fatos certamente têm influenciado a não propagação direta da variante sem marcação formal de CV na fala de muitos brasileiros.

Naturalmente, os cinco problemas para o estudo da variação e mudança linguística, bem como as demais questões que abordamos acerca dos postulados teóricos e metodológicos que caracterizam a Sociolinguística variacionista, acarretam uma série de outras questões bastante complexas e carecedoras de atenção. Acreditamos, contudo, que as discussões estabelecidas ao longo desta seção oferecerem um significativo panorama acerca de alguns dos principais postulados da Sociolinguística Variacionista. Além disso, esperamos que tenha ficado claro para o leitor e/ou para a leitora o porquê de termos nos amparado nos alicerces teórico-metodológico da linguística variacionista para a realização desta pesquisa.

À guisa de conclusão da seção, ressaltamos que ao comentar alguns dos principais postulados da Sociolinguística variacionista, vimos que essa linha de estudos conta com um apurado e complexo aporte teórico-metodológico que vem sendo, ao longo dos últimos 50 anos, constantemente revisto e aperfeiçoado. De todo modo, podemos dizer que, hoje, a Sociolinguística variacionista figura como um campo de estudo consagrado no cenário da linguística moderna e como uma das áreas que mais contribui para o estudo e descrição do atual PB. Afinal, em nosso país, os pressupostos elencados pela Sociolinguística variacionista encontraram um terreno fértil para serem testados. A rica diversidade linguística brasileira não passou despercebida e, nas palavras de Labov (2007, p. 03), “alguns dos trabalhos mais importantes em variação linguística são feitos no Brasil”.

2. 3 Síntese da seção

Nesta seção, abordamos alguns dos principais tópicos que caracterizam o campo da Sociolinguística variacionista tanto em sua dimensão teórica, como metodológica. Vimos, em linhas gerais, que ao abordar o fenômeno linguístico em sua complexidade, os sociolinguistas rompem com alguns dos principais postulados da linguística estruturalista como, por exemplo, a ideia de que a língua seria um fenômeno essencialmente homogêneo e que deveria ser estudada apenas em sua dimensão sincrônica.

Em sentido oposto, os sociolinguistas têm mostrado, sempre por meio de dados reais de linguagem em uso, que a língua é um fenômeno heterogêneo para o qual concorrem uma série de fatores tanto de ordem linguística como extralinguística. Logo, uma das principais tarefas do pesquisador e/ou da pesquisadora inserido(as) nesse campo de estudos é descrever – a partir de dados empíricos – a língua em uso, seja em sua dimensão sincrônica e/ou diacrônica.

3 O FENÔMENO ESTUDADO

3.1 Palavras iniciais

Nesta seção, abordamos de modo mais preciso o fenômeno de variação estudado nesta tese a partir de pesquisas variacionistas anteriores a esta. Ou seja, tendo em vista a complexidade, bem como a possibilidade de abordar esse fenômeno a partir de diferentes perspectivas teóricas, optamos, evidentemente, por tratar a CV na 3pp à luz de outros estudos variacionistas.

Assim, nos esforçamos para apresentar alguns dos principais resultados obtidos por outros estudiosos, a partir de diferentes amostras de linguagem falada. Nossa ênfase recai sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos que mais frequentemente têm se mostrado relevantes para a variação na CV com a 3pp, em diferentes amostras de fala do PB.

Após a apresentação dos principais resultados obtidos nas pesquisas que tomamos para discussão, estabelecemos algumas comparações entre as descobertas feitas sobre o fenômeno em tela nas diferentes pesquisas consideradas – sempre tomando o cuidado de respeitar as especificidades de cada estudo. Com isso, intentamos desenvolver uma reflexão mais profunda acerca dos principais pontos que os resultados obtidos por diferentes estudiosos e estudiosas nos revelam sobre o comportamento variável da CV no PB.

3.2 A variação na CV de 3pp na perspectiva variacionista

Conforme assinalamos na seção da Introdução, um dos postulados mais correntes acerca da variação na CV com 3pp, em diferentes variedades de fala do PB, é o de que tanto a variante com marcas formais de CV na 3pp como a variante sem tais marcas ocorrem de modo aleatório, mas sim por meio de um delicado jogo de atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Tomando como base teórico-metodológica os parâmetros da Sociolinguística variacionista, temos conhecimento de diversos estudos²³ que comprovam, sempre por meio de

²³ Cf. Naro e Lemle (1976); Lemle e NARO (1977); Naro (1981); GUY (1981); Scherre e NARO (1997, 1998); Anjos (1999); Almeida (2006); Oliveira (2005); Sgarbi (2006); Gonçalves (2007); Monte (2007, 2012); Rubio (2008); Monguilhott (2009); Mascarello (2010); Silva, SANTOS e Souza (2012); Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013).

dados empíricos, a atuação de fatores internos e externos ao sistema sobre a variação na CV com a 3pp.

Importante ressaltar que, tendo em vista a impossibilidade de abordar, ainda que brevemente, todos os estudos acerca da variação na CV com a 3pp realizados nas últimas três décadas, optamos por discutir alguns dos principais achados de pesquisas que compreendem dissertações de mestrado (MONGUILHOTT, 2001; OLIVEIRA, 2005; ALMEIDA, 2006; GONÇALVES, 2007; MONTE, 2007; RUBIO, 2008; PEREIRA, 2016) e teses de doutoramento (SGARBI, 2006; MONGUILHOTT, 2009; MONTE, 2012; ARAÚJO, 2014) desenvolvidas a partir dos anos 2000 e com base em diferentes variedades de fala do PB. Evidentemente, essa opção não nos impede de comentar estudos realizados antes do mencionado recorte temporal, sempre que julgarmos oportuno.

Dito isto, frisamos que Monguilhott (2001) analisou sincronicamente a variação na CV com a 3pp, no falar de Florianópolis - SC, com base na linguagem falada por 24 informantes provenientes do Banco de Dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul (VARSUL) e a partir de entrevistas sociolinguísticas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador. Em linhas gerais, os informantes foram estratificados socialmente de acordo com o sexo (homens e mulheres), a faixa etária (15 a 24, 25 a 45 e 52 a 76 anos de idade) e a escolaridade (4 e 11 anos de escolarização).

Como variáveis independentes de natureza linguística, Monguilhott (2001) analisou a atuação da *posição do sujeito em relação ao verbo* (SN anteposto e SN posposto); do *Traço humano do sujeito* (SN [+humano] e SN [-humano]); do *Tipo de sujeito* (SN pleno simples; SN pleno nu; SN pleno composto; pronome pessoal; pronome indefinido; pronome demonstrativo; quantificadores; SN + pronome relativo (que)); do *Tipo de verbo* (inacusativos; intransitivos; transitivos e cópula); da *Saliência fônica* (Nível I: oposição não-acentuada e Nível II: posição acentuada); do *Material interveniente* (de zero a mais de oito sílabas) e do *Paralelismo formal* (presença da forma de plural explícita no último elemento; presença da forma de plural zero no último elemento; presença de numeral terminado em /s/ no último elemento e presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento). Por sua vez, as variáveis extralinguísticas analisadas por Monguilott (2001) foram o *Sexo*²⁴ (homens e mulheres), a *Faixa etária* (15 a 24, 25 a 45 e 52 a 76 anos de idade) e a *Escolaridade* (4 anos de escolarização e 11 anos de escolarização).

²⁴ O uso dos termos sexo e/ou gênero é feito com base nos trabalhos originais.

Com o auxílio do pacote de programas computacionais VARBRUL (PINTZUK, 1988), Monguilhott (2001) analisou um total de 1.583 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse número total, a autora constatou que 1.251 (79%) casos analisados compreendem a marcação formal de CV, enquanto 332 (21%) ocorrências se referem a não marcação formal de CV na 3pp. Tendo em vista o considerável percentual de uso da variante com marcas formais de CV, Monguilhott (2001) optou por analisar a atuação das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para seu estudo justamente sobre o uso da variante com marcação explícita de CV.

Dentre os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados por Monguilhott (2001) – destacados nos parágrafos anteriores – o VARBRUL (PINTZUK, 1988) selecionou como pertinentes para a referida pesquisa e, nessa mesma ordem de relevância, as seguintes variáveis independentes: *Saliência fônica*; *Posição do sujeito em relação ao verbo*; *Paralelismo formal*; *Traço humano do sujeito*; *Tipo de verbo*; *Tipo de sujeito*; *Escolaridade e Faixa etária*.

Em linhas gerais, a variável *Saliência fônica* mostrou que formas verbais de oposição acentuada (a: não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (.02); b: envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (.46) e c: envolve acréscimo de seguimentos na forma plural (.13)) inibem o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, as formas verbais de oposição acentuada (a: envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (.88); b: envolve acréscimo de seguimentos sem mudanças vocálicas na forma plural (.65) e c: envolve acréscimo de seguimentos e mudanças diversas na forma plural (.75)) beneficiam o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp. Sobre a variável *Posição do sujeito em relação ao verbo*, o estudo de Monguilhott (2001) mostrou que o SN anteposto (.58) favorece a variante com marcas formais de CV na 3pp ao contrário do SN posposto (.17).

Quanto ao *Paralelismo formal*, Monguilhott (2001) verificou que os fatores presença da forma de plural explícita no último elemento (.54) e presença de numeral no último elemento (.53) beneficiam, ainda que discretamente, a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto o fator presença da forma zero de plural no último elemento (.32) inibe o uso da referida variante. Com a variável *Traço humano do sujeito*, a pesquisa de Monguilhott (2001) mostrou que o fator SN [+humano] (.55) favorece o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp. Em sentido oposto, o fator SN [-humano] (.28) inibe o uso da regra em questão.

Por sua vez, a variável *Tipo de verbo* mostrou que o fator cópula (.63) é o único, dessa variável, que beneficia a marcação formal de CV na 3pp, enquanto os demais fatores (transitivo (.49), intransitivo (.46) e inacusativo (.37)) inibem sua realização. A última variável linguística selecionada como pertinente para o estudo de Monguilhott (2001) foi o *Tipo de sujeito*. Essa variável apontou que o fator pronome pessoal + pronome demonstrativo (.59) beneficia a variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário dos fatores SN + pronome relativo (.47), SN pleno simples + SN pleno nu (.45), quantificador + pronome indefinido (.22) e SN pleno composto (.18).

Com a análise das variáveis extralinguísticas selecionadas como relevantes (*Escolaridade* e *Faixa etária*), Monguilhott (2001) constatou que, para a *Escolaridade*, os falantes mais escolarizados de sua amostra (com 11 anos de escolarização) beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV (.57), ao contrário dos informantes com menor escolaridade (4 anos) (.44). Por sua vez, com a variável *Faixa etária*, a estudiosa verificou que os falantes com 52-76 anos favorecem a variante com marcação formal de CV com a 3pp (.55), assim como os falantes com 15-24 anos (.52) – embora o peso relativo obtido para esses últimos informantes tenha ficado muito próximo ao ponto neutro (.50). Já os falantes entre 25-45 anos (.42) inibem o uso da variante com marcação explícita de CV na 3pp, para a amostra de fala estudada por Monguilhott (2001).

A pesquisa de Oliveira (2005) analisou a variação na CV com a 3pp em uma perspectiva sincrônica na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Seus dados foram extraídos de 32 entrevistas sociolinguísticas²⁵ do Tipo Diálogo Entre Informante e Documentador e organizadas pela própria autora. A fim de estudar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o comportamento variável da CV na 3pp, Oliveira (2005) testou a atuação das variáveis linguísticas: *Constituição do SN sujeito* (SN sujeito simples formado por substantivo acompanhado de determinante do tipo artigo; pronomes possessivos; demonstrativos ou indefinido e numeral; SN sujeito simples formado por substantivo sem determinante; SN sujeito composto formado por substantivo, com determinante ou não; SN sujeito simples ou composto formado por substantivo e pronome

²⁵ Sobre a organização das entrevistas sociolinguísticas que constituem o *corpus* de seu estudo, Oliveira (2005) ressalta que elas foram realizadas com dois objetivos centrais, além de servirem como fonte de dados para sua pesquisa: a) buscou-se construir um banco de dados para a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, mais especificamente, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa por professores da área de Língua Portuguesa - ALPL, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da referida instituição, a partir de dados que contemplassem a fala de informantes da comunidade de Vitória da Conquista e b) proporcionar dados para duas pesquisas de mestrado, já realizadas.

pessoal; SN sujeito simples formado por pronome pessoal do caso reto; SN sujeito constituído de pronome relativo; SN sujeito formado por pronome indefinido e SN sujeito simples ou composto com constituinte do tipo determinante + núcleo + sintagma preposicional); *Traço semântico do sujeito* (Sujeito [+abstrato/-animado]; Sujeito [+concreto/ -animado]; Sujeito [+humano/ +animado]; Sujeito [-humano/+animado]); *Realização, posição e distância do sujeito na oração* (sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 3 sílabas; sujeito anteposto separado do verbo por 4 ou mais sílabas; sujeito anteposto imediatamente ao verbo; sujeito posposto ao verbo; sujeito anteposto, presente em oração anterior; sujeito anteposto presente na pergunta do entrevistador com estímulo para marcação de CV; sujeito anteposto presente na pergunta do entrevistador sem estímulo para CV; sujeito não realizado recuperável pelo contexto).

Além dessas, foram testadas, ainda como variáveis linguísticas: o *Tipo de verbo* (verbo transitivo; verbo intransitivo; verbo auxiliar e verbo de ligação); o *Tempo verbal* (presente do indicativo; presente do subjuntivo; pretérito perfeito do indicativo; pretérito imperfeito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo; futuro do pretérito do indicativo; futuro do subjuntivo; infinitivo); a *Conjugação verbal* (verbo na primeira conjugação; verbo na segunda conjugação; verbo na terceira conjugação) e a *Saliência fônica* (Nível I: oposição entre vogal oral e vogal nasal e acréscimos de segmento e Nível II: oposição acentuada). Como variáveis extralinguísticas, Oliveira (2005) analisou a atuação do *Sexo* (homens e mulheres), da *Faixa etária* (15-25 anos; 26-49 anos; 50 anos ou mais) e da *Escolaridade* (Nível Fundamental; Nível Médio e Nível Superior).

Ao todo, foram coletadas 3.200 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Essas ocorrências foram devidamente analisadas estatisticamente com o auxílio do programa VARBRUL (PINTZUK, 1988). Desse número total, Oliveira (2005) verificou que 1.639 (51%) casos correspondem à marcação formal de CV, enquanto 1.561 (49%) ocorrências são de não marcação formal de CV na 3pp. Dentre as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas por Oliveira (2005), foram selecionadas como estatisticamente pertinentes, e nessa mesma ordem de relevância, os seguintes grupo: *Saliência fônica*; *Realização, posição e distância do sujeito*; *Constituição do sujeito*; *Traço semântico do sujeito*; *Escolaridade*; *Faixa etária* e *Sexo*. Ao contrário de Monguilhott (2001), Oliveira (2005) optou por realizar todas as rodadas no VARBRUL em função da variante sem marcação formal de CV.

Com os resultados da variável *Saliência fônica*, Oliveira (2005) constatou que os fatores situados no Nível I (Envolve oposição entre vogal oral e vogal nasal e ditongação quando o verbo tem terminação em vogais médias anteriores (0,73); Envolve oposição entre a

vogal oral e nasal e ditongação em terminações com vogal central (0,54) e Envolve acréscimo de segmentos na forma plural (0,60)) beneficiam o uso da variante sem marcas formais de CV, ao contrário dos fatores situados no Nível II da variável *Saliência fônica* (Envolve ditongação e/ou mudança na qualidade vocálica (0,35); Envolve acréscimos de segmento com supressão da semivogal singular (0,24); Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa ou não (0,20)).

Por sua vez, os resultados obtidos para o comportamento da variável *Realização, posição e distância do sujeito na oração* indicam que os fatores sujeito anteposto, em oração anterior (0,63); sujeito referencial não-realizado (0,57); sujeito anteposto, presente na pergunta do entrevistador com estímulo para a concordância (0,71); sujeito anteposto, separado do verbo por 4 ou mais sílabas (0,63); sujeito anteposto, presente na pergunta do entrevistador sem estímulo para a CV (0,79) e sujeito posposto ao verbo (0,70) favorecem a não marcação formal de CV. Por outro lado, os fatores sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 3 sílabas (0,49) e sujeito anteposto, imediatamente próximo ao verbo (0,39) inibem o uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Na variável *Constituição do sujeito*, apenas o fator SN pleno simples formado por pronome pessoal reto (0,39) não favoreceu o uso da variante sem marcas formais de CV, enquanto o fator SN sujeito simples formado por substantivo acompanhado de determinante do tipo artigo, pronomes possessivos, demonstrativos ou indefinido e numeral (0,50) mostrou-se neutro. Em contrapartida, os fatores SN sujeito simples ou composto com constituinte do tipo determinante + núcleo + sintagma preposicional (0,54); SN sujeito formado por pronome relativo (0,55); SN sujeito composto formado por substantivo, com determinante ou não (0,77); SN sujeito simples formado por substantivo sem determinante (0,58); SN sujeito formado por pronome indefinido (0,69) favorecem a não marcação formal de CV na 3pp, na amostra de Oliveira (2005).

No grupo de fatores *Traço semântico do sujeito*, última variável de caráter linguístico selecionada pelo VARBRUL, na pesquisa de Oliveira (2005), apenas o fator sujeito [+/-humano / +animado] (0,46) não beneficiou a variante sem marcas formais de CV com a 3pp. Por outro lado, os fatores Sujeito [+abstrato / -animado] (0,67) e sujeito [+concreto / -animado] se comportaram de modo favorável a não marcação formal de CV na 3pp.

Com o controle das variáveis extralinguísticas, Oliveira (2005) constatou que, no grupo da *Escolaridade*, os informantes com Nível Fundamental (0,67) favorecem a variante sem marcas formais de CV, ao contrário dos falantes com Nível Médio (0,49) e Nível

Superior (0,28). A variável *Faixa etária*, por sua vez, apontou que são os falantes da faixa 3 (0,60), ou seja, os mais velhos, que beneficiam a realização da variante sem marcação formal de CV na 3pp. Por outro lado, os falantes da faixa 2 (0,48) e da faixa 1 (0,38), mais jovens, atuaram de modo não favorável ao uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Por último, o *Sexo* indicou que os homens (0,53) favorecem a não marcação formal de CV na 3pp, ao contrário das informantes do sexo feminino (0,47) que inibiram o uso dessa mesma forma variante.

Em sua tese de doutorado, Sgarbi (2006) estudou a variação na CV com a 3pp em 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul - MS. Os 30 inquéritos do Tipo Diálogo Entre Informante e Documentador usados pela autora representam amostras de 30 dos 77 municípios do MS e foram extraídos do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Estado do Mato Grosso do Sul (ALMS). Com o auxílio do programa computacional VARBUL (PINTZUK, 1988), Sgarbi (2006) analisou a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o comportamento variável da CV na 3pp.

Assim, foram testadas as variáveis linguísticas: *Saliência fônica* (a: verbos regulares. A diferença entre singular e plural reside na nasalidade (só nasalização ou nasalização e mudança de qualidade vocálica; b: a diferença entre singular e plural está em uma vogal final átona, possivelmente nasalada (nasalização e adição de segmento); c: elemento vocálico tônico oral no singular, em contraste com ditongo tônico nasal no plural (nasalização e mudança de qualidade); d: pretéritos perfeitos regulares, independentemente da conjugação; o acento recai na vogal temática; f: pretéritos perfeitos irregulares, com variação no grau de abertura da vogal tônica, em ambas as formas do singular e do plural; g: forma completamente distinta para o singular e o plural); a *Posição do sujeito em relação ao verbo* (anteposto; posposto e sujeito oculto); a *Distância entre sujeito e verbo em número de sílabas* (ausência de material fônico entre sujeito e verbo; presença de uma ou duas sílabas entre sujeito e verbo; presença de três ou mais sílabas entre sujeito e verbo).

Além dessas, foram observadas também, as variáveis linguísticas: *Constituição morfossintática do sujeito* (pronome pessoal; pronome indefinido e/ou demonstrativo; pronome possessivo e numeral; nome não precedido por artigo ou pronome; nome precedido por artigo ou pronome; pronome relativo precedido de nome; não se aplica: sujeito oculto); a *Categorização semântica do sujeito* (humano; não-humano; não-animado); *Paralelismo formal* (presença de marca formal de plural em todos os elementos (também os pronomes); ausência de marca formal de plural no 2º elemento; não se aplica (sujeito oculto)); *Sujeito pronominal* (sujeito pronominal explícito; sujeito pronominal não-explícito; sujeito não-

pronominal); *Função discursiva do sujeito* (tema e rema) e *Valor semântico do verbo* (ação, processo, ação-processo e estado).

Como variáveis extralinguísticas., foram testadas o *Sexo* (homens e mulheres), a *Faixa etária* (12—20 anos; 21-30 anos; 31-49 anos e 50 anos em diante), a *Escolarização* (nula; Ensino Fundamental incompleto; Ensino Fundamental completo) e a *Procedência* (rural e urbana).

Ao todo, Sgarbi (2006) coletou 832 ocorrências de variação na CV com a 3pp, na amostra de fala considerada em sua pesquisa. Desse número total, 393 (47%) casos compreendem a marcação explícita de CV na 3pp, enquanto 439 (53%) são de não marcação de CV na 3pp. Ressaltamos que todas as rodadas dos dados feitas por Sgarbi (2006) foram realizadas em função da variante com marcas explícitas de CV. Logo, o VARBRUL selecionou como estatisticamente relevante, e nessa mesma ordem de importância, as seguintes variáveis: *Procedência*; *Sexo*; *Escolaridade*; *Sujeito pronominal*; *Distância entre sujeito e verbo*; *Paralelismo formal* e *Saliência fônica*.

Os resultados da variável *Procedência* indicaram que o fator urbano (0.79) atua de modo favorável sobre o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp, enquanto o fator rural (.29) desfavorece sua realização. Por seu turno, a variável *Sexo* revelou que, no universo da pesquisa de Sgarbi (2006), as mulheres (.77) favorecem o uso de marcas formais de CV, enquanto os homens (.30) a desfavorecem. A última variável extralinguística selecionada como relevante pelo VARBRUL, isto é, a *Escolaridade* mostrou que apenas os falantes com Ensino Fundamental completo (.70) atuam de modo favorável sobre a variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário dos falantes com escolaridade nula (.24) e Ensino Fundamental incompleto (.40).

Com a variável linguística *Sujeito pronominal*, Sgarbi (2006) constatou que o sujeito pronominal não-explícito (.92) favorece, de modo bastante significativo, o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto os fatores não-pronominal (.43) e pronominal explícito (.47) não a favorecem. A variável *Distância entre sujeito e verbo*, por sua vez, indicou que os fatores presença de 1 ou 2 sílabas (0.48) e presença de 3 ou mais sílabas (.24) inibem a realização da variante com marcação formal de CV na 3pp, ao contrário do fator ausência de material fônico (.60), o qual se mostrou favorável ao uso de tal forma variante. O controle da variável *Paralelismo formal* revelou que, na amostra de Sgarbi (2006), o fator marca formal de plural em todos os elementos (.56) beneficia a variante com marcas padronizadas de plural para a CV na 3pp, enquanto o fator ausência de marca formal de plural no 2º elemento (.39) inibe a sua realização.

Selecionada por último, a variável *Saliência fônica* mostrou que os fatores Forma completamente distinta para o singular e o plural (.70); Pretéritos perfeitos irregulares, com variação no grau de abertura da vogal tônica, em ambas as formas do singular e do plural (.57) e Pretéritos perfeitos regulares, independentemente da conjugação: o acento recai na vogal temática (.57) condicionam favoravelmente o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp. Em sentido oposto, os fatores verbos regulares: a diferença entre singular e plural reside na nasalidade (só nasalização ou nasalização e mudança de qualidade vocálica) (.42); elemento vocálicoônico oral no singular, em contraste com ditongoônico nasal no plural (nasalização e mudança de qualidade) (.41) e diferença entre singular e plural está em uma vogal final átona, possivelmente nasalada (.35) inibem o uso da CV na 3pp, na amostra de fala analisada por Sgarbi (2006).

Gonçalves (2007) estudou, a partir de uma perspectiva sincrônica, a variação na CV com a 3pp na comunidade de Braúnas no Vale do Rio Doce – MG. Com base em 36 entrevistas sociolinguísticas do tipo Diálogo Entre Informante e Documentador organizadas pela estudiosa, foi analisada a atuação de fatores linguísticos e também extralinguísticos sobre o comportamento variável da CV na 3pp. Dentre os primeiros, Gonçalves (2007) testou a atuação das variáveis *Constituição morfológica da forma verbal* (verbos regulares, pretéritos perfeitos e terminação acentuada) e *Posição do sujeito em relação ao verbo* (sujeito imediatamente anteposto; sujeito anteposto pouco distante (separado por material interveniente com até cinco sílabas); sujeito anteposto muito distante (separado por material interveniente de mais de cinco sílabas); sujeito anteposto expresso em oração anterior/próximo e sujeito anteposto expresso em oração anterior/distante e sujeito posposto).

Como variáveis extralinguísticas, Gonçalves (2007) analisou a atuação da *Faixa etária* (jovem, adulto e idoso), do *Sexo* (homens e mulheres), da *Procedência* (urbano e rural) e do *Nível de escolaridade* (até 4 anos de escolarização (Ensino Primário); entre 8 – 11 anos (Ensino Médio incompleto); 11 anos (Ensino Médio completo) e 15 anos (Ensino Superior completo)).

Com o auxílio do pacote de programas computacionais VARBRUL (PINTZUK, 1988), Gonçalves (2007) trabalhou com um total de 3.642 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse total, 66% correspondem a não marcação formal de CV na 3pp, enquanto 44% referem-se ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Além disso, o VARBRUL selecionou como estatisticamente pertinente, e nessa mesma ordem de importância, os seguintes grupos de fatores: *Constituição morfológica da forma verbal*; *Posição do sujeito em*

relação ao verbo; Procedência; Nível de escolaridade e Sexo. Ressaltamos que todas as rodadas foram feitas em função da variante sem marcas formais de CV.

Com a variável *Constituição morfológica da forma verbal*, Gonçalves (2007) constatou que, em sua amostra, os verbos regulares (0,73) favorecem o uso da variante sem marcas de CV na 3pp, ao contrário dos verbos do pretérito perfeito (0,21) e os verbos com terminação acentuada (0,30). A variável *Posição do sujeito em relação ao verbo* apontou os fatores sujeito anteposto pouco distante (0,52) – ainda que seu peso relativo tenha ficado próximo do ponto neutro (0,50) – como favorável ao uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp. De igual modo, os fatores sujeito anteposto expresso em oração anterior/próxima (0,54), sujeito anteposto expresso em oração anterior/distante (0,54) e, principalmente, o fator sujeito posposto (0,79) como aliados da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, os fatores sujeito imediatamente anteposto (0,40) e sujeito anteposto muito distante (0,49) inibiram o uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp.

Com o controle das variáveis extralinguísticas, Gonçalves (2007) constatou que, na variável *Procedência*, os falantes da zona rural (0,62) condicionam favoravelmente a realização da variante sem marcas formais de CV na 3pp, enquanto os falantes da zona urbana (0,39) a desfavorecem. A variável *Nível de escolaridade* apontou que os falantes com até 4 anos de escolarização (0,67), principalmente estes, e os informantes com 11 anos de escolaridade (Ensino Médio completo) (0,53) beneficiam a não marcação formal de CV na 3pp. Por sua vez, os falantes com 8-11 anos de escolaridade (Ensino Médio incompleto) (0,27) inibem o uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp e os falantes com 15 anos de escolarização (Ensino Superior) (0,50) mostraram-se neutros. Por último, a variável *Sexo* revelou que, na amostra de Gonçalves (2007), os homens beneficiam (0,52) – ainda que discretamente – o uso da variante sem marcação formal de CV na 3pp, enquanto as mulheres (0,47) não a favorecem.

Em sua pesquisa, Monte (2007) estudou sincronicamente a variação na CV com a 3pp em uma comunidade periférica da cidade de São Carlos, localizada no interior do estado de São Paulo, com base na linguagem falada por informantes distribuídos em 20 entrevistas sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador. Com o auxílio do programa de análises estatísticas Goldvarb 2001 (adaptação do VARBRUL para o ambiente *Windows* (SCHERRE, 2012), o estudioso testou a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno de variação em pauta.

Em linhas gerais, foram analisadas as seguintes variáveis linguísticas: *Grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural* (Nível I: menos

salientes (contém os pares cujos segmentos fonéticos que realizam a oposição são inacentuados (não marcados) em ambos os membros e estão em sílaba átona e Nível II: mais salientes (contém os pares cujos segmentos fonéticos com valor mórfico são acentuados (são marcados) em pelo menos um membro da oposição); o *Paralelismo formal no nível oracional* (forma de plural explícita no último elemento (ou único) elemento e forma zero de plural no último elemento); a *Presença/ausência do sujeito pronominal (eles/elas)* (sujeito pronominal explícito; sujeito não pronominal e sujeito pronominal nulo); a *Posição e distância do sujeito em relação ao verbo* (anteposto imediatamente ao verbo; anteposto distante e posposto); *Distância entre sujeito/verbo em termos do número de sílabas* (zero sílabas; uma sílaba; duas sílabas e três ou mais sílabas) e *Presença/ausência do pronome que relativo* (presença do *que* relativo e ausência do *que* relativo) e extralinguísticas: *Gênero* (homens e mulheres), *Escolaridade* (não alfabetizados e 8ª série — EJA) e *Procedência* (nordeste e sul/sudeste).

Ao todo, foram analisadas 1.000 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse número total, o Goldvarb 2001 mostrou que 753 (75%) casos correspondem à variante sem marcas formais de CV, enquanto 247 (25%) dados compreendem à variante com marcação formal de CV na 3pp. Além de indicar o percentual de uso das variantes, na amostra de Monte (2007), o Goldvarb 2001 apontou como estatisticamente pertinentes e, nessa mesma ordem de importância, os seguintes grupos de fatores ou variáveis independentes: *Grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural*; *Paralelismo formal no nível oracional*; *Presença ou ausência do que relativo entre o sujeito e o verbo*; *Gênero e Escolaridade*.

Com a análise da variável *Grau de saliência fônica da oposição entre as formas verbais do singular e do plural*, Monte (2007) constatou que os fatores situados no Nível I: menos saliente (Verbos regulares: a diferença entre singular e plural reside na nasalidade (envolve só nasalização ou nasalização e mudança na qualidade da vogal na forma plural) (0,13) e a diferença entre o singular e o plural reside numa vogal final átona, possivelmente nasalada (nasalização e acréscimo de segmento na forma plural) (0,49)) inibem a realização da variante com marcas explícitas de CV. Em sentido oposto, os fatores situados no Nível II: mais salientes (elemento vocálico tônico oral no singular, em contraste com ditongo tônico nasal no plural. Envolve ditongação e/ou mudança na qualidade da vogal na forma plural (0,90); pretéritos perfeitos regulares, independentemente da conjugação; o acento recai na vogal temática (0,93); pretéritos perfeitos irregulares, com variação no grau de abertura da vogal tônica, em ambas as formas do singular e do plural (97); forma completamente distinta

para o singular e o plural (0,98)) favorecem, de modo bastante expressivo, a realização da variante com marcas formais de CV com a 3pp.

A variável *Paralelismo formal no nível oracional*, por sua vez, indicou que, no universo da pesquisa de Monte (2007), o fator forma de plural explícita no último (ou único) elemento (0,62) favorece a variante com marcação formal de CV na 3pp, ao contrário do fator forma de plural zero no último elemento (0,19) que inibe o uso dessa variante. A variável *Presença ou ausência do que relativo entre o sujeito e o verbo* mostrou que o fator presença do *que* relativo (0,20) inibe o uso da variante com marcas formais de CV com a 3pp, enquanto o fator ausência de *que* relativo (0,56) a favorece.

Com a observação das variáveis extralinguísticas *Gênero* e *Escolaridade*, selecionadas como estatisticamente relevantes, Monte (2007) constatou que, com a primeira variável, os falantes do sexo masculino (0,45) inibem o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto os informantes do sexo feminino (0,55) favorecem a sua realização. Com a observação da segunda variável, Monte (2007) verificou que os falantes não escolarizados (0,40) desfavorecem o uso da variante com marcação formal de CV, ao contrário dos falantes escolarizados pelo EJA (0,60) que beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Rubio (2008) estudou sincronicamente a variação na CV na 3pp na língua falada em São José do Rio Preto — SP. O *corpus* usado no referido trabalho foi composto por 76 inquéritos do tipo Diálogo Entre Informante e Documentador extraídos do Banco de Dados de Iboruna que faz parte do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP). Com o auxílio do pacote de programas computacionais VARBRUL (PINTZUK, 1988), Rubio (2008) analisou um total de 3.308 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse número total, 2.314 (70%) correspondem a marcação formal de CV, enquanto 994 (30%) casos são de não marcação formal de CV na 3pp.

Para verificar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o comportamento variável da CV na 3pp, Rubio (2008) testou a atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas. As de natureza linguística foram: *Paralelismo formal no nível oracional* (presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep; presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep; presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep; presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep; presença de numeral no último elemento e presença de neutralização no último elemento); *Paralelismo formal de nível discursivo* (verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita no

discurso do falante ou do interlocutor; verbo precedido de verbo com marca zero de plural no discurso do falante ou do interlocutor e verbo isolado ou primeiro de uma série); *Traço semântico do sujeito* ([+humano], [-humano +animado], [-animado] e [misto]); *Posição do núcleo do sujeito em relação ao verbo* (posição pré-verbal com núcleo distante de 0 a 2 sílabas do verbo; posição pré-verbal com núcleo distante de 3 a 10 sílabas do verbo; posição pós-verbal com núcleo distante até 5 sílabas do verbo e posição pós-verbal com núcleo distante mais de 5 sílabas do verbo); *Tipo morfológico do sujeito* (SN-pleno simples; SN-pleno nu; SN-pleno composto com núcleo adjacente ao verbo no singular; SN-pleno composto com núcleo no plural adjacente ao verbo; pronome pessoal; pronome indefinido; pronome demonstrativo; quantificador; pronome relativo e desinencial); *Saliência fônica* (máxima diferenciação fonológica (percebida pela total alteração das desinências modo-temporais e/ou do radical, sendo uma forma completa ou parcialmente distinta da outra); média diferenciação fonológica (percebida por uma alteração perceptível da desinência modo-temporal, sem alteração do radical) e mínima diferenciação fonológica (percebida, na fala espontânea, apenas pela nasalização da vogal final não-acentuada e/ou adição de uma semivogal, sem envolvimento mudanças no radical)).

Como variáveis extralinguísticas, Rubio (2008) testou a atuação da *Idade* (7-15 anos; 16-25 anos; 26-35 anos; 36-55 anos e 55 anos); *Gênero* (masculino e feminino) e *Escolaridade* (1º ciclo do Ensino Fundamental; 2º ciclo do Ensino Fundamental; Ensino Médio e Ensino Superior). Além de apontar o percentual de uso das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, o VARBRUL indicou também as variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a amostra de Rubio (2008). De maneira mais precisa, foram selecionadas como estatisticamente pertinentes, e segundo essa mesma ordem de importância, os seguintes grupos de fatores: *Paralelismo formal de nível oracional*; *Escolaridade*; *Paralelismo formal de nível discursivo*; *Saliência Fônica*; *Posição do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo*; *Traço Semântico do sujeito*; *Idade*; *Gênero* e *Tipo morfológico do sujeito*.

Com a observação da variável *Paralelismo formal de nível oracional*, Rubio (2008) constatou que apenas o fator presença de plural no último elemento do SN (.56) favorece a marcação formal de CV na 3pp, enquanto os fatores presença de plural no último elemento de um SPrep (.50) e neutralização (.50) se mantiveram neutros. Já os fatores ausência de plural no último elemento do SN (.17), ausência de plural no último elemento de um SPrep (.37) e numeral (.47) inibiram o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. A variável *Escolaridade* mostrou que os falantes com Ensino Superior (.73) são os grandes

favorecedores da variante com marcas formais de CV, enquanto os falantes com Ensino Médio (.52) se mantiveram bastante próximos do ponto neutro. Em contrapartida, os informantes com 1º ciclo do Ensino Fundamental (.28) e com o 2º ciclo do Ensino Fundamental (.40) inibiram o uso de marcas formais de CV na 3pp. Por seu turno, a variável *Paralelismo formal de nível discursivo* mostrou que o fator verbo anterior c/ marca de plural (.64) é único que beneficia a variante com marcas formais de CV na 3pp, já que o fator (.50) manteve-se neutro e o verbo anterior s/ marca de plural (.12) inibiu o uso da referida variante.

O controle da variável *Saliência fônica* apontou que as formas do nível mínimo (.37) inibem o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp, enquanto as formas dos nível médio (.62) e nível máximo (.72) favorecem a realização de marcas formais de CV na 3pp, na amostra de Rubio (2008). A análise da variável *Posição do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo* mostrou que o fator pré-verbal dist. 0-2 sílabas (.53) — ainda que tenha se mantido bem próximo ao ponto neutro — é o único que favorece o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto o fator pré-verbal dist. 3-10 sílabas (.50) manteve-se neutro e os fatores pré-verbal dist. mais de 10 síl. (.48) e pós-verbal (.10) inibiram-na. Na sequência, a seleção da variável *Traço semântico do sujeito* apontou que o fator humano (.53) — embora ao próximo neutro — atua favoravelmente sobre a variante com marcas formais de CV, ao contrário dos fatores animado (.47) e inanimado (.34).

O controle da variável *Idade* mostrou que, no contexto da pesquisa de Rubio (2008), os falantes com 36 a 55 anos (.56) e mais de 55 anos (.57) beneficiam a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto os falantes com 7 a 15 anos (.39) e 26 a 35 anos (.50) a desfavorecem e os falantes 16-25 anos (.50) mantêm-se neutros. A variável *Gênero*, por sua vez, mostrou que as mulheres (.53) favorecem, ainda que discretamente, o uso da variante com marcas formais de CV, ao contrário dos informantes do sexo masculino (.47). Por último, a variável linguística *Tipo morfológico do sujeito* revelou que os fatores pronome pessoal (.54), desinencial (.53), pronome indefinido (.54), SN-pleno comp. c/ núcleo adj. no plural (.79), principalmente este último, beneficiam a variante com marcação formal de CV na 3pp. Por outro lado, os fatores SN-pleno simples (.44), pronome relativo (.42), quantificador (.44), SN-pleno comp. c/ núcleo adj. no sing. (.47), pronome demonstrativo (.42) e SN-pleno nu (.47) inibem o uso de marcas formais de CV na 3pp.

Monguilhott (2009) investigou sincrônica e diacronicamente a variação na CV com a 3pp em amostras de fala e de escrita do PB e do PE. Evidentemente, consideramos apenas os dados e resultados da pesquisa referentes à amostra sincrônica e falada. Assim, destacamos que a autora analisou a realização variável da CV na 3pp a partir de 16 entrevistas

sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador coletadas pela estudiosa em 4 localidades da comunidade de Florianópolis — SC, a saber: Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa (zonas não urbanas) e Ingleses e Centro (urbanas).

Em linhas gerais, Monguilhott (2009) testou a atuação de grupos de fatores linguísticos, sociais e geográficos. Como variáveis independentes de natureza linguística foram testadas: a *Saliência fônica* (Nível I: oposição não-acentuada e Nível II: oposição acentuada), *Paralelismo formal* (presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento do SN-sujeito; presença da forma de plural zero no último elemento; presença de numeral terminado em /s/ no último elemento; presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento; sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento; sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural zero no último elemento; sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento; sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento), *Tipo de verbo* (inacusativos prototípicos; inacusativos não-prototípicos; intransitivos prototípicos; intransitivos não-prototípicos; transitivos; cópula); *Posição do sujeito em relação ao verbo* (SN Verbo (anteposição) e Verbo SN (posposição)); *Traço humano do sujeito* (SN [+humano], SN [-humano]) e *Tipo de sujeito* (SN pleno simples; SN pleno nu; SN pleno composto; Pronome pessoal; Pronome indefinido; Quantificador; SN + pronome relativo (que) e Sujeito nulo).

Como fatores extralinguísticos, Monguilhott (2009) analisou o *Sexo* (homens e mulheres); a *Idade/escolaridade* (15 e 36 anos com ensino fundamental (da 4ª. Série completa a 9ª. série completa) – jovem/ensino fundamental; 22 e 33 anos com ensino superior concluído: jovem/ensino superior; 48 e 74 anos com ensino fundamental (de 1ª. a 4ª. Série incompleta a 7ª. série completa) – velho/ensino fundamental e 45 e 76 anos com ensino superior concluído – velho/ensino superior); *Redes sociais* (localismo: bem integrados ao bairro em que moravam; mais ou menos integrados e pouco integrados e mobilidade: pouca mobilidade, média mobilidade e muita mobilidade). Por seu turno, como variável geográfica, Monguilhott (2009) observou o comportamento da *Diatopia* (localidade não-urbana (Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa e localidade urbana (Ingleses e Centro)).

Com o auxílio do pacote de programas computacionais GoldVarb 2001, Moguilhott (2009) analisou 794 casos de variação na CV com a 3pp. Desse total, 640 (80,6%) casos apresentaram marcas explícitas de pluralidade no verbo, enquanto 154 (19,4%) compreendem a ausência de marcação formal de CV com a 3pp. Além de indicar a frequência geral para o uso das variantes linguísticas analisadas, o GoldVarb selecionou, dentre as

variáveis linguísticas, como estatisticamente relevantes, os seguintes grupos de fatores: *Saliência fônica*; *Paralelismo formal*; *Posição do sujeito em relação ao verbo*; *Traço humano do sujeito* e *Tipo de verbo*.

Os resultados obtidos com a *Saliência fônica* indicaram que, dentre os fatores situados no Nível I (oposição não-acentuada), as formas que envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (.04) inibe, de maneira bastante expressiva, a marcação formal de CV; as formas que envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural (.50) se mostraram neutras e as formas que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural (.74) beneficiaram o uso de marcas formais de CV na 3pp. Com a observação dos fatores alocados no Nível II (oposição acentuada), Monguilhott (2009) constatou que as formas que envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (.48) inibem a marcação formal de CV, ao contrário das formas que envolvem acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (.74) e formas que envolvem acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural (.69).

Sobre o comportamento da variável *Paralelismo formal*, as análises indicaram que os fatores presença da forma de plural explícita no último elemento (.60) e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita (.66) e sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento (.58) favorecem a marcação formal de CV na 3pp. Em sentido oposto, os fatores Presença de numeral no último elemento (.13), presença da forma zero de plural no último elemento (.10) e Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural (.29) atuaram de modo não favorável ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Os dados da variável *Posição do sujeito em relação ao verbo* mostram que o fator SN anteposto (.57) favorece o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp, ao contrário do fator SN posto (.08) o qual se mostrou muito expressivo quanto a não marcação formal de CV na 3pp. Por sua vez, a variável *Traço humano do sujeito* indicou, como favorável ao uso da variante com marcas formais de CV, o fator SN [+humano] (.56) e mostrou também que o fator SN [-humano] (.12) inibe a realização da referida variante. Os resultados obtidos para a variável *Tipo de verbo* mostraram que os fatores verbo transitivo (.62), verbo intransitivo prototípico (.58) e verbo intransitivo não-prototípico (.74) favorecem a variante com marcação formal de CV, ao contrário dos fatores verbo cópula (.38), verbo inacusativo prototípico (.27) e verbo inacusativo não-prototípico (.30).

Quanto às variáveis sociais, Monguilhott (2009) constatou que é pertinente para o fenômeno de variação na CV com a 3pp, em sua amostra de linguagem falada, a variável

Idade/escolaridade. Sobre esse grupo de fatores, a estudiosa registou que o fator Jovem/ensino superior (.74) beneficiam a realização da variante com marcas formais de CV, assim como os falantes Velho/ensino superior (.52), ainda que estes último tenham se mantido bem próximos ao ponto neutro (.50). Em contrapartida, os fatores Jovem/ensino fundamental (.32) e Velho/ensino fundamental (.28) inibiram a variante com marcação formal de CV na 3pp. Por último, a variável geográfica *Diatopia* também foi selecionada como relevante estatisticamente. Assim, com os dados referentes a essa variável, Monguilhott (2009) constatou que apenas o fator Região Central (.83) favorece a variante com marcas formais de CV, enquanto os fatores Ribeirão da Ilha (.48), Costa da Lagoa (.32) e Ingleses (.33) inibem a sua realização.

Em seu trabalho, Monte (2012) estudou a variação na CV com a 3pp sincronicamente em amostras de linguagem faladas coletadas em duas variedades: uma representativa do PB e outra do Português Europeu (doravante PE). Tal como procedemos ao comentar, ainda que muito brevemente os principais resultados obtidos por Monguilhott (2009), ao voltar nossa atenção para a pesquisa de Monte (2012), nos detemos apenas em algumas das principais questões concernentes à análise do comportamento variável da CV na 3pp em amostra de fala extraída do PB.

Assim sendo, frisamos que Monte (2012) investigou o fenômeno em tela no português falado na cidade de São Carlos — SP. Seus dados foram coletados a partir de 18 entrevistas sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador organizadas pelo estudioso. Os informantes foram estratificados socialmente de acordo com o *Sexo/Gênero* (masculino e feminino) e *Nível de escolaridade* (não alfabetizados, Ensino Fundamental e Ensino Médio), fatores que figuram como as variáveis extralinguísticas testadas por Monte (2012).

No âmbito das variáveis linguísticas, foram observadas: a *Saliência fônica* (Nível I: oposição não marcada / menos saliente e Nível II: oposição marcada / mais saliente), o *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)* (forma de plural explícita no último (ou único) elemento; forma zero de plural no último elemento; forma de plural explícita no último elemento de um SPrep; forma zero de plural no último elemento de um SPrep e presença de numeral no último elemento), a *Posição do sujeito/SN em relação ao verbo* (sujeito/SN anteposto e sujeito/SN posposto), o *Traço semântico do sujeito* (SN [+ humano / + animado]; SN [- humano / + animado] e SN [- humano / - animado]), a *Distância entre sujeito/SN e o verbo em termos de número de sílabas* (0 a 2 sílabas; 3 a 5 sílabas e 6 a mais sílabas), a *Presença ou ausência de que relativo ou complementizador* (ausência do ‘que’ e presença do ‘que’), o *Tipo estrutural do sujeito/SN* (pronomes ‘vocês’;

pronome pessoal ‘eles/elas’; SN pleno simples; SN pleno nu; SN pleno composto; numeral (como núcleo ou adjunto); numeral (como núcleo ou adjunto); quantificador indefinido; pronome demonstrativo e sujeito nulo) e o *Tipo de verbo: verbo ser e outros verbos* (verbo ‘ser’ e outros verbos).

Com o auxílio do pacote de programas computacionais Goldvarb-X, Monte (2012) analisou um total de 1.422 ocorrências de variação na CV com a 3pp, na amostra de fala representativa da comunidade de São Carlos. Desse número total, 686 (48,2%) dados apresentaram a marcação formal de CV na 3pp, enquanto 736 (51,8%) ocorrências compreendiam a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Além disso, o Goldvarb-X selecionou, como estatisticamente pertinente, e nessa mesma ordem de relevância, as seguintes variáveis: *Nível de escolaridade*, *Saliência fônica*, *Tipo estrutural do sujeito/SN*, *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*, *Sexo/gênero*, *Posição do sujeito/SN em relação ao verbo*, *Traço semântico do sujeito/SN*, *Tipo de verbo (verbo ‘ser’ versus outros verbos)* e *Distância entre o sujeito/SN e o verbo em número de sílabas*.

Ressaltamos que, com o intuito de organizar melhor a apresentação dos resultados obtidos para cada uma das variáveis selecionadas como pertinentes para seu estudo, Monte (2012) optou por apresentar os resultados do estudo seguindo não a ordem de seleção das variáveis, mas sim, a sua natureza: se linguística ou extralinguística. Logo, o autor apresentou, primeiramente, os resultados correspondentes às variáveis linguísticas e, na sequência, apresentou os achados para as variáveis extralinguísticas. Em respeito a essa opção metodológica de Monte (2012), apresentamos, primeiramente, os resultados para as variáveis linguísticas e, na sequência, os dados referentes aos resultados obtidos para o comportamento das variáveis extralinguísticas.

A *Saliência fônica* mostrou que os fatores do Nível I: oposição não marcada/ menos saliente (envolve nasalização sem mudança na qualidade da vogal na forma plural (0,142); envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (0,224) e envolve acréscimo de segmento na forma plural (0,213)) inibem a realização de marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, as formas do Nível II: oposição marcada / mais saliente (envolve ditongação e/ou mudança na qualidade da vogal na forma plural (0,723), envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (0,805) e envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas (0,858)) favorecem a variante com marcas formais de CV na 3pp.

Os resultados obtidos para a variável *Tipo estrutural do sujeito/SN* indicaram que os fatores Numeral (núcleo ou adjunto) (0,660), Pronome *vocês* (0,583), Pronome pessoal

eles/elas (0,565), SN pleno nu (0,540), beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV, enquanto o fator Sujeito nulo (0,500) manteve-se neutro. Em sentido oposto, SN pleno simples (0,400), SN pleno composto (0,309), Quantificador indefinido (0,306) e Pronome demonstrativo (0,123) inibem a realização da variante com marcas formais de CV. Com a variável *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*, Monte (2012) constatou que o fator presença de plural no último (ou único) elemento (0,625) favorece a marcação formal de CV na 3pp. Em contrapartida, os fatores e presença de numeral no último elemento (0,082), ausência de plural no último elemento (0,175) e ausência de plural no último elemento de um SPrep (0,395) atuaram de modo desfavorável ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Por sua vez, a variável *Posição do sujeito/SN em relação ao verbo* mostrou que o fator sujeito/SN anteposto (0,613) favorece a variante com marcas de CV na 3pp, ao contrário do fator sujeito/SN posposto (0,068). Já a variável *Traço semântico do sujeito* mostrou que o fator SN [+ humano / + animado] (0,522) é aliado, ainda que discretamente, da variante com marcas de CV, enquanto o fator SN [- humano / - animado] (0,274) se mostrou desfavorável ao uso desta mesma variante. Com o controle da variável *Tipo de verbo (verbo 'ser' e outros verbos)*, Monte (2012) observou que o fator verbo 'ser' (0,632) atua de modo favorável à realização da variante com marcas formais de CV, ao contrário do fator outros verbos (0,475). A última variável linguística selecionada, isto é, a *Distância entre o sujeito/SN e o verbo em número de sílabas* apontou que o fator 0 a 2 sílabas (0,515) atua, ainda que muito discretamente, de modo favorável sobre a variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido contrário, os fatores 3 a 5 sílabas (0,393) e 6 ou mais sílabas (0,094) inibem a marcação formal de CV na 3pp.

Os resultados alcançados para a variável *Escolaridade* mostraram que, na amostra de Monte (2012), os falantes com Ensino Médio (0,910) são os grandes aliados da variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário dos informantes não alfabetizados (0,148) e com Ensino Fundamental (EJA) (0,351). Os resultados obtidos para a variável *Sexo/gênero*, por sua vez, mostram que os falantes do sexo/gênero feminino (0,589) favorecem a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto os informantes do sexo/gênero masculino (0,410) inibem a sua realização.

A pesquisa de Araujo (2014) contemplou sincronicamente a variação na CV com a 3pp tanto na norma culta (informantes com ensino superior completo com ou sem pós-graduação) como na norma popular (informantes analfabetos ou com até 4 anos de escolaridade) da comunidade de Feira de Santa – BA. Ao todo, a autora trabalhou com 48

entrevistas sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador (12 para a norma culta e 36 para a norma popular) extraídas do projeto *A língua portuguesa do semiárido baiano — fase 3*, sediado no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa – NELP, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Ressaltamos que, para a pesquisa de Araujo (2014), a ferramenta de análise estatística usada pela autora foi o pacote de programas computacionais Goldvarb X.

Com o auxílio de tal ferramenta, Araujo (2014) testou a atuação de fatores extralinguísticos e linguísticos sobre a variação na CV na 3pp. Como fatores extralinguísticos, foram observados a *Faixa etária* (I: 25-35 anos; 45-55 anos e a partir de 55 anos), *Diazionalidade* (urbano e rural), a *Relação com a migração* (feirenses filhos de feirenses e feirenses filhos de migrantes) e o *Sexo* (homens e mulheres).

Como variáveis linguísticas, foram controladas a *Realização e posição do sujeito* (sujeito imediatamente anteposto ao verbo; sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes; sujeito anteposto ao verbo com uma relativa; sujeito anteposto ao verbo com SPrep; sujeito retomado por pronome relativo; sujeito não-realizado com referência determinada; sujeito imediatamente posposto; sujeito posposto separado por um ou mais constituintes e sujeito posposto ao verbo ser sem constituintes anteriores), *Concordância nominal no sujeito* (SN com concordância e SN sem concordância), *Indicação do plural no SN sujeito* (indicação mórfica, com numeral, com quantificador, mórfica e lexical, sujeito composto), *Caracterização semântica do sujeito* ([+humano] e [-humano]), *Tipo de verbo* (transitivo; locativos; intransitivos; inacusativos; cópula/de ligação; auxiliares; passivos; modais, aspectuais e leves; transitivos com sujeito paciente e verbos ergativos), *Saliência fônica* (Nível I: oposição não-acentuada e Nível II: oposição acentuada), *Efeito de gatilho* (sem estímulo; com estímulo para a concordância; com estímulo para a falta de concordância; com estímulo para a concordância e com estímulo para a falta de concordância) e *Forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo* (núcleo com marca de plural; núcleo sem marca de plural; último constituinte do SN com marca de plural; último constituinte do SN sem marca de plural; pronome eles/elas; determinante ou modificador com marca de plural; determinante ou modificador sem marca de plural; numeral; quantificador nulo e quantificador todos/todas).

Para a norma culta, foram obtidas 659 ocorrências do fenômeno de variação na CV com a 3pp. Desse número total, 619 (93.9%) dados correspondem a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto 40 (6.1%) ocorrências são de não marcação formal de CV na 3pp. Como variáveis pertinentes para o fenômeno na amostra de linguagem culta examinada

por Araujo (2014), o Goldvarb X selecionou o *Sexo*, a *Realização e posição do sujeito*, a *Faixa etária* e a *Indicação de plural no SN sujeito*.

Com a análise da variável *Sexo*, Araujo (2014) constatou que, na amostra de norma culta usada em sua pesquisa, as mulheres (.75) favorecem de modo bastante expressivo o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto os homens (.25) inibem a sua realização. A variável linguística *Realização e posição do sujeito* mostrou que os fatores Suj. retomado por pronome relativo (.63), Suj. imediatamente anteposto (.62) beneficiam a realização de marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, a estudiosa observou que os fatores Suj. posposto ao verbo *ser* sem constituintes anteriores (.44), Suj. não realizado (.42), Suj. anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes (.34), Suj. anteposto ao verbo com uma relativa ou *SPrep* (.23) e Suj. posposto imediatamente ou não (.10) atuam de modo não favorável sobre a variante com marcação formal de CV na 3pp.

Por sua vez, a variável extralinguística *Faixa etária* apontou que os falantes da faixa III (acima de 65 anos) (.88) são os únicos aliados da variante com marcas de CV na 3pp, ao contrário dos falantes da faixa I (25-35 anos) (.40) e da faixa II (45-55 anos) (.31). Quanto à variável linguística *Indicação de plural no SN sujeito*, os resultados obtidos por Araujo (2014) mostraram que apenas o fator indicação mórfica (.53) favorecem, ainda que discretamente, a variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido oposto, os fatores indicação com quantificador (.46), com numeral (.38) e sujeito composto (.12) atuam de maneira não favorável sobre a marcação formal de CV na 3pp, na amostra representativa da norma culta da comunidade de feira de Santana estudada por Araujo (2014).

No que concerne à amostra de norma popular, Araujo (2014) coletou um total de 1.310 casos de variação na CV na 3pp. Desse total, 321 (24,5%) dados são de marcação formal de CV na 3pp e 989 (75,5%) casos representam a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Além de indicar os percentuais de uso das variantes analisadas na amostra representativa da norma popular de Feira de Santana, o Goldvarb X mostrou que são pertinentes as seguintes variáveis: *Saliência fônica*, *Concordância nominal no SN sujeito*, *Realização e posição do sujeito*, *Efeito de gatilho*, *Faixa etária*, *Sexo*, *Tipo de verbo* e *Forma do último SN sujeito que está antes do verbo*.

Com o comportamento da variável *Saliência fônica*, Araujo (2014) constatou que as formas situadas no Nível I: oposição não-acentuada (não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (.16); envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (.32) e envolve acréscimo de segmentos na forma plural (.35)) inibem a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido oposto, os fatores do Nível II: oposição acentuada

(envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (.69); envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural; inclui o par foi/foram que perde a semivogal (.77) e envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas. (.73)) atuam de modo favorável sobre o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Com os resultados da variável *Concordância nominal no SN sujeito*, Araujo (2014) verificou que o fator SN sujeito com concordância padrão (.73) favorece a CV na 3pp, ao contrário do fator SN sujeito sem concordância padrão (.39).

Por sua vez, a variável *Realização e posição do sujeito* mostrou que são favorecedores da variante com marcas formais de CV na 3pp, os fatores Suj. imediatamente anteposto ao verbo (.63), Suj. posposto ao verbo ‘*ser*’ sem constituintes anteriores (.57) e Suj. anteposto ao verbo com uma relativa + Suj. anteposto ao verbo com SPrep (.51), sendo que este último fator se manteve bastante próximo ao ponto neutro. Em contrapartida, o fator Suj. não realizado (.50) manteve-se neutro e os fatores Suj. anteposto com constituintes intervenientes (.45), Suj. retomado por pronome relativo (.30) e Suj. imediatamente posposto + Suj. posposto separado por constituintes (.12) inibiram a variante com marcas formais de CV na 3pp. Já os resultados da variável *Efeito de gatilho* indicaram que o fator com estímulo para a concordância padrão (.73) favorece a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto o fator com estímulo para a concordância não padrão (.07) a desfavorece de maneira bem expressiva.

A variável extralingüística *Faixa etária* indicou que, na amostra de norma culta analisada por Araujo (2014), os informantes da faixa I (25-35 anos) (.56) e faixa II (45-55 anos) (.56) favorecem, com os mesmos pesos relativos, a variante com marcas de CV na 3pp, ao contrário dos falantes da faixa III (a partir de 65 anos) (.40). A variável *Sexo* apontou que as informantes do sexo feminino (.56) são aliadas da variante com marcas de CV na 3pp, enquanto os informantes do sexo masculino (.45) inibem a sua realização.

A variável linguística *Tipo de verbo* mostrou que os verbos do tipo intransitivo (.75) e de ligação (.54) favorecem a variante com marcas de CV na 3pp, enquanto os fatores verbos transitivos (.51) e modais, aspectuais leves (.51) se mantiveram praticamente neutros e os fatores verbos locativo (.41), auxiliares (.40) e inacusativos e ergativos (.24) mostraram-se desfavorável a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por último, a variável *Forma do último SN sujeito que está antes do verbo* apontou que os fatores marca de plural (.61) e pronome *eles* (.57) atuam de modo favorável sobre a variante com marcas de CV na 3pp, ao contrário dos fatores sem marca de plural (.41) e Numeral (.22) os quais

inibiram a realização da variante com marcas formais de CV na amostra de norma popular estudada por Araujo (2014) na comunidade de Feira de Santana.

No estudo de Pereira (2016), a variação na CV com a 3pp foi investigada sincronicamente na linguagem falada na cidade de Fortaleza, a partir de 72 entrevistas sociolinguísticas do tipo Diálogo Entre Informante e Documentador extraídas do acervo sonoro do projeto NORPOFOR²⁶. Com o auxílio do pacote de programas computacionais Goldvarb X, a autora testou a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno variável em amostra do falar popular fortalezense.

Assim, Pereira (2016) analisou a atuação das variáveis linguísticas *Saliência fônica* (Nível I: oposição não acentuada e Nível II: oposição não-acentuada), *Traço humano do sujeito* (traço humano e traço não-humano), *Posição e distância entre verbo-sujeito* (sujeito anteposto perto (um após o outro); sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre verbo-sujeito) e sujeito posposto perto (um após o outro)), *Paralelismo formal no nível oracional* (sujeito com marcas de plural explícitas sem Sprep; sujeito com marcas de plural explícitas com Sprep; sujeito sem marcas de plural explícitas com Sprep; sujeito sem marcas de plural explícitas sem Sprep e presença de numeral no primeiro ou último elemento do SN (sujeito)), *Paralelismo formal no nível discursivo* (verbo precedido de verbo com marcas formais de plural explícitas no discurso do informante e verbo precedido de verbo com marcas zero de plural no discurso do informante) e o *Tipo estrutural do sujeito* (SN pleno simples; SN pleno nu; SN pleno composto; pronome pessoal; pronome indefinido; pronome demonstrativo e quantificador). Como variáveis extralinguísticas, Pereira (2016) observou o comportamento do *Sexo/gênero* (homens e mulheres), do *Nível de escolaridade* (I: 0-4; 5-8 e 9-11 anos de escolarização) e da *Faixa etária* (I: 15-25 anos; II: 26-49 anos e a partir de 50 anos de idade).

Ao todo, foram consideradas 3.489 ocorrências de variação na CV com a 3pp em dados extraídos do NORPOFOR. Desse número total, 2.283 (65,4) dados referiam-se à variante com marcas explícitas de CV na 3pp. Por outro lado, 1.206 (34,6%) compreendem o uso da variante sem marcação formal de CV na 3pp, na amostra de linguagem falada analisada por Pereira (2016). Como variáveis pertinentes para o referido estudo, o Goldvarb X

²⁶ Pereira (2016) analisou, também, a variação na CV a partir de diferentes estratos sociais (apenas falantes menos escolarizados (0-4 anos de escolarização); apenas falantes do sexo feminino e apenas falantes mais velhos (mais de 50 anos)). Tendo em vista a impossibilidade de comentar, ainda que brevemente, os resultados obtidos para cada uma das estratificações sociais analisadas pela autora, optamos por abordar somente os principais resultados para o comportamento variável da CV na 3pp a partir daquilo que Pereira (2016) chamou de Rodada geral.

selecionou, nessa mesma ordem de importância, a *Saliência fônica*, o *Nível de escolaridade*, o *Traço humano do sujeito*, a *Faixa etária*, a *Posição e distância entre sujeito e verbo*, o *Tipo estrutural do sujeito* e o *Sexo/gênero*.

O controle da variável *Saliência fônica* mostrou que, na amostra de Pereira (2016), as formas do Nível I: oposição não-acentuada (não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (0.674); envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (0.734) e envolve acréscimo de segmentos na forma plural (0.832)) favorecem o uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp²⁷. Já no Nível II: oposição acentuada, apenas o fator envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (0.534) favorece, ainda que timidamente, a não marcação explícita de CV na 3pp, enquanto os fatores envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (0.162) e envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural (0.194) inibem a realização desta mesma variante linguística.

A variável *Nível de escolaridade*, por sua vez, mostrou que os falantes com 0-4 anos (0.694) favorecem expressivamente o uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp. De igual maneira, os falantes com 5-8 anos (0.525) beneficiam, ainda que de maneira discreta, a queda da marcação de CV na 3pp, enquanto os falantes com 9-11 anos (0.326) a inibem. Os resultados da variável *Traço humano do sujeito* mostram que o fator traço SN [humano] (0.463) inibem a realização da variante sem marcas formais de CV na 3pp, ao contrário do fator traço SN [não-humano] (0.642). A *Faixa etária*, por sua vez, mostrou que os informantes com mais de 50 anos (0.586) são os únicos aliados da queda das marcas formais de CV na 3pp, assim, os falantes da faixa etária I: (15-25 anos) (0.474) e faixa II: (26-49) (0.445) se mostraram desfavoráveis ao uso de tal forma variante.

A variável *Posição e distância entre sujeito e verbo* mostrou que, na amostra de Pereira (2016), os fatores sujeito posposto perto (um após o outro) (0.561) e sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) (0.878) favoreceram a variante sem marcas formais de CV, enquanto os fatores Sujeito anteposto perto (um após o outro) (0.480) e sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) (0.491) a inibem. Os resultados obtidos para a variável *Tipo estrutural do sujeito* indicaram que são favoráveis a queda das marcas formais de CV os fatores SN pleno simples (0.557) e SN pleno composto (0.745), já o fator quantificador (0.507) atuou de modo neutro e os fatores SN pleno nu (0.365), pronome

²⁷ Pereira (2016) optou por fazer todas as rodadas dos dados de seu estudo em função da variante sem marcas formais de CV na 3pp, a fim de verificar quais fatores favorecem o uso dessa variante (estigmatizada socialmente), na amostra de sua pesquisa.

peçoal (0.482), pronome indefinido (0.453) e pronome demonstrativo (0.318) inibiram o uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Por último, a variável *Sexo/gênero* apontou que as mulheres favorecem (0.528), ainda que discretamente, o uso da variante sem marcas formais de CV, ao contrário dos homens (0.472).

A consideração de diferentes pesquisas variacionistas acerca do comportamento variável da CV na 3pp em diferentes comunidades de fala do PB nos apontou uma série de questões dignas de notas. Primeiro, comprovamos que, de fato, a análise de dados empíricos proporciona um apurado quadro da realidade sociolinguística do fenômeno variável que perseguimos aqui. Afinal, vimos que tanto a variante com marcas como a variante sem marcação formal de CV na 3pp são condicionadas por uma série de fatores de natureza interna e externa à língua enquanto sistema, em diferentes pontos do Brasil.

Estamos, portanto, diante de um fenômeno variável que não se restringe a uma ou outra localidade, mas sim, que pode ser verificado, por meio de dados reais de linguagem em uso, em muitas e diferentes localidades do Brasil. Além disso, vimos que, ao se realizarem, as variantes que constituem a variação na CV com a 3pp não refletem uma espécie de caos linguístico, mas sim, a interação entre diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam de modo a regular o uso de uma ou de outra forma variante, seja em maior ou menor proporção.

Essa realidade remete a um dos principais postulados variacionistas amplamente defendidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008) e já discutidos na seção dedicada ao Quadro teórico da pesquisa, isto é, a ideia de que a heterogeneidade linguística não é apenas inerente às línguas naturais, mas também ordenada. Dito de outro modo, admitimos que ao comportar duas ou mais formas variantes coexistentes, a variável linguística (variável dependente) é regida por uma série de regras, também variáveis internas ou externas a língua enquanto sistema. Nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 108):

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam, mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes uma das outras.

Sobre as variáveis linguísticas e extralinguísticas que frequentemente foram selecionadas como relevantes para a variação na CV com a 3pp a partir das pesquisas comentadas ao longo desta seção, vejamos o Quadro 1:

Quadro 1 – Variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a variação na CV com a 3pp em diferentes variedades de fala do PB

Estudo	Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
Monguilhott (2001)	a: Saliência fônica; b: Posição do sujeito em relação ao verbo; c: Paralelismo formal; d: Traço humano do sujeito; e: Tipo de verbo e f: Tipo de sujeito.	a: Escolaridade e b: Faixa etária.
Oliveira (2005)	a: Saliência fônica; b: Realização, posição e distância do sujeito; c: Constituição do sujeito e d: Traço semântico do sujeito.	a: Escolaridade; b: Faixa etária e c: Sexo.
Sgarbi (2006)	a: Sujeito pronominal; b: Distância entre sujeito e verbo; c: Paralelismo formal e d: Saliência fônica.	a: Procedência; b: Sexo e c: Escolaridade.
Gonçalves (2007)	a: Constituição morfológica da forma verbal e b: Posição do sujeito em relação ao verbo.	a: Procedência e b: Nível de escolaridade.
Monte (2007)	a: Saliência fônica; b: Paralelismo formal no nível oracional; c: Presença ou ausência do <i>que</i> relativo entre sujeito e verbo.	a: Gênero e b: Escolaridade.
Rubio (2008)	a: Paralelismo formal de nível oracional; b: Paralelismo formal de nível discursivo; c: Saliência fônica; d: Posição do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo; e: Traço semântico do sujeito e d: Tipo morfológico do sujeito.	a: Escolaridade; b: Idade e c: Gênero.
Monguilhott (2009)	a: Saliência fônica; b: Paralelismo formal; c: Posição do sujeito em relação ao verbo; d: Traço humano do sujeito e e: Tipo de verbo.	a: Idade/escolaridade.
Monte (2012)	a: Saliência fônica; b: Tipo estrutural do sujeito/SN; c: Paralelismo formal no nível oracional; d: Posição do sujeito em relação ao verbo; e: Traço semântico do sujeito/SN; f: Tipo de verbo (verbo 'ser' e outros verbos) e g: Distância entre o sujeito/SN e o verbo em números de sílabas.	a: Escolaridade e b: Sexo/gênero.
Araujo (2014)	Norma culta	
	a: Realização e posição do sujeito e b: Indicação de plural no SN/sujeito.	a: Sexo e b: Faixa etária.
	Norma popular	
	a: Saliência fônica; b: Concordância nominal no SN/sujeito; c: Realização e posição do sujeito; d: Efeito gatinho; e: Tipo de verbo e f: Forma do último SN sujeito que está antes do verbo.	a: Faixa etária e b: Sexo.
Pereira (2016)	a: Saliência fônica; b: Traço semântico do sujeito; c: Posição e distância entre sujeito e verbo e d: Tipo estrutural do sujeito.	a: Escolaridade; b: Faixa etária e c: Sexo/gênero.

Fonte: Elaborado pela autora.

No que concerne às variáveis linguísticas, o Quadro 1 aponta a seleção recorrente das variáveis *Saliência fônica*, *Posição do sujeito/SN em relação ao verbo*, *Traço semântico do sujeito* e o *Paralelismo formal oracional e discursivo*. Além dessas variáveis, evidentemente, outras mais foram apontadas como pertencentes para o fenômeno de variação na CV com a 3pp, nas pesquisas comentadas anteriormente. Tendo em vista a pertinência de tais

grupos de fatores para as pesquisas variacionistas sobre o referido fenômeno, acreditamos que essas variáveis merecem ser testadas também nesta pesquisa.

Sobre as variáveis extralinguísticas, destacamos a recorrente seleção das variáveis *Escolaridade, Faixa etária e Sexo/gênero* nos estudos que apresentamos. Acreditamos que a constante seleção dessas variáveis certamente justifica a sua análise, também nesta pesquisa, com exceção da escolaridade, conforme explicaremos melhor na seção da Metodologia. Variáveis de natureza extralinguística têm mostrado, dentre outras coisas, como a variação na CV com a 3pp relaciona-se, ou é fortemente influenciada por fatores de ordem externa à língua ou extralinguísticos.

Além disso, constatamos que variáveis como *Comunidade linguística e Procedência*, por exemplo, parecem ser muito pouco exploradas pelos sociolinguistas que se debruçam sobre a variação na CV com a 3pp, já que — ainda que tenham sido consideradas por outros (GONÇALVES, 2007; MONGUILHOTT, 2009; ARAUJO, 2014) — foram apontadas como pertinentes apenas em 1 dos 10 trabalhos resenhados, isto é, Sgarbi (2006).

De igual maneira, a observação atenta do quadro de estudos variacionistas acerca da variação na CV com a 3pp que levantamos nos indicou que a possível influência de variáveis estilísticas (como o *Tipo de inquérito*) não foi testada pelos pesquisadores do fenômeno. Evidentemente, a análise ou não de determinadas variáveis extralinguísticas está diretamente relacionada aos limites ou alcances dos bancos de dados considerados pelos pesquisadores. Por exemplo, no que concerne à análise da possível influência do que estamos chamando de *Tipo de inquérito*, sabemos que em todas as pesquisas que observamos, os pesquisadores trabalharam apenas com entrevistas sociolinguísticas do tipo Diálogo Entre Informante e Documentador. Esse fato não permite, logicamente, que a possível influência dos diferentes tipos de inquéritos seja testada.

Diante desse ponto lacunar, acreditamos que a variável *Tipo de inquérito* merece ser testada, nesta pesquisa. Afinal, neste estudo, adotamos como fonte de dados empíricos amostras de fala extraídas dos projetos PORCUFORT e NORPOFOR. Ou seja, em ambos foram considerados diferentes tipos de inquéritos (DID, D2 e EF) que podem refletir diferentes estilos de fala, os quais, acreditamos, podem ser pertinentes para a variação na CV com a 3pp.

Um segundo ponto que merece destaque é o fato de que, com base nos estudos discutidos ao longo desta seção constatamos que o comportamento variável da CV na 3pp não nos parece ser um fenômeno de variação linguística marcado notoriamente por questões diatópicas, conforme sinalizamos em outros momentos deste texto. Ou seja, sabemos que,

independentemente da região ou localidade há registros pautados em dados empíricos desse fenômeno. Evidentemente, o comportamento variável da CV na 3pp reflete uma série de características ou aspectos que marcam a variedade de fala na qual se realiza e, para uma melhor compreensão dos resultados obtidos pelos estudiosos e pelas estudiosas, é de suma importância que os consideremos sempre no contexto da comunidade de fala em que o fenômeno foi investigado.

Dentre os muitos aspectos que assinalam a variação na CV com a 3pp em diferentes variedades de fala do PB – a exemplo do conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas pertinentes; as frequências de uso para as variantes; os valores sociais atribuídos a elas, dentre outros – chamamos atenção, também, para o estatuto das variantes coexistentes que compõem a CV na 3pp, no quadro dos estudos que resenhamos aqui. Assim, com base nos postulados labovianos (LABOV, 2001), é possível encontrar três tipos ou *status* de regras.

Essas regras, por sua vez, estão diretamente relacionadas com a frequência de uso com que cada variante linguística se realiza. Desse modo, Labov (2001) explica que temos as já mencionadas ‘regras categóricas’, para as quais atribuímos (100%) de frequência, aqui, portanto, dizemos que não há variação. Ao lado das regras categóricas, temos também as já mencionadas ‘regras variáveis’ (5-95%), em que as variantes linguísticas coocorrem e há também as chamadas ‘regras semicategóricas’ (95-99%). Nesse último caso, uma das formas em competição ocorre de maneira bastante discreta em relação à sua forma opositora que parece prevalecer. Sobre a noção de regra semicategórica, Labov (2001, p. 14, tradução nossa) explica ainda que, “é comum encontrá-las no início ou no final de uma mudança linguística em progresso, em que a forma é muito rara para ser notada quando quer que ocorra”.

Para que possamos abordar melhor o *status* das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em diferentes variedades de fala, observemos o Quadro 2. Antes disso, contudo, gostaríamos de frisar que a elaboração desse quadro não teve como objetivo estabelecer uma comparação entre as frequências de uso das variantes analisadas, a fim de observar em quais variedades elas ocorrem em maior ou menor grau, por exemplo. A comparação entre tais resultados se torna bastante complexa, se não inviável, mediante as características, peculiaridades de cada uma das variedades examinadas, bem como diante dos inúmeros aspectos metodológicos diferentes que assinalam o percurso metodológico percorrido pelos estudiosos (LUCCHESI, 2015; FREITAG, 2014).

Somados, esses fatos fazem com que a interpretação dos resultados obtidos para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp seja válida no interior de cada uma das comunidades linguísticas em que o fenômeno foi investigado. Afinal, tal como estamos ressaltando desde o início deste texto, todo fenômeno de variação linguística mantém íntimas relações com os traços socio-históricos das comunidades de fala em que se realizam.

Quadro 2 – Percentuais de marcação vs. não marcação formal de CV na 3pp em diferentes variedades de fala do PB

Estudo	Total de dados	Marcação %	Não marcação %
Monguilhott (2001)	1.583	79	21
Oliveira (2005)	3.200	51	49
Sgarbi (2006)	832	47	53
Gonçalves (2007)	3.642	44	66
Monte (2007)	1.000	25	75
Rubio (2008)	3.308	70	30
Monguilhott (2009)	794	80,6	19,4
Monte (2012)	1.422	48,2	51,8
Araujo (2014)	Norma culta		
	659	93,9	6,1
	Norma popular		
	1.310	24,5	75,5
Pereira (2016)	3.489	65,4	34,6

Fonte: Elabora pela autora.

Tomando como base as noções de regras categórica, variável e semicategórica, postuladas por Labov (2001), podemos dizer que, a maioria dos resultados obtidos pelas pesquisas variacionistas que consideramos aqui, indica que em diferentes variedades de fala do PB, a CV na 3pp figura como uma regra variável. Afinal, vemos que em quase todos os trabalhos os percentuais de uso obtidos para as variantes linguísticas que compõem o fenômeno em tela mostram que as variantes com e sem marcas formais de CV coocorrem nas mais diferentes localidades do país e com percentuais de uso que nos permitem assumir a existência de uma regra variável.

A exceção para essa conclusão é a pesquisa de Araujo (2014). De modo mais específico, ao estudar a variação na CV com a 3pp em amostra de fala culta representativa de Feira de Santana – BA, Araújo (2014) localizou os seguintes percentuais de uso: 93,9 %, para a variante com marcas formais de CV na 3pp, e 6,1%, para a variante sem marcas de CV na 3pp. Compreendemos que, embora o percentual de uso para a variante sem marcas de CV na 3pp seja um pouco maior do que 5%, conforme a proposta de Labov (2001), é preciso cautela

ao afirmarmos que, para a amostra de fala culta analisada por Araujo (2014), o fenômeno de variação na CV com a 3pp compreende uma regra variável.

Na verdade, acreditamos que os resultados obtidos por Araújo (2014) para a amostra de norma culta aproximam-se mais da noção de regra semicategórica (95-99%) do que da noção de regra variável (5-95%). Ao refletir sobre esses resultados, Araujo (2014, p. 245) defende a tese da “existência de uma realidade sociolinguística bipolarizada em Feira de Santana”.

Diante disso, ao considerarmos o limite quantitativo proposto por Labov (2011) para as noções de regras semicategórica e variável é importante atentar, também, para o que nos dizem Vieira e Brandão (2014, p. 86):

[...] entende-se que é a junção dos perfis quantitativo e qualitativo da regra que determina seu estatuto. Se, em dada amostra, houver mais de 5% de uma das formas alternantes, mas todos os dados configurarem um único tipo de estrutura, não haveria efetivamente uma regra variável. De outra forma, se um conjunto inferior a 5% dos dados registrar formas alternantes em todos os contextos estruturais possíveis, julga-se adequado admitir uma regra variável – provavelmente limitada socialmente – com pouca expressividade quantitativa, do que pensar em semicategoricidade.

Ao considerarmos os estudos de Monguilhott (2001, 2009), Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Gonçalves (2007), Monte (2007, 2012), Rubio (2008), Araujo (2014) e Pereira (2016) verificamos a riqueza sociolinguística do fenômeno de variação na CV com a 3pp, nas mais diferentes variedades que compõem o PB. De igual modo, foi possível identificar algumas lacunas ou pontos que merecem mais atenção quanto à análise de variáveis tanto de natureza linguísticas como extralinguísticas e com as quais esta pesquisa pode vir a contribuir.

3. 3 Síntese da seção

Nesta seção, abordamos o comportamento variável da CV na 3pp a partir de diferentes estudos variacionista desenvolvidos em diferentes comunidades de fala do PB. A partir disso, verificamos quais variáveis linguísticas e extralinguísticas mais frequentemente se mostram pertinentes para o fenômeno em tela. A consideração desses estudos permitiu que apresentássemos ao leitor e/ou leitora um panorama acerca das pesquisas variacionistas sobre a variação na CV com a 3pp desenvolvidas no PB. Além disso, essa revisão da literatura possibilitou um embasamento teórico mais consistente quanto à seleção dos grupos de fatores

testados nesta pesquisa, bem como as hipóteses levantadas inicialmente, conforme veremos na seção da Metodologia.

4 NORMA CULTA E POPULAR

4.1 Palavras iniciais

Nesta seção, abordamos as complexas noções de norma culta e norma popular. Tratamos, com base em trabalhos desenvolvidos no rol da sociolinguística, alguns dos principais pontos que nos ajudam a conceituar e compreender as aproximações e distanciamentos entre as normas culta e popular. Ainda nesta seção, colocamos em pauta algumas questões relativas à abordagem das diferentes normas no âmbito do ensino de língua materna.

Sobre esse último ponto, destacamos que, embora esta tese não esteja voltada necessariamente para o ensino de língua materna, julgamos pertinentes abordar a questão do trabalho com as normas culta e popular no contexto dos grandes bancos escolares por três razões elementares. A primeira delas diz respeito ao fato que este trabalho foi desenvolvido em um programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, campo de estudos que, historicamente, é conhecido por suas preocupações com o ensino de línguas. Em segundo lugar, lembramos que os estudos em Sociolinguística apresentam, desde seu início, a constante preocupação com a questão da heterogeneidade linguística no ensino de línguas.

Em terceiro, salientamos, conforme destacamos logo no início desta tese, o fato de que a variação na CV é um dos mecanismos gramaticais mais debatidos nas salas de aula. Somados, acreditamos que esses pontos justificam a nossa preocupação em reservar um espaço desta tese para discutir algumas questões pertinentes ao trabalho com as normas culta e popular no ensino de Língua Portuguesa.

4.2 Norma culta e norma popular: conceituação, limites e interseções

Ao refletirem sobre a noção de norma linguística, Faraco e Zilles (2017) explicam que, no âmbito dos estudos da linguagem, o termo norma possui, pelo menos, duas grandes acepções. Na primeira delas, a expressão norma é usada de modo mais amplo para referir toda e qualquer variedade linguística que compõe uma determinada língua natural. Nesse sentido, o termo norma compreende “o **como se diz** numa determinada comunidade de fala (ou seja, o conjunto dos seus traços linguísticos característicos, sejam eles fonético-fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos ou discursivos)” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12, grifo dos autores). Já na segunda acepção, o termo norma possui um sentido mais restrito, isto é,

refere-se a um conjunto de regras por meio das quais busca-se definir o chamado ‘bom uso’ da língua que, por sua vez, é mais bem avaliado socialmente.

A respeito da primeira acepção de norma, inferimos que essa compreensão leva em conta aquilo que é normal, habitual, comum na realidade das línguas naturais em sua variabilidade, dinamicidade, sistematicidade, fluidez própria – fatores esses que caracterizam as línguas no âmbito das inter-relações pessoais. Essa postura reflete uma perspectiva por meio da qual objetiva-se descrever e compreender os fatos da língua tal como eles realmente são. Em sentido oposto, a segunda concepção de norma pode ser entendida como uma tentativa de normatizar os usos linguísticos, impondo e controlando a maneira como a língua supostamente deveria ser. Trata-se, nesse segundo caso, de uma abordagem prescritiva e não descritiva dos fatos da linguagem verbal.

No âmbito da concepção de norma enquanto sistema de regras habituais de uma determinada língua prevalece a ideia de língua enquanto fenômeno essencialmente heterogêneo. A partir disso, é possível reconhecer a existência não apenas de uma, mas de várias normas linguísticas. Duas delas são amplamente conhecidas como ‘cultas’ e ‘populares’. Haja vista a grande complexidade que as cerca, os conceitos de norma culta e norma popular suscitam muitas problemáticas não apenas na no âmbito dos estudos acadêmicos, mas, também, no ensino de Língua Portuguesa, conforme trataremos melhor na subseção 4.3.

Diante disso, Lucchesi (2012) aponta que o esclarecimento das concepções de norma culta e norma popular é um dos pontos de partida para a descrição sociolinguística do PB. De igual maneira, é importante lançar luz às noções de norma culta e popular no âmbito do ensino de língua materna, assim, poderemos continuar avançando no sentido de proporcionar uma abordagem mais clara acerca da realidade sociolinguística de nossa língua e tentar romper com preconceitos acerca dos diferentes usos que fazemos do PB. A esse respeito, cabe dizer que, apesar dos avanços proporcionados pelas diferentes áreas de estudos da linguagem, ainda é possível verificar muitos preconceitos que buscam nas diferenças linguísticas algum tipo de justificativa para manter políticas de discriminação e de exclusão social (CYRANKA, 2015).

Não apenas concordamos com Lucchesi (2012) e Cyranka (2015), como também reconhecemos a necessidade de redobrar nossos esforços para manter vivas – não somente na academia, mas também nos demais âmbitos sociais – as discussões acerca da noção de norma linguística. Além dos pontos já mencionados, questões sobre norma linguística são de grande valia para que possamos compreender como, de fato, se constitui e é reconhecida a complexa realidade sociolinguística do Brasil.

Em face dessas questões, bem como da relevância dos conceitos de norma culta e popular para este trabalho, pontuamos que, ao abordar essas complexas noções, é importante compreender que estamos lidando com conceitos situados no interior dos estudos da linguagem. Esses conceitos refletem, antes de qualquer coisa, a necessidade de estabelecer postulados teóricos que procuram abarcar, ao menos em parte, a heterogeneidade constitutiva das línguas naturais (FARACO, 2008).

Afinal, muitos estudos científicos realizados a partir de diferentes perspectivas teóricas e sobre diversos fenômenos linguísticos têm mostrado que a língua não é, em instância alguma, uma realidade individual e homogênea. A ideia de que a língua seria um fenômeno homogêneo não encontra respaldo científico e reflete, na verdade, um construto imaginário que circula em sociedades ocidentais como a brasileira (SCHERRE, 2005; NARO; SCHERRE, 2007; FARACO, 2008; LABOV, 2008; BORTONI-RICARDO, 2011; CAMACHO, 2013; LUCCHESI, 2015).

Embora seja uma abstração da realidade, a ideia de homogeneidade linguística é tratada com preocupação por muitos cientistas da linguagem, já que esse tipo de visão — ainda muito difundido pela escola, bem como no âmbito político e, também, pelos mais diferentes veículos de comunicação (SCHERRE, 2005; MATEUS; CARDEIRA, 2007; LUCCHESI, 2015) — tem dificultado a travessia dos conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico aos cidadãos em geral (BOPP DA SILVA, 2015).

De igual maneira, o não reconhecimento da heterogeneidade linguística só tem contribuído para nutrir uma série de preconceitos, como o chamado ‘preconceito linguístico’. Daí a necessidade de continuar produzindo conhecimento acerca da realidade plural e funcional das línguas naturais, em suas mais diferentes variedades. Também nos parece evidente que precisamos continuar tentando fazer com que esse conhecimento extrapole os limites da academia e alcance o grande público.

Dito isso, pontuamos que, no plano real, as línguas naturais — em nosso caso específico, o PB — compreendem um conjunto de variedades ou normas linguísticas. A esse respeito, Faraco (2008, p. 31) explica que “não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades do outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente, a língua é o próprio conjunto das variedades”.

Logo, quando falamos em Língua Portuguesa, por exemplo, não estamos nos referindo a um objeto cuja homogeneidade pode ser comprovada empiricamente, tampouco a algo delimitável apenas por critérios linguísticos (fonológicos, morfológicos, lexicais,

gramaticais etc.). Na verdade, o termo Língua Portuguesa, ainda que seja usado no singular, recobre uma língua plural, essencialmente heterogênea. Ou seja, quando usamos o termo Língua Portuguesa, estamos nos referindo, na realidade, a um conjunto de diversas variedades reconhecidas “histórica, política e culturalmente como manifestações de uma mesma língua por seus falantes” (FARACO, 2008, p. 32). Nesse quadro heterogêneo, as chamadas normas ou variedades culta e popular, conforme já dissemos, há tempos despertam o interesse de muitos estudiosos do fenômeno linguístico (BAGNO, 2003; FARACO, 2008, 2011, 2012; BORTONI-RICARDO, 2011), pois esses conceitos nos ajudam, dentre outras coisas, a compreender a realidade sociolinguística, em nosso caso específico, do Brasil.

Sobre a noção de norma culta, sabemos que essa expressão é amplamente usada no cenário das ciências da linguagem, em nosso caso específico, na sociolinguística, para referir o conjunto de variedades ou traços linguísticos que, de fato, tendem a ser usados por sujeitos situados em esferas sociais favorecidas economicamente e que, portanto, possuem — ou tendem a possuir — maior e até mesmo amplo acesso a bens culturais favorecidos economicamente (dentre eles, destaca-se, principalmente, a educação formal²⁸ de nível superior) e residentes em grandes centros urbanos. Essa compreensão pode ser extraída das seguintes passagens:

[norma culta compreende] a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa [...]. São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal e à cultura escrita (FARACO, 2008, p. 47).

[a norma culta] conteria as formas efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com ensino superior completo, de acordo com a clássica definição do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) (LUCCHESI, 2012, p. 59).

Por *norma culta* designa-se tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura urbana escrita. A chamada norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19, grifo dos autores).

²⁸ Usamos o termo educação formal para referir o tipo de educação fornecido por meio dos grandes bancos escolares, ou escolas, no geral.

Conforme depreendemos das palavras de Faraco (2008), Lucchesi (2012), Faraco e Zilles (2017), a expressão norma culta é usada para designar o conjunto de variedades que constituem a linguagem usada por sujeitos com amplo acesso a bens economicamente favorecidos e com alto grau de escolaridade, isto é, com ensino superior completo. Por tratar-se das variedades que, de fato, marcam a linguagem real dos referidos sujeitos, a norma culta não deve ser confundida com a chamada norma-padrão. Afinal, ao contrário da primeira, esta segunda expressão é amplamente usada para designar aquilo que Faraco e Zilles (2017) chamam de ‘norma normativa’.

Nesse último caso, os referidos estudiosos explicam que estamos diante de um conjunto de convenções estipuladas com o objetivo de homogeneizar as realizações linguísticas em determinados contextos, mais precisamente, nas situações de interação comunicativa com alto grau de formalidade, “nesse sentido, a norma-padrão é um modelo idealizado construído para fins específicos; não é, portanto, uma das tantas normas presentes no fluxo espontâneo do funcionamento social da língua, mas um construto que busca controlá-lo” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 19).

Importante ressaltar que, no âmbito dos estudos sociolinguísticos, o termo ‘culto’, ao lado do termo norma, é usado sem a pretensão de assinalar a superioridade da chamada norma culta sobre outras normas. De igual maneira, o termo popular, na expressão norma popular, não implica nenhum tipo de inferioridade desta em relação àquela, são, conforme bem atenta Bagno (2003, p. 60), “do ponto de vista da teoria linguística [...] apenas domínios de saber diferentes”.

Ao refletir sobre o uso do termo culto, no âmbito do Projeto NURC – um dos mais importantes e pioneiros projetos para os estudos acerca da norma culta do Brasil, conforme já sinalizamos –, Barros (1999, p. 38, grifo do autor) explica que:

O termo “culto” deve ser entendido em uma de suas acepções, a de “instruído”. Assim, os informantes do Projeto NURC devem ter nível universitário. Pode-se dizer que são falantes que na escola “aprenderam” ou “confirmaram” a norma explícita, já que a escola é um dos lugares estratégicos de sua difusão. Dessa forma, ao mesmo tempo que se reconhece a “igualdade” intrinsecamente linguística das diferentes normas, aceita-se a diferença “extrínseca” que existe entre elas e que assegura a uma dessas normas um papel, nesse caso também linguístico, diferenciado na sociedade, como a norma dos falantes “cultos” ou “instruídos”.

No que tange o uso do termo norma ou variedade popular, sabemos que essa expressão compreende o conjunto de variedades linguísticas que tende a ser mais usado por falantes situados em esferas sociais pouco favorecidas economicamente e com limitado acesso

a bens culturais favorecidos economicamente (como, por exemplo, a educação formal, principalmente de nível superior). Em linhas gerais, é isso que podemos extrair das seguintes reflexões:

[...] a norma popular compreende os padrões sociolinguísticos da parcela da população brasileira composta por indivíduos de baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade, que vivem na periferia das grandes cidades ou no interior do país, a que se chama de norma popular (LUCCHESI, 2015, p. 147).

[...] para tentar designar as variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades, aparece frequentemente na literatura linguística a classificação *língua popular, norma popular, variedades populares* etc. (BAGNO, 2003, p. 59, grifo do autor).

[...] português popular (variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada) (FARACO, 2015, p. 25).

Tanto no âmbito do conceito de norma culta como popular, verificamos a ênfase dada a questão da escolarização de nível superior ou a ausência dela. Em nossa compreensão, esse fato pode ser atribuído, ao menos em parte, a dois motivos substanciais. Em primeiro lugar, sabemos que durante muito tempo o termo culto – ainda que não seja essa a ideia que prevalece entre os estudos da linguagem – foi (e, de certo modo, ainda hoje é) usado nas sociedades ocidentais para recobrir de prestígio às variedades linguísticas que tendem a ser usadas por falantes com ensino superior completo, fato esse que, conforme sinalizamos anteriormente, pode facilitar o acesso desses sujeitos a bens economicamente favorecidos.

Em segundo lugar, é sabido que em uma sociedade fortemente estratificada como a brasileira, o maior acesso à educação formal, principalmente de nível superior — elemento que tende a aproximar os sujeitos do modelo de língua prestigiado socialmente — pode facilitar (não garantir) o acesso a bens economicamente favorecidos.

Sobre a associação de sujeitos com alto grau de escolarização a indivíduos economicamente favorecidos, concordamos com Bagno (2003) e Faraco (2008) quando dizem que, pelo menos no Brasil, essa questão reflete mais um princípio teórico do que uma realidade. Afinal, nem sempre o êxito escolar é garantia de sucesso econômico. Se assim fosse, os professores de nosso país, por exemplo, certamente estariam situados no topo da pirâmide econômica, juntamente com outras classes. Todavia, essa é uma realidade muito distante.

Ainda sobre essa associação, vale pontuar que ela ganhou notoriedade, no Brasil, com o desenvolvimento do Projeto NURC, em meados da década de 1970 e que, de início, contemplou cinco grandes cidades brasileiras, a saber: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Desde que foi iniciado, o Projeto NURC tem tomado a questão da escolaridade em nível superior como um dos principais requisitos para a seleção dos informantes tidos como cultos, em algumas das principais capitais do país. Na verdade, a formação universitária ou a variável grau de escolaridade dos informantes do Projeto NURC “constituiu a base para a formação do *corpus*” (PRETI, 1999, p. 21).

Além de seu caráter pioneiro, o Projeto NURC figura como fonte para a realização de apurados estudos acerca dos mais diversos fenômenos que caracterizam a linguagem de falantes com alto grau de escolarização (PRETI, 1999). Esses e outros êxitos logrados pelo Projeto NURC são de grande valia para o estudo da realidade sociolinguística do Brasil, por diversas razões, dentre as quais cabe destacar:

- a) As pesquisas empíricas realizadas a partir de dados extraídos do Projeto NURC rompem com a ilusão de que a chamada norma culta apresenta notória homogeneidade, ao contrário de variedades tidas como não cultas. Ou seja, a partir de estudos como os de Graciosa (1991), Brait (1999), Leite (1999), Urbano (1999), Fávero (1999), dentre outros, foi possível constatar – sempre por meio de dados reais extraídos de linguagem em uso – que, ao contrário do que o chamado ‘senso comum’ tenta fazer crer (BAGNO, 2007), a heterogeneidade linguística é, de fato, uma propriedade marcante, também, da norma culta;
- b) Os trabalhos realizados a partir de projetos como o NURC servem para mostrar o real funcionamento de determinadas regras variáveis no falar de sujeitos com ensino superior completo (PRETI, 1999).

No âmbito teórico, vemos que as noções de normas culta e popular nos parecem bem delimitadas. Todavia, na prática, os limites entre elas não são tão evidentes. Sobre essas questões, compartilhamos a ideia de Preti (1999) quando reconhece que as descobertas dos estudos realizados com base em dados extraídos do NURC, por exemplo, servem não apenas para mostrar a realidade das variedades cultas faladas em diferentes pontos do país, mas também para indicar que os limites entre ela e a norma popular podem ser bastante estreitos.

Na verdade, as descobertas proporcionadas por estudos pautados em dados do NURC indicam que a chamada norma culta compreende, mais propriamente, “um dialeto social que atende tanto aos falantes cultos como aos falantes comuns, com menor grau de escolaridade” (PRETI, 1999, p. 21). Assim, as diferenças mais marcantes entre norma culta e as demais normas existentes parecem residir não nos fenômenos de variação em si, pois os mais diversos fenômenos variáveis podem ser registrados no falar dos brasileiros, independentemente do tipo de norma usada por eles (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014).

Evidentemente, é possível verificar fenômenos como, por exemplo, o *rotacismo*²⁹ que aparentam ocorrer de maneira bem mais acentuada nas variedades linguísticas usadas por sujeitos com pouca ou nenhuma escolaridade, oriundos ou residentes na zona rural e com acesso limitado à cultura escrita (BORTONI- RICARDO, 2011). Não obstante, há fenômenos de variação que podem ser amplamente verificados tanto na norma culta como popular. Nesse caso, as diferenças mais marcantes de tais fenômenos, na norma culta, em relação às demais normas, como a popular, parecem estar não no fenômeno em si, mas sim na frequência de uso das variantes investigadas em um ou outro fenômeno de variação linguística.

A esse respeito, vejamos o Quadro 3, adaptado do estudo de Lucchesi (2015) e no qual o autor observa o comportamento variável da CV na 3pp, em diferentes normas ou variedades linguísticas do PB.

Quadro 3 – Comportamento variável da CV em diferentes amostras de fala do PB

Variedade do português do Brasil	Frequência geral de aplicação da regra de concordância verbal
Português Urbano Culto (RJ)	94%
Português Urbano Médio (RJ e SC)	73% (RJ) e 79% (SC)
Português Popular Urbano (RJ)	48%

Fonte: Elaborado pela autora com base em Lucchesi (2015, p. 251)³⁰.

²⁹ Em termos simples, o fenômeno do *rotacismo* se caracteriza pela troca do ‘l’ pelo ‘r’, como em *bicicleta* ~ *bicicreta*.

³⁰ Além das distinções entre *Português Urbano Culto*, *Português Urbano Médio* e *Português Popular Urbano*, Lucchesi (2015) estabelece a distinção entre *Português Popular Rural* e os demais. Nesse caso, para observar a frequência de uso das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, o autor leva em consideração não apenas o traço escolaridade, mas também a localização (urbano ou rural) dos brasileiros. Para os leitores mais interessados nessa questão, recomendamos a leitura mais aprofundada das discussões estabelecidas por Lucchesi (2015, p. 251).

Os dados analisados por Lucchesi (2015) e reproduzidos aqui compreendem os principais resultados obtidos em alguns estudos sociolinguísticos sobre a variação na CV com a 3pp, realizados por diferentes estudiosos brasileiros e que evidenciam como o fenômeno variável em tela se comporta de maneira diferente, conforme a norma ou variedade linguística estudada.

Importante dizer que, para representar o que Lucchesi (2015) chama de *Português Urbano Culto*, é usado o trabalho de Graciosa (1991), sobre o falar culto do Rio de Janeiro (RJ) a partir de dados do NURC (falantes com ensino superior completo); para o *Português Urbano Médio* do RJ, Lucchesi (2015) toma como representativo o estudo de Scherre e Naro (1997), com dados extraídos do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua (Peul) e, para o falar de Santa Catarina (SC), é usada a pesquisa de Monguilhott (2001), com dados do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VarSul) - (tanto em Scherre e Naro (1997) como em Monguilhott (2001), os informantes possuem, no máximo, 11 anos de escolaridade, o que corresponde ao Ensino Médio completo) – para o chamado *Português Popular Urbano*, Lucchesi (2015) toma como representativo os estudos de Naro (1981) e Guy (1981), ambos realizados a partir de amostras de fala de estudantes do antigo Programa Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e no qual os sujeitos participantes estavam em processo de alfabetização, isto é, possuíam de 0-4 anos de escolarização.

Dito isto, vemos que, a partir da análise dos dados reproduzidos no Quadro 3, a variação na CV com a 3pp figura como um fenômeno variável presente tanto no *Português Urbano Culto*, como no *Português Urbano Médio* e *Português Urbano Popular*. Isso comprova, por exemplo, que tanto a norma culta como a norma popular são heterogêneas e um fenômeno presente em uma pode, perfeitamente, ser registrado em outra. Contudo, são notórias – conforme já sinalizamos – as diferenças quanto às frequências de uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, nos dados do Quadro 3.

Em outras palavras, é notável o modo como a frequência de uso da variante com marcas formais de CV na 3pp diferencia-se de uma norma para outra, principalmente, entre os extremos: *Português Urbano Culto* (94%) e *Português Urbano Popular* (47%). Dentre as muitas questões que esses resultados suscitam, é oportuno chamar atenção para o fato de que, o maior tempo de permanência na escola, de fato, tende a aproximar os falantes do modelo de língua mais prestigiado socialmente. É isso que acontece, por exemplo, com o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, haja vista essa variante ser, no geral, bem avaliada socialmente.

Ainda sobre os diferentes graus de aproximação e distanciamento entre norma culta e popular, é importante ressaltar que “embora não haja critérios linguísticos capazes de sustentar uma diferenciação qualitativa das normas, essa diferenciação ocorre e é feita por determinados segmentos da sociedade tomando por base valores socioculturais e políticos” (FARACO, 2008, p. 55). Assim, embora as variantes sejam linguisticamente eficientes para as determinadas situações de interação comunicativa em que ocorrem, essas formas variantes recebem valores sociais diferentes, conforme se aproximam mais de uma ou outra norma linguística. De modo mais preciso, uma variante será mais bem avaliada socialmente conforme seus graus de aproximação ou distanciamento da norma tida como culta.

A esse respeito, nunca é demais frisar que não há nada intrínseco a uma ou outra forma variante capaz de qualificá-la como inferior ou superior à outra. Na verdade, o que há é tão somente uma atribuição de valores feita sem respaldo científico às variantes linguísticas como, por exemplo, as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp. Nenhuma classificação das variantes linguísticas, em termos de inferior ou superior é, portanto:

[...] é feita por razões propriamente linguísticas, quer dizer, por razões internas à própria língua. São feitas por razões históricas, por convenções sociais, que determinam o que representa ou não o falar social mais aceito. Daí por que não existem *usos linguisticamente melhores ou mais aceitos do que outros*; existem *usos que ganharam mais aceitação, mais prestígio que outros*, por razões puramente sociais, advindas, inclusive, do poder econômico e político da comunidade que adota esses usos. Dessa forma, não é por acaso que *a fala errada seja exatamente a fala da classe social que não tem prestígio nem poder político e econômico* (ANTUNES, 2007, p. 30, grifo da autora).

Na esteira de tudo que já dissemos, ressaltamos que, embora estejamos usando as expressões norma culta e norma popular no singular, esses termos englobam diferentes normas cultas e normas populares, no plural. Afinal, ao assumirmos que a norma culta diz respeito ao conjunto de fenômenos linguísticos, também variáveis, que caracterizam a linguagem de sujeitos mais escolarizados, com maior acesso a bens favorecidos economicamente e oriundos dos grandes sempre urbanos, não podemos esquecer que, no Brasil, há inúmeros centros urbanos habitados por sujeitos que possuem altos níveis de escolarização e com maior renda econômica. Logo, só podemos concluir que muitas são as normas cultas existentes no PB.

O mesmo pode ser afirmado em relação a norma popular, pois, embora essa expressão esteja sendo usada no singular, ela também recobre um conjunto de fenômenos variáveis usados mais comumente por sujeitos com pouca ou nenhuma escolaridade, com acesso limitado a bens favorecidos economicamente e oriundos de centros urbanos ou de

zonas rurais. Considerando o fato que há de milhões de brasileiros com esse perfil social habitando os grandes centros urbanos bem como as diferentes zonas rurais ao redor do Brasil, é imperativo reconhecer a existência não de uma, mas sim de várias normas populares.

O estudo detalhado dessas variedades vem, conforme apontamos em diferentes momentos deste trabalho, sendo realizado por estudiosos comprometidos com o fazer científico e que, portanto, buscam oferecer um retrato sociolinguístico o mais apurado possível dos aspectos que, de fato, caracterizam as diferentes normas cultas e populares do Brasil. No caso desta tese, nossos esforços de descrição linguística se voltam para amostras de normas culta e popular de Fortaleza, no tocante à variação na CV com a 3pp. Trata-se de mais uma importante peça que pode ser acrescida ao conjunto de trabalhos sociolinguísticos sobre a temática.

4.3 Norma culta, norma-padrão e norma popular: implicações pedagógicas

Além de ser uma temática constantemente debatida no cenário dos estudos da linguagem – em especial pelas áreas que se preocupam de modo mais pontual com a heterogeneidade linguística – a questão da norma linguística se mostra pertinente para as questões relativas ao ensino de línguas. Afinal, quando se pensa em ensino de línguas, uma das principais problemáticas diz respeito ao modelo de língua que a escola deve ou não promover. E, a partir de tal modelo, quais habilidades e competências os estudantes precisam desenvolver ao longo de sua trajetória (SOARES, 2012).

Sobre o modelo de língua perpetuado pelas escolas, sabemos que a norma culta detém um notável prestígio, conforme atestam alguns documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); das Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (PCNs+); do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo o PNLD, no âmbito escolar, é preciso “considerar e respeitar as variedades regionais e sociais da língua, *promovendo o estudo das normas urbanas de prestígio*³¹ nesse contexto sociolinguístico” (BRASIL, 2014, p. 19, grifo nosso).

Nessa afirmação há, pelo menos, dois aspectos para os quais vale chamar atenção. Primeiro, é notável que os documentos oficiais supracitados reconhecem a heterogeneidade do PB e propõem que essa propriedade de nossa língua seja explorada em sala de aula. Em

³¹ Conforme o próprio PNLD (BRASIL, 2014, p. 20), a expressão ‘normas urbanas de prestígio’ é usada para substituir o termo ‘norma culta’.

segundo lugar, notamos a ênfase dada pelos documentos oficiais à norma culta, ou, para usar os termos contidos neles, “normas urbanas de prestígio”.

Ainda que não pretendamos discutir de maneira mais apurada os posicionamentos e recomendações dos documentos oficiais para o trabalho com a heterogeneidade linguística e as diversas normas que constituem o PB³², vale mencionar o aspecto contraditório que marca algumas proposições de documentos oficiais como o PNLD e PCNs+, por exemplo, quando o assunto é o trabalho com a heterogeneidade linguística.

Nesse sentido, verificamos que, se por um lado, os referidos documentos propõem o trabalho com a diversidade linguística em suas muitas faces e tentam promover a conscientização dos estudantes de que há diferentes maneiras de usar a língua e que, do ponto de vista linguístico, nenhuma é superior ou inferior à outra; por outro lado, é notável a ênfase que esses mesmos documentos dão as chamadas normas urbanas de prestígio, principalmente à modalidade escrita formal. Sobre esse aspecto, Coelho *et al.* (2015, p. 138, grifo nosso) indicam que “a norma culta deve ter lugar garantido na escola, mas não deve ser a única privilegiada no processo de conhecimento linguístico proporcionado ao aluno”.

No âmbito dos PCNs+, vale dizer que esses documentos entendem que:

No estudo da linguagem verbal, a abordagem da norma-padrão deve considerar a sua representatividade, como variante linguística de determinado grupo, e o valor atribuído a ela, no contexto das legitimações sociais. Aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade (BRASIL, 2000, p. 07).

Nessa passagem, percebemos que a ideia de norma culta, enquanto modelo de língua prestigiado socialmente – em virtude de sua maior aproximação com o falar das camadas sociais favorecidas economicamente – é facilmente confundida com a ideia de norma-padrão. Na verdade, verificamos que o termo norma-padrão é colocado em um contexto semântico para o qual nos parece ser mais adequado o uso da expressão norma culta. Assim, elementos que, conforme vimos na seção anterior, são bastante diferentes, passam a ser usados basicamente como sinônimos.

Ao refletirem sobre essa questão, muitos estudiosos apontam o equívoco entre os conceitos de norma culta e norma-padrão como um dos mais sérios e que mais comprometem o desenvolvimento das habilidades sociocomunicativas dos estudantes. Isso ocorre,

³² Sobre tais questões, recomendamos a leitura dos trabalhos de Coan e Freitag (2010), Raquel e Coan (2014), Araújo e Pereira (2017).

basicamente, porque ao assumir a norma-padrão como sinônimo de norma culta, estamos não apenas atribuindo os mesmos significados para elementos distintos, como passamos a privilegiar o primeiro em detrimento do segundo.

Como resultado desse tipo de postura, temos um ensino de língua muito pouco eficaz, haja vista que, ao trabalhar a chamada norma-padrão, a escola lança mão de um modelo de língua abstrato, e que, em inúmeros aspectos, não corresponde à realidade das línguas, tampouco é capaz de abarcar ou interessa-se por essa mesma realidade. Logo, apenas o trabalho com a norma-padrão muito pouco atende às necessidades reais de interação por meio da linguagem com as quais nos deparamos em sociedade.

A respeito dessa problemática, Bagno (2003, p. 65, grifo do autor) explica que o termo norma-padrão:

[...] serve muito bem, me parece, para designar algo que está fora e acima da atividade linguística dos falantes. Embora algumas pessoas também usem as expressões *língua padrão*, *dialeto padrão* e *variedade padrão*, eu prefiro ficar com o termo norma-padrão, porque se é ideal, se não corresponde integralmente a nenhum conjunto concreto de manifestações linguísticas regulares e frequentes não pode ser chamada de “língua”, nem de “dialeto”, nem de “variedade”. É uma norma no sentido mais jurídico do termo: “lei”, “ditame”, “regra compulsória” imposta de cima para baixo, decretada por pessoas e instituições que tentam regradar, regular e regulamentar o uso da língua. É também um *padrão*: um modelo artificial, arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto vinculados a um determinado período histórico e num determinado lugar.

Não podemos esquecer que a escola figura como um instrumento que tem em sua base constitutiva a tarefa de promover nos educandos habilidades sociais para que sejam capazes de atender às demandas da sociedade em seus diversos âmbitos. No caso das habilidades e competências linguísticas, o domínio da norma culta e, também, da norma-padrão são de grande importância. Afinal, essas são as normas linguísticas de maior prestígio social e cabe à escola promover o acesso dos educandos a ambas.

Nesse sentido, o estudo da norma culta e da norma-padrão na escola é justificável haja vista seu prestígio social e a tarefa das escolas em oferecer aos alunos o livre acesso a essas formas da língua, como um fator de inclusão e cidadania. Assim, “já que [a norma-padrão e culta, pelo menos em princípio] estão correlacionadas com a democratização da cultura escrita e com o exercício da fala nos grandes espaços públicos” (FARACO, 2008, p. 58), faz todo sentido tomá-las como foco nas aulas de Língua Portuguesa. Essa mesma postura é assumida por Görsky e Coelho (2009, p. 88) quando dizem que “a escola tem o dever de ensinar o dialeto padrão/norma culta ao aluno, porque é nessa variedade que foi

escrita a maior parte dos textos que circulam na sociedade e é essa variedade que o aluno precisa dominar para ser reconhecido socialmente”.

Na compreensão de Cyranka e Pernambuco (2008) e Faraco (2006), a grande questão não reside, portanto, em ensinar ou não a norma culta e a norma-padrão, mas sim em desfazer urgentemente as confusões que ainda pairam entre essas duas formas de usar a nossa língua. Além disso, esses mesmos estudiosos defendem a necessidade de trabalharmos a norma culta e a norma-padrão sempre em consonância com a realidade do PB e ao lado de outras normas linguísticas, de modo a proporcionar aos nossos alunos o contato com o maior número possível para os usos da língua.

Até aqui, esperamos que esteja claro que compreendemos norma culta e norma padrão como elementos distintos e que, embora saibamos das inúmeras questões problemáticas que cercam o trabalho com uma e outra em sala de aula – tal como sinalizamos nos parágrafos anteriores – reconhecemos a necessidade de a escola não se esquivar da tarefa de lidar com essas e outras questões que cercam o ensino dessas normas no contexto escolar.

No que concerne às distinções práticas entre norma-padrão e norma culta, salientamos que elas se manifestam em todos os âmbitos do PB (fonético-fonológico, sintático, semântico, discursivo etc.). Para exemplificar o que estamos dizendo, vale destacar as discussões estabelecidas por Görsky e Coelho (2009), ao abordarem os pronomes pessoais do caso reto – que exercem a função de sujeito – no PB. A esse respeito, vejamos o Quadro 4:

Quadro 4 – Descrição dos paradigmas pronominais tradicional e em uso efetivo no PB

Paradigma 1	Paradigma 2
Eu	Eu
Tu	Tu/Você
Ele(a)	Ele(a)
Nós	Nós/A gente
Vós	(Vós)/Vocês
Eles(as)	Eles(as)

Fonte: Elaborado pela autora com base em Görsky e Coelho (2009, p. 85).

De acordo com o Quadro 4, há entre o Paradigma pronominal 1 e 2 notáveis diferenças. Isso ocorre porque, no primeiro, localizamos os pronomes pessoais do caso reto estabelecidos pela norma-padrão e trabalhados nas GTs, fato esse que faz com que esses

pronomes aparecem na imensa maioria dos livros didáticos (GÖRSY; COELHO, 2009). Já no Paradigma 2, localizamos os pronomes que, de fato, são usados pelos falantes do PB, independentemente da norma linguística. Em outras palavras, ainda que seja possível verificar diferenças quanto às frequências de uso para os diferentes pronomes, dependendo da variedade linguística investigada, o Paradigma pronominal 2 é o que mais bem compreende os pronomes do caso reto que, de fato, correspondem à realidade do PB, atualmente.

Afinal, ao lado de pronomes como o *tu* e *nós* (impostos pela norma-padrão), encontramos as variantes *você* e *a gente* – que não são reconhecidas pelas GTs – sendo amplamente usadas tanto na fala como na escrita dos brasileiros com baixa ou alta escolarização (BAGNO, 2007). Além disso, vale mencionar que, embora ainda seja o pronome tido como padrão pelas GTs para referir a 2ª pessoa do plural, o *vós* praticamente não é mais usado pela grande maioria dos brasileiros. Ao invés do *vós*, os falantes têm preferido o pronome *vocês*. De maneira mais precisa, sabemos que o uso do pronome *vós* está basicamente restrito ao âmbito de textos que circulam na esfera jurídica e aos textos sagrados. Logo, nos demais contextos de interação (sejam eles falados ou escritos), o pronome *você/vocês* é amplamente usado no lugar do *vós* (BAGNO, 2007).

Além do quadro pronominal do PB, os parâmetros de CV que caracterizam nossa língua também podem ser apontados para exemplificar as distinções práticas entre norma culta e norma-padrão, conforme o Quadro 5:

Quadro 5 – Parâmetros de CV em diferentes normas do PB

Variedades mais estigmatizadas (norma popular)	Variedades mais prestigiadas (norma culta)	Norma-padrão
Eu falo	Eu falo	Eu falo
Você ou (tu) fala	Você fala	Tu falas
A gente ou (nós) fala	Ele fala	Ele fala
Eles fala	A gente fala	Nós falamos
	Nós falamos	Vós falais
	Vocês falam	Eles falam
	Eles falam	

Fonte: Elaborado pela autora com base em Bagno (2010).

Assim como o paradigma pronominal, os parâmetros de CV figuram como um outro mecanismo de nossa língua bastante variável. Conforme o Quadro 5, é possível encontrar, no atual PB, diferentes formas para o uso da CV e que caracterizam, em maior ou menor proporção, as diferentes normas linguísticas que constituem a nossa língua. Importante destacar que, embora a norma culta seja a que mais se aproxima da norma-padrão, aquela

apresenta diferenças notáveis em relação a esta. Cabe pontuar, ainda, que o prestígio social das variantes linguísticas muda conforme sua maior ou menor aproximação das formas linguísticas impostas pelo padrão normativo.

Não à toa, as variantes que tendem a ser mais presentes na norma popular, como por exemplo, a construção *eles fala*, são tidas como estigmatizadas socialmente, haja vista o seu maior distanciamento da chamada norma-padrão. E, embora construções como *eles fala* possam ser facilmente encontradas na fala e até mesmo escrita dos brasileiros – inclusive em amostra de linguagem culta como tratamos na seção 3. 2 e tornaremos a comprovar com os dados desta pesquisa – a norma-padrão não reconhece esse tipo de construção como válida, fato que leva a escola e meios de comunicação, no geral, a compreendê-la como ‘erradas’.

Questões como essas mostram como, na prática, a norma-padrão e a norma culta não se confundem. Todavia, conforme sinalizamos anteriormente, na tradição escolar, essas duas normas são frequentemente tidas como sinônimos. Sobre esse ponto, salientamos que, embora na teoria a norma culta seja alvo dos bancos escolares, é a norma-padrão que ainda prevalecer na maioria dos materiais didáticos difundidos nas escolas. Assim, tomando como exemplo os paradigmas pronominais 1 e 2, bem como os parâmetros de CV, só podemos concluir que o modelo perpetuado nas escolas é uma forma de língua idealizada e que não corresponde, pelo menos não completamente, a realidade da linguagem usada por milhões e milhões de brasileiros.

Com isso, não estamos querendo dizer que a norma-padrão deve ser abolida do ambiente escolar, tampouco que a norma culta não deve ser trabalhada. Na verdade, é necessário admitir que a escola, enquanto um lugar essencialmente plural, deve e precisa abrigar o maior número possível de normas linguísticas que, por sua vez, constituem um dos mais significativos traços da identidade social de todo e qualquer brasileiro e brasileira.

Por meio da implementação de uma cultura linguística sensível às diferenças e a realidade de nossa língua é possível compreender melhor e nutrir a pluralidade sociocultural que emana em nossas escolas. A acolhida dos diferentes falares, ou das diferentes normas, é primordial para que não somente as escolas, mas a sociedade brasileira como um todo enxergue e compreenda a heterogeneidade linguística uma propriedade natural e essencial de nossa língua e não mais como algum tipo de deficiência linguística.

Além disso, é somente reconhecendo a necessidade de tratar das mais diversas normas linguísticas, sua realidade e seus valores socioculturais que a escola abrirá suas portas não apenas para o trabalho com uma concepção de linguagem plural, mas também para uma ideia de língua que mais próxima da realidade de toda e qualquer língua natural.

Nesse contexto, é essencial romper com os equívocos teóricos que pairam sobre as noções de norma culta e norma-padrão, por exemplo. Desse modo, poderemos trabalhar de maneira ainda mais efetiva para que nossas escolas promovam um modelo de língua heterogêneo por natureza e que, de fato, corresponda à língua viva que circula nos mais diversos contextos de interação comunicativa, que é prestigiada socialmente e que deve ser perpetuada como uma das tantas formas de promover o acesso dos sujeitos a elementos favorecidos economicamente.

Nessa trajetória, é importante não perder de vista o fato de que, norma culta e norma-padrão são duas das diferentes normas que compõem o PB e, enquanto espaço plural, é tarefa da escola abrir espaço para o trabalho com as diferenças, em nosso caso específico, as diferenças linguísticas. Com isso, assumimos, dentre outras coisas que, embora sejam as normas prestigiadas socialmente, as normas culta e padrão não podem, em instância alguma, figurarem como as únicas normas trabalhadas pela escola.

Outras normas, como a popular, precisam ter espaço na escola. Afinal, o trabalho com a norma popular além de promover a ampliação da competência linguística de nossos estudantes, abre caminhos, pelo menos, para duas grandes tarefas que, conforme temos defendido, deve ser buscada pela escola, a saber: abordar melhor e diretamente a questão do estigma e preconceito linguístico e acolher melhor estudantes cuja origem social remete a uma realidade com pouco ou nenhum acesso a bens favorecidos economicamente.

Em conformidade com o que já tratamos em diferentes momentos desta tese, as variantes que tendem a ocorrer com maior frequência na norma popular são frequentemente estigmatizadas socialmente. Esse é o caso, por exemplo, de construções presentes nos seguintes excertos:

- (7) Inf.: **as roupa** é diferente do que a gente usa (NORPOFOR; DID 161; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolarização).
- (8) Inf.: não **eles vende** coisa boa coisa de qualidade (NORPOFOR; DID 84; informante do sexo masculino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolarização).

Tanto em (7) como em (8), verificamos construções que escapam aos padrões de CV com a 3pp impostas pela norma-padrão. Embora saibamos que ambas as construções podem ser encontradas tanto na linguagem usada por falantes tidos como cultos, construções como '**as roupa é diferente**' e '**eles vende** coisa', destacadas em (7) e (8), respectivamente, tendem a ocorrer com maior frequência na fala de informantes com pouca ou nenhuma

escolaridade e em situações de pouco monitoramento linguístico (MONTE, 2012; CAMACHO, 2013; LUCCHESI, 2015).

Tendo em vista que formas como estas não condizem com o padrão de língua imposto pela tradição normativa, essas variantes linguísticas são frequentemente estigmatizadas socialmente. Ou seja, a essas formas são atribuídos valores sociais negativos. Tais valores, por seu turno, são estabelecidos por questões externas à língua e não por razões que lhe são próprias. Em outras palavras, não existe absolutamente nada nas construções destacadas em (7) e (8) que as torne inferiores a construções como nos excertos seguintes (9) e (10), nas quais há o emprego das marcas de CV impostas pela tradição normativa:

- (9) Inf.: **as roupas são** muito cara lá: eu num gosto de andar por lá não as coisa é cara demais menina (NORPOFOR; DID 09; informante do sexo feminino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (10) Inf.: o que **eles vendem** lá é tudo material que eu uso (NORPOFOR; DID 84; informante do sexo masculino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Conforme as ocorrências de (7) a (10), tanto as variantes não padronizadas como padronizadas para casos de CV na 3pp estão presentes em amostra de fala representativa da norma popular – no caso deste estudo, da norma popular fortalezense. Para nós, o fato de essas variantes coexistirem em amostra de linguagem real, justifica, por se só, o trabalho com elas em sala de aula. Afinal, elas fazem parte da realidade do PB e merecem, portanto, estarem presentes no trabalho sociolinguístico de nossa língua a ser desempenhado, também, no âmbito escolar.

É interessante mostrar aos nossos discentes que, dado o maior ou menor prestígio social das formas variantes em função de seu grau de aproximação ou distanciamento da norma-padrão, é preciso saber em quais situações de interação comunicativa devemos usar um ou outra variante linguística. Assim, por exemplo, vale salientar que, em situações de interação faladas ou escritas com pouco grau de monitoramento e, portanto, mais informais, as construções em (9) e (10) são comuns e podem ser usadas tranquilamente. Todavia, em situações opostas (com maior monitoramento ou grau de formalidade), é preferível que usemos construções como em (7) e (8), sob pena de sofrermos preconceito linguístico.

Sobre esse último ponto, cabe salientar que a questão do preconceito linguístico precisa ser diretamente abordada em sala de aula e mesmo na sociedade brasileira como um todo. Afinal, acreditamos que em função do pouco espaço aberto para o debate, o preconceito

linguístico tem passado despercebido pela grande maioria da população sem, contudo, deixar de causar danos a muitos falantes (BORTONI-RICARDO, 2004).

Logo, tratar a questão dos diferentes valores sociais das variantes linguísticas é tarefa elementar para que o preconceito linguístico seja mais bem abordado em sala de aula. Além disso, o trabalho com construções extraídas de amostra de fala popular como em (7) e (8) é de suma importância para que possamos tratar a questão da heterogeneidade linguística, do estigma e preconceito linguístico no nível da sintaxe. Afinal, o fato de questões relativas à variação linguística ficarem restritas, muitas vezes, aos níveis da fonética e fonologia e do léxico, tratando-se, preferencialmente, de diferenças geográficas, é um ponto criticado por muitos estudiosos.

Com isso, não estamos sugerindo, evidentemente, que as muitas questões implicadas na heterogeneidade linguística e no preconceito não devem ser abordadas nos níveis da fonética e fonologia, bem como do léxico do PB, haja vista que “o preconceito linguístico entra em ação imediatamente quando alguém abre a boca para falar e exhibe pronúncias e palavras características de uma região ou classe social desprestigiada” (BAGNO, 2010, p. 132). Estamos atentando, isso sim, para o fato de que, ao lado dos níveis referentes aos sons e ao vocabulário, é necessário espaço para abordar questões relativas as diferenças linguísticas, ao estigma e preconceito, também, nos demais níveis da língua, como o morfossintático. Dessa maneira, é possível abordar mais efetivamente “os usos diferenciados que cada grupo social faz dos recursos gramaticais da língua” (BAGNO, 2010, p. 132).

Por último, destacamos que trabalhar a norma popular ao lado das demais normas, como culta e padrão, na sala de aula, pode fazer com que nossos alunos – sobretudo, àqueles oriundos de camadas sociais menos favorecidas economicamente – se sintam mais bem acolhidos pela escola. Afinal, ver as formas linguísticas comuns a diferentes camadas sociais é uma forma que a escola tem de representar as mais diversas identidades sociais (CAMACHO, 2013) que chegam a até ela.

Sobre essas questões, são pertinentes as palavras de Camacho (2012, p. 79):

Impor com exclusividade a norma padrão, misturar uma pitada de intolerância para com a variedade que as crianças dominam são os ingredientes de uma receita infalível que se resume na rejeição à língua e no desenvolvimento de um processo de insegurança linguística. Para as crianças socioeconomicamente favorecidas, o mal é certamente menor, embora presente também. Como desde a primeira infância, essas crianças se acham familiarizadas com a variedade urbana culta, o modelo escolar, baseado na norma padrão, representa uma extensão parcial do processo de socialização iniciado pelos pais. Desse modo, parece impor-se uma correlação: quanto maior a familiaridade cultural que o alunado mantém com a norma padrão veiculada pelo ensino, tanto maior a probabilidade de êxito ao longo do processo

escolar. Nesse aspecto, as camadas marginalizadas nadam contra a maré. A modalidade de cultura que a escola desenvolve afina-se mais com a das classes dominantes e com a imposição da norma padrão. O problema é maior quando essa modalidade se impõe ao ensino como referência exclusiva a que outros modos de existência cultural acabam por submeter-se.

Das palavras de Camacho (2012), depreendemos a urgência de insistirmos na promoção de debates e esforços que buscam desfazer os equívocos gerados entre os conceitos de norma culta e norma-padrão. Além disso, enxergamos a necessidade de abrirmos cada vez mais espaço para que as norma culta, padrão e popular sejam tratadas não apenas em função dos valores que geralmente são atribuídos a uma em detrimento da outra, mas sim, como normas que fazem parte da construção sociolinguística do PB.

Embora tenhamos apresentado, ao longo desta seção, algumas possibilidades de trabalharmos a heterogeneidade linguística em sala de aula com base nas normas culta, padrão e popular, nunca é demais ressaltar que essas possibilidades são inúmeras e inesgotáveis. Cabe, portanto, aos professores e professoras de Língua Portuguesa, sobretudo, encontrar as possibilidades que melhor atendem às demandas e realidades de suas salas de aula. A fim de respaldar teoricamente essa complexa tarefa é que muitas pesquisas como esta são desenvolvidas.

4. 4 Síntese da seção

Com base na perspectiva sociolinguística, abordamos, nesta seção, principalmente, dois conceitos bastante caros para esta pesquisa, isto é, as concepções de norma culta e norma popular. Além disso, desenvolvemos algumas reflexões acerca do trabalho com essas e outras normas linguísticas no ensino de línguas.

5 METODOLOGIA

5.1 Palavras iniciais

Ao longo das subseções que compõem esta parte da presente tese, discutimos de modo mais aprofundado alguns dos procedimentos que marcam a realização deste estudo. Abordamos o tipo de pesquisa; a comunidade de fala de Fortaleza, com atenção especial para aspectos que marcam a capital cearense nas décadas de 1990 e 2000; a constituição dos *corpora* adotados, isto é, os Projetos PORCUFORT e NORPOFOR; as amostras de fala analisadas na pesquisa; a variável dependente e as variáveis independentes testadas no estudo. Além disso, tratamos de questões relativas ao levantamento de dados e a ferramenta de análise estatística adotada quando da análise quantitativa dos dados obtidos.

5.2 Tipo de pesquisa

Haja vista a consideração de seres humanos para a realização desta pesquisa, é salutar dizer que o projeto a partir do qual arquitetamos esta tese foi devidamente submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UECE e teve sua realização aprovada conforme CAAE nº 31499220.3.0000.5528 e parecer nº 4.062.120 (Cf. ANEXO A).

Trata-se de uma pesquisa descritiva e conduzida nos moldes da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2006, 2008, 2010). Em linhas gerais, uma pesquisa de caráter descritivo tem como objetivo central descrever fenômenos ou fatos que caracterizam uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). No universo desta tese, o fenômeno que buscamos descrever é o comportamento variável da CV na 3pp a partir de dados reais de linguagem em uso provenientes de amostras representativas das variedades culta e popular de Fortaleza - CE.

Inserido no campo da Sociolinguística variacionista, este estudo abre espaço ou mesmo reclama uma abordagem qualitativa e quantitativa dos dados coletados. Em sua dimensão qualitativa, focamos na descrição, compreensão e na discussão objetiva do comportamento variável da CV na 3pp a partir dos resultados obtidos por meio da análise quantitativa dos dados coletados. Como bem postulam Silveira e Córdova (2009, p. 31), “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito”.

Já no âmbito quantitativo, esta tese imprime um tratamento numérico aos dados de variação na CV com a 3pp, nas amostras de fala construídas para este estudo. Trabalhamos, portanto, com uma grande quantidade de dados empíricos coletados a partir de amostras reais de linguagem em uso. Importante destacar que, a abordagem quantitativa é um dos pontos que mais caracteriza a pesquisa variacionista, na medida em que proporciona a apreensão da sistematicidade, encaixamento e, também, os possíveis indícios de mudança em curso para os mais diferentes fenômenos de variação linguística. Questões como essas se refletem nos valores numéricos obtidos, mas, evidentemente, carecem da interpretação do pesquisador ou da pesquisadora.

Ao tratarem a dimensão quantitativa dos estudos variacionistas, Guy e Zilles (2007, p. 73) explicam que “a variação linguística, entendida como a alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos”. Nessa mesma linha de raciocínio, Naro (2012) destaca que um dos pontos mais complexos para a análise variacionista compreende a impossibilidade de medirmos, em princípio, a atuação de uma dada categoria sem considerarmos, ao mesmo tempo, outras categorias, haja vista o fato de que diferentes categorias interagem e atuam simultaneamente sobre um mesmo fenômeno variável. Nas palavras de Naro (2012, p. 17):

[...] o problema central da Teoria é isolar e medir separadamente o efeito de um fator (digamos, o fato de o sujeito estar imediatamente preposto ao verbo) quando tal fator nunca se apresenta isoladamente nos dados (onde o verbo a que o sujeito está imediatamente preposto sempre terá simultaneamente alguma categoria morfológica.

Para contornar impasses como esses, revelados ao longo da abordagem quantitativa dos dados de fala, Naro (2012) considera que é essencial testar categorias ou grupos de fatores distintos e considerarmos não apenas os valores numéricos em termos de percentagens, mas também os chamados pesos relativos que se revelam para cada um dos fatores postulados. Para isto, é essencial o trabalho com um programa de análise estatística que forneça os pesos relativos com que cada categoria postulada atua sobre as variantes linguísticas. Dentre os programas que nos fornecem os pesos relativos, destacamos o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), elaborado especificamente para lidar com dados de variação linguística e sobre o qual tornamos a falar na subseção 5.6.

Uma outra questão pertinente ao tipo de pesquisa que aqui empreendemos é o fato de que este estudo foi realizado a partir da noção de ‘tempo aparente’. Tal como discutimos

na seção 2, desta tese, uma pesquisa variacionista em tempo aparente caracteriza-se, basicamente, pelo recorte temporal realizado quando da seleção da amostra a partir da qual os dados são coletados. Aqui, não cabe o trabalho com diferentes sincronias para as amostras coletadas. No caso deste estudo, o comportamento variável da CV na 3pp é analisado, em amostra do falar culto fortalezense, coletada no início da década de 1990. Ou seja, os dados analisados refletem o comportamento do fenômeno em foco em amostra do falar culto fortalezense na década de 1990.

Já os dados da variedade popular da capital cearense refletem o comportamento variável da CV na 3pp em amostra coletada no início da década de 2000. Vemos, com isso, que para cada amostra analisadas é efetuado um recorte temporal, ou seja, lidamos sincronicamente com uma amostra de fala para cada variedade estudada. Estabelecemos – conforme veremos nos resultados – algumas comparações entre os resultados obtidos para o comportamento da CV na 3pp nas diferentes amostras de fala estudadas, todavia, essas comparações são feitas com o intuito de analisar como esse fenômeno se caracteriza nas variedades culta e popular de Fortaleza, de modo a nos revelar as proximidades e distanciamentos entre elas. Não trabalhamos com o intuito de analisar como a variação na CV de 3pp se caracteriza ao longo do tempo, na variedade culta ou popular. Isso certamente seria possível se realizássemos um estudo em tempo real (*Cf.* seção 2), o que, reforçamos, não ocorre nesta tese, mas certamente abre espaço para a realização de uma pesquisa futura.

A abordagem variacionista sob a noção de tempo aparente possibilita a apreensão, em termos de probabilidades de uso, dos fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam de modo a favorecer ou inibir a realização de uma ou de outra forma variante em amostras de fala específicas. Com isso, um estudo desta natureza nos fornece preciosos indícios acerca dos rumos que um dado fenômeno variável pode ou não está tomando na comunidade de fala estudada.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística variacionista possibilitam, portanto, a construção de uma compreensão mais próxima e fiel da realidade das línguas naturais. Afinal, todos os fatores que atuam inibindo ou favorecendo uma dada variante linguística são descritos sempre por meio de dados reais de linguagem. Ou seja, ainda que inicialmente o pesquisador ou pesquisadora levante hipóteses acerca do comportamento das variantes, bem como dos fatores controlados na amostra, é a análise estatística que nos releva como, de fato, as variantes e os grupos de fatores controlados se comportam caracterizando o fenômeno variável estudado nas amostras. Em outras palavras, as hipóteses iniciais podem ser refutadas ou confirmadas por meio da análise estatística dos dados.

Quaisquer que sejam os resultados da abordagem quantitativa dos dados, é nossa tarefa, conforme já dissemos, descrevê-los e procurar explicá-los da melhor forma possível. Essa tarefa nos leva a considerar, dentre outros, aspectos referentes ao fenômeno linguístico investigado, seja em sua dimensão linguística ou extralinguística. Na dimensão linguística, voltamos nossa atenção para questões ou fatores relacionados ao próprio sistema linguístico, de modo a procurar explicações para o modo como atuam sobre a realização das formas variantes. Já na segunda dimensão, isto é, extralinguística, consideramos questões relativas às amostras de fala analisadas, ao perfil social dos informantes, bem como à comunidade de fala, dentre outras.

Reiteramos que o campo de estudos consagrado a partir das pesquisas de Labov (2008) prioriza a análise de dados reais de linguagem em uso. Esses dados são sempre obtidos por meio de amostras de linguagem falada ou escrita coletadas no seio de uma comunidade de fala específica, em nosso caso, a cidade de Fortaleza, sobre a qual tecemos algumas considerações nas próximas subseções.

5.3 A comunidade de fala de Fortaleza

Nesta pesquisa, estudamos o comportamento variável da CV com a 3pp em amostras de linguagem representativas das variedades culta e popular faladas na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. Logo, é de grande valia dedicar alguns momentos desta tese para que possamos discutir, ainda que brevemente, aspectos que caracterizam a capital cearense.

Evidentemente, não objetivamos construir discussões aprofundadas acerca de aspectos históricos, econômicos, culturais, dentre outros, que marcam a cidade de Fortaleza. Na verdade, procuramos tecer algumas considerações a respeito de aspectos elementares da capital do estado do Ceará, de modo a oferecer um breve panorama da comunidade de fala estudada.

Nessa empreitada, especial atenção é dedicada às questões relativas ao perfil sociohistórico da capital cearense, no início das décadas de 1990 e 2000. Afinal, os projetos PORCUFORT e NORPOFOR, a partir dos quais extraímos as amostras de fala analisadas neste estudo, foram construídos no início das referidas décadas, conforme também veremos ao longo das subseções que constituem esta Metodologia.

Dito isto, frisamos que a cidade de Fortaleza está situada no Nordeste brasileiro, mais precisamente no Estado do Ceará, conforme a Figura 1:

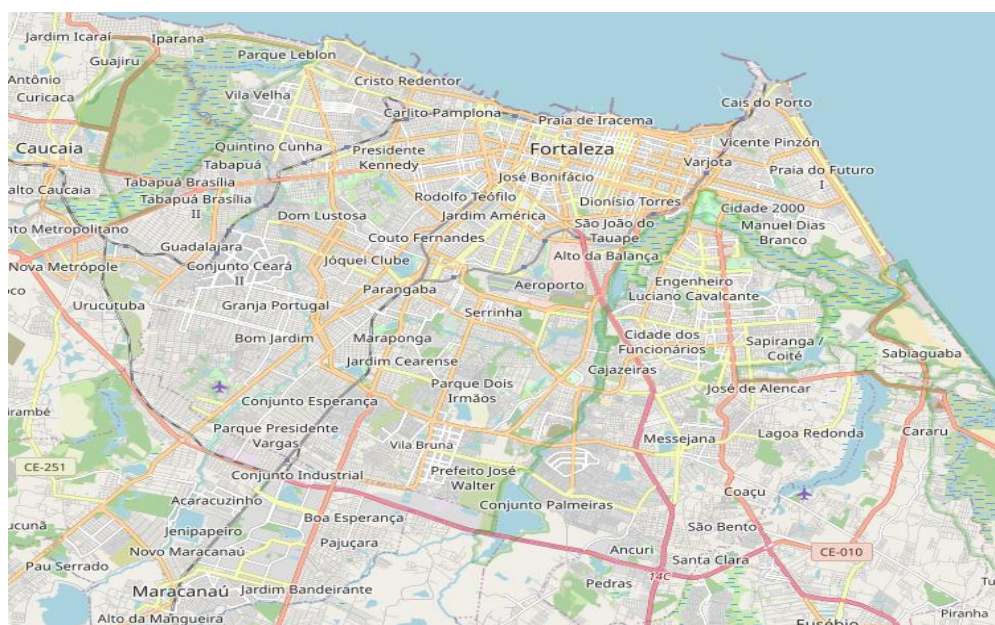
Figura 1 – Localização de Fortaleza no Estado do Ceará



Fonte: <https://www.anuarioceara.com.br/mapa-de-fortaleza/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

Localizada a 2.285km de Brasília – DF, Fortaleza é banhada pelo Oceano Atlântico e possui cerca de 34km de extensão de litoral, conforme a Figura 2:

Figura 2 – Localização da cidade de Fortaleza - CE



Fonte: <https://www.openstreetmap.org/#map=4/-15.13/-53.19>. Acesso em: 25 dez. 2020.

Desde que foi elevada à condição de vila, no ano de 1726, a cidade de Fortaleza passou por inúmeras transformações que modificaram profundamente muitas de suas dimensões como, por exemplo, a geográfica, política, econômica e cultural. As mudanças pelas quais passou e passa Fortaleza constantemente fizeram e fazem com que a capital cearense se expanda de forma intensa. Como bem atenta Ponte (2007), as muitas transformações pelas quais Fortaleza passou resultaram na quase que completa modificação da cidade, em um curto período.

Hoje, a cidade de Fortaleza figura como a maior do estado do Ceará e a quinta maior cidade brasileira. Segundo dados do censo do IBGE 2020³³, a Região Metropolitana de Fortaleza possui 4.137,561 milhões de habitantes. Com isso, o município de Fortaleza figura como o 5º mais populoso do Brasil, e o 2º município mais populoso do Nordeste, atrás apenas do município de Salvador.

Conforme sinalizamos anteriormente, a capital cearense foi, ao longo de seus 294 anos, expandindo-se em muitos aspectos, incluindo o geográfico. Atualmente, Fortaleza possui um total de 119 bairros e é dividida em 7 Secretarias Executivas Regionais-SER³⁴. As SER funcionam como uma espécie de subprefeituras que visam identificar e articular o atendimento às necessidades e demandas da população fortalezense, bem como dos bairros que a constituem. Além disso, as SER intencionam promover o desenvolvimento urbano, ambiental e social da população³⁵.

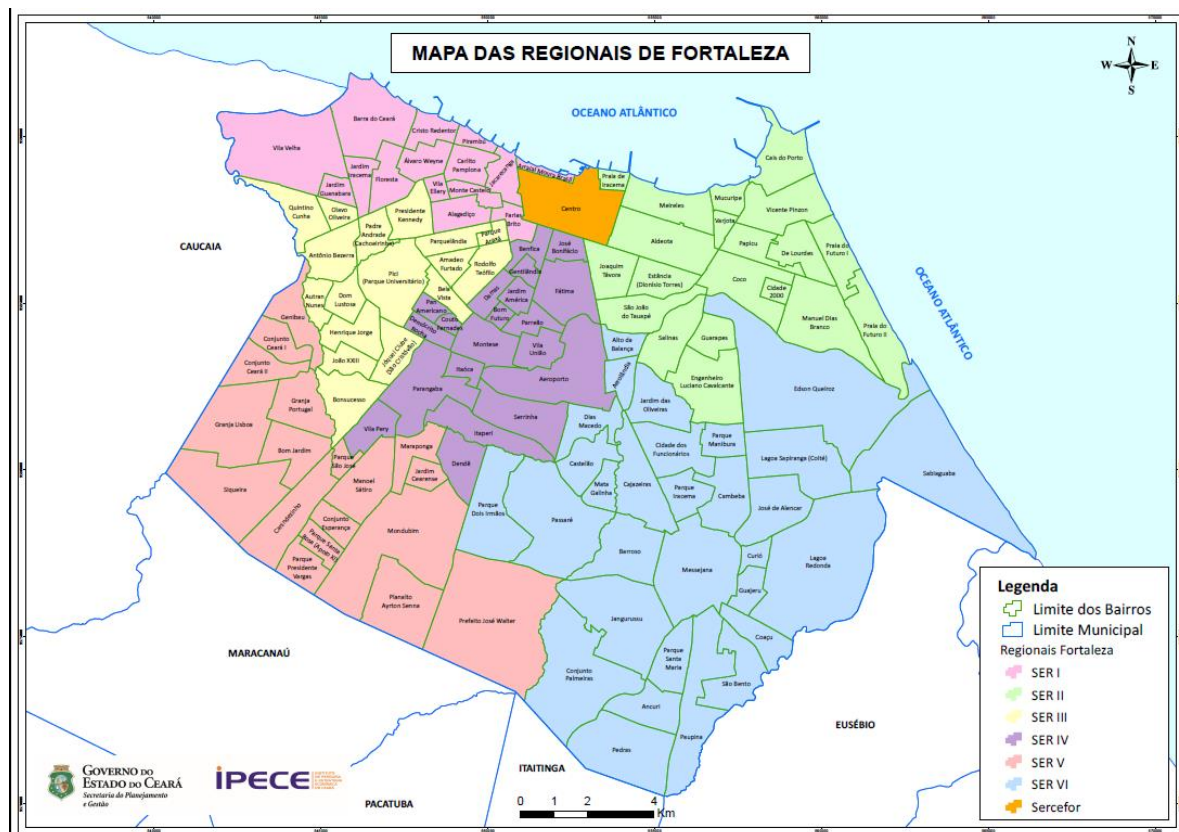
Vejamos, a Figura 3, a divisão territorial de Fortaleza de acordo com seus bairros e as SER:

³³ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28668ibgedivulgaestimativadapopulacaodosmunicipiospara2020#:~:text=O%20IBGE%20divulga%20hoje%20as,77%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202019>. Acesso em: 25 dez. 2020.

³⁴ Importante destacar que, no final do ano de 2019, passou a vigorar uma nova divisão dos bairros de Fortaleza. Com isso, foram acrescentados mais dois bairros aos já existentes, a saber: Novo Mondubim e Acarapé, totalizando 121 bairros. O Decreto Nº 14498, de 18 de setembro de 2019 regulamenta essas modificações e pode ser conferido no seguinte endereço: <https://diariooficial.fortaleza.ce.gov.br/download-diario.php?objectId=workspace://SpacesStore/317a341a-8ee6-44d0-b8ad-1a9f1cb25451;1.0&numero=16590s>. Acesso em: 09 fev. 2020. Além desse acréscimo, a Câmara Municipal de Fortaleza aprovou um projeto de lei que reestrutura a divisão territorial das Regionais elevando de 7 regionais para 12 e define 39 territórios para a cidade. Trata-se do Projeto de Lei Complementar Nº 37, de 12 de dezembro de 2019, disponível em: <https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/media/sapl/public/materiale legislativa/2019/54861/lc00372019.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2020.

³⁵ Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional>. Acesso em: 09 fev. 2020.

Figura 3 – Bairros e Secretarias Regionais de Fortaleza - CE



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/140.htm>. Acesso em: 25 dez. 2020.

Segundo dados do IBGE, no ano de 2019, Fortaleza foi apontada como a 9ª cidade mais rica do Brasil, em termos de PIB (Produto Interno Bruto). Não à toa, a capital do estado do Ceará é um dos mais importantes centros industriais, comerciais e de Ensino no Brasil. Sobre esse último ponto, vale salientar que Fortaleza é sede de duas das maiores universidades públicas do estado do Ceará, a saber, a Universidade Federal do Ceará (UFC), fundada em 1954, e a Universidade Estadual do Ceará (UECE), fundada em 1975; além da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), implementada em 1973, e que figura hoje como uma das grandes referências do Ensino superior, na esfera privada de Fortaleza.

Além disso, dados do Ministério do Turismo³⁶ apontam que Fortaleza é um dos destinos mais procurados do Brasil. O fato de a capital cearense figurar como um grande polo turístico pode ser facilmente compreendido se levarmos em consideração, por exemplo, a beleza de suas praias, a exemplo das praias do Futuro e Iracema, conforme as Figuras 4 e 5, respectivamente.

³⁶ <https://www.gov.br/turismo/pt-br>. Acesso em: 26 dez. 2020.

Figura 4 – Praia do Futuro, Fortaleza - CE



Fonte: <https://www.ceara.gov.br/2020/03/13/fortaleza-tem-sete-pontos-de-praia-liberados-para-banho/>. Acesso em: 26 dez. 2020.

Figura 5 – Praia de Iracema, Fortaleza - CE



Fonte: <https://www.cvc.com.br/dicas-de-viagem/inspiracoes/praias/as-praias-de-fortaleza/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

Além de suas belezas naturais, do seu vasto comércio e de ser referência no Ensino superior, Fortaleza também é conhecida pela diversidade de seus monumentos históricos. Esse certamente pode ser apontado como um outro ponto que movimenta o turismo na capital cearense. A fim de exemplificar alguns desses monumentos, citamos o Teatro José de Alencar, a Catedral Metropolitana de Fortaleza e o Centro Cultural Dragão do Mar que podem ser brevemente conferidos nas Figuras 6, 7 e 8, respectivamente:

Figura 6 – Teatro José de Alencar, Fortaleza - CE



Fonte: <https://www.checkpointtours.com.br/en/activity/79612/theatro-jose-de-alencar>. Acesso em: 26 dez. 2020.

Figura 7 – Catedral Metropolitana de Fortaleza - CE



Fonte: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=763&Itemid=1. Acesso em: 26 dez. 2020.

Figura 8 – Centro Cultural Dragão do Mar



Fonte: <https://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/centro-dragao-do-mar-de-arte-e-cultura>. Acesso em: 26 dez. 2020.

Os aspectos mencionados nesta subseção certamente oferecem um breve panorama acerca da cidade de Fortaleza e de sua importância para o turismo, economia e educação do estado do Ceará, bem como da região Nordeste e do Brasil. Nas próximas

subseções, discutimos questões relativas à composição socioeconômica de Fortaleza, nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente.

5.3.1 Fortaleza na década de 1990

Até aqui, esperamos que tenha ficado clara a ideia de que os bancos de dados de linguagem escrita e/ou falada são peças fundamentais para a realização de uma pesquisa variacionista. Um dos pontos de partida do pesquisador e da pesquisadora é, portanto, a seleção do banco de dados e delimitação da amostra analisada. Conforme já nos referimos ao longo desta tese, a amostra de falar culto fortalezense analisada aqui foi extraída do banco de dados PORCUFORT, construído na década de 1990, mais precisamente no período correspondente a 1993 - 1995.

Para uma compreensão mais apurada dos resultados obtidos nesta tese, é importante consideramos aspectos sociohistóricos que marcam a comunidade de fala de Fortaleza quando o PORCUFORT foi construído, atentando para o modo como esses aspectos estão correlacionados ou mesmo caracterizam os sujeitos que fazem parte do PORCUFORT. Naturalmente, em muitos momentos, é preciso refletir sobre o que ocorria em Fortaleza em consonância com outros aspectos históricos que marcavam o Brasil, na década de 1990. Afinal, é difícil abordar aspectos sociohistóricos de uma metrópole, em qualquer que seja o período, sem considerar o que ocorria no restante do país.

Dito isto, pontuamos que, segundo dados do IBGE³⁷, Fortaleza possuía, no início da década de 1990, cerca de 1.766,794 milhões de habitantes. Além de um significativo crescimento em sua população, em comparação a décadas anteriores, a capital do estado do Ceará passou por uma série de transformações em suas mais diferentes esferas, ao longo da conturbada década de 1990. Boa parte dessas mudanças é fruto da efervescência política pela qual passava o Brasil nesse período. Afinal, pela primeira vez, após uma longa ditadura militar, os brasileiros puderam eleger seus representantes políticos, nos quais depositavam a esperança de melhoras para a sociedade.

Melhorias para o Brasil eram esperadas, sobretudo, nas dimensões econômicas, educacionais e na saúde pública. Todavia, a esperança de um país melhor que era nutrida por muitos fortalezenses e demais brasileiros foi abalada quando o Brasil mergulhou em uma forte

³⁷ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

crise política e econômica que, evidentemente, ecoou em todas as demais esferas da sociedade.

Na política, o então Presidente da República Fernando Collor – eleito em 1990 – sofreu um processo de *impeachment*, após a implementação de políticas econômicas severas que procuravam atenuar a forte inflação da época, mas que só serviram para agravar o quadro e deixar os brasileiros ainda mais revoltados. A isso, foram somadas várias denúncias de corrupção no Governo Collor e que envolviam até mesmo a primeira-dama do Brasil, na época (ROMÃO, 2003).

Conforme Guimarães (2019, p. 105):

Toda essa turbulência de acontecimentos no Brasil causava impactos em todos os estados, inclusive no Ceará. Durante os anos 1990, o poder público desempenhou papel de relevo na estruturação e reestruturação urbana de Fortaleza. Na gestão do governador Ciro Gomes (1991-94), desenvolveu-se o Projeto Sanear em Fortaleza, ampliando a rede de esgotos e contribuindo para diminuir um dos mais graves problemas na cidade.

Se, por um lado, Fortaleza ganhou investimentos no saneamento básico – fato que certamente proporcionou inúmeras melhoras para os habitantes da cidade – nos primeiros anos da década de 1990, por outro, a esfera educacional sofreu um agravamento quanto ao sucateamento das universidades e escolas públicas, fato que só dificultava o acesso dos fortalezenses à educação. Isso se deu mediante a “diminuição dos investimentos públicos em educação em todos os níveis devido ao ajuste fiscal prolongado, resquícios de décadas anteriores” (GUIMARÃES, 2019, p. 106). Importante destacar que o sucateamento da educação pública na capital cearense seguia a tendência do que ocorria no resto do Brasil.

Logo, Martins (2000) e Corbucci (2001) apontam que, embora tenha sido maior em comparação a décadas anteriores, o número de brasileiros matriculados em um curso de nível superior, na década de 1990, estava ainda muito abaixo da expectativa. A partir da consideração de dados extraídos do IBGE e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC, Corbucci (2001) verificou que, mais ou menos na metade da década de 1990, o Brasil possuía apenas 1,87 milhões de brasileiros matriculados em cursos de nível superior. Esses sujeitos estavam situados na faixa dos 18-24 anos e correspondiam a apenas 5,5% da população brasileira dessa mesma faixa etária, na época.

Diante de assertivas como essas, concordamos com Viana (2018) ao afirmar que os informantes do PORCUFORT podem ser considerados fortalezenses prestigiados, haja

vista todos os sujeitos que constituem esse banco de dados terem tido a oportunidade de frequentar uma universidade e concluir um curso de nível superior. No caso de um país como o Brasil em que as desigualdades sociais são bastante acentuadas, o acesso ao ensino superior é considerado um privilégio e, ao lado de outros aspectos, tem sido amplamente usado como um dos fatores que sinalizam, erroneamente, a superioridade de determinados sujeitos em relação a outros.

Pelo menos em princípio, isso deve-se ao fato de que o acesso ao ensino superior geralmente está associado a um maior leque de oportunidades de trabalho e acesso a bens culturais que tendem a ser mais valorizados economicamente. No caso da língua, tal como discutimos ao longo da seção 4, o ensino superior completo tem sido um grande divisor de águas quando a questão é traçar um perfil da realidade da norma culta brasileira, pois esse nível de ensino proporciona uma maior aproximação dos sujeitos do modelo de língua prestigiado socialmente.

Além disso, um alto nível de escolarização costuma ser correlacionado, embora não seja sinônimo de garantia, ao desempenho de atividades trabalhistas cuja remuneração tende a ser maior do que aquela fornecida a sujeitos que desempenham atividades para as quais não é exigido o ensino superior completo. Em outras palavras, indivíduos com ensino superior completo têm mais chances de alcançar status econômico mais elevado do que aqueles indivíduos com pouco ou nenhum grau de escolarização.

Uma maior remuneração implica, geralmente, melhoras na qualidade de vida de um indivíduo. Essa melhor qualidade de vida, por sua vez, se reflete em diversos aspectos como maior poder de compra, acesso a moradia segura, saneamento básico dentre muitos outros. O acesso a elementos como esses certamente deveria ser garantido a todos os brasileiros, realidade que estava longe de ser alcançada em nosso país, na década de 1990. De modo lamentável, até os dias de hoje a construção de um país menos desigual parece ainda distante.

A busca por melhores oportunidades na escolarização e melhores condições de vida ao lado do pouco dinamismo urbano em regiões interioranas do Estado do Ceará são fatores que, mesmo antes da década de 1990, mas que se intensificaram ao longo dela, podem ser apontados como aspectos que aumentaram de modo bastante notório a migração de sujeitos antes residentes em zonas rurais ou interioranas para a cidade de Fortaleza (PONTE, 2007). No caso da década de 1990, Cabucci (2000) explica que apenas 20% dos brasileiros residiam em zonas rurais, enquanto 80% ocupavam as zonas urbanas brasileiras.

A ideia de que as regiões urbanas figuram como espaços capazes de proporcionar mais oportunidades em diferentes esferas é, portanto, um aspecto que sempre fez com que os brasileiros abandonassem as zonas rurais em busca de melhores condições de vida, o que nem sempre se confirma. Afinal, o maior fluxo de pessoas nas zonas urbanas pode acarretar um maior desenvolvimento econômico das regiões, mas também, e de modo contrário, pode acentuar as desigualdades sociais (CORBUCCI, 2001).

A esse respeito, Souza (2009, p. 15) explica que:

O crescimento de Fortaleza se verifica, portanto, às expensas de uma alta participação de migrantes procedentes, na sua grande maioria, do interior do estado. Constitui-se, principalmente de uma população de baixa renda, que, chegando à cidade, contribui para a expansão das aglomerações faveladas que apresentam amplo crescimento na capital, nos últimos anos.

As desigualdades sociais já caracterizavam Fortaleza da década de 1990 e podem ser melhor compreendidas quando consideramos a interação entre as dimensões educacionais, econômicas e geográfica. Por exemplo, embora não seja uma regra absoluta, nota-se que, geralmente, no Brasil, os sujeitos com maior escolarização tendem a desempenhar atividades mais bem remuneradas o que pode lhes proporcionar acesso a moradias melhores. Evidentemente, é possível encontrar sujeitos com pouca ou nenhuma escolarização exercendo atividades bem remuneradas e ou residindo em imóveis situados em bairros mais bem valorizados economicamente. De igual maneira, é possível encontrar sujeitos com ensino superior exercendo atividades de baixa remuneração e/ou vivendo em imóveis situados em espaços desvalorizados economicamente (BAGNO, 2003).

Escolarização, renda gerada em atividades trabalhistas, bem como local de moradia são aspectos complexos, mas que ao serem correlacionados funcionam como preciosas ferramentas para que possamos entender melhor o perfil sociolinguístico de uma dada comunidade e o funcionamento de suas variedades linguísticas. No caso da escolarização, já vimos que todos os informantes do PORCUFORT possuem ensino superior completo. Além disso – como veremos melhor na subseção 5.4.1 – todos os informantes da amostra selecionada exercem profissões que exigem ensino superior completo, são valorizadas economicamente e, geralmente, implicam em maior renda, caso de advogados, médicos, terapeutas dentre outros.

Como um dos resultados da soma desses aspectos, sabemos que os informantes selecionados para o PORCUFORT residiam, na década de 1990, em bairros da região metropolitana de Fortaleza cuja renda per capita pode ser tida como alta e são considerados

bairros mais nobres, até os dias de hoje. Esse é o caso, por exemplo, do Bairro Aldeota, Meireles, Bairro de Fátima, Dionísio Torres dentre outros. Sobre a correlação entre grau de escolaridade e renda, são pertinentes as palavras de Araújo e Carleial (2003, p. 10) ao explicarem que, no Brasil e, também, em Fortaleza da década de 1990, há:

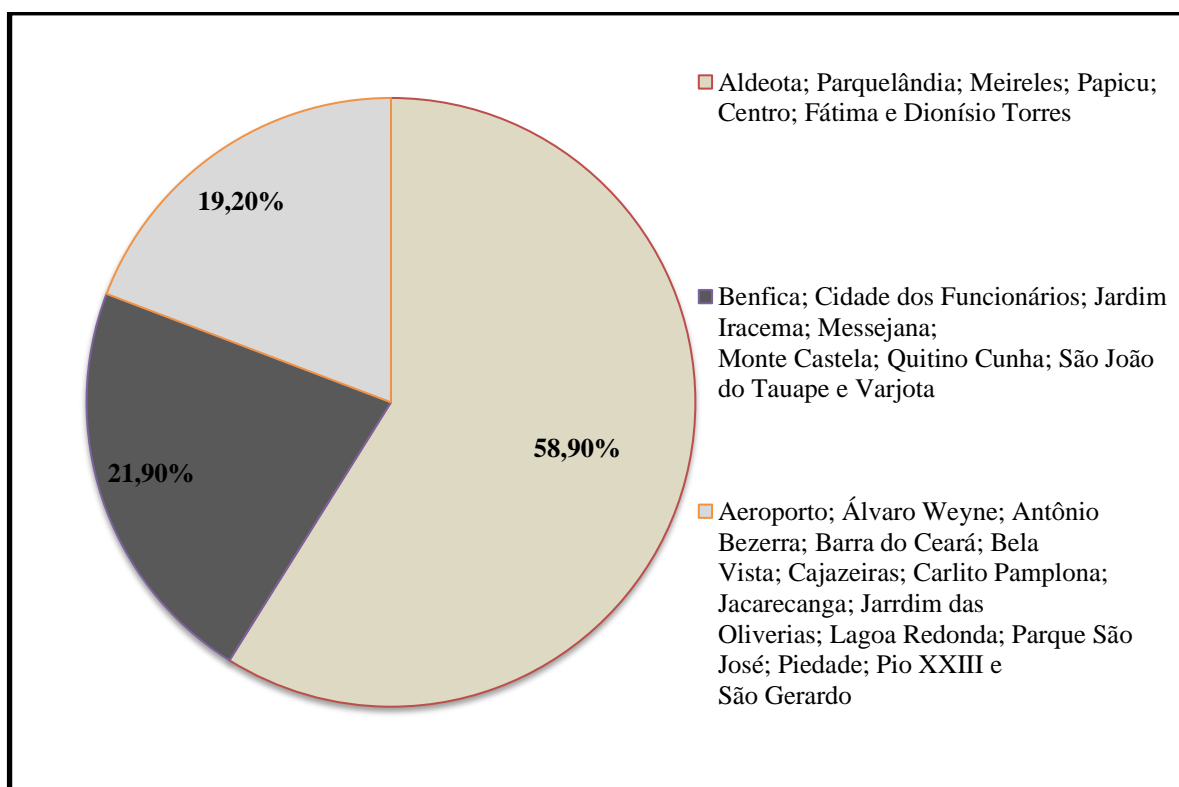
[...] uma associação direta entre níveis de escolaridade e renda. Nos bairros, onde os chefes de família apresentam níveis mais elevados de renda, eles situam-se melhor quanto à escolaridade, entre aqueles, que estudaram 15 anos e mais. Ao contrário, onde os chefes têm rendas mais deprimidas, eles, também, apresentam uma tendência maior de estarem sem instrução ou terem cursado apenas um ano de estudo.

Dada a dificuldade de encontrar sujeitos com ensino superior completo na região metropolitana de Fortaleza da década de 1990 e residentes apenas em bairros nobres, Viana, Araújo e Pereira (2018) explicam que foram admitidos no PORCUFORT fortalezenses residentes em bairros menos nobres. Para isso, era necessário que os sujeitos preenchessem outros requisitos exigidos no projeto, como por exemplo, ter nascido em Fortaleza, possuir pais cearenses, ter ensino superior, apresentar alta renda per capita dentre outros critérios, como trataremos mais adiante.

Importante pontuar que, já na década de 1990, a capital cearense apresentava fortes contrastes sociais e econômicos que se faziam sentir, também, em suas dimensões geográficas. Já na década de 1990, todos os bairros da capital cearense eram compostos tanto por sujeitos com alto poder aquisitivo como por famílias situadas no que Araújo e Carleial (2003, p. 10) chamam de “ilhas da pobreza”.

Assim, os idealizadores do PORCUFORT priorizaram o trabalho com indivíduos residentes em bairros mais nobres. Logo, é em bairros mais fortemente associados a moradia de sujeitos favorecidos economicamente como Aldeota; Parquelândia; Meireles; Papicu; Centro; Fátima e Dionísio Torres, por exemplo, que encontramos o maior número de informantes do PORCUFORT, na década de 1990, tal como nos mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Distribuição dos informantes por bairros, na região metropolitana de Fortaleza da década de 1990



Fonte: Elaborado pela autora com base em Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 180).

Conforme vimos ao longo desta subseção, o projeto PORCUFORT foi realizado em um momento no qual a capital do estado do Ceará passava por uma série de transformações em diferentes esferas a exemplo da educacional, econômica e política, isto é, a década de 1990. Vimos que, em muitos momentos, é difícil dissociar totalmente o que ocorria em Fortaleza da configuração do resto do Brasil. E, embora de extrema complexidade para serem abordados de modo mais aprofundado ao longo destas poucas páginas, acreditamos que os aspectos aqui tratados são peças fundamentais para que possamos melhor compreender os resultados obtidos acerca da amostra de variedade culta da capital cearense, na década de 1990.

5.3.2 Fortaleza na década de 2000

Em consonância com o nascimento da década de 2000, no Brasil e na capital cearense, surgiu o Projeto NORPOFOR do qual extraímos a amostra de linguagem popular analisada nesta tese. Logo, para uma melhor compreensão dos resultados aos quais chegamos

para a amostra de fala popular fortalezense é salutar considerar aspectos socioeconômicos que marcavam a capital cearense, nesse caso específico, no início da década de 2000, período em que o NORPOFOR foi construído.

No que concerne ao número de habitantes da cidade de Fortaleza, dados do IBGE apontam que, na capital cearense, do início da década de 2000, viviam cerca de 2.138, 234 de pessoas de diferentes etnias, religiões, gêneros, idades etc. Isto é, o berço do Projeto NORPOFOR era e é, naturalmente, uma das capitais em que é possível constatar a diversidade que, em essência, caracteriza o Brasil. Além disso, vemos que, em consideração a década de 1990, Fortaleza experimentou um significativo crescimento quanto ao número de seus habitantes.

De acordo com Souza (2009), o crescimento no número de habitantes exige ainda mais investimentos na infraestrutura de Fortaleza e a maior geração de oportunidades de emprego. Ainda que muito distante do necessário para, ao menos, atenuar as desigualdades que assolam Fortaleza, é possível dizer que, ao longo da década de 2000, houve um aumento no investimento nas mais diferentes esferas da capital cearense.

Em decorrência disso, Fortaleza possuía, no início da década de 2000, o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) dentre as capitais do Nordeste, atrás apenas de Recife e Salvador. A importância de Fortaleza para a movimentação da economia do Nordeste brasileiro é inquestionável e se tornou ainda mais evidente ao longo da década de 2000, tanto que, após alcançar o terceiro maior PIB do Nordeste, Fortaleza recebeu uma injeção de mais de 5 bilhões de reais em sua economia e alcançou um PIB de R\$ 37,1 bilhões, superando expectativas e fazendo com que, em 2010, a capital do estado do Ceará alcançasse um dos maiores PIB do país.

Dois anos depois, mais precisamente no ano de 2012, o município de Fortaleza se consolidou enquanto o mais rico do Nordeste, o décimo mais abastado do Brasil e o oitavo mais rico dentre as capitais brasileiras (FREITAS; PEQUENO, 2015). Parte desse crescimento se deve aos muitos investimentos do Governo Federal que tinha a sua frente o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito no ano de 2003. Dentre os inúmeros investimentos feitos pelo Governo Federal, no início da década de 2000, cabe destacar aqueles voltados para melhorias na infraestrutura das cidades brasileiras, bem como na educação dos brasileiros.

Sobre a infraestrutura, Freitas e Pequeno (2015) apontam que Fortaleza foi uma das capitais brasileiras que sentiu fortemente os impactos da criação de recursos destinados à promoção de melhorias na infraestrutura dos municípios brasileiros:

Desde o início da década de 2000, o cenário macroeconômico brasileiro favorável e a ascensão de um governo federal comprometido com a bandeira da reforma urbana provocaram mudanças no processo de produção do espaço urbano. O jogo urbano passa a ter novas regras oriundas de alterações nas políticas federais, com efeitos diretos na forma de produção da cidade. Dentre elas, destacam-se o Estatuto da Cidade (lei nº 10.257 de 2001) e o Sistema Nacional de Habitação (lei nº 11.124 de 2005). Outra importante mudança de cenário refere-se ao aumento do volume de recursos destinados à produção habitacional de baixa renda, devido, em particular, ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado em 2007, e ao programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), iniciado em 2009.

Por um lado, os muitos investimentos em infraestrutura proporcionados por meio de programas do Governo Federal em parceria com os Governos estaduais significaram um salto para promoção de melhoras quanto à questão de levar moradia aos fortalezenses menos abastados. Por outro lado, esses programas foram incapazes de sanar as muitas desigualdades e problemas relacionados à infraestrutura do município de Fortaleza acumulados ao longo das décadas passadas. Assim, perduram até os dias de hoje uma série de desigualdades sociais na capital cearense que se fazem sentir diretamente na renda e, concomitantemente, na moradia dos fortalezenses.

Sobre esse ponto, cabe destacar que, de acordo com o censo de 2000 do IBGE, os bairros mais ricos de Fortaleza (com renda média entre R\$ 1.566,29 e R\$ 4.288,36), estavam concentrados ao leste e sudeste, incluindo o Centro da cidade (R\$ 1.306,06); são eles: Meireles (R\$ 4.288,36); Guararapes (R\$ 3.537,79); Cocó (R\$ 3.437,34); Aldeota (R\$ 3.336,30); Estância (Dionísio Torres) (R\$ 3.264,66); Mucuripe (R\$ 2.796,98); Papicu (R\$ 2.220,41); Varjota (R\$ 2.167,98); Parque Manibura (R\$ 2.125,68); Salinas (R\$ 2.125,66); Praia de Iracema (R\$ 1.859,73); Praia do Futuro I (R\$ 1.616,46); Cidade dos Funcionários (R\$ 1.685,57); Cambeba (R\$ 1.675,89); Joaquim Távora (R\$ 1.572,94); Alagadiço Novo (R\$ 1.566,29) e Engenheiro Luciano Cavalcante (R\$ 1.469,07). Já na zona oeste da cidade, apenas três bairros aparecem entre os que possuem renda alta, a saber: Bairro de Fátima (R\$ 2.017,22), Benfica (R\$ 1.417,93) e Parquelândia (R\$ 1.530,53).

Além disso, sabemos que os bairros com menor renda média por pessoa (entre R\$ 239,25 e R\$ 349,74) encontram-se, principalmente, no setor oeste de Fortaleza da década de 2000. Ao analisarem essa questão, Matos e Neto (2003, p. 8) explicam que:

São bairros antigos e novos que se misturam, nesse traçado, acompanhando o litoral (Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará e Floresta), além de prosseguir no sentido norte-sul (Autran Nunes, Genibau, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim, Parque São José, Parque Santa Rosa (Apolo XI), Parque Presidente Vargas, Canindezinho e Siqueira); finalmente, mais para o sul, encontram-se: Barroso, Jangurussu e Curió.

Matos e Neto (2003) chamam atenção, ainda, para a possibilidade de encontrarmos bairros considerados pobres, também, no setor leste de Fortaleza, como Cais do Porto e Vicente Pinzon, e no Sudeste, como Edson Queiroz e Sabiaguaba. E, tal como sinalizamos ao discutirmos aspectos que marcam a capital cearense na década de 1990, na década de 2000, também prevalece uma forte associação entre nível de escolaridade, localidade geográfica, profissão e renda. Logo, os sujeitos residentes em pontos menos abastados tendem a possuir menos escolarização, desempenhar atividades menos remuneradas e, evidentemente, possuir menor poder aquisitivo.

Naturalmente, há exceções a essa regra, pois, como explicam Matos e Neto (2003), em bairros considerados mais nobres como Edson Queiroz e Vicente Pinzon, há chefes de família com mais de 15 anos de escolarização e outros sem nenhuma escolaridade. Nesse quadro, se reflete a coexistência espacial de ricos e pobres, em um mesmo bairro. Sobre essa questão, Matos e Neto (2003, p. 10) atentam “[...] sob vários aspectos, aqueles bairros, tidos como ricos, apresentaram ilhas de pobreza e os considerados pobres mostraram dimensões de riqueza”.

Ciente da grande importância da educação, sobretudo a educação superior para a geração de melhorias e oportunidades na vida dos cidadãos brasileiros, o Governo Federal promoveu, no início da década de 2000, uma série de projetos e recursos destinados às universidades públicas brasileiras.

Nesse sentido, universidades públicas como a UECE e UFC, situadas na cidade de Fortaleza, também se beneficiaram dos maiores investimentos nas universidades públicas no Brasil promovidos pelo Governo Federal da época. Concursos para o preenchimento de vagas para professores efetivos foram realizados, houve melhoras na infraestrutura das universidades e ampliação dos programas de pós-graduação no país. Essas são apenas algumas, mais extremamente significativas, realizações do Governo Federal ao investir na educação superior em nosso país, no início da década de 2000.

Como um dos resultados, houve um crescimento acentuado no número de jovens e adultos matriculados em cursos de nível superior no Brasil, em comparação com a década de 1990. Assim, de 1,87 milhões de brasileiros, na década de 1990, houve um salto para 2.694.245 de estudantes, em 2000, e para 6.379.299, em 2011, matriculados em cursos de nível superior (NEVES, 2012).

Paradoxalmente, Neves (2012) explica que embora significativo e notável, os avanços e crescimentos quanto ao acesso dos brasileiros e das brasileiras ao ensino superior ocorridos ao longo da década de 2000 se revelam insuficientes quando postos em paralelo:

[...] à dimensão e às expectativas da população brasileira. Em que pese o enorme aumento do investimento público e privado nesse nível de ensino, tem havido uma redução do ritmo de crescimento da matrícula e a permanência de desafios e problemas que deveriam estar superados (NEVES, 2012, p. 2).

De acordo com essa socióloga, a obstinação das alarmantes desigualdades sociais relacionadas ao acesso e a permanência dos brasileiros em cursos de nível superior figuravam, na década de 2000, e certamente ecoam até os dias de hoje, como desafios que precisam ser enfrentados pelos governos Federal e Estadual. A esse respeito, Neves (2012, p. 2) explica ainda, que:

A taxa líquida de matrícula no ensino superior no Brasil de apenas 14,9 % da faixa etária de jovens entre 18 a 24 anos e a bruta de 28,12 % revelam uma situação crítica mesmo para os padrões da América Latina (IBGE/PNAD, 2009; IESALC/UNESCO, 2007). Essa é a realidade mesmo depois do intenso crescimento da matrícula ocorrido nos últimos quinze anos. Os grandes e recorrentes desafios são o da expansão da matrícula com democratização do acesso e da diferenciação da oferta de modo a garantir o atendimento das demandas da economia e da sociedade, a excelência da formação oferecida e uma equação adequada de financiamento da expansão.

Apesar dos inúmeros incentivos governamentais, vemos que o acesso à educação, em especial, à educação de nível superior continuou sendo, seja em Fortaleza da década de 2000, seja em outras localidades do Brasil, ainda muito distante do esperado. Tanto é que não foi tarefa impossível para os idealizadores do Projeto NORPOFOR localizarem Fortalezenses com pouco ou nenhum nível de escolarização, residentes em zonas pouco abastadas economicamente de Fortaleza e exercendo profissões pouco remuneradas – quando se encontravam desempregados – conforme veremos mais adiante ao tratar melhor o banco de dados e a amostra de fala extraída do NORPOFOR.

Logo, só podemos concluir que as dificuldades dos jovens fortalezenses e demais brasileiros têm servido para agravar as desigualdades sociais em nosso país e roubar dos cidadãos seu direito inalienável do acesso à educação, à saúde de qualidade, à moradia dentre outros. Ainda sobre a questão da educação, em especial superior, compartilhamos a ideia de Amaral (2003, p. 108) ao ressaltar que “a educação superior é um bem público e que, portanto os recursos públicos deveriam ser gastos até o limite da riqueza nacional, de modo a atender ao maior número possível de jovens”.

5. 4 Os *corpora* e as amostras de fala

Ao refletir sobre o início dos estudos variacionistas no Brasil, Lucchesi (2015) explica que esse modelo de análise foi introduzido no país na década de 1970, mais precisamente com os trabalhos pioneiros do professor Anthony Naro. Lucchesi (2015) pontua, também, que Naro esteve à frente de um dos mais significativos projetos de pesquisa sociolinguística do Brasil, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), denominado, inicialmente, de Projeto Censo de Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro (Projeto Censo). Mais tarde, o Projeto Censo foi intitulado de Programa de Estudos sobre o uso da língua (LUCCHISI, 2015).

De qualquer modo, a elaboração de um projeto que possibilitou, pela primeira vez, aos pesquisadores e as pesquisadoras brasileiros(as) a realização de pesquisas variacionistas foi, sem sombra de dúvidas, um dos passos mais relevantes dados pela Sociolinguística no Brasil. Após o êxito do Projeto Censo, outros trabalhos que visam figurar como bancos de dados para a realização de pesquisas variacionistas foram realizados ao longo dessas últimas cinco décadas. Sobre a existência de bancos de dados sociolinguísticos, no Brasil, merecem destaque os já citados VARSUL, NURC, VALPB, o Projeto de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009), os Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, dentre outros.

Para este estudo, consideramos, conforme estamos sinalizando desde o início deste texto, os dois últimos Projetos referidos, isto é, o PORCUFORT e o NORPOFOR, ambos realizados com o apoio da Universidade Estadual do Ceará. A fim de facilitar a leitura e compreensão desta tese, apresentamos alguns dos principais pontos que caracterizam os Projetos PORCUFORT e NORPOFOR separadamente. Assim, na subseção 5.4.1, discutimos questões relativas ao Projeto e amostra do PORCUFORT e, na subseção 5.4.2, tratamos o Projeto NORPOFOR.

5.4.1 PORCUFORT e a amostra desta pesquisa

Construído entre os anos de 1993 e 1995, sob coordenação do professor Dr. José Lemos Monteiro, o Projeto PORCUFORT foi elaborado com o intuito de figurar como um banco de dados representativo da variedade culta falada na capital cearense (ARAÚJO, 2000). Com base nos moldes do Projeto NURC, foram selecionados para a composição do PORCUFORT apenas sujeitos com ensino superior completo – traço compreendido como um

dos mais significativos para a caracterização da variedade culta no Brasil (BAGNO, 2003; FARACO, 2008; LUCCHESI, 2015).

De maneira mais detalhada, destacamos que o PORCUFORT é formado por homens e mulheres recém graduados que estavam tentando ingressar no mercado de trabalho ou que ingressaram pouco tempo antes da realização das entrevistas. Além disso, o banco de dados é constituído por adultos maduros que já exerciam plenamente a sua atividade profissional e por sujeitos aposentados ou em final de carreira (ARAÚJO, 2000).

Sobre a seleção dos informantes do PORCUFORT, Araújo, Viana e Pereira (2018) explicam que eles foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- a) São indivíduos nascidos em Fortaleza ou cearenses que vieram para esta capital com até 5 anos de idade;
- b) Pouco se afastaram da capital cearense, mas quando o fizeram foi por um período igual ou inferior a dois anos seguidos;
- c) Possuem residência fixa em Fortaleza;
- d) Possuem pais cearenses;
- e) Possuem nível superior.

Em linhas gerais, o PORCUFORT é composto por 74 informantes, devidamente estratificados segundo o *Sexo* (homens e mulheres), a *Faixa etária* (I: 22-35; II: 35-55 e III: 56 anos em diante) e o *Tipo de inquérito* (DID, D2 e EF). Além disso, o PORCUFORT é o único banco de dados sobre o falar culto de Fortaleza, construído na perspectiva sociolinguística do qual dispomos³⁸ (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018a). Esse último aspecto certamente confere ao PORCUFORT ainda mais notoriedade no cenário dos estudos variacionistas realizados no estado cearense. Sobre a distribuição dos informantes do

³⁸ Sob a coordenação das pesquisadoras Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo e Profa. Ma. Rakel Beserra de Macêdo Viana e com o auxílio de outros pesquisadores, dentre os quais a autora desta tese está incluída, há o Projeto PORCUFORT – fase II que está sendo construído. O referido Projeto conta com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e deve ser concluído até o ano de 2022. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista, o PORCUFORT – fase II, segundo suas idealizadoras, possibilitará descrever e analisar, em tempo real e em tempo aparente, fenômenos variáveis nos diferentes níveis de análise linguística (do fonético-fonológico ao discursivo) e que constituem a variedade culta falada em Fortaleza.

PORCUFORT, frisamos que ela pode ser mais bem apreendida a partir das informações do Quadro 6:

Quadro 6 – Distribuição dos informantes do Projeto PORCUFORT segundo o *sexo*, a *faixa etária* e o *tipo de inquérito*

Faixa etária	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	Tipo de inquérito					
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
I: (22-35)	6	4	3	4	8	4
II: (36-55)	6	4	5	5	4	3
III: (56 em diante)	6	3	2	3	3	0
Total	18	12	10	12	14	07

Fonte: Elaborado pela autora com base em Araújo, Viana e Pereira (2018a, p. 182).

Além do número de inquéritos por célula, que varia entre 0 e 6, vemos que os informantes do PORCUFORT estão devidamente estratificados socialmente de acordo com o *Sexo* (homens e mulheres); a *Faixa etária* (Faixa I: 22-35 anos; Faixa II: 36-55 anos; Faixa III: 56 em diante) e o *Tipo de inquérito* (DID, D2 e EF), conforme já sinalizamos. Juntos, esses fatores constituem o conjunto de variáveis extralinguísticas controladas no PORCUFORT. No que concerne às variáveis independentes controladas na pesquisa, frisamos que tornamos a abordá-las de modo mais detido na subseção 5.5.2.2.

A partir de um recorte no quadro geral dos inquéritos que constituem o PORCUFORT, selecionamos os informantes que compõem a amostra de variedade culta de Fortaleza analisada nesta pesquisa. Ao todo, consideramos um total de 34 informantes distribuídos nos inquéritos do tipo DID, D2 e EF. Os informantes foram divididos não apenas conforme o *Tipo de inquérito*, mas também de acordo com suas respectivas estratificações sociais, conforme o Quadro 7:

Quadro 7 – Distribuição dos informantes do PORCUFORT de acordo com o Sexo, a Faixa etária e o Tipo de inquérito, na amostra desta pesquisa

Registro	Sexo					
	Homens			Mulheres		
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
Faixa etária						
I (22-35 anos)	2	2	2	2	2	2
II (36-49)	2	2	2	2	2	1
III (a partir de 50 anos)	2	2	2	2	2	1

Fonte: Elaborado pela autora com base em Araújo (2000, p. 43).

A partir das informações contidas no Quadro 7, vemos que foram alocados 2 informantes por célula, na amostra do PORCUFORT construída especificamente para este estudo. Isso tornou possível a construção de uma amostra de fala quase que totalmente equilibrada. Contudo, para as células *informante mulher, faixa etária II do EF* e *informante mulher, faixa etária III do EF*, selecionamos apenas uma informante para cada célula. Como explicação para essa tomada de posição metodológica, pontuamos que, no caso da célula *informante mulher, faixa etária II do EF*, sabemos que, originalmente, dispomos de 2 inquéritos. Contudo, a audição desses inquéritos revela que um deles está com sua qualidade auditiva bastante comprometida, fato que dificulta consideravelmente a coleta dos dados. Assim, para a referida célula, nos restou 1 inquérito.

No que concerne à célula *informante mulher, faixa etária III do EF* não dispomos originalmente de nenhum inquérito. Todavia, reorganizando as faixas etárias e, ao invés de considerarmos, para a faixa III, informantes com mais de 56 anos (*Cf.* Quadro 5), considerarmos informantes com mais de 50 anos (*Cf.* Quadro 6), localizamos um inquérito que preenche a célula *informante mulher, faixa etária III do EF*.

Com esses ajustes, foi possível construir uma amostra não apenas balanceada, mas também que permite testar os três diferentes tipos de registros, no PORCUFORT, como propomos para a variável extralinguística *Tipo de inquérito*. Importante colocar que o fato de termos 1 informante para as células *informante mulher, faixa etária II do EF* e *informante mulher, faixa etária III do EF*, ao invés de 2 informantes como nas demais, não compromete a análise estatística da amostra. Afinal, o GoldVarb X permite que trabalhem até mesmo com células vazias (GUY; ZILLES, 2007).

À primeira vista, a consideração de 2 informantes³⁹ – salvo os casos em que temos 1 informante por célula – pode parecer um número pequeno, já que em uma pesquisa variacionista busca-se trabalhar com uma grande quantidade de dados e o mais recomendado é que tenhamos 5 informantes por célula (TARALLO, 1985). Contudo, pontuamos que cada inquérito selecionado possui, aproximadamente, 50 minutos de fala gravada⁴⁰, tempo considerável para a obtenção de um expressivo número de ocorrências de variação na CV com a 3pp, tal como veremos na seção dedicada aos *Resultados*. Dito isso, vejamos o Quadro 8:

³⁹ No caso dos D2, em que temos o diálogo entre 2 informantes, consideramos apenas as falas do informante que atendia às estratificações sociais da célula. A distinção entre informante 1 e 2, nos D2, foi assegurada, ainda mais, pela consideração não apenas dos áudios, mas, também, das transcrições dos inquéritos.

⁴⁰ Esse tempo, contudo, não se aplica aos inquéritos do tipo EF, pois, em linhas gerais, esse tipo de inquérito compreende 30 a 40 minutos.

Quadro 8 - Detalhamento dos informantes do PORCUFORT selecionados para esta pesquisa

Tipo e número do inq.	Sexo	Faixa etária	Atividade/profissão	Bairro
DID 01	Homem	Faixa I (22-35 anos)	Médico	Aldeota
DID 21	Homem	Faixa I (22-35 anos)	Terapeuta ocupacional	Centro
DID 08	Homem	Faixa II (36-49 anos)	Professor universitário	Fátima
DID 10	Homem	Faixa II (36-49 anos)	Professor universitário	Fátima
DID 15	Homem	Faixa III (a partir de 50 anos)	Administrador	Dionísio Torres
DID 22	Homem	Faixa III (a partir de 50 anos)	Aposentado/Professor do ensino básico/diretor escolar	Parquelândia
DID 06	Mulher	Faixa I (22-35 anos)	Professora do ensino básico	Bela Vista
DID 31	Mulher	Faixa I (22-35 anos)	Dentista	Centro
DID 09	Mulher	Faixa II (36-49 anos)	Professora do ensino básico	Álvaro Weyne
DID 12	Mulher	Faixa II (36-49 anos)	Professora do ensino básico	Aldeota
DID 13	Mulher	Faixa III (a partir de 50 anos)	Aposentada/Funcionária pública federal	Parquelândia
DID 23	Mulher	Faixa III (a partir de 50 anos)	Aposentada/Professora do ensino básico	Messejana
D2 11	Homem	Faixa I (22-35 anos)	Comerciante/Veterinário (Inf. 01)	Aldeota
D2 28	Homem	Faixa I (22-35 anos)	Professor Universitário (Inf. 01)	Benfica
D2 30	Homem	Faixa II (36-49 anos)	Técnico Operacional (Inf. 01)	Papicu
D2 34	Homem	Faixa II (36-49 anos)	Professor de Ensino Básico (Inf. 01)	São Gerardo
D2 11	Homem	Faixa III (a partir de 50 anos)	Advogado (Inf. 02)	Aldeota
D2 48	Homem	Faixa III (a partir de 50 anos)	Aposentado/Professor de Ensino Básico (Inf. 02)	Benfica
D2 02	Mulher	Faixa I (22-35 anos)	Arquiteta (Inf. 01)	Aldeota
D2 30	Mulher	Faixa I (22-35 anos)	Técnico Operacional (Inf. 02)	Varjota
D2 07	Mulher	Faixa II (36-49 anos)	Pedagoga (Inf. 02)	Centro
D2 26	Mulher	Faixa II (36-49 anos)	Secretária (Inf. 01)	Jardim Iracema
D2 33	Mulher	Faixa III (a partir de 50 anos)	Aposentada/Professora Universitária (Inf. 01)	São João do Tauape
D2 39	Mulher	Faixa III (a partir de 50 anos)	Funcionária Pública Federal (Inf. 01)	Monte Castelo
EF 17	Homem	Faixa I (22-35 anos)	Professor de Ensino Básico	Cidade dos Funcionários
EF 54	Homem	Faixa I (22-35 anos)	Professor Universitário/Engenheiro Mecânico	Fátima
EF 19	Homem	Faixa II (36-49 anos)	Médico Psiquiatra	Aldeota
EF 52	Homem	Faixa II (36-49 anos)	Professor do Ensino Básico	Piedade
EF 114	Homem	Faixa III (a partir de 50 anos)	Professor Universitário	Parquelândia
EF 214	Homem	Faixa III (a partir de 50 anos)	Professor Universitário	Messejana
EF 25	Mulher	Faixa I (22-35 anos)	Professora Universitária	Aldeota
EF 35	Mulher	Faixa I (22-35 anos)	Professora de Ensino Básico	Parque São José
EF 18	Mulher	Faixa II (36-49 anos)	Professora Universitária	Meireles

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas linhas que correspondem à primeira coluna do Quadro 8, destacamos os números e os tipos de inquéritos do PORCUFORT que usamos neste trabalho. Com isso, reafirmamos o fato de termos trabalhado com inquéritos do tipo DID, D2 e EF. De modo mais específico, trabalhamos com 12 inquéritos do tipo DID, 12 inquéritos do tipo D2 e 09 inquéritos do tipo EF. Sobre os *Tipos de inquéritos*, é importante compreender que cada um desses inquéritos compreende diferentes situações de fala que mudam, sobretudo, de acordo os diferentes graus de formalidade e informalidade das situações de fala. Esses dois aspectos, conforme discutiremos mais adiante, envolvem diferentes ‘assuntos’, ‘sujeitos’, ‘graus de parentesco’ entre outros aspectos e podem fazer com que os informantes prestem mais ou menos atenção a sua fala. Esse fato pode aumentar ou diminuir a frequência de uso de determinadas variantes linguísticas.

Nas linhas que compreendem a segunda coluna do Quadro 8, destacamos especificamente as faixas etárias de cada um dos informantes. Segundo a *Faixa etária*, selecionamos 12 informantes da faixa I, 11 informantes da faixa II e 10 informantes da faixa III. A *Faixa etária* é outro ponto importante da estratificação dos informantes e que também aparece devidamente especificada no Quadro 8. Assim, em conformidade com o que já dissemos a esse respeito, em outros momentos deste texto, os informantes do PORCUFORT e que compõem a amostra desta pesquisa estão estratificados em três faixas etárias distintas. Em primeiro lugar, a divisão dos informantes por faixa etária é um princípio que facilitar a análise variacionista desta categoria. Em segundo, a consideração da *Faixa etária* nos permite compreender melhor como as diferenças no comportamento linguístico dos falantes se caracterizam conforme as suas diferentes faixas etárias.

Na coluna 3, demos espaço para a especificação do *Sexo* dos informantes. Aqui, trabalhamos com 18 informantes do sexo masculino e 16 informantes do sexo feminino. Na estratificação dos sujeitos de acordo com o *Sexo* é importante destacar que foram levadas em consideração apenas questões que compreendem as distinções biológicas que caracterizam os seres humanos. Ou seja, na construção do PORCUFORT, os sujeitos foram estratificados, segundo o sexo, em homens e mulheres. Assim, não foram feitas considerações relativas à questão de gênero, aspecto que vem recebendo mais atenção dos variacionistas, atualmente, mas que não foi considerado quando da construção do PORCUFORT.

Já na coluna 4, destacamos as profissões ou ocupações que cada informante exercia na época em que foi entrevistado para a composição do PORCUFORT. Esse também é um aspecto importante que caracteriza os informantes. Ainda que a profissão não figure como uma variável extralinguística controlada neste estudo, compreendemos que esse pode

ser um aspecto da identidade social dos informantes que nos ajuda a compreender a realização variável da CV na 3pp, em amostra de linguagem culta falada em Fortaleza, conforme veremos na seção dos Resultados.

Ao todo, os informantes selecionados para compor a amostra deste estudo compreendem: (01) médico; (01) terapeuta ocupacional; (06) professores do ensino superior; (01) administrador; (02) aposentados/professores do ensino básico; (04) professora do ensino básico; (01) dentista (01) aposentada/funcionária pública federal; (01) aposentada/professora do ensino básico; (01) comerciante/veterinário; (02) técnicos operacionais; (01) advogado; (01) arquiteta; (01) pedagoga; (01) secretária; (01) aposentada/professora do ensino superior; (01) funcionária pública federal; (01) médico psiquiatra; (02) professores do ensino básico e (02) professoras universitárias. Vemos, com isso, que a grande maioria dos informantes selecionados exerciam profissões que gozam de notório prestígio social na sociedade brasileira, caso de advogados, terapeuta ocupacional, arquitetos, médicos dentre outros.

Na coluna 5, destacamos os bairros em que residiam os informantes quando foram entrevistados. Sobre a localização geográfica desses sujeitos, pontuamos, conforme o Quadro 8, que contamos com informantes residentes no bairro Aldeota; Centro; Fátima; Dionísio Torres; Parquelândia; Bela Vista; Álvaro Weyne; Messejana; Benfica; Papicu; São Geraldo; Varjota; Jardim Iracema; São João do Tauape; Monte Castelo; Cidade dos Funcionários; Piedade; Porque São José e bairro Meireles.

À guisa de conclusão desta subseção, pontuamos que, além desta tese, o Projeto PORCUFORT tornou possível a realização de muitas outras pesquisas acerca dos mais diferentes fenômenos de variação linguística na norma culta de Fortaleza. Dentre os diversos trabalhos realizados até aqui, destacamos o estudo de Cardoso (2010), sobre o imperativo gramatical a partir do gênero e identidade no contato linguístico de fortalezenses com a fala brasiliense; Carmo e Araújo (2015), a respeito da variação entre os verbos *botar* e *colocar*; Carvalho, Araújo e Neto (2017), sobre a variação entre o presente do subjuntivo com o presente do indicativo; Cavalcante (2002), acerca dos demonstrativos e seus usos, numa perspectiva diferente da variacionista, mas com dados do banco de dados do PORCUFORT; Gondim (2011), sobre a realização dos clíticos; Pinheiro (2014); Rodrigues (2018), sobre a realização variável de fricativas; Viana (2018), a respeito dos verbos existenciais; Guimarães (2019), acerca das formas de tratamento; Carvalho, Freitas e Favacho (2020), sobre a realização variável dos pronomes *nós* e *a gente*, dentre outros.

5.4.2 NORPOFOR e a amostra desta pesquisa

A segunda amostra de fala analisada nesta pesquisa é oriunda do Projeto NORPOFOR. Desenvolvido entre os anos de 2003 a 2006, o NORPOFOR teve a sua frente a professora Dra. Aluiza Alves de Araújo. Segundo Araújo (ARAÚJO, 2007, p. 57), o NORPOFOR foi elaborado com o intuito de “armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses”. Hoje, o NORPOFOR pode ser apontado como o banco de dados sobre a variedade popular falada em Fortaleza mais atual do qual dispomos (ARAÚJO, VIANA; PEREIRA, 2018b).

Com base nos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista, o Projeto NORPOFOR conta com uma significativa quantidade de informantes: 197, ao todo. Esses sujeitos estão devidamente estratificados segundo o *Sexo* (homens e mulheres); a *Faixa etária* (I: 15-25; II: 26-49 e III: 50 a partir de 50 anos); a *Escolaridade* (I: 0-4 anos; II: 5-8 anos e III: 9-11 anos) e o *Tipo de inquérito* (DID, D2 e EF).

Os informantes do NOPOFOR provêm de 25 bairros de Fortaleza, distribuídos entre as seis regionais da capital cearense, o que nos proporciona, embora de forma desigual, uma representação geográfica de Fortaleza. A maior parte dos informantes selecionados residia, quando da realização das entrevistas, em bairros pertencentes ao setor oeste da cidade, cuja renda média por pessoa, de acordo com o censo de 2000 do IBGE, é significativamente baixa (entre R\$ 239,25 e R\$ 349,74). Por essa razão e, também, considerando fatores como a profissão dos informantes; a de seu cônjuge (quando havia); a profissão de seus pais, bem como a quantidade de filhos de cada um, Araújo (2011) afirma que os informantes do Projeto possuem baixo nível socioeconômico.

Sobre a distribuição geral dos informantes do NORPOFOR, vejamos o Quadro 9:

Quadro 9 - Distribuição dos informantes do Projeto NORPOFOR segundo o *Sexo*, a *Faixa etária*, o *Tipo de inquérito* e a *Escolaridade*

		Gênero/Sexo ⁴¹																	
		Masculino									Feminino								
Registro		DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade	Faixa etária	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
		I		5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0
II		4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III		5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1

Fonte: Araújo (2011, p. 839).

Conforme o Quadro 9, o número de informantes por células do NORPOFOR varia entre 0 e 6. Além disso, os sujeitos que fazem parte do Projeto estão devidamente estratificados socialmente de acordo com o *Sexo* (homens e mulheres); a *Faixa etária* (Faixa I: 12-25 anos; Faixa II: 26-49 anos; Faixa III: a partir de 50 anos), o *Tipo de inquérito* (DID, D2 e EF) e a *Escolaridade* (A: 0-4 anos; B: 5-8 anos e 11 anos de escolarização). Esses fatores constituem o conjunto de variáveis extralinguísticas que foram consideradas pelos pesquisadores e pesquisadoras envolvidos(as) com a elaboração do Projeto NORPOFOR. Interessante destacar que, com exceção do nível de *Escolaridade* e algumas poucas distinções na *Faixa etária*, as variáveis extralinguísticas consideradas no NORPOFOR são praticamente as mesmas do PORCUFORT.

Sobre os critérios adotados para a seleção dos informantes que compõem o NORPOFOR, destacamos que eles também são bem semelhantes aos critérios adotados no PORCUFORT. De modo mais preciso, Araújo (2011) explica que, durante a construção do NORPOFOR, foram adotados os seguintes critérios:

- a) Os falantes deveriam ter nascido em Fortaleza ou deveriam residir na capital cearense desde os 5 anos de idade;

⁴¹ Na origem do NORPOFOR, é usado o termo 'gênero'. Contudo, ainda que o termo 'gênero' tenha sido empregado, trabalhou-se apenas com distinções biológicas quando da consideração desse ponto de estratificação social dos informantes. Assim, nesta pesquisa, optamos por usar o termo *Sexo*.

- b) Possuir pais fortalezenses;
- c) Nunca ter se ausentado da capital por mais de dois anos consecutivos (ARAÚJO, 2011).

Esses cuidados foram adotados com o intuito de neutralizar, ao máximo, possíveis influências de falares representativos de outras localidades sobre o comportamento linguístico dos informantes selecionados para a realização dos Projeto NORPOFOR.

Diante disso, ressaltamos que a similaridade entre os procedimentos adotados na construção dos *corpora* pode facilitar, na medida do possível, a comparação entre os resultados obtidos (FREITAG, 2014). Naturalmente que, para a elaboração do PORCUFORT, foram considerados somente falantes com ensino superior completo. Já no NORPOFOR, os informantes são divididos, segundo a escolaridade, em três níveis diferentes, conforme vimos anteriormente.

Sobre a intenção de estabelecer comparações entre os resultados obtidos para os dados do PORCUFORT e NORPOFOR, reforçamos que esse cotejamento é feito com o propósito de analisar de que maneiras o comportamento variável da CV na 3pp se aproxima e/ou se distancia em amostras de linguagem culta e popular representativas da capital cearense. A esse respeito, tornamos a dizer que a tese levantada inicialmente é a de que, no contexto desta pesquisa, as diferenças entre as normas culta e popular faladas em uma das maiores metrópoles do Brasil, quanto à variação na CV com 3pp, apresentam suas devidas particularidades, mas também se aproximam de maneira notável.

Tal como nos dados do PORCUFORT, ao adotarmos o Projeto NORPOFOR efetuamos um recorte no quadro geral dos informantes que o compõem, a fim de construir nossa amostra. Logo, para este estudo, consideramos a fala de 35 informantes do NORPOFOR. Juntos, esses sujeitos compõem a amostra da variedade popular fortalezense analisada nesta pesquisa.

Sobre a distribuição dos informantes do NORPOFOR, selecionados para este estudo, vejamos o Quadro 10:

Quadro 10 – Distribuição dos informantes do NORPOFOR por Sexo, Faixa etária e Tipo de inquérito, na amostra desta pesquisa

		Sexo			
		Homens		Mulheres	
Registro	Faixa etária	DID	D2	DID	D2
	I (15-25 anos)	3	3	3	2
	II (26-49anos)	3	3	3	3
	III (a partir de 50 anos)	3	3	3	3

Fonte: Elaborado pela autora com base em Araújo (2000, p. 43).

Os dados do Quadro 10 mostram que selecionamos 35 inquéritos dos tipos DID e D2 para comporem a amostra de fala representativa da norma popular de Fortaleza, analisada neste estudo. Destacamos que, na amostra do NORPOFOR, não trabalhamos com inquéritos do tipo EF, tal como fizemos na amostra do PORCUFORT. Optamos por descartar os inquéritos do tipo EF, no NORPOFORT porque o quadro geral desse Projeto (Cf. Quadro 8), mostra que há muitas células vazias no EF, sobretudo, no quadro referente às informantes do *Sexo* feminino.

Isso se deve, conforme Araújo, Viana e Pereira (2018a), ao fato de que, mesmo na década de 2000, era muito difícil encontrar mulheres de diferentes faixas etárias, com pouca escolaridade, discursando em situações de interação com alto grau de monitoramento linguístico. Esse fato levou os organizadores e organizadoras do NORPOFOR a desistirem da procura por informantes com tal perfil social.

Por essa razão, não foi possível testar, nesta pesquisa, a possível atuação de diferentes tipos de registros sobre a variação na CV com a 3pp, em amostra de linguagem falada e popular da capital cearense. Todavia, acreditamos que trabalhar com dados oriundos dos inquéritos do tipo D2 e DID pode nos oferecer um panorama interessante acerca do comportamento variável do referido fenômeno, em inquéritos nos quais o grau de monitoramento linguístico transita entre pouco monitorado (D2) e mais ou menos monitorado (DID).

Ainda de acordo com as informações do Quadro 10, pontuamos que, para o NORPOFOR, selecionamos 2 inquéritos para as informantes com o seguinte perfil: *informante do sexo feminino, faixa etária I (15-25 anos), tipo de inquérito D2*. Como justificativa para a seleção de 2 inquéritos na referida célula, ao invés de 3, como ocorre nas

demais, pontuamos que, no quadro geral do Projeto NORPOFOR, só dispomos de 2 inquéritos para as informantes com o referido perfil social.

Outro ponto que se faz necessário destacar compreende o fato de termos selecionado apenas informantes com *Escolaridade* entre 0-4 anos, para a amostra do NORPOFOR. Essa tomada de posição metodológica nos fez, portanto, descartar os informantes representativos dos outros dois níveis de escolaridade (5-8 anos e até 11 anos) considerados pelos(as) organizadores(as) do Projeto NORPOFOR. Como justificativa para essa opção, destacamos que, ao trabalhar apenas com informantes que possuem de 0-4 anos de escolarização, acreditamos que nos aproximamos mais da noção de norma popular defendida pela grande maioria dos sociolinguistas, conforme discutimos na seção 4.2.

Somando-se aos aspectos já mencionados, vale conferir as informações do Quadro 11. Nele, detalhamos outros aspectos da identidade social dos informantes que julgamos de suma importância para a compreensão dos resultados obtidos em amostra de linguagem popular sobre o comportamento variável da CV na 3pp, na capital cearense.

Quadro 11 - Detalhamento dos informantes do NORPOFOR selecionados para esta pesquisa

Tipo número e do inq.	Sexo	Faixa etária	Atividade/profissão	Bairro
DID 36	Homem	Faixa I: 15-25 anos	Estudante	Farias Brito
DID 150	Homem	Faixa I: 15-25 anos	Garçom	José Walter
DID 161	Homem	Faixa I: 15-25 anos	Servente de pedreiro/Carvoeiro	Castelão
DID 84	Homem	Faixa II: 26-49 anos	Estofador	Conjunto Ceará
DID 104	Homem	Faixa II: 26-49 anos	Pedreiro	Rodolfo Teófilo
DID 103	Homem	Faixa II: 26-49 anos	Zelador/serviços gerais	Messejana
DID 19	Homem	Faixa III: a partir de 50 anos	Vigilante	Messejana
DID 95	Homem	Faixa III: a partir de 50 anos	Aposentado/Vigilante	Aerolândia
DID 113	Homem	Faixa III: a partir de 50 anos	Vendedor	Dionísio Torres
DID 09	Mulher	Faixa I: 15-25 anos	Prendas do lar	Santo Amaro
DID 18	Mulher	Faixa I: 15-25 anos	Estudante	Messejana
DID 70	Mulher	Faixa I: 15-25 anos	Desempregada/capoeirista	São Cristóvão
DID 10	Mulher	Faixa II: 26-49 anos	Empregada doméstica	Bom Jardim
DID 31	Mulher	Faixa II: 26-49 anos	Prendas do lar	Esplanada Castelão
DID 86	Mulher	Faixa II: 26-49 anos	Prendas do lar	Conjunto Ceará
DID 06	Mulher	Faixa III: a partir de 50 anos	Prendas do lar	Cristo Redentor
DID 57	Mulher	Faixa III: a partir de 50 anos	Prendas do lar	Jockey Clube
DID 126	Mulher	Faixa III: a partir de 50 anos	Costureira	Maraponga
D2 37	Homem	Faixa I: 15-25 anos	Pelador	Messejana
D2 108	Homem	Faixa I: 15-25 anos	Serviços gerais	Quintino Cunha
D2 153	Homem	Faixa I: 15-25 anos	Balconista	Parque São José
D2 37	Homem	Faixa II: 26-49 anos	Pelador	Messejana
D2 52	Homem	Faixa II: 26-49 anos	Vigilante	Parque São João
D2 94	Homem	Faixa II: 26-49 anos	Pedreiro	Barra do Ceará
D2 106	Homem	Faixa III: a partir de 50 anos	Aposentado	Messejana
D2 132	Homem	Faixa III: a partir de 50 anos	Operário	Otávio Bonfim
D2 152	Homem	Faixa III: a partir de 50 anos	Comerciante	Antônio Bezerra
D2 118	Mulher	Faixa I: 15-25 anos	Estudante	Monte Castelo
D2 139	Mulher	Faixa I: 15-25 anos	Doméstica	Alto Alegre
D2 114	Mulher	Faixa I: 15-25 anos	Estudante	Serrinha
D2 125	Mulher	Faixa II: 26-49 anos	Aposentada	Parquelândia
D2 129	Mulher	Faixa II: 26-49 anos	Merendeira escolar	Parquelândia
D2 93	Mulher	Faixa III: a partir de 50 anos	Lavadeira	Álvaro Weyne
D2 114	Mulher	Faixa III: a partir de 50 anos	Prendas do lar	Serrinha
D2 156	Mulher	Faixa III: a partir de 50 anos	Bordadeira	Praia do Futuro

Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 11, destacamos de modo específico em qual tipo de inquérito os informantes da amostra deste estudo estão alocados. Reafirmamos, assim, que trabalhamos com inquéritos do tipo DID e D2, em amostra da variedade popular de Fortaleza. Ao todo, foram selecionados 19 inquéritos do tipo DID e 17 do tipo D2. Ainda nas subseções que

compreendem a Metodologia desta tese, tornamos a discutir quais aspectos caracterizam os diferentes tipos de inquéritos que compõem NORPOFORT.

Lembramos que, tal como ocorre no Projeto PORCUFORT, a variável *Tipo de inquérito* foi controlada, no Projeto NORPOFOR, com o intuito elementar de possibilitar aos pesquisadores e as pesquisadoras analisarem como os diferentes graus de formalidade e informalidade podem exercer algum tipo de pressão sobre os mais diversos fenômenos de variação linguística. E, no caso deste trabalho, tanto em amostra de variedade culta quanto popular falada em Fortaleza, verificamos como diferentes tipos de inquéritos atuam ou não sobre o comportamento variável da CV na 3pp.

Com base nas informações do Quadro 11, constatamos, tal como já nos referimos, que um traço da identidade social dos informantes devidamente controlado é o *Sexo*. A partir dessa variável, selecionamos para nossa amostra um total de 18 informantes do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Quanto à *Faixa etária*, contamos com 12 sujeitos da faixa I (15-25 anos); 11 informantes da faixa II (26-45) e 13 da faixa III (a partir de 50 anos), entre homens e mulheres.

Tomamos, também, o cuidado de destacar as profissões ou atividades exercidas por cada um dos informantes selecionados. Sobre esse aspecto, pontuamos, conforme o Quadro 11, que a amostra de variedade popular falada pelos fortalezense e analisada aqui é constituída por: (04) estudantes⁴²; (01) garçom; (01) servente de pedreiro/carvoeiro; (01) estofador; (02) pedreiros; (02) zeladores/serviços gerais; (01) vigilante; (01) aposentado/vigilante; (01) vendedor; (06) prendas do lar; (01) desempregada/capoeirista; (01) empregada doméstica; (01) costureira; (02) peladores; (01) balconista; (01) vigilante; (01) aposentado; (01) operário; (01) domestica; (01) aposentada; (01) merendeira escolar; (01) lavadeira e (01) bordadeira.

No que tange à localidade, os informantes da amostra representativa da norma popular fortalezense são residentes nos seguintes bairros: Farias Brito; José Walter; Castelão; Conjunto Ceará; Rodolfo Teófilo; Messejana; Aerolândia; Dionísio Torres; Santo Amaro; São Cristóvão; Bom Jardim; Esplanada Castelão; Cristo Redentor; Jockey Clube; Maraponga;

⁴² Sobre o fato de contarmos com estudantes em uma amostra de variedade popular, lembramos que, no NORPOFOR, os sujeitos foram estratificados, segundo a escolaridade, em: A: 0-4 anos; B 5-8 anos e C: até 11 anos. Logo, no âmbito da escolaridade A – única considerada nesta pesquisa – é possível encontrar sujeitos que, apesar da idade avançada (15-25 anos), procuravam se inserir nos grandes bancos escolares quando foram entrevistados. Esse é, por exemplo, o caso dos 4 estudantes que podem ser localizados na amostra desta tese, para dados do NORPOFOR. Sobre esse ponto, Araújo (2007, p. 55) explica que a escolaridade A (0-4 anos) “abrange tanto os informantes que nunca frequentaram a escola quanto os que possuem o antigo primário completo ou incompleto”.

Quintino Cunha; Parque são José; Barra do Ceará; Otávio Bonfim; Antônio Bezerra; Monte Castelo; Alto Alegre; Serrinha; Parquelândia e Praia do Futuro.

Tanto para o detalhamento dos informantes que compõem a amostra do PORCUFORT quanto do NORPOFOR, informações referentes às profissões e bairros em que residiam os informantes foram obtidas a partir do acesso as suas fichas pessoais. Tendo em vista a preservação das identidades de cada um dos informantes, não anexamos essas fichas a esta tese. De todo modo, cabe salientar que todas as fichas se encontram sob os cuidados da Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo. A ela agradecemos por nos permitir ter acesso a tais fichas, pois, a partir das informações acerca dos perfis sociais dos informantes contidas nas fichas, é possível compreender melhor os resultados numéricos aos quais chegamos, conforme veremos na seção dos Resultados.

Assim como o Projeto PORCUFORT, o NORPOFOR também figura como uma significativa fonte de dados para a realização de pesquisas sobre o fenômeno da linguagem, no caso desse último Projeto, fenômenos que compreendem a norma popular de Fortaleza. Logo, é possível encontrar uma série de outros trabalhos tanto em nível de graduação como de pós-graduação, realizados com base em dados extraídos do NORPOFOR, e que abordam diferentes fenômenos de variação linguística. Esse fato comprova, portanto, a inestimável relevância do Projeto NORPOFOR para o cenário acadêmico cearense.

Dentre os diversos estudos já realizados com base em dados do NORPOFOR, destacamos a pesquisa de Maia (2011), sobre a concordância verbal com nomes coletivos; Rodrigues (2013), acerca do enfraquecimento de fricativas; Guimarães (2014), sobre as formas de tratamento; Souza (2015), a respeito dos verbos existenciais; Cysne (2016), sobre a monotongação do ditongo [ej]; Pereira (2016), sobre a concordância verbal com a 3pp; Santos (2016), a respeito das negativas e Furtado (2016), acerca da concordância de número em predicativos do sujeito.

5.5 Variáveis controladas

5.5.1 Variável dependente

A variável dependente deste estudo é binária, isto é, comporta duas variantes linguísticas. Na primeira, há o uso de marcas formais⁴³ de pluralidade no verbo, assinalando,

⁴³ Por ‘marcas formais’, entendemos a marcação de pluralidade presente tanto no sintagma nominal como verbal imposta pela tradição normativa.

assim, a CV na 3pp. Na segunda forma variante, por sua vez, não ocorre o uso de marcas formais de pluralidade nos verbos.

A fim de exemplificar a ocorrência das variantes que compõem a variável dependente desta pesquisa, extraímos algumas ocorrências de inquéritos do PORCUFORT e NORPOFOR, conforme os excertos de 11 a 14:

- (11) Inf.: milhões e milhões de brasileiros sem o que comer na miséria aí **crianças que morre** aí com fome, com falta de atendimento (PORCUFORT: DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (12) Inf.: e **eles fizeram** realmente aquela homenagem né (PORCUFORT: DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (13) Inf.: infelizmente minha filha **os filhos mata** os pais (NORPOFOR: DID 36; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolarização).
- (14) Inf.: mas lá em casa **elas matam** todas as baratas não sobra nenhuma eu acho bom demais sabe (NORPOFOR: DID 36; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolarização).

Sobre o comportamento das variantes linguísticas (com e sem marcas formais de CV na 3pp) que compõem a variável dependente desta pesquisa, ressaltamos que a hipótese inicial é a de que os percentuais de uso da variante com marcas formais de CV na 3pp são maiores que os percentuais de uso da variante sem marcação formal de CV na 3pp, tanto em amostra de fala culta como popular de Fortaleza.

Sobre a expectativa inicial para o comportamento das variantes linguísticas analisadas na amostra de fala culta extraída do PORCUFORT, é importante ressaltar que ela encontra amparo no fato de que, ao longo do quadro de estudos variacionistas sobre a CV na 3pp, apresentado na seção 3 desta tese, verificamos que, para os estudos que consideram falantes com ensino superior completo (OLIVEIRA, 2005; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; ARAUJO, 2014) – como no caso do PORCUFORT – o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp foi maior que a realização da variante sem marcação formal de CV.

A respeito do percentual de uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, nos estudos de Oliveira (2005) (51%), Rubio (2008) (70%), Monguilhott (2009) (80,6%) e Araujo (2014) (93,9%, para a norma culta), isto é, pesquisas que trabalharam com falantes que possuem ensino superior completo, ressaltamos que, com exceção do estudo de Araujo (2014), os demais pesquisadores não compreendem suas amostras como representativas da norma culta de suas respectivas comunidades de fala. Afinal, além de falantes com ensino

superior completo foram considerados sujeitos que possuem outros níveis de escolaridade. Esse último fato certamente pode interferir nos resultados quanto aos percentuais de uso das variantes investigadas, aumentando ou diminuindo sua frequência.

É importante colocar, ainda, que a escolaridade, por si só, não nos parece ser um fator responsável exclusivamente pelo aumento ou diminuição da frequência de uso de determinadas variantes linguísticas. Sobre esse ponto, concordamos com Bortoni-Ricardo (2011) e Lucchesi (2015) ao explicarem que pode haver outros fatores relacionados com o aumento ou diminuição da frequência de uso de determinadas variantes como, por exemplo, a configuração sociohistórica da comunidade de fala.

Para exemplificar o que estamos dizendo, lembramos que, na pesquisa de Gonçalves (2007), na qual também foram considerados falantes com ensino superior completo, além de outros níveis de escolaridade (fundamental e médio), o percentual de uso da variante com marcas de CV (44%) foi inferior ao percentual de uso da variante sem marcação formal de CV na 3pp (66%). Certamente, as explicações para tais resultados só podem ser buscadas em outros fatores referentes à estratificação social dos sujeitos, bem como em aspectos sócio-históricos da comunidade de fala em que a pesquisa foi realizada.

De qualquer maneira, acreditamos que podemos tomar os resultados obtidos por outros pesquisadores (GRACIOSA, 19991; OLIVEIRA, 2005; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; ARAUJO, 2014) para fundamentar a hipótese de que, nos dados do PORCUFORT analisados nesta pesquisa, a variante com marcas formais de CV na 3pp tende a ocorrer com maior frequência do que a forma sem marcas formais de CV na 3pp.

Quanto à hipótese para o comportamento das variantes linguísticas investigadas em amostra de fala popular, isto é, oriunda do NORPOFOR, pontuamos esperamos obter um percentual de uso para a variante com marcação formal de CV na 3pp maior que o percentual da variante sem marcas de CV. Sobre essa premissa, estamos cientes de que, grande parte da literatura pertinente aponta o contrário de nossa hipótese inicial. Ou seja, estudos realizados antes desta tese indicam que, no caso de amostras de variedade de popular, a tendência é a de que a variante sem marcas de CV na 3pp seja usada com maior frequência que a variante com marcas de CV na 3pp.

Nossa opção de não lançarmos mão, nesta tese, da hipótese mais comum para o comportamento das variantes com e sem marcas de CV na 3pp, em amostra de fala popular, encontra amparo em resultados obtidos para esse mesmo fenômeno variável em amostra de fala extraída do NORPOFOR, analisada em pesquisa que realizamos durante o mestrado.

Em termos mais diretos, no estudo de Pereira (2016), acerca da variação na CV com a 3pp, em amostra do NORPOFOR, obtivemos os seguintes percentuais de uso geral para as variantes investigadas: 65,4%, para a variante com marcas de CV na 3pp, e 35,6%, para a variante sem marcas de CV. Com isso, vemos que, no estudo de Pereira (2016), a realização da variante com marcas de CV na 3pp foi superior, em termos numéricos, ao uso da variante sem marcação de CV na 3pp, também em amostra do NORPOFOR.

Evidentemente, há diferenças quanto à constituição da amostra de fala popular analisada em Pereira (2016) e a amostra desta tese. Um exemplo dessas diferenças compreende o fato de que, em Pereira (2016), trabalhamos com informantes com até 11 anos de escolaridade, fato que certamente interfere nos percentuais gerais obtidos para as variantes investigadas.

Cientes desse ponto, também realizamos em Pereira (2016), uma rodada apenas com informantes do NORPOFOR que possuíam de 0-4 anos de escolarização, como ocorre neste trabalho. A rodada feita apenas com informantes do NORPOFOR que possuíam até 4 anos de escolaridade, efetuada em Pereira (2016), revelou que a variante com marcas formais de CV na 3pp tende a ser usada com maior frequência (52,3%) que a variante sem marcas de CV na 3pp (47,7%).

Além de identificar as variantes que compõem o fenômeno variável que analisamos, bem como nossas expectativas iniciais para o comportamento das variantes tanto em amostra de fala culta como popular, um terceiro passo compreende a delimitação dos contextos de CV com a 3pp controlados aqui. Assim, destacamos que trabalhamos com os seguintes casos:

a) Nome substantivo no singular com um ou mais termos determinantes no plural:

- (15) Inf.: **as barraca são** todas bonitinhas, você se sente muito à vontade (PORCUFORT: DID 10; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-55 anos); ensino superior completo).
- (16) Inf.: **os professor precisam** estudar pra dar aula né (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

b) Nome substantivo no plural:

- (17) Inf.: e até **os juízes fecham** os olhos para o que ele faz né (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo);

- (18) Inf.: e **as meninas vai** ficar sozinhas (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

c) Pronomes pessoais eles/elas com referência determinada:

- (19) Inf.: meus irmãos **eles são** quatro mulheres e três homens (PORCUFORT: DID, 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

d) Pronome pessoal eles/elas com referência indeterminada:

- (20) Inf.: sim, às vezes **elas ficava** com uma irmã minha e eu faço questão (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (21) Inf.: **elas vão** exatamente pra des acostumar de mim, pra desapegar um pouco (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

e) Dois ou mais nomes substantivos ou nome substantivo e pronome eles/elas (sujeito composto):

- (22) Inf.: depois de tudo né, é que o **rádio e a televisão divulgaram** muito e tudo (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

f) Outros pronomes (indefinidos/demonstrativos) no plural e referentes à 3pp:

- (23) Inf.: tinha **uns que morava** lá (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (24) Inf.: ai também tinha **aqueles outros que era** tudo lerdo mas **tava** lá toda hora (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

A consideração dos casos supracitados se justifica pelo fato de que, em geral, quando temos a ocorrência desses tipos de SN/sujeito, espera-se que o verbo vá para o plural. Sabemos também que, em casos de SN/sujeito simples no plural, SN/sujeito composto e SN/sujeito composto, por exemplo, as GTs enxergam a CV como obrigatória (BECHARA, 2001). Logo, consideramos os casos em que, para as GTs, o uso de marcas de CV padronizadas é tido como uma regra obrigatória.

Além de delimitar os casos de CV analisados, essa tomada de posição nos permitiu verificar, de modo mais preciso, quais fatores linguísticos e extralinguísticos podem interferir

(ou não) na variação de CV com a 3pp, ao invés de simplesmente tratá-la como um jogo de ‘tudo ou nada’, tal como fazem as GTs.

Sobre o controle das ocorrências do fenômeno investigado, é importante mencionar, ainda, que nem todos os casos de variação na CV com a 3pp foram considerados. Desse modo, não examinamos ocorrências registrados nos contextos seguintes:

a) Formas verbais que no singular e no plural não se distinguem na pronúncia por serem homófonas: *tem/têm, vem/vêm* e derivados:

(25) Inf.: **eles tem** quatro filhos e ela é a mais velha (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(26) Inf.: agora **eles tem** que ter mais objetividade, mais clareza, *tem* se soltar mais pra tentar fazer gol (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) Verbo no plural com casa vazia do sujeito indeterminado (sem referente no trecho da fala do informante). Esse é um contexto em que a marca de plural do verbo seria condicionada não pelo critério sintático (concordância com o sujeito), mas pelo critério semântico (noção de indeterminação do sujeito) (PEREIRA, 2004; MONTE, 2007, 2012):

(27) Inf.: inclusive se **apresentaram** agora no colégio 07 de Setembro (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(28) Inf.: até o ano passado, **estudarU** sim (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(29) Inf.: mas me **diziam** que havia uma semelhança por ali né (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(30) Inf.: não me **perguntaram** se eu tinha feito as cadeiras ou não (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

c) Sujeito representado pelo pronome indefinido ‘tudo,’ remetendo a um SN de 3pp:

(31) Inf.: **tudo lá são** caro demais (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

- d) Sujeito representado por substantivo coletivo no singular que pode desencadear a chamada concordância semântica:

(32) Inf.: o **peçoal de Salvador são** enrolam (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

- e) Sujeito constituído por expressão partitiva (ex: mais da metade, maior parte, boa parte etc.). Para a tradição gramatical, o sujeito formado por expressões partitivas pode levar o verbo tanto para o plural como para o singular. Nestes casos, portanto, a CV é um ponto facultativo (CUNHA; CINTRA, 2013):

(33) Inf.: sem querer ser racista, mas é só negro, **a maioria são** negros, entende, é negro...aqui já existe um peçoal mais desfavorável, mais pobres e sendo de outras cores a gente já não tem aquele medo todo (PORCIFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

5.5.2 Variáveis independentes

Conforme discutimos na seção dedicado ao Quadro teórico da pesquisa, as variáveis independentes ou grupos de fatores são assim denominados porque não dependem de nenhum outro elemento para se realizarem (MOLLICA; BRAGA, 2012). Na verdade, são as variáveis independentes que exercem pressão sobre as variantes linguísticas — que compõem a variável dependente — podendo aumentar ou diminuir frequência de uso de uma ou de outra forma variante (TARALLO, 1985; LABOV, 2008; GUY; ZILLES, 2007; MOLLICA, 2012).

Ao todo, trabalhamos com 7 variáveis independentes de caráter linguístico: *Saliência fônica; Traço semântico do sujeito; Posição e distância entre SN/sujeito e verbo; Tipo estrutural do sujeito; Paralelismo formal no nível oracional; Paralelismo formal no nível discursivo e Presença/ausência do que relativo*. A eleição dessas variáveis tomou como base a observação da literatura pertinente acerca do fenômeno estudado nesta tese (NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981; SCHERRE; NARO, 1997, 1998; ANJOS, 1999; ALMEIDA, 2006; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006; GONÇALVES, 2007; MONTE, 2007, 2012; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; MASCARELLO, 2010; SILVA; SANTOS; SOUZA, 2012; TEIXEIRA; LUCCHESI; MENDES, 2013).

Em outras palavras, ao verificarmos alguns trabalhos sobre a variação na CV de 3pp, constatamos que os grupos de fatores testados nesta tese foram constantemente

apontados como pertinentes para outras pesquisas. Assim, partimos do pressuposto elementar de que, também para esta pesquisa, os grupos de fatores linguísticos selecionados poderiam se mostrar relevantes. De igual modo, os estudos considerados por nós serviram de base não somente para a eleição das variáveis testadas, mas também para a delimitação do conjunto de fatores alocados em cada uma das variáveis independentes. Além disso, a retomada desses estudos auxiliou o levantamento das hipóteses iniciais quanto ao comportamento das variáveis elencadas sobre a variação na CV de 3pp, tanto em amostra de fala culta como popular de Fortaleza. Assim, a partir dos achados de outros pesquisadores do fenômeno, delimitamos as variáveis linguísticas, as hipóteses e os fatores a serem analisados.

No que concerne às variáveis extralinguísticas, trabalhamos com duas de natureza social (*Sexo e Faixa etária*) e uma estilística (*Tipo de inquérito*). A opção de controlar os fatores sociais *Sexo e Faixa etária* encontra amparo na estratificação dos informantes do PORCUFORT e NORPOFOR. Lembramos, ainda, que essas variáveis são constantemente apontadas como pertinentes para o fenômeno em pauta, conforme mostram outras pesquisas de base variacionista (ANJOS, 1999; ALMEIDA, 2006; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006; GONÇALVES, 2007; MONTE, 2007, 2012; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; MASCARELLO, 2010; SILVA; SANTOS; SOUZA, 2012).

Já a seleção da variável estilística *Tipo de inquérito* é justificada não apenas pela distribuição dos informantes no quadro do PORCUFORT e NORPOFORT, mas também em função de algumas lacunas quanto ao controle de variáveis estilísticas verificadas por nós, no quadro dos estudos variacionistas acerca do comportamento variável da CV na 3pp. Isto é, ao fazermos um levantamento dos estudos variacionistas acerca do fenômeno em pauta realizados a partir de outras variedades de fala do PB, constatamos que a variável *Tipo de inquérito* praticamente não foi analisada.

Nas próximas subseções, detalharemos as variáveis independentes que controlamos. De igual maneira, apresentaremos as hipóteses iniciais quanto ao comportamento desses grupos de fatores diante da realização das variantes com marcas formais de CV na 3pp em coocorrência com a variante sem marcação formal de CV na 3pp em dados de fala extraídos dos Projetos PORCUFORT e NORPOFORT.

5.5.2.1 Variáveis linguísticas

Saliência fônica

Com o controle da variável *Saliência fônica*, buscamos analisar a influência (ou não) das diferenciações fônicas entre o plural e o singular das formas verbais sobre a variação na CV com a 3pp. Em outras palavras, analisamos em que medidas, maiores e menores níveis de saliência entre o plural e o singular das formas verbais favorecem e/ou inibem a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, nas amostras de linguagem falada consideradas nesta pesquisa.

Para essa variável, trabalhamos com seis fatores que, por sua vez, foram devidamente alocados em dois grandes níveis (Nível 1 e Nível 2), conforme o modelo proposto por Naro (1981) e, mais recentemente, adotado por Anjos (1999), Monguilhott (2001, 2009), Naro e Scherre (2006), Araujo (2014), Pereira (2016), dentre outros.

Alocamos, assim, as formas com Oposição não acentuada (menos salientes), no Nível 1, e as formas com Oposição acentuada (mais salientes), no Nível 2 da variável *Saliência fônica*:

a) Nível 1: Oposição não-acentuada:

- 1a: Formas que não envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural (consegue/conseguem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem):

- (34) Inf.: mas às vezes **as pessoas não entendem**, não entendem que ela é psiquiatra e tem algumas doenças que ela não pode, né, até vai interferir em outras áreas (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (35) Inf.: **eles pode** é até como é que chama? engolir um ou outro gol (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

- 1b: Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural

(ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam):

- (36) Inf.: **elas gostam** muito de natação (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (37) Inf.: **elas gosta** de pintura e carinho e tudo (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

- 1c: Envolve acréscimo de segmentos na forma plural

(diz/dizem, quer/querem):

(38) Inf.: **elas fazem** é gostar (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(39) Inf.: mas é mais difícil **elas ficar** afastada (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) Nível 2: Oposição acentuada:

- 2a: Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural

(tá/tão, vai/vão, foi/foru):

(40) Inf.: mas **eles vão** fazer mais lá na frente (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(41) Inf.: e **as meninas vai** ficar sozinhas (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

- 2b: Envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural

(bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal):

(42) Inf.: tem um condomínio com piscina e ai **elas aprenderam** rapidamente (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(43) Inf.: sim **elas aprendeu** muita coisa mesmo eu é... disse isso antes (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

- 2c: Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural

(veio/vieram, é/são, disse/disseram):

(44) Inf.: **eles não disseram** nada não (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(45) Inf.: mas é porque **elas são** primas (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

Ao verificar a atuação da variável *Saliência fônica* sobre o comportamento variável da CV na 3pp, com base em dados de fala de 20 estudantes cariocas participantes do antigo Projeto MOBREAL, em um estudo pioneiro, Naro (1981) preconizou que, na oposição singular/plural, as formas verbais mais salientes, isto é, aquelas que apresentam uma maior

diferenciação fônica, tendem a ser mais marcadas formalmente, ao contrário das formas menos salientes. Essa hipótese foi testada e confirmada em Naro (1981), como podemos verificar, na Tabela 1:

Tabela 1 – Resultados referentes aos Níveis 1 e 2 da variável saliência fônica em Naro (1981)

Classificação	Exemplo	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
1A	come/comem	110/755	14,6%	0.11
1B	fala/falam	763/2.540	30,0%	0.26
1C	faz/fazem	99/273	36,6%	0.26
2A	dá/dão	604/927	65,2%	0.58
2B	comeu/comeram	266/365	72,9%	0.60
2C	falou/falaram	1116/1450	80,0%	0.85

Fonte: Elaborado pela autora com base em Naro (1981, p. 77).

Após a comprovação da relevância da variável *Saliência fônica* para a variação na CV com a 3pp, no estudo de Naro (1981), diversos pesquisadores (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; MONTE, 2007, 2012; RUBIO, 2008; ARAUJO, 2014) também passaram a testar a influência da *Saliência fônica* em seus trabalhos a respeito do fenômeno na fala dos brasileiros. De igual modo, muitas pesquisas além de mostrarem a pertinência da *Saliência fônica* têm comprovado que, de fato, nessa variável, a tendência maior é a de que formas verbais mais salientes (Oposição acentuada) beneficiem o uso da variante com marcas de CV na 3pp, ao contrário das formas menos salientes (Oposição não-acentuada).

Seguindo, portanto, a tendência verificada na literatura pertinente, nossa hipótese inicial para a *Saliência fônica* é a de que, também nas amostras de fala extraídas dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, as formas verbais de Oposição acentuada tendem a favorecer o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Traço semântico do SN/sujeito

Além da saliência quanto à oposição singular/plural das formas verbais, a literatura pertinente também mostra que a proeminência do chamado traço semântico do SN/sujeito pode se revelar pertinente para a variação na CV com a 3pp (NARO; SCHERRE, 1998, 1999; ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; OLIVEIRA, 2005; RUBIO, 2008;

MONTE, 2007, 2012). Logo, os estudiosos do fenômeno têm verificado uma relação entre o traço do SN/sujeito e a realização ou não de marcas formais de pluralidade na CV com a 3pp.

Em linhas gerais, os estudos variacionistas que controlaram a variável *Traço semântico do sujeito* (SCHERRE; NARO, 1998; NARO; SCHERRE, 1999; ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; OLIVEIRA, 2005; RUBIO, 2008; MONTE, 2012) mostraram que o “traço [+humano] desempenha um papel importante na concordância verbal. Na língua falada, sujeito [+humano] controla a concordância explícita de plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço [-humano]” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 48).

Diante desse quadro, resolvemos testar a atuação da variável *Traço semântico do SN/sujeito*, a fim de verificarmos se, a exemplo de outras variedades de fala do PB, ela se revela pertinente, também, para a variação na CV com a 3pp em dados do PORCUFORT e NORPOFOR.

Para compor a variável *Traço semântico do SN/sujeito*, adotamos a proposta de Monte (2012), na qual a variável *Traço semântico do SN/sujeito* comporta fatores que compreendem não apenas o traço humano e não-humano, mas também a ‘animacidade’ por acreditarmos – a partir da audição preliminar de alguns inquiridos selecionados – que o modelo de Monte (2012) atende melhor às amostras de falas culta e popular fortalezense construídas para este trabalho.

Assim, nesta tese, a variável *Traço semântico do SN/sujeito* é composta pelos seguintes fatores:

a) SN/sujeito [+humano/+animado]:

(46) Inf.: **as pessoas vão** muito pra ver esses shows e a cidade estava de muito grande (DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(47) Inf.: e **as meninas vai** ficar sozinhas (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) SN/sujeito [-humano/+animado]:

(48) Inf.: **os passarinho cantava** lá o tempo todo (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

c) SN/sujeito [-humano/-animado]:

- (49) Inf.: mas quando **são algumas doenças** e ela pode captar, ela faz e orienta, caso contrário não (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (50) Inf.: **as barraca são** todas bonitinhas, você se sente muito à vontade (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Para o controle da variável *Traço semântico do SN/sujeito*, nossa hipótese inicial é a de que os fatores SN [+humano/+animado] e SN [-humano/+animado] beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário do fator SN [-humano/-animado].

Posição e distância entre SN/sujeito e verbo

Em linhas gerais, sabemos que, no PB, o SN/sujeito apresenta duas possibilidades de uso ou colocação em reação à forma verbal, isto é: o SN/sujeito pode aparecer antes (anteposto) ou depois (posposto) do verbo. Em estudo pioneiro, Lemle e Naro (1977) verificaram que a elementar relação sintática estabelecida entre SN/sujeito e verbo pode exercer influência favorável ou não sobre a manutenção ou apagamento de marcas formais de pluralidade no verbo.

De igual modo, estudos mais recentes (MONGUILHOTT, 2001, 2009; ALVES, 2005; OLIVEIRA, 2005; GONÇALVES, 2007; RUBIO, 2008; PEREIRA, 2016) têm, de fato, apontado a relevância dessa variável, amplamente chamada de *Posição do sujeito em relação ao verbo* para o comportamento variável da CV na 3pp em diferentes variedades de fala do PB. Em linhas gerais, sabemos que o SN/sujeito anteposto tende a favorecer a CV na 3pp. Em contrapartida, quando se encontra posposto ao verbo, a tendência é o não favorecimento da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Partindo da hipótese segundo a qual a posição do SN/sujeito em relação ao verbo pode ser pertinente para o comportamento variável da CV na 3pp, também em dados do PORCUFORT e NORPOFOR, resolvemos testá-la. Além disso, acreditamos que, tal como é mostrado por outros estudiosos do fenômeno (MONGUILHOTT, 2001, 2009; ALVES, 2005; OLIVEIRA, 2005; GONÇALVES, 2007; RUBIO, 2008; PEREIRA, 2016), também nas amostras desta pesquisa, o fator SN/anteposto tende a beneficiar a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto o SN/posposto tende a inibi-la.

Tendo em vista que, na relação entre o SN/sujeito e o verbo (seja no caso da anteposição ou da posposição), é possível outros elementos – fato que acarreta diferentes graus de distanciamento – a análise da distância entre SN/sujeito e verbo é outra questão que tem se mostrado relevante para a variação na CV com a 3pp. Sobre esse último ponto, diferentes estudos mostram que quanto mais próximos estiverem SN/sujeito e verbo, maiores são as chances de a variante com marcas formais de CV na 3pp ser favorecida. Em sentido oposto, quanto mais distantes SN/sujeito e verbo, menor a tendência de ocorrer o emprego de marcas formais de CV na 3pp (NARO, 1981; OLIVEIRA, 2005; NARO; SCHERRE, 1999; 2005; SGARBI, 2006; PEREIRA, 2016).

Acreditando que para esta pesquisa a distância entre SN/sujeito pode ser relevante para a compreensão da CV na 3pp, resolvemos testá-la. Importante colocar que, seguindo a proposta de Naro e Scherre (1999), medimos os diferentes graus de distância entre SN/sujeito e verbo em termos de sílabas.

Cabe mencionar, ainda, que consideramos, também, a proposta de Rubio (2008), já que, ao analisar a atuação da distância entre SN/sujeito e verbo, o referido estudioso toma o cuidado de analisar não apenas o grau de distanciamento entre os SN/sujeito em termos de sílabas — tal como propõem Naro e Scherre (1999) — mas também o posicionamento do SN/sujeito, em uma única variável.

Assim, a variável *Posição e distância entre SN/sujeito*, nesta tese, é composta pelos seguintes fatores:

a) SN/sujeito anteposto próximo (0 a 2 sílabas):

(51) Inf.: a Clarice e a Camile, **elas gosta** muito de estórias assim infantis né assim por causa da idade (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária (II: 36-49 anos); ensino superior completo).

(52) Inf.: é **elas gostam**, daí pra frente (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) SN/sujeito anteposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas):

(53) Inf.: quero que **elas sozinhas tentem** fazer suas próprias providências (PORCUFORT: DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

c) SN/sujeito anteposto distante (a partir de 10 sílabas):

- (54) Inf.: e **as cadeiras** que eu estudei agora é... como é que se diz... **era** de percepção (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

d) SN/sujeito posposto próximo (0 a 2 sílabas):

- (55) Inf.: mas quando **são algumas doenças** e ela pode captar, ela faz e orienta, caso contrário não (PORCUFORT: 08 informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

e) SN/sujeito posposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas):

- (56) Inf.: é porque **ficaram** faltando **três cadeiras** só (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

f) SN/sujeito posposto distante (a partir de 10 sílabas):

- (57) Inf.: **são** novinhas bem novinhas mesmo **as meninas de lá**, 18, 19 anos (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Quanto às expectativas iniciais para o comportamento da variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*, lançamos mão da ideia segundo a qual o fator SN/sujeito anteposto próximo (0 a 2 sílabas) tende a beneficiar a variante com marcas formais de CV. Afinal, tal como apontamos nas considerações acerca da posição do SN/sujeito em relação ao verbo, sabemos que, em posição anterior ao verbo, o SN/sujeito tende a favorecer o uso de marcas formais de CV. De igual maneira, supomos que quanto mais próximos SN/sujeito e verbo, maiores as chances de marcação formal de CV na 3pp.

Tipo estrutural do SN/sujeito

Analisamos, também, a possível influência da variável *Tipo estrutural do SN/sujeito* sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em amostras de fala extraídas dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, pois acreditamos que, assim como ocorre em outros estudos (MONGUILHOTT, 2001; OLIVEIRA, 2005; RUBIO, 2008; MONTE, 2012),

também nesta pesquisa, o *Tipo estrutural do sujeito* pode lançar luz à compreensão do comportamento variável da CV com a 3pp.

Para a análise do *Tipo estrutural do sujeito*, elegemos sete fatores. Cada um deles corresponde a um tipo de sujeito que pode ser verificado na Língua Portuguesa. Ressaltamos que, para o estabelecimento de tais fatores, seguimos basicamente as propostas de análise de Monguilhott (2001, 2009), Rubio (2008) e Monte (2012):

a) SN/sujeito pleno simples:

- (58) Inf.: e até **os juízes fecham** os olhos para o que ele faz né (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (59) Inf.: e **as meninas vai** ficar sozinhas (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) SN/sujeito pleno nu:

- (60) Inf.: lá tem **pessoas que vão** muito pra ver esses shows e a cidade estava de muito grande (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

c) SN/sujeito pleno composto:

- (61) Inf.: depois de tudo né, é que **o rádio e a televisão divulgaram** muito e tudo (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

d) Pronome pessoal (eles/elas):

- (62) Inf.: sim, às vezes **elas ficava** com uma irmã minha e eu faço questão (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (63) Inf.: e **elas passam** dois, três dias por lá (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

e) Pronome demonstrativo:

- (64) Inf.: **aquelas que não eram** muito bons, a gente pensava assim (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

g) Quantificadores indefinidos:

- (65) Inf.: **eram muitos** no local eu me lembro (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

h) Numeral (como núcleo ou adjunto):

- (66) Inf.: como eu disse **são quatro** ne (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49); ensino superior completo).
- (67) Inf.: **era dois** motoristas (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

i) SN/Sujeito nulo:

- (68) Inf.: mas a gente também procura dá muitas opções, liberdades de escolhas para que **elas saibam** o valor digamos dos estudos, **ø saibam** o valor do relacionamento humano, **ø saibam** também que a gente não pode chegar em qualquer lugar e impor o que quer (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (69) Inf.: meu problema é com elas, a gente sempre fala que **elas se dedique**, **ø se esforce**, sem esperar por professor nenhum (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

No que concerne às hipóteses iniciais para o controle da variável *Tipo estrutural do sujeito*, esperamos que o chamado SN pleno nu beneficie a variante com marcas formais de CV na 3pp. Ao defender essa hipótese em sua pesquisa, Monte (2012, p.84) explica que “se o sujeito não se encontra explícito na frase, a flexão não é redundante e tende a ser utilizada”. Em sentido oposto, Monte (2012) atenta que, geralmente, espera-se que o fator pronome pessoal (eles/elas) atue de modo a inibir o uso de marcas de pluralidade, uma vez que a não marcação de pluralidade nas formas verbais é compensada pela presença de tais marcas no SN/sujeito.

Sobre essa hipótese para o comportamento do fator pronome pessoal (eles/elas), é interessante pontuar que ela suscita alguns questionamentos. Afinal, o *Tipo estrutural do sujeito* — assim como praticamente todas as demais variáveis — mantém relações com outras variáveis linguísticas, como o *Paralelismo formal* e a *Posição do SN/sujeito em relação ao verbo*. Sobre o paralelismo, sabemos que há uma tendência no sentido de o uso de marcas explícitas de pluralidade no último elemento do SN favorecer a presença de marcas de plural também no verbo (ANJOS, 1999; ALVES, 2005; RUBIO, 2008; MONTE, 2007). Assim, ao considerar o fator pronome pessoal (eles/elas) na variável *Tipo estrutural do sujeito*, observando-se a questão do paralelismo, seria mais interessante supor que esse fator pode

favorecer o uso da CV, uma vez que as marcas de plural sempre estão presentes no SN/sujeito (MONTE, 2012).

Sobre a relação do fator pronome pessoal (eles/elas) com a *Posição do SN/sujeito em relação ao verbo*, sabemos ainda que, ao estudar a posposição do sujeito em relação ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul, Zilles (2000) controlou a forma de expressão do SN e constatou que os sujeitos de estrutura verbo-sujeito tendem a ser expressos por pronome indefinido ou SN pleno, assegurando uma significativa restrição ao uso de pronome reto posposto. Assim, a posposição tende a restringir o uso de marcas formais de CV e o pronome pessoal (eles/elas) tende a ocorrer em posição anteposta – fato que tende a beneficiar a CV na 3pp.

Diante desse quadro, supomos, portanto, que o fator pronome pessoal (eles/elas), na variável *Tipo estrutural do sujeito*, pode, ao contrário do posicionamento de Monte (2012), revelar-se um aliado da variante com marcas de pluralidade na CV, no universo deste estudo.

Paralelismo formal

No quadro das pesquisas variacionistas (MONGUILHOTT, 2001, 2009; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006; GONÇALVES, 2007; MONTE, 2007, 2012; RUBIO, 2008; ARAUJO, 2014), verificamos que a variável *Paralelismo formal* tanto no nível oracional (marcas no sujeito) como no nível discursivo (marcas no verbo) aparece como uma das mais significativas para a variação na CV com a 3pp.

Em linhas gerais, ao considerar a possível influência do paralelismo no nível oracional, intentamos verificar se a presença de marcas na estrutura do SN/sujeito conduz ou não ao uso de marcas de plural na forma verbal. De igual modo, ao considerar o paralelismo formal no nível discursivo, estamos supondo que o uso de marcas plurais no verbo pode favorecer a presença de tais marcas nos demais verbos em uma construção seriada.

Frisamos que essas hipóteses iniciais estão devidamente fundamentadas nos resultados obtidos por outros pesquisadores (MONGUILHOTT, 2001, 2009; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006; GONÇALVES, 2007; MONTE, 2007, 2012; RUBIO, 2008; ARAUJO, 2014), bem como nos achados de estudos mais clássicos, como Scherre e Naro (1993). De acordo com o posicionamento desses estudiosos, marcas tendem a levar a marcas e zero tende a conduzir a zero.

Dito isto, ressaltamos que, para a análise do *Paralelismo no nível oracional* (marcas no sujeito), consideramos o modelo de análise proposto por Naro e Scherre (1993) e, mais recentemente, por Rubio (2008):

Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)

a) Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep):

(70) Inf.: quero que **elas sozinhas tentem** fazer suas próprias providências (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

(71) Inf.: e **as meninas vai** ficar sozinhas (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep):

(72) Inf.: depois de tudo né, é que **o rádio e a televisão divulgaram** muito e tudo (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

c) Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep):

(73) Inf.: **as ilhas de lá são** lindas tudo (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

d) Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep):

(73) Inf.: **as ilhas de lá são** lindas tudo (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

e) Presença de numeral no último elemento do SN/sujeito:

(75) Inf.: na verdade é... assim... **as quatro moram** aqui (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

f) Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito:

- (76) Inf.: **elas são** as moças de 6, 10 anos sabe (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (77) Inf.: mas é porque **elas são** primas (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

Nível discursivo (marcas no verbo)

Para a análise do *Paralelismo discursivo* (marcas no verbo), seguimos, basicamente, a proposta de Rubio (2008). Assim, consideramos os seguintes fatores:

a) Verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita:

- (78) Inf.: **elas ficam** um pouco mais de manhã e **podem** estudar um pouco mais de manhã, né (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

b) Verbo precedido de verbo com marca zero de plural:

- (79) Inf.: meu problema é com elas, a gente sempre fala que **elas se dedique, ø se esforce**, sem esperar por professor nenhum (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

c) Verbo isolado ou primeiro de uma série:

- (80) Inf.: **elas gostam** de tudo no mundo, adoram camarão (PORCUFORT: 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

Presença/ausência do *que* relativo entre SN/sujeito e verbo:

Ao lado das variáveis mencionadas anteriormente, testamos a atuação da *Presença/ausência do que relativo entre SN/sujeito e verbo*. Para analisarmos a possível relevância dessa variável sobre a variação na CV com a 3pp, nas amostras de fala extraídas dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, consideramos duas categorias ou fatores, conforme as propostas de Naro e Scherre (2003) e Monte (2007):

a) Presença do *que* relativo entre SN/sujeito e verbo:

- (81) Inf.: as vezes a reportagem de capa chama atenção e **elas que vai** atrás (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (82) Inf.: **elas que se dão** muito bem com os primos (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

b) Ausência do *que* relativo entre SN/sujeito e verbo:

- (83) Inf.: **elas gostam** muito de praia (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (84) Inf.: **elas gosta** de pintura e carinho e tudo (PORCUFORT: DID 06; informante do sexo feminino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Ao testarem a influência da presença ou ausência do *que* relativo, Naro e Scherre (2003) e Monte (2007) separam o *que* relativo dos demais elementos que podem aparecer entre sujeito e verbo, uma vez que “esse elemento se diferencia dos demais elementos intervenientes que possam ocorrer entre sujeito e verbo” (MONTE, 2007, p. 63). De igual maneira, esses estudiosos defendem que a presença do *que* relativo tende a inibir o uso das marcas formais de pluralidade na CV na 3pp.

Concordamos com Naro e Scherre (2003) e Monte (2007) e adotamos a hipótese de que, também nos dados dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, a ausência do *que* relativo pode se mostrar favorável ao uso de marcas formais de pluralidade entre verbo-sujeito na 3pp.

5.5.2.2 Variáveis extralinguísticas

Sexo

Com o intuito de verificarmos se homens e mulheres se comportam, linguisticamente falando, de modos diferentes diante da variação na CV com a 3pp em dados de amostras de fala do PORCUFORT e NORPOFOR, testamos a variável *Sexo*, composta, nos *corpora* desta pesquisa, por dois fatores:

- a) Homens
- b) Mulheres.

No caso deste trabalho, o controle da variável *Sexo* toma como princípios apenas as distinções biológicas entre homens e mulheres. Ou seja, não levamos em consideração questões relacionadas ao gênero, pois isso exigiria um controle muito mais ‘refinado’ e compreende questões mais complexas além daquelas que foram contempladas (distinções biológicas) durante a composição dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR.

Dito isso, frisamos que o *Sexo* pode ser considerado, ao lado da *Faixa etária* e da *Escolaridade*, uma das variáveis sociais mais clássicas testadas por estudiosos inseridos no campo da Sociolinguística de linha variacionista no Brasil. Em termos históricos, sabemos que um dos estudos pioneiros — ainda que não tenha sido desenvolvido nos moldes da Sociolinguística Variacionista, tal como a conhecemos hoje — sobre o *Sexo* foi realizado por Fisher (1958) e trata, em linhas gerais, da variação na alternância entre *in-ing*, no final de verbos no presente particípio em inglês, fenômeno bastante recorrente na fala de crianças em processo de alfabetização, residentes em uma vila semi-rural da Nova Inglaterra.

No referido trabalho, Fisher (1958) verificou que a variante padrão (*ing*) era mais recorrente na fala de crianças do sexo feminino do que no comportamento linguístico de crianças do sexo masculino. Desde então, muitas pesquisas têm comprovado a relevância da variável *Sexo* para os mais diversos fenômenos de variação e mudança linguística.

Ciente dos achados de Fischer (1958), Labov (1994) postulou que homens e mulheres, não raramente, tendem a apresentar nuances, em maior ou menor grau, em suas escolhas linguísticas e tendem a desempenhar papéis diferentes diante de determinados fenômenos de variação e mudança linguística. Assim, Labov (1994, 2006) compreende o *Sexo* como um significativo ponto da estratificação social dos falantes “[...] para quase todos os casos de variação estável ou mudança em curso que se tem estudado” (LABOV, 2006, p. 401, tradução nossa).

Segundo Labov (2006), os homens tendem a ser menos conservadores, fazendo maior uso de formas linguísticas menos prestigiadas socialmente. Em sentido oposto, as mulheres aparentam ser mais propícias ao uso dessas variantes, ponto que tem feito com que sejam percebidas como mais conservadoras do que indivíduos do sexo masculino. No entanto, diante de processos de variação e mudança linguística, as mulheres tendem a se mostrar mais inovadoras, desde que a nova forma variante seja bem avaliada socialmente. Caso contrário,

elas tendem a optar pela forma que está há mais tempo na língua e que, geralmente, é tida como padrão.

Essas assertivas levaram Labov (2006) a defender a existência do chamado *paradoxo do gênero*. Com ele, compreende-se que as mulheres tendem a favorecer o uso das variantes inovadoras, desde que sejam prestigiadas socialmente. No entanto, as mulheres se mostram mais conservadoras diante do uso de formas inovadoras, quando não são bem avaliadas socialmente (LABOV, 2006). Assim, vale ressaltar:

A generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística. [...] A diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária [...] e de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro (LABOV, 2008, p. 348).

Considerando que esta pesquisa contempla um fenômeno de variação linguística marcado socialmente, isto é, apresentando, de um lado, uma variante bem avaliada socialmente e, de outro, uma forma estigmatizada socialmente, somos levadas a acreditar que as mulheres atuam de modo favorável sobre uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, supomos que os homens atuam de maneira a inibir a realização da variante com marcas explícitas de CV na 3pp, em dados do PORCUFORT e NORPOFOR.

Faixa etária

Papel importante no quadro das pesquisas variacionistas também é atribuído à variável *Faixa etária*. Em termos simples, com o controle sistemático desse grupo de fatores, é possível analisar não apenas um determinado quadro de variação, mas também nos possibilita formular inferências sobre um possível quadro de mudança, no caso de pesquisas realizadas sob a noção de *tempo aparente*.

Para a análise da *Faixa etária*, temos assumido que falantes com diferentes idades e, portanto, pertencentes a diferentes gerações, tendem a apresentar nuances em seus comportamentos linguísticos. De igual modo, com a variável faixa etária — e naturalmente com o auxílio de outros fatores extralinguísticos (como o *Sexo* e *Escolaridade*, por exemplo) e linguísticos (estes dependendo do fenômeno investigado) — é possível inferir se um fenômeno apresenta indícios de mudança em curso ou se figura como variação estável.

A esse respeito, destacamos, conforme Araújo (2007, p. 395) que “[...] o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas formas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas”.

Vemos, assim, que os grupos de falantes mais jovens tendem a se mostrar mais favoráveis ao uso de formas variantes inovadoras, enquanto falantes mais velhos podem se mostrar mais conservadores diante de um fenômeno de variação e mudança linguística. Para esta pesquisa, assumiremos, justamente, essas hipóteses.

Em outras palavras, acreditamos que falantes mais velhos tendem a favorecer o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp em dados do PORCUFORT e NORPOFOR, ao contrário dos falantes mais jovens. Afinal, acreditamos que, nas amostras analisadas neste estudo, a CV de 3pp figura como um fenômeno de variação estável, isto é, sem indícios de a variante sem marcação formal de CV na 3pp (tida como inovadora) estar tomando o lugar da variante com marcas formais de CV na 3pp (tida como conservadora).

Para o estudo da variável *Faixa etária*, consideramos os seguintes fatores, em amostra do PORCUFORT:

- a) 22-35 anos
- b) 36 a 49 anos
- c) A partir de 50 anos

Já na amostra de fala representativa do falar popular de Fortaleza, isto é, extraída do Projeto NORPOFOR, a variável *Faixa etária* comporta os seguintes fatores:

- a) 15-25 anos
- b) 26-49 anos
- c) A partir de 50 anos.

Tipo de inquérito

Verificamos, também, se o *Tipo de inquérito* que envolve os informantes selecionados para a pesquisa exerce alguma influência sobre a realização variável da CV na 3pp a partir do comportamento linguístico dos falantes selecionados tanto em dados do PORCUFORT como do NORPOFOR. De acordo com o que discutimos em outros momentos

desta tese, para a mostra de fala extraída do Projeto PORCUFORT, consideramos três tipos de registros, os quais, evidentemente, figuram como os fatores que compõem a variável *Tipo de inquérito*:

- a) Diálogo Entre Informante e Documentador – DID;
- b) Diálogo entre Dois Informantes - D2;
- c) Elocução Formal - EF.

Já nos dados do NORPOFOR, conforme também já nos referimos, testamos os inquéritos do tipo DID e D2, já que não localizamos no Projeto NORPOFOR, informantes que preenchem muitas das células dos inquéritos do tipo D2.

Em linhas gerais, o controle da variável *Tipo de inquérito* justifica-se não apenas por acreditarmos que essa variável de natureza extralinguística pode exercer algum tipo de influência sobre os dados do PORCUFORT e NORPOFOR, mas também pela quase que completa escassez de pesquisas variacionistas que analisam como diferentes tipos de registros atuam sobre o comportamento variável da CV com a 3pp. Assim, e tendo em vista a possibilidade de medir a variável *Tipo de inquérito*, nesta pesquisa — uma vez que, na elaboração dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, foi tomado o cuidado de controlar diferentes tipos de registro — procuramos contribuir com as incursões quanto à investigação dessa variável, e mais ainda, com a consideração de variáveis estilísticas, sobre a variação na CV com 3pp.

Para isso, tomamos como norte teórico as propostas de Labov (1966, 2008). Para esse estudioso, os falantes tendem a apresentar diferenças em seus comportamentos linguísticos em função do grau de atenção que prestam as suas falas. Tal como proposto quando da elaboração do PORCUFORT e NORPOFOR, sabemos que esses diferentes graus de formalidade podem ser percebidos ou medidos por meio do controle de diferentes tipos de registro.

Tendo em vista os diferentes graus de formalidade que marcam os três tipos de registros presentes no PORCUFORT e NORPOFOR, acreditamos, portanto, que, nos registros do tipo DID e EF, a variante com marcas formais de CV na 3pp tende a ser favorecida, haja vista o fato de esses registros apresentarem maiores níveis de formalidade em comparação com os D2. Para este último, acreditamos que a variante com marcação formal de CV na 3pp tende a ser inibida, pois ele apresenta um grau de informalidade mais elevado.

5. 6 Levantamento de dados e ferramenta de análise estatística

Os dados deste estudo foram coletados através da audição dos inquiridos que compõem as amostras de fala representativas dos falares culto e popular de Fortaleza. Tais inquiridos, conforme já explicamos, compreendem entrevistas sociolinguísticas a partir das quais tabulamos todas as ocorrências do fenômeno de variação na CV com a 3pp que estão dentro dos contextos explicitados na seção 5.5.1. Tendo em vista que coletamos os dados através de oitiva, para esta fase do estudo, não utilizamos nenhum programa computacional.

Após a coleta, os dados obtidos foram codificados. Nessa parte do trabalho, todas as variáveis dependentes e independentes receberam um código diferente. Para isso, seguimos as instruções de Guy e Zilles (2007) e usamos letras, números e outros símbolos que compõem os caracteres disponíveis no computador. Para exemplificar o que estamos dizendo, vejamos a ocorrência (85) extraída da amostra de norma culta fortalezense, isto é, retirada da amostra do projeto PORCUFORT:

(85) Inf.: geralmente, **as pessoas se infecta** com o vírus hoje dia assim (POCUFORT; Inq. DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35); ensino superior completo).

Essa ocorrência recebeu a seguinte cadeia de codificação: 0V+4C>vAH1D. Nesse caso, o ‘0’ corresponde à variante sem marcas de concordância padrão; o ‘V’ se refere às formas verbais que envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural, na variável *Saliência fônica*; o símbolo ‘+’ é usado para representar o fator [+humano], na variável *Traço semântico do sujeito*; o número ‘4’ diz respeito ao fator SN/sujeito anteposto próximo (0 a 2 sílabas), da variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*; o ‘C’ se refere ao fator SN/sujeito pleno simples, na variável *Tipo estrutural do sujeito*; o símbolo ‘>’ corresponde ao fator Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep), da variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)*; o ‘v’ corresponde ao fator verbo isolado ou primeiro de uma série, da variável *Paralelismo formal nível discursivo (marcas no verbo)*; o ‘A’ refere-se ao fator Ausência do *que* relativo entre SN/sujeito e verbo, da variável *Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo*; o ‘H’ ao fator homem, da variável extralinguística *Sexo*; o numeral ‘1’ corresponde ao fator faixa etária II: (22-35 anos), da variável *Faixa etária*; por último, o ‘D’ refere-se ao fator DID, da variável *Tipo de inquirido*.

Após a codificação de todas as ocorrências de variação na CV com a 3pp, criamos dois arquivos no formato .tkn: um para os dados do NORPOFOR, outro para os dados do PORCUFORT. Somente após a realização desses procedimentos, os dados foram submetidos às análises estatísticas no Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), programa computacional muito usado entre os sociovariacionistas.

A respeito do programa computacional usado para a realização das análises estatísticas, cabe ressaltar que o GoldVarb X consiste em uma adaptação do VARBRUL para o ambiente Windows (SCHERRE, 2012). Grosso modo, “o VARBRUL é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105)⁴⁴.

Vemos, com isso, que a ferramenta de análise estatística adotada nesta pesquisa serve aos nossos interesses, pois analisamos, em termos numéricos, em que medidas fatores externos e/ou internos ao sistema linguístico atuam sobre o comportamento variável da CV com a 3pp. O quantum com que as categorias postuladas interferem no sentido de aumentar ou diminuir o uso das variantes linguísticas figura como um dos principais aspectos considerados em uma pesquisa de caráter variacionista (NARO, 2012). Neste sentido, o GoldVarb X fornece, conforme veremos de modo mais específico, na seção dedicada aos Resultados desta pesquisa, os percentuais em termos de frequência uso, os pesos relativos referentes à atuação de todos os fatores testados além de possibilitar o cruzamento entre os fatores analisados.

Em um estudo variacionista, calcular a probabilidade de uso das variantes analisadas é de suma importância, conforme temos sustentado. Contudo, é preciso ressaltar que:

[...] os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. [...] Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos (SCHERRE; NARO, 2012, p. 162).

No que tange à consideração dos valores números obtidos tanto para os percentuais de uso como para os pesos relativos, ressaltamos que, na próxima seção, apresentaremos e discutiremos todos eles. Afinal, para os variacionistas, considerar apenas os

⁴⁴ As análises realizadas no GoldVarb X são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 34).

percentuais não é uma suficiente. De acordo com Naro (2012, p. 19), as frequências brutas dos resultados “podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as interrelações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável”.

Logo, a consideração do peso relativo é de suma importância, visto que eles podem fornecer informações estatisticamente mais precisas. Durante as análises multivariadas, os pesos relativos fornecidos pelo programa são entendidos como valores projetados a fim de medir a atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre cada uma das variantes que compõem o fenômeno variável em análise. Ou seja, os valores são medidos em função da variável dependente (SCHERRE; NARO, 2012).

Ao tratar a questão dos pesos relativos, Guy e Zilles (2007) explicam que eles são estabelecidos entre 0 e 1,00. Assim, ainda conforme Guy e Zilles (2007, p. 211), para o peso relativo, o “efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo”. Importante destacar que esses valores são válidos apenas para fenômenos que comportam duas variantes linguísticas, isto é, para uma variante binária, caso da variação na CV com a 3pp no qual temos uma variante com marcas padronizadas de CV e outra variante sem marcas padronizadas. Todavia, para variáveis que apresentam mais de duas variantes linguísticas, o efeito dos pesos é observado com base em outros valores (GUY; ZILLES, 2007).

Além de verificar, em termos numéricos, a atuação dos fatores testados, a partir das análises fornecidas pelo GoldVarb X, podemos verificar, também, qual variante tende a ser mais usada para a CV na 3pp, tanto em amostra de fala culta como popular dos fortalezenses.

Além dos pontos já mencionados, chamamos atenção para o fato de que, durante as análises, devemos atentar para o chamado *input* das rodadas fornecidas pelo GoldVarb X. Sobre esse aspecto, Scherre e Naro (2012, p. 165, grifo dos autores) explicam que:

O papel do *input* no modelo misto ou logístico é o de fazer com que exista ‘somente um conjunto de efeitos de fatores que prediz qualquer conjunto particular de percentagens contextuais’ e permitir que diferentes análises do mesmo conjunto de dados possam ser adequadamente comparadas (Sankoff, 1988b). O *input* funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, e o efeito de cada fator pode ser interpretado como uma medida do desvio deste ponto de referência associado ao fator.

O *input* de cada regra variável figura como uma espécie de medida do uso geral do fenômeno variável analisado. Em outros termos, o *input* indica a probabilidade que a variante tida como *regra de aplicação*⁴⁵ tem de ocorrer nos grupos de fatores considerados em cada rodada (GUY; ZILLES, 2007). O valor do *input* é fornecido em números de 0,000 a 1,000. Dessa maneira, “um *input* de 0,024 nos diz que a variante analisada tem 2,4% (24/1000) de probabilidade de ocorrer no contexto da rodada” (SOUZA, 2015, p. 64).

Além do *input*, vale atentar para o *nível de significância* da rodada considerada significativa. Sobre esse ponto, Scherre e Naro (2012) indicam que quanto mais baixo – próximo de 0,05 ou 0,01 – mais confiável é a rodada. Grosso modo, isso implica dizer que os dados obtidos não foram camuflados pelos percentuais fornecidos. Naturalmente, há limites para se considerar a análise, de fato, significativa. Tais limites, ou margem de erro, giram em torno de 0,050, isto é, 5% (GUY; ZILLES, 2007).

Por essa razão, salientamos que o GoldVarb X pode realizar várias análises ou rodadas. A primeira delas, geralmente, é feita com o intuito de calcular as porcentagens para todos os fatores controlados, devidamente informadas pelo chamado ‘arquivo de células’. Nessa fase da análise, podem aparecer alguns nocautes. Na terminologia de análises estatísticas realizadas dentro da perspectiva variacionista, um nocaute acontece quando “[...] um fator, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

Os nocautes são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação. E, como estamos apontando, o programa adotado por nós, opera apenas com regras variáveis. Além disso, “o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a porcentagem de aplicação em determinado contexto é 0%, o peso deste fator é 0, e se a porcentagem é 100%, o peso é 1, e nada mais importa, a não ser o efeito do fator em questão (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

Diante disso, é preciso saber como proceder na presença de nocautes. Segundo Guy e Zilles (2007), há várias maneiras de lidarmos com um nocaute. Em linhas gerais, os pesquisadores têm optado pela eliminação do grupo de fatores em que o nocaute aparece ou

⁴⁵ No que concerne à noção de *regra de aplicação*, é importante esclarecer que, em uma análise feita com auxílio de um programa computacional como o GoldVarb X, “o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como *aplicação da regra* e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante” (GUY; ZILLES, 2007, p. 229, grifo dos autores).

pelo amálgama, isto é, a junção dos fatores que apresentaram nocautes com outros fatores do mesmo grupo.

Para a primeira alternativa, é preciso verificar se os dados eliminados não trarão prejuízos para as demais rodadas, o que pode acontecer quando o número de dados eliminados é muito elevado. Já no caso dos amálgamas, devemos nos basear em critérios de ordem teórica e quantitativa. Assim, é preciso “combinar fatores que são linguística ou socialmente semelhantes, ou que podem ser tratados como subtipos de uma supercategoria, e que ao mesmo tempo são semelhantes em termos quantitativos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 160).

Eliminados os possíveis nocautes, é possível dar continuidade as análises dos dados no GoldVarb X. Com isso, ele nos indica quais variáveis, tanto linguísticas como extralinguísticas testadas no estudo, são estatisticamente relevantes e aponta àquelas que não se revelam pertinentes. Lembramos que a seleção das variáveis pelo programa obedece à ordem de relevância com que cada uma delas atua sobre o fenômeno de variação estudado.

Por último, convém mencionar que, com dados fornecidos pelo programa, é possível verificar se as hipóteses que inicialmente levantamos foram confirmadas ou não. Assim, caso um grupo de fatores tenha sido selecionado, dizemos que a hipótese foi confirmada. Caso ele tenha sido selecionado, mas os fatores que o compõem não se comportaram de acordo com o que esperávamos, dizemos que a hipótese não foi totalmente confirmada. Em sentido oposto, quando o grupo de fatores testado é selecionado e os fatores que o compõem se comportam como esperávamos, dizemos, então, que a hipótese foi totalmente confirmada.

5.7 Síntese da seção

Ao longo das partes que constituem a seção dedicada à Metodologia desta tese, abordamos o tipo de pesquisa que desenvolvemos; alguns aspectos que compreendem a comunidade de fala de Fortaleza; a constituição dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR a partir dos quais extraímos as amostras de linguagem falada culta e popular da capital cearense, respectivamente; detalhamos o pacote de variação da pesquisa que é constituído tanto pela variável dependente como pelo conjunto de variáveis independentes testadas na pesquisa.

Além disso, tomamos o cuidado de apresentar aspectos concernentes ao programa de análise estatística que usamos, bem como às hipóteses iniciais que levantamos para o

comportamento das variantes linguísticas que constituem a variação na CV com a 3pp, em amostra dos falares culto e popular da capital cearense além das hipóteses para as variáveis linguísticas e extralinguísticas que analisamos. Pontuamos que essas hipóteses podem ser confirmadas ou refutadas pelos dados analisados, conforme veremos na próxima seção.

6 RESULTADOS

6.1 Palavras iniciais

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos para a análise variacionista do comportamento variável da CV com a 3pp, em amostras de linguagem culta e popular faladas em Fortaleza. A fim de facilitar a apresentação e discussão dos resultados, dividimos esta seção em diferentes subseções. Assim, ao longo da subseção 6.2, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para os dados da amostra de fala representativa do falar culto de Fortaleza, na década de 1990. Nessa parte do texto, intentamos lançar luz ao seguinte questionamento ou questão de pesquisa, levantada inicialmente: *quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza?*

Na subseção 6.3, abordamos os resultados obtidos para a amostra de fala popular de Fortaleza, no início da década de 2000, construída a partir de amostra de linguagem falada extraída do Projeto NORPOFOR. Essa parte da tese foi elaborada com o intuito maior de abordar a seguinte questão de pesquisa: *quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a realização variável da CV com a 3pp, em amostra de fala popular fortalezense?*

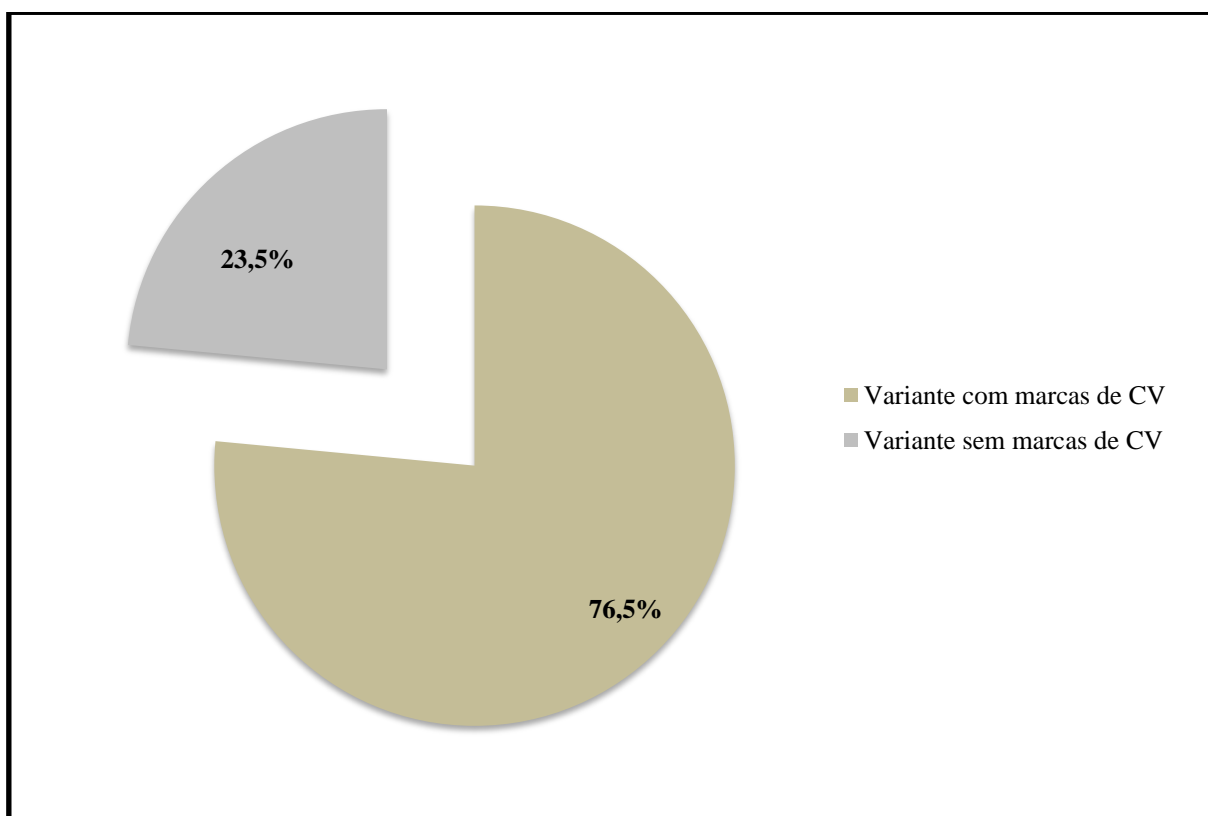
A última subseção, 6.4, é dedicada ao estabelecimento de comparações entre os resultados obtidos para a amostra de fala culta e popular da capital cearense a fim de averiguar os pontos de convergências e/ou divergências entre elas. Logo, nessa parte do trabalho, procuramos apresentar algumas respostas para a terceira e última questão que moveu a realização desta pesquisa: *De que modo o comportamento variável da CV na 3pp aproxima e/ou distancia as variedades culta e popular da capital cearense?*

Importante destacar, ainda, que a medida em que formos apresentando os resultados, tomaremos o cuidado de salientar as hipóteses iniciais levantadas tanto para o comportamento das variantes linguísticas que compõem o fenômeno investigado aqui, como as hipóteses elencadas para o comportamento de cada uma das variáveis linguísticas e extralinguísticas testadas na pesquisa, em cada uma das amostras de fala analisadas.

6.2 Variação na CV com a 3pp, em amostra da norma culta fortalezense: visão geral do fenômeno

Ao longo dos 34 inquéritos selecionados para a amostra de fala culta de Fortaleza e extraídos do Projeto PORCUFORT, localizamos 1.421 casos de variação na CV com a 3pp. Desse número total, 1.091 (76,5%) ocorrências apresentam marcas formais de CV com a 3pp. Por outro lado, verificamos que em 336 (23,5%) casos não há a manutenção de marcas padronizadas de CV na 3pp. No Gráfico 2, podemos visualizar melhor esses resultados:

Gráfico 2 – Frequência de uso das variantes investigadas, em amostra de fala culta fortalezense



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do Gráfico 2 revelam que, na amostra de fala representativa do falar culto de Fortaleza, do início da década de 1990, a variante em que podemos identificar a presença de marcas padronizadas de CV com a 3pp tende a ser usada com maior frequência, ao contrário da variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp. Esses resultados comprovam a hipótese inicial que levantamos para o comportamento das variantes estudadas, em amostra de fala culta. Afinal, em conformidade com as discussões estabelecidas na seção da

Metodologia desta pesquisa, esperávamos inicialmente que a variante caracterizada pela presença de marcas de CV na 3pp prevalecesse sobre a realização da variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp.

Dentre os pontos que alimentaram essa hipótese inicial, vale mencionar que diferentes estudos variacionistas acerca do comportamento variável da CV na 3pp, realizados com base no falar de sujeitos com ensino superior completo, em diferentes localidades do Brasil, apontam uma clara tendência de uso para as variantes investigadas por nós, no sentido de que, quanto maior é o nível de escolaridade dos informantes, maiores são as chances de eles usarem com maior frequência a variante com marcas padronizadas de CV na 3pp. Em outras palavras, diferentes pesquisas variacionistas acerca do fenômeno em pauta comprovam que o uso da variante na qual podemos constatar a presença de marcas padronizadas de CV na 3pp tende a ser maior quando os falantes possuem, principalmente, o ensino superior completo.

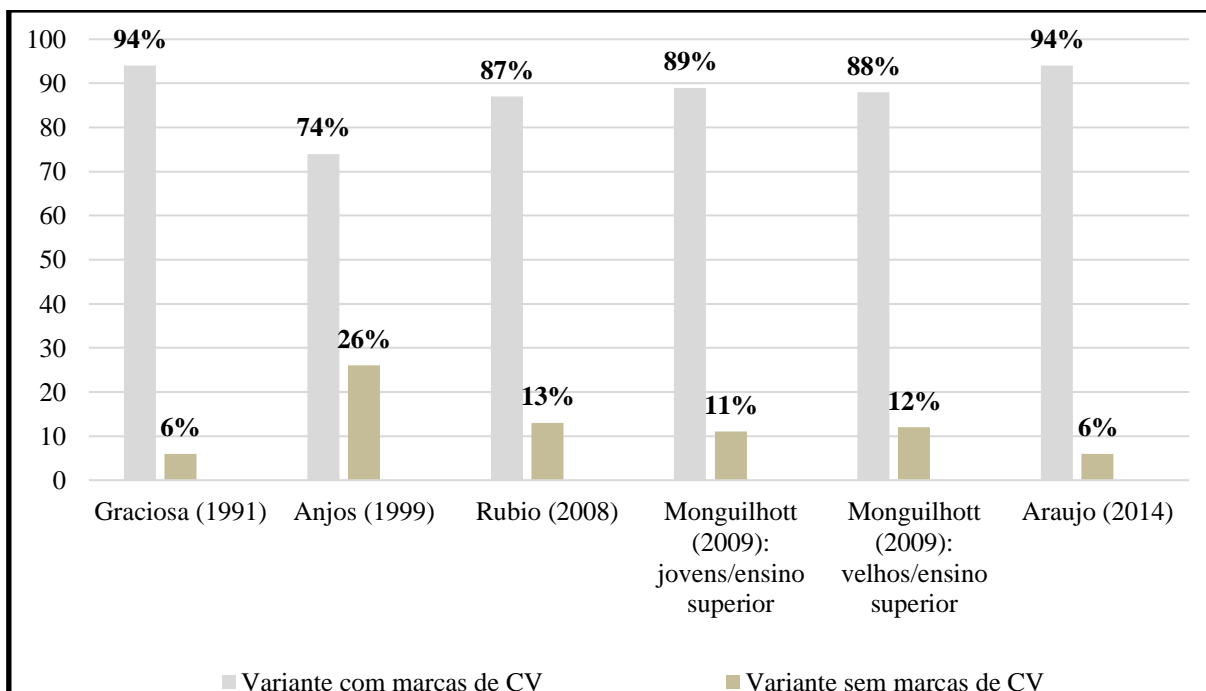
Esse é o caso, por exemplo, das já citadas pesquisas de Graciosa (1991), Anjos (1999), Rubio (2008), Monguilhot (2009)⁴⁶ e Araújo (2014). Ao investigarem a variação na CV com a 3pp a partir de dados coletados na fala real de sujeitos com ensino superior completo⁴⁷, pesquisas como essas comprovam que a variante com marcas padronizadas de CV na 3pp apresenta percentuais de uso bem maiores que a variante sem marcação formal de CV na 3pp.

Os resultados gerais para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp, obtidos nas pesquisas supracitadas podem ser conferidos no Gráfico 3:

⁴⁶ Monguilhot (2009) organiza os dados para a variável escolaridade do seguinte modo: Jovens/ superior (CV: 89% vs. não CV: 11) e velhos/superior (CV: 88% vs. 12%).

⁴⁷ Além do ensino superior completo, esses estudiosos levaram em consideração falantes com outros níveis de escolaridade como, por exemplo, o médio e fundamental. Todavia, para fins de comparação, consideramos apenas os percentuais de uso para as variantes estudadas obtidos para os informantes com ensino superior completo no âmbito dos estudos selecionados para comparação.

Gráfico 3 – Percentual de uso para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp, no falar de informantes com ensino superior completo, em diferentes pesquisas variacionistas

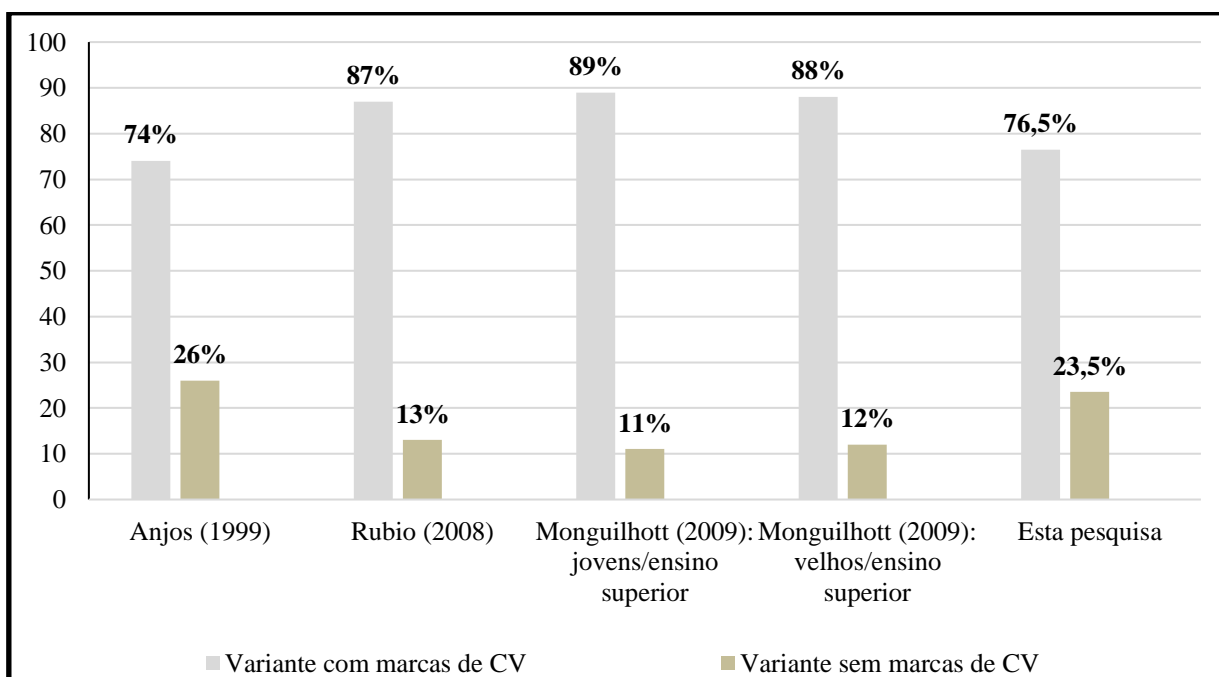


Fonte: Elaborado pela autora.

Além da comprovação, feita sempre com base em dados reais de linguagem em uso, de que a realização da variante com marcas de CV na 3pp é nitidamente maior que o uso da variante sem marcas de CV no falar de sujeitos com ensino superior completo, notamos que os percentuais de uso obtidos para as referidas formas variantes, principalmente, nas pesquisas de Anjos (1999), Rúbio (2008) e Monguilhott (2009) se aproximam dos resultados gerais obtidos para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp, neste estudo.

Sobre essa última constatação, vejamos o Gráfico 4:

Gráfico 4 – Comparação entre os percentuais de uso das variantes estudadas, obtidos por Anjos (1999), Rúbio (2008) e Monguilhott (2009) e nesta pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que haja diferenças quanto ao tipo de amostra usada em cada uma das referidas pesquisas mencionadas no Gráfico 4 – como, por exemplo, o fato de Anjos (1999), Rúbio (2008) e Monguilhott (2009) terem usado dados coletados apenas em inquéritos do tipo DID, enquanto nós trabalhamos com dados de inquéritos do tipo DID, D2 e EF – é notável o modo como os resultados deste estudo se aproximam, em termos numéricos, dos achados de Anjos (1999), Rúbio (2008) e Monguilhott (2009). Em nossa compreensão, esse fato pode estar relacionado ao grau de escolarização dos falantes estudados nas referidas pesquisas e, também, neste estudo, ou seja, tanto nesta pesquisa como os trabalhos referidos no Gráfico 3, todos os informantes possuem ensino superior completo.

Desse modo, compreendemos que os resultados obtidos aqui para o uso das variantes com marcas *vs.* a variante sem marcas de CV na 3pp, a partir de dados de fala representativos do falar culto de Fortaleza corroboram as tendências de uso verificadas por estudos anteriores a este para as mesmas formas variantes. Essa tendência indica, portanto, que no falar de sujeitos com ensino superior completo, a variante com marcas formais de CV tende a ser preservada com maior frequência. Por outro lado, a variante sem marcas de CV com a 3pp tende a ocorrer com menor frequência, no comportamento verbal de indivíduos com ensino superior completo.

Assim, quando se trata de CV com a 3pp, no falar dos sujeitos com ensino superior completo da capital cearense e considerados nesta pesquisa, prevalecem construções do tipo:

- (86) Inf.: **eles fazem** é fora (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (87) Inf.: em outros hospitais, **eles fazem** até mesmo no exterior (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (88) Inf.: **eles acham** que esses pacientes por estar dentro do hospital podem estar transmitindo AIDS (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (89) Inf.: lá que **os pacientes começaram** a apresentar os sintomas ne (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Nas ocorrências de (86) a (89), verificamos que, ao fazer uso de construções com sujeito na 3pp, os informantes da amostra de fala culta fortalezense tendem a preservar as marcas de plural no verbo. Em sentido oposto, os percentuais de uso para as variantes analisadas, nesta tese, referentes à amostra de fala culta, mostram que os informantes tendem a usar com menor frequência construções em que não se verificam marcas de CV na 3pp, conforme as ocorrências de (90) a (93):

- (90) Inf.: **eles não toma** a devida precaução de não usar a mesma seringa descartável e tal (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (91) Inf.: **mas muitas crianças nasce** até razoavelmente bem (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (92) Inf.: **os médicos e os dentistas acha** que (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (93) Inf.: então **eles acha** que a gente sempre vai ter resposta pra tudo (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Mesmo diante do considerável grau de distanciamento, em termos números, quanto ao uso de uma e outra forma variante, os percentuais de uso obtidos para a realização das variantes com presença vs. ausência de marcas de CV na 3pp nos permitem afirmar que, em amostra de fala representativa do falar culto fortalezense, essas formas variantes coexistem e são usadas, seja em maior ou menor proporção pelos informantes selecionados

em diferentes e reais situações de interação comunicativa. Além disso, compreendemos que os dados estatísticos representados, mais precisamente no Gráfico 1, indicam que a variação na CV com a 3pp, em amostra do PORCUFORT, figura como uma regra variável, nos termos de Labov (2003).

Na compreensão de Labov (2003), um fenômeno para o qual se verificam índices de uso para determinadas formas variantes inferiores a 95% (caso da variante com marcas de CV (76,5%) e a variante sem marcas de CV (23,5%)) apresentam *status* de regra variável. Importante destacar que, no escopo da Sociolinguística variacionista, a noção de regra variável está na base dos princípios teóricos e metodológicos que alimentam um estudo nessa linha.

Afinal, para a perspectiva variacionista – conforme discutimos na seção do Quadro teórico – interessa analisar fenômenos linguísticos que atestam o caráter heterogêneo da linguagem verbal. Esse fato, por sua vez, só é possível quando temos diante de nós duas ou mais formas variantes ‘competindo’ para expressar a mesma informação do ponto de vista estritamente linguístico, como ocorre em construções do tipo:

- (94) Inf.: **os homens são** muito afetados (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (95) Inf.: **os homens de lá é** complicado mesmo ai só tendo paciência pra lidar com eles (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária III (acima de 50 anos); ensino superior completo).

Além do que já dissemos, vale lembrar que a noção de regra variável é usada, no interior dos estudos sociolinguísticos, em contraposição ao conceito de *variação livre*, amplamente difundido pelo Estruturalismo. A esse respeito, são pertinentes as palavras de Fisher (1974, p. 88, grifo do autor), pois, segundo esse estudioso:

“Variação livre” é naturalmente uma denominação e não uma explanação, pois não nos mostra a origem das variantes e nem porque os falantes as usam em proporções divergentes. A variação livre é, antes, um meio de se excluir tais questões da esfera da pesquisa imediata.

Nessa mesma linha de raciocínio, Bright (1974, p. 18, grifo do autor) explica:

[...] os sociolinguistas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura; sob esse ponto de vista, que vem sendo reconhecido atualmente como pernicioso, as diferenças encontradas nos hábitos de fala de uma comunidade eram encobertas como “variação livre”. Uma das maiores tarefas da sociolinguística

é demonstrar que, na verdade tal variação ou diversidade não é “livre”, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas.

Na esteira de Bright (1974), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2006, 2008, 2010) explicam que nenhuma variação é livre ou mesmo aleatória, mas sim, um fenômeno linguístico sistemático e devidamente condicionado por fatores que podem ser tanto de ordem interna como externa ao sistema. Assim, conforme salientamos ao longo deste texto, uma das principais tarefas do sociolinguista é mostrar não apenas como o uso das variantes que compõem um determinado fenômeno variável se reflete em termos de percentagem de uso, mas também revelar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos atuam sobre o uso de uma determinada forma variante, beneficiando ou inibindo sua realização.

Tendo, portanto, apresentado e discutido os resultados obtidos para o uso das variantes em análise, passamos a discutir – segundo a ordem de relevância estatística – os grupos de fatores que foram selecionados como relevantes estatisticamente para a variação na CV com a 3pp pelo GoldVarb X, em amostra de fala culta de Fortaleza. Importante destacar que à medida em que fomos apresentando os resultados números fornecidos pelo programa computacional, discutiremos tais dados à luz dos pressupostos sociolinguísticos, bem como com base na literatura pertinente para o fenômeno variável em estudo.

Tecidas essas explicações para o percentual das variantes investigadas, pontuamos que, ao submeter o total de 1.421 ocorrências de variação na CV com a 3pp localizadas na amostra de fala culta de Fortaleza, elegemos como *regra de aplicação* a variante com marcas formais de CV na 3pp. Ou seja, decidimos que todas as rodadas estatísticas seriam realizadas em função da variante com marcas de CV em coocorrência com a variante sem marcas de CV na 3pp. Como justificativa para essa tomada de posição metodológica, ressaltamos que, de acordo com os dados do Gráfico 1 – discutidos no início desta subseção – o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp foi notavelmente superior ao uso da forma sem marcas formais de CV na 3pp.

Além de ter sido a variante com maior percentual de uso em amostra de fala representativa do falar culto de Fortaleza, vale pontuar que a opção de realizar as rodadas em função de tal forma variante pode ser justificada porque essa postura facilita, na medida do possível, as comparações estabelecidas entre os resultados obtidos, neste estudo, com os achados de outros pesquisadores do fenômeno, haja vista a maioria dos estudiosos ter adotado como regra de aplicação a variante com marcas de CV na 3pp.

Dito isto, pontuamos que, ao submeter, em uma primeira rodada, os 1.421 casos de variação na CV de 3pp localizados na amostra de fala culta fortalezense ao GoldVarb X,

encontramos um *knockout* ou *nocaute* na variável linguística *Tipo estrutural do sujeito*. Em linhas gerais, os *nocautes* são compreendidos como um aspecto problemático para as análises estatísticas fornecidas pelo referido programa, pois demonstram que, em um dado contexto, o uso de uma determinada forma variante foi categórico (0% ou 100%), ou seja, não houve variação.

Além disso, “o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a percentagem de aplicação em determinado contexto é 0%, o peso deste fator é 0, e se a percentagem é 100%, o peso é 1, e nada mais importa, a não ser o efeito do fator em questão (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

Tendo em vista que trabalhamos com um programa de análises estatísticas que opera apenas com regras variáveis, foi necessário resolver os *nocautes* a fim de procedermos com as rodadas. Para isso, optamos por excluir o fator nocauteado no grupo *Tipo estrutural do sujeito*, isto é, o fator *SN/Sujeito nulo*. Ainda que os *nocautes* figurem como um problema para as análises estatísticas e seja inviável proceder tais análises com a presença de *nocautes* na amostra, concordamos com Oliveira (2014, p. 12) quando diz que os *nocautes* “fornecem uma informação linguística importantíssima” e que merecem ser considerados na pesquisa.

Diante disso, explicitamos que, para o fator *SN/Sujeito nulo*, inserido na variável de natureza linguística *Tipo estrutural do sujeito*, localizamos 3 casos de construções de CV com a 3pp, conforme as ocorrências (96), (97) e (98):

- (96) Inf.: **eles são** unicamente totalitaristas **ø usam** a força para manter o poder sobre uma determinada nação (PORCUFORT, EF; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (97) Inf.: meu problema é com elas, a gente sempre fala que **elas se dediquem**, que **ø se esforcem**, sem esperar por professor nenhum (PORCUFORT, DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (98) Inf.: mas a gente também procura dá muitas opções, liberdades de escolhas para que **elas saibam** o valor digamos dos estudos, **ø saibam** o valor do relacionamento humano, **ø saibam** também que a gente não pode chegar em qualquer lugar e impor o que quer (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

Nas ocorrências supracitadas, verificamos que os informantes sempre preservaram as marcas de CV na 3pp. Ou seja, para os casos em que o *SN/sujeito é nulo*, a marcação de CV compreende 100% dos casos. Como explicação para esse tipo de ocorrência, acreditamos que a ausência de marcação formal do sujeito diante de outros verbos quando de uma série, o SN/sujeito – ainda que ele tenha sido explicitado anteriormente na sentença – faz com que os

falantes sintam a necessidade de explicitar as marcas formais de CV no verbo. Sobre essa assertiva, ressaltamos que ela foi basicamente defendida por Monguilhott (2009, p. 102) já que, para os casos de SN/sujeito do tipo nulo, a referida estudiosa esperava “grande marcação de concordância, pois a desinência verbal torna-se mais necessária para identificar o sujeito quando este não está preenchido”.

Embora a variável *Tipo estrutural do sujeito* não tenha sido selecionada como estatisticamente relevante, para o estudo de Monguilhott (2009, p. 131) – fato que dificulta a confirmação de suas hipóteses – a autora mostra que o referido fator atingiu um alto percentual de uso (84%) para a variante com marcas formais de CV na 3pp dentro da variável *Tipo estrutural do sujeito*. Acreditamos, portanto, que embora não seja possível comprovar, em termos de peso relativo, a relevância do fator *SN/sujeito nulo* para a variante com marcas formais de CV, o percentual de uso obtido por Monguilhott (2009) para o referido fator nos permite inferir que quando o SN/sujeito não aparece marcado formalmente, a tendência é que os falantes preservem as marcas de CV na 3pp.

Com a retirada do *nocaute* da amostra de fala culta, na primeira rodada, foi possível dar continuidade as rodadas estatísticas. Assim, realizamos uma segunda rodada com o auxílio do GoldVarb X por meio da qual procuramos obter a seleção das variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas estatisticamente pertinentes para a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta. A esse respeito, salientamos que foram selecionados como relevantes seis grupos ou variáveis independentes, sendo que três delas são de natureza linguística e três de caráter extralinguístico.

Além disso, os grupos de fatores foram selecionados conforme a seguinte ordem de relevância estatística: *Saliência fônica*; *Paralelismo formal - nível discursivo*; *Tipo de inquerito*; *Presença ou ausência do ‘que’ relativo entre verbo sujeito*; *Faixa etária* e *Paralelismo formal no nível oracional*. Em sentido oposto, foram descartadas – nessa mesma ordem de exclusão – a variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*, *Sexo*, *Traço semântico do sujeito* e o *Tipo estrutural do sujeito*. Quanto ao melhor nível de análise, o GoldVarb X apontou o *stepping up run #49*, com *input* 0.825 e *significance* 0.049.

Nas páginas seguintes, apresentaremos⁴⁸ e discutiremos os resultados obtidos para os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes pelo GoldVarb X. Com

⁴⁸ A apresentação das variáveis selecionadas para a amostra de fala culta fortalezense é feita conforme a ordem de seleção estabelecida pelo programa estatístico.

isso, reafirmamos que procuramos lançar luz ao primeiro questionamento desta tese, isto é: *quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a realização variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza?*

6.2.1 Variáveis selecionadas, em amostra de fala culta fortalezense

A variável *Saliência fônica*

Conforme sinalizamos anteriormente, a variável independente e de natureza linguística, *Saliência fônica* foi selecionada como o grupo de fatores linguísticos mais pertinente estatisticamente, para a amostra de fala culta da capital do estado do Ceará. Os resultados obtidos para a *Saliência fônica* estão distribuídos na Tabela 2:

Tabela 2 – Atuação da variável *Saliência fônica* em amostra de fala culta fortalezense

Nível 1: Posição não acentuada	Apl./Total	%	PR
Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	164/242	67.8%	0.336
Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	327/486	67.3%	0.354
Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	31/53	58.5%	0.233
Nível 2: Posição acentuada			
Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	201/229	87.8%	0.636
Envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural	64/86	74.4%	0.447
Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	304/331	91.8%	0.776

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nos dados da Tabela 2, verificamos que o fator *envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural* (0.636) atua de modo favorável sobre o uso da variante com marcas de CV na 3pp. Em outras palavras, constatamos que formas verbais como em (99), (100), (101) e (102) beneficiam o emprego de marcas plurais quando da marcação de CV na 3pp:

(99) Inf.: **peessoas que tão** com condições que bancar aquele tratamento (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

(100) Inf.: por conta disso **eles vão** se tratar fora (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

- (101) Inf.: mas **as mulheres** a cada dia que passa **tão** mais infectadas (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (102) Inf.: mas hoje em dia tanto **eles tão** se conscientizando da necessidade de se prevenir (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; Faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Além disso, o fator *envolve acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural* (0.776) também favoreceu o emprego de marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense. Neste sentido, são pertinentes para a realização da variante com marcas de CV na 3pp, formas verbais como em (103), (104), (105) e (106):

- (103) Inf.: **os homens são** muito afetados (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; Faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (104) Inf.: foi quando **vieram alguns rapazes** pra falar sobre a Padaria Espiritual (PORCUFORT; EF; informante do sexo feminino; faixa etária III: (acima de 50 anos); ensino superior completo)
- (105) Inf.: **eles são** inteligentes em alguns casos (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (106) Inf.: **eles não disseram** nada não (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

Com isso, verificamos que ambos os fatores apontados como estatisticamente pertinentes para a CV na 3pp, no âmbito da variável *Saliência fônica*, estão situados no Nível 2. Ou seja, tanto o fator *envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural* como o fator *envolve acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural* estão alocados no nível das formas verbais mais salientes. Nesse mesmo nível, verificamos, ainda, que o fator *envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural* foi o único que não se mostrou favorável à manutenção de marcas formais de CV na 3pp, no nível 2 da variável *Saliência fônica*.

De igual maneira, é importante mencionar, conforme os dados da Tabela 2, que os fatores *não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural* (0.336), *envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural* (0.354) e *envolve acréscimo de segmentos na forma plural* (0.233) atuam de modo a inibir o emprego de marcas padronizadas de CV com a 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza. Assim, todos os fatores situados no Nível 1: Posição não acentuada, isto é, o nível das formas menos salientes, inibem a presença de CV na 3pp, em dados do PORCUFORT.

Sobre os resultados obtidos para a variável *Saliência fônica*, é salutar mencionar que eles confirmam, pelo menos em parte, as hipóteses iniciais que levantamos para o comportamento desta variável linguística diante da CV na 3pp, em amostra de fala culta usada nesta pesquisa. Afinal, conforme discutimos na seção da Metodologia, esperávamos que as formas menos salientes inibissem o uso de marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, nossa expectativa inicial era a de que formas mais salientes favorecessem o uso da marcação formal de CV na 3pp.

Com os resultados obtidos, verificamos que, de fato, os fatores representantes das formas verbais menos salientes inibem a presença de CV na 3pp. Por outro lado, as formas mais salientes – com exceção do fator *envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural* (0.447) – favoreceram a CV na 3pp.

Importante colocar, também, que essas hipóteses foram levantadas com base nos achados de outros pesquisadores da variação na CV com a 3pp (NARO, 1981; ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; MONTE, 2007, 2012; RUBIO, 2008), em outras localidades do Brasil. Em termos simples, sabemos que outros estudiosos do fenômeno também partiram do princípio segundo o qual a *Saliência fônica* é um grupo de fatores de grande influência sobre a variação na CV com a 3pp, proposição esta que veio a se confirmar nas pesquisas que testaram a atuação da *Saliência fônica* sobre o fenômeno em pauta e também nesta tese.

Afinal, tal como discutimos na seção dedicada à Revisão da literatura, bem como na seção da Metodologia, Naro (1981), Anjos (1999), Monguilhott (2009), dentre outros, comprovaram a relevância da variável *Saliência fônica* para a CV na 3pp, averiguando que quanto menor é a diferenciação entre formas verbais no singular e plural, menores são as chances de os falantes preservarem as marcas padronizadas de CV na 3pp. Em contrapartida, comprovou-se que quanto maior é a diferenciação entre o singular e plural das formas verbais, maior é a tendência de favorecimento das marcas padronizadas de CV na 3pp, conforme explica Anjos (1999, p. 65):

[...] algumas formas verbais podem apresentar mais concordância com seus respectivos sujeitos do que outras formas verbais, ou seja, os verbos que se apresentam em sílabas não-acentuadas e com pouca oposição (apenas nasalização e ditongação da vogal final) na forma plural são menos marcados. Enquanto os verbos que se encontram em sílabas acentuadas e que apresentam uma maior oposição na forma plural são mais frequentemente marcados.

Como possível explicação para a relação entre o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp e uma maior diferenciação fônica entre formais verbais no singular e

plural, sabemos que é bastante difundida entre os estudiosos a ideia segundo a qual a maior diferenciação fônica entre as formas verbais no singular e plural tende a proporcionar aos falantes uma maior percepção desta diferenciação. Assim, diante do maior grau de saliência entre singular e plural das formas verbais, maiores são as chances de os falantes empregarem as marcas de CV na 3pp. Por outro lado, as formas verbais menos salientes tendem a inibir o emprego da CV na 3pp porque proporcionam menores graus de percepção quanto a diferenciação entre singular e plural das formas verbais.

A variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*

De acordo com os resultados obtidos com o auxílio do GoldVarb X, a variável *Paralelismo formal - nível oracional* figura como o segundo grupo de fatores mais pertinente para a amostra de fala culta de Fortaleza. Os dados obtidos para os fatores testados no *Paralelismo formal – nível oracional*, no universo deste estudo, estão devidamente explicitados na Tabela 3:

Tabela 3 – Atuação da variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)* em amostra de fala culta Fortalezaense

Fator	Apl./Total	%	PR.
Verbo precedido de verbo com marca de plural explícita	96/99	97%	0.897
Verbo precedido de verbo com marca zero de plural	4/18	22.2%	0.069
Verbo isolado ou primeiro de uma série	991/1.310	75.6%	0.468

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados expostos na Tabela 3 revelam que, na amostra de fala culta usada nesta pesquisa, o fator *verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita* (0.897) é o grande favorecedor da aplicação de marcas formais de CV com a 3pp, no contexto da variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*. Sobre esse fator, são exemplares as ocorrências (107), (108), (109) e (110):

(107) Inf.: isso ai, assim **as próprias empresas que produzem** o material é que **são** responsáveis por isso ai (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

(108) Inf.: **eles só fabricam, esterilizam, usam** e depois, imediatamente, **jogam** fora (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

- (109) Inf.: **essas são** as doenças que mais **causam** mortes (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).
- (110) Inf.: **eles largam** mesmo e **vão** fazer outra coisa, sei lá se **rebelam** (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

A atuação da variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*, em amostra de fala representativa do falar culto fortalezense, mostra que construções nas quais o primeiro verbo aparece com marcas de plural tendem a manter a aplicação da CV com a 3pp também nos verbos seguintes, quando de uma construção seriada. Em sentido oposto, os dados estatísticos obtidos com o auxílio do GoldVarb X mostram que os fatores *verbo precedido de verbo com marca zero de plural* (0.069) e *verbo isolado ou primeiro de uma série* (0.468) inibem a aplicação de CV na 3pp, em amostra de fala culta da capital cearense.

Diante desses resultados, é importante mencionar que o controle da variável *Paralelismo formal no nível discursivo* foi pautado na hipótese inicial de que, em uma construção seriada, as marcas de CV na 3pp presentes no verbo tendem a induzir o uso de marcas de CV nos verbos seguintes, ao contrário do que ocorre com os verbos precedidos de verbo sem marcas de CV, assim como em construções para as quais só se verifica um verbo. Nestes dois últimos casos, esperávamos mesmo que o emprego de marcas formais de CV na 3pp não fosse beneficiado.

Além disso, vale pontuar que os resultados para a variável *Paralelismo formal no nível discursivo*, neste estudo, corroboram os resultados alcançados por outros pesquisadores da variação na CV com a 3pp que também controlaram a referida variável linguística. Esse é o caso, por exemplo, das pesquisas de Anjos (1999) e Rúbio (2008).

Para fins de comparação, chamamos atenção para os pesos relativos obtidos nas pesquisas de Anjos (1999) e Rubio (2008) quando do controle da variável *Paralelismo formal no nível discursivo* e os achados deste estudo, conforme a Tabela 4:

Tabela 4 – Comparação entre os resultados obtidos nos trabalhos de Anjos (1999) e Rubio (2008) e nesta pesquisa, para a variável *Paralelismo formal no nível discursivo*

Estudo	Anjos (1999)	Rúbio (2008)	Esta Pesquisa
Paralelismo formal nível discursivo			
Verbo precedido de verbo com marca de plural explícita	0.64	0.64	0.897
Verbo precedido de verbo com marca zero de plural	0.22	0.12	0.069
Verbo isolado ou primeiro de uma série	0.50	0.50	0.468

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 4, os resultados obtidos, nesta pesquisa, para a influência da variável *Paralelismo formal no nível oracional* sobre a variação na CV com a 3pp, em amostra de linguagem culta de Fortaleza, caminham na mesma direção dos resultados aos quais chegaram Anjos (1999) e Rubio (2008) ao controlarem essa mesma variável em seus respectivos trabalhos. Afinal, apesar das diferenças entre as amostras de fala estudadas por Anjos (1999) e Rubio (2008)⁴⁹ em relação à amostra deste estudo, constatamos que a aplicação de marcas padronizadas de CV na 3pp mantém um expressivo vínculo com o fato de um determinado verbo ser precedido por verbo com marcas de pluralidade, em construções seriadas.

Nesse contexto, o emprego de marcas de plural no Sintagma verbal (SV) tende a conduzir o uso de marcas em outro SV. Essa disposição é bastante difundida entre os estudiosos do fenômeno, tendo em vista os resultados obtidos no clássico trabalho de Poplack (1980).

Em linhas gerais, ao analisar a queda ou manutenção do (*s*) plural no espanhol falado em Porto Rico e por porto-riquenhos residentes na Filadélfia (EUA), Poplack (1980) constatou a tendência para manutenção da variante explícita de plural segundo a presença da marca de plural nos chamados termos determinantes, isto é, no elemento que geralmente ocupa a primeira posição em uma sentença. Essa posição, por sua vez, se mostra mais propícia ao uso da marca de plural.

⁴⁹ Por exemplo, os autores trabalharam com informantes com diferentes níveis de escolarização.

Além disso, Poplack (1980) constatou que uma forma marcada tende a conduzir ou mesmo resultar em uma outra forma marcada. Por outro lado, o cancelamento de um marcador tende a conduzir a outro cancelamento, ou seja, a não marcação leva a marca zero. Nas palavras de Poplack (1980, p. 63, tradução nossa) “[...] a presença de uma marca de plural antes de um token favorece a retenção de marca neste token, enquanto a ausência de uma marca precedente favorece o apagamento. O efeito maior é produzido quando uma precede imediatamente o token”.

No PB, fenômenos compatíveis (construções que envolvem concordância verbal, nominal e com predicativo) com a marcação de (s) no espanhol falado por porto-riquenhos analisados por Poplack (1980) foram estudados por Scherre e Naro (1991) e Scherre (1998). Em linhas gerais, Scherre (1998) constatou que quando se processa a repetição das variantes (zero ou explícita) na variável dependente dessas construções, a tendência é que haja a presença de um fator restritivo.

De modo mais preciso, Scherre (1998) explica que, esse fator restritivo pode ser verificado ocorrendo entre cláusulas (plano discursivo); no interior de oração (plano oracional); no interior do sintagma (plano sintagmático); entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). Em casos como esses, é possível testar a atuação do Paralelismo formal ou linguístico que mesmo:

[...] recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como paralelismo linguístico [...]. Embora essa variável tenha um efeito uniforme e geral – candidata à universal de uso e processamento linguístico (cf. Scherre e Naro, 1991) –, sua interpretação ainda é bastante diversificada (SCHERE, 1998, p. 11).

Ainda que receba denominações distintas, bem como resulte em interpretações diferentes, o fato de que marcas de pluralidade tende a conduzir a outras marcas de pluralidade, assim como a ausência de tais marcas pode conduzir a forma zero de plural é um princípio já amplamente constatado no âmbito de determinados fenômenos variáveis, a exemplo da CV na 3pp, conforme os achados deste estudo para amostra do falar culto de Fortaleza.

Logo, conforme os resultados apresentados aqui há entre a marcação de marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostra do falar culto fortalezense, e o *Paralelismo formal no nível discursivo*, uma relação explícita no sentido de que a presença de marcas de plural em um SV conduz a marcação de CV em outro SV, em uma construção seriada.

A variável *Tipo de inquérito*

Segundo a ordem de importância estatística estabelecida pelo GoldVarb X, a variável *Tipo de inquérito* foi o terceiro grupo de fatores selecionado e a primeira variável de natureza extralinguística apontada pelo programa como pertinente para a amostra de fala culta fortalezense analisada nesta tese. Antes de apresentarmos os resultados obtidos, julgamos interessante fazer alguns esclarecimentos sobre o controle dessa variável e mesmo retomar alguns pontos a seu respeito discutidos na seção da Metodologia.

Ao contrário das variáveis extralinguísticas *faixa etária* e *sexo*, o *tipo de inquérito* tem relação não com algum traço da identidade social dos informantes, mas sim com o tipo de situação comunicativa na qual estão inseridos os informantes do Projeto PORCUFORT. Conforme destacamos no Quadro 7, os informantes estão alocados em três diferentes tipos de inquéritos:

- a) DID;
- b) D2;
- c) EF.

Cada um desses inquéritos compreende um tipo diferente de situação comunicativa. Nos inquéritos do tipo DID, temos diálogos estabelecidos entre informante (alvo da coleta de nossos dados) e o(a) documentador(a). Trata-se da típica entrevista sociolinguística por meio da qual o(a) pesquisador(a) tenta acessar o chamado *vernáculo* do informante

Apesar dos inúmeros esforços empreendidos pelos(as) documentadores(as) para neutralizar ao máximo as possíveis tensões que podem ser geradas no informante diante de uma situação de entrevistas, assumimos para o DID um ‘nível intermediário de formalidade’⁵⁰. Afinal, sabemos que o(a) informante se encontra na presença de um(a) sujeito(a) estranho (documentador(a)), bem como diante de um gravador em que sua fala está

⁵⁰ Neste trabalho, a noção de formalidade é assumida conforme a proposta de Labov (2008). Segundo esse estudioso, é o grau de formalidade do contexto que leva os(as) informantes prestarem mais atenção à sua fala. Na esteira dessa perspectiva, Hora (2014, p. 21), pontua que “A fala formal é marcada por uma estrutura especial; o estilo formal reduz a variabilidade e a espontaneidade da fala”. Em sentido oposto, a fala informal apresenta maior variabilidade e espontaneidade.

sendo gravada. Juntos, aspectos como esses podem fazer com que o(a) informante se sinta mais tenso e preste mais atenção à sua fala (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

Diante de problemáticas como as que enfrentamos nos inquéritos do tipo DID, alguns bancos de dados mais recentes como o NUNC, PORCUFORT, NORPOFOR, por exemplo, dispõem de inquéritos do tipo D2. Nesses casos, temos diálogos estabelecidos entre dois sujeitos próximos (amigos ou familiares) e sem a presença do(a) documentador(a). Desse modo, esperamos que os(a) informantes se sintam mais à vontade, menos tensos e, assim, não prestem muita atenção a sua fala. Assumimos, portanto, que os inquéritos do tipo D2 apresentam o menor grau de formalidade, dentre os inquéritos que compõem o PORCUFORT (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

No caso do terceiro e último tipo de inquérito testado, isto é, o *EF*, lidamos com a fala gravada de informantes que em situação comunicativa com alto grau de monitoramento linguísticos. O fato é que, no *EF* os homens e as mulheres entrevistadas discursam em situações formais de interação como aulas, palestras, conferências etc.

De acordo com o que discutimos nas seções da dedicadas a literatura pertinente sobre o fenômeno e da Metodologia não localizações estudos de linha variacionista desenvolvidos antes deste que tenham testado a atuação de diferentes *tipos de inquéritos* sobre a variação na CV com a 3pp, fato que nos deixa sem parâmetros quando do levantamento de nossas hipóteses iniciais. Todavia, ao consideramos os inquéritos do tipo DID, D2 e *EF* do PORCUFORT não podemos deixar de notar que impera em cada um deles diferentes graus de formalidade que vão desde o mesmo formal (D2), passando por um grau intermediário (DID), até o grau máximo de formalidade (*EF*).

Amparadas, basicamente, no que parece ser uma espécie de *continuum* de formalidade e informalidade que, aliás, está presente em todo e qualquer gênero (falado ou escrito)⁵¹, elencamos as seguintes hipóteses quando da análise do tipo de inquérito sobre a variação na CV com a 3pp:

- a) A presença de marcação formal de CV na 3pp é favorecida em inquéritos do tipo *EF* e DID, haja vista o maior grau de formalidade que impera nesses dois tipos de inquérito;

⁵¹ Cf. Marcuschi (2010).

- b) Os inquéritos do tipo D2 inibem o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, em função do seu baixo grau de formalidade.

Reforçadas essas informações acerca do controle da variável extralinguística *tipo de inquérito*, vejamos, na Tabela 5, os resultados obtidos.

Tabela 5 – Atuação da variável *Tipo de inquérito*, em amostra de fala culta de Fortaleza

Fator	Apl./Total	%	PR.
Elocução Formal – EF	270/312	86.5%	0.742
Diálogo entre Informante e Documentador - DID	657/928	70.8%	0.387
Diálogo entre 2 Informantes - D2	164/187	87.7%	0.628

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados expostos na Tabela 5 mostram que os inquéritos do tipo EF (0.742) beneficiam de modo bastante expressivo a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra representativa do falar culto de Fortaleza. Além do EF, verificamos, também, que os inquéritos do tipo D2 (0.628) atuam de modo favorável sobre o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido contrário, constatamos que o fator DID (0.387) inibi a realização de marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense.

Esses resultados confirmam, pelo menos em parte, as hipóteses que levantamos inicialmente para a atuação do *tipo de inquérito* sobre o comportamento variável da CV na 3pp. Tal como discutimos anteriormente, acreditávamos, inicialmente, que o DID e o EF seriam favoráveis ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário dos inquéritos do tipo D2. Todavia, vemos que, entre o DID e EF, apenas este último beneficia a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por sua vez, o fator D2 também favorece o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense. O comportamento do D2 refuta, assim, nossa expectativa inicial.

Sobre as hipóteses iniciais para a atuação do *tipo de inquérito* sobre a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta fortalezense, reforçamos que elas estavam ancoradas, basicamente, nos diferentes tipos de formalidade que envolvem o D2, o DID e o EF. Medimos os graus de formalidade levando em consideração três parâmetros que envolvem o tipo de situação comunicativa (formal ou informal) presentes nos diferentes *tipos de inquéritos* do PORCUFORT.

Em primeiro lugar, consideramos o *grau de proximidade ou distanciamento entre os interlocutores*, acreditando que quanto mais próximos forem um do outro, maiores são as chances de empregarem um ‘estilo’ de fala *menos monitorado*. Esse fato pode aproximar os informantes do uso de variantes não formais, como a CV na 3pp sem marcas padronizadas. Em sentido oposto, quanto maior for o distanciamento entre os interlocutores, maiores são as chances de os(as) informantes usarem um modelo de língua *mais monitorado*, o que os(as) levaria a preferir as variantes mais próximas do padrão normativo.

Em segundo lugar, consideramos a *exposição ou não do informante a situações de fala que exigem um grau elevado de monitoramento linguístico*, como por exemplo, entrevistas, conferências, palestras, aulas, exposições, conversas públicas, debates, dentre muitos outros (Cf. Marchuschi, 2010). Marcadas por um grau bastante elevado de formalidade, situações como essas exigem que os interlocutores cuidem da sua fala a fim de preservarem variantes linguísticas bem avaliadas socialmente, a exemplo da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Em terceiro lugar, *o tipo de assunto* também é posto em foco ao assumirmos distintos graus de formalidade para os diferentes *tipos de inquéritos* EF, DID e D2. Sobre essa questão, esperamos que, diante de assuntos mais técnicos, científicos ou mesmo que não lhe são familiares, os(as) falantes prestem mais atenção à sua fala e procurem fazer um maior uso de formas variantes prestigiadas socialmente. O mesmo tende a não ocorrer quando os interlocutores colocam no centro de suas falas assuntos voltados para questões pessoais ou mais próximas de seus conhecimentos de mundo, de suas vivências etc. Nesses casos, acreditamos que os(as) falantes podem se sentir mais à vontade, estabelecendo diálogos mais espontâneos e que, portanto, podem favorecer o uso de variantes que nem sempre condizem com o padrão normativo.

Ao articularmos esses aspectos ao universo dos inquéritos do tipo DID, D2 e EF, reafirmamos que, assumimos que o EF é o tipo de inquérito no qual impera um alto grau de formalidade. Sobre o EF, Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 185) explicam que esse é o tipo de inquérito:

[...] mais formal dentre os três que constituem o PORCUFORT. É composto, geralmente, por aulas, exposições e conferências nos quais os informantes mantêm um nível muito elevado de monitoramento da própria fala. As suas gravações foram realizadas, na grande maioria das vezes, em salas de aula ou auditórios de universidades, o que faz com que tais inquéritos apresentem um tempo menor de duração da fala do informante, que são de, no mínimo, 30 minutos. Assim as gravações de EF são as de menor duração do PORCUFORT.

Admitindo, portanto, que os inquéritos do EF são os mais formais do Projeto PORCUFORT, levantamos, inicialmente, a hipótese de que o favorecimento da variante com marcas formais de CV na 3pp ocorreria nos inquéritos do tipo EF. Conforme os dados da Tabela 5, essa expectativa foi confirmada, pois obtivemos 0.742 de peso relativo para o fator EF. Com isso, podemos afirmar que, na variedade de fala analisada nesta pesquisa, os inquéritos do tipo EF são os grandes aliados da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp.

No que concerne aos inquéritos do tipo DID, assumimos que, nesses casos, impera uma espécie de grau mediano de formalidade, haja vista o fato de que, na grande maioria das vezes, o informante só conhecia o entrevistador(a) no dia da entrevista, ou seja, praticamente não havia proximidade entre eles. Conforme já dissemos antes, o DID compreende o gênero discursivo entrevista sociolinguística, em que informante e documentador(a) se encontram diante do fato de que suas falas, sobretudo, a do informante, estão sendo gravada. Entendemos que esses aspectos conferem um certo grau de formalidade que só é amenizado mediante o tratamento dado pelo(a) documentador(a) ao informante e ao tipo de assunto que são abordados no DID.

A esse respeito, Araújo, Viana e Pereira (2018) explicam que o documentador(a) procurava deixar o informante mais à vontade, dando-lhe total liberdade para escolher o local da gravação, intervalos (caso sentir-se cansado(a)), bem como os tipos de assunto sobre os quais o(a) informante se sentisse mais confortável para falar. Sobre esse último ponto, Araújo, Viana e Pereira (2018) salientam ainda, que seguindo recomendações de Labov (2008), o(a) documentador(a):

[...] conduz a entrevista e é orientado a buscar temas de narrativas de experiências pessoais, com o objetivo de deixar o informante confortável, relaxado, de forma que este possa esquecer de que está em uma situação de entrevista, deixando, se possível, de prestar atenção à própria fala (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018, p. 185).

Uma vez assumido um grau intermediário de formalidade para os inquéritos do tipo DID, acreditávamos, inicialmente, que esse tipo de inquérito pressionaria favoravelmente a realização da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostra de fala fortalezense. Todavia, o peso relativo de 0.387 (*Cf.* Tabela 5) indica que o DID inibe a realização dessa forma variante e beneficia a realização da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Uma possível explicação para esse resultado pode ter relação com o êxito logrado pelo(a) documentador(a) ao conduzir a entrevista, abordado assuntos pessoais ou bastante

próprios ao universo do informante, mostrando assim, que ele/ela podia se sentir mais à vontade e, até mesmo, esquecer que sua fala estava sendo gravada. Condições como essas podem fazer com que os(a) falantes dispensem o uso de formas variantes padronizadas.

Ao contrário do que ocorre no EF e no DID, assumimos para os inquéritos do tipo D2 o menor grau de formalidade do Projeto PORCUFORT. No universo do D2, os informantes possuem algum grau expressivo de proximidade por se tratar de amigos ou familiares (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018). De acordo com Xavier (2018, p. 170, grifo da autora), o conhecimento “mútuo entre os interlocutores seria suficiente para garantir o envolvimento de cada um tanto com o que se diz como com a própria “interação” [...], pois é bem mais fácil dialogar com quem temos afinidade e compartilhar um conjunto de conhecimentos”.

Além da proximidade entre os informantes do D2, destacamos que, nesse tipo de inquérito, o informante não se via diante de um(a) documentador(a)⁵² ou plateias. Situações de exposições como essas certamente podem elevar o grau de monitoramento linguístico por parte do(a) falante. Um terceiro ponto que nutre a ideia de que, no D2, temos um grau bem menor de formalidade em comparação com o EF e DID, compreende os tipos de assuntos predominantes nos inquéritos do tipo D2. Afinal, por tratar-se de diálogos estabelecidos entre amigos ou familiares, os assuntos abordados no D2 sempre eram de interesse e bastante conhecidos por ambos os(a) informantes.

Considerando a proximidade entre os(as) informantes, um ambiente de interação confortável e não exposição a pressões externas, bem como os assuntos incomuns abordados durante o D2, esperávamos que o menor grau de formalidade garantido por esses três aspectos, por exemplo, inibisse o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. No entanto, o peso relativo de 0.628 (Cf. Tabela 3) mostra que, no contexto do D2, a variante com marcas formais de CV na 3pp é beneficiada em detrimento da variante sem marcação formal de CV. Novamente, nossa hipótese inicial para a atuação de um dos fatores que compõem o *tipo de inquérito*, nesse caso o D2, sobre a variação na CV com a 3pp foi refutada.

Diante disso, somos levadas a crer que, apesar de apresentarem aspectos que podem tornar a situação de interação mais espontânea, menos tensa, conforme discutimos nos parágrafos anteriores, sempre há a possibilidade de os(as) informantes não conseguirem relaxar durante as gravações dos D2 por estarem conscientes de que suas falantes estão sendo

⁵² A fim de garantir que os diálogos ocorram somente entre os(as) dois(as) informantes, o(a) documentador(a) se encontra ausente do ambiente em que ocorre a interação, interferindo nos diálogos apenas em última instância (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

gravadas. Sobre esse último ponto, cabe-nos ressaltar, conforme Araújo, Viana e Pereira (2018), que embora a finalidade das entrevistas (análise de aspectos da fala) só fosse revelada aos(as) participantes ao término dos inquéritos, é obvio que os(as) informantes estavam cientes de que suas falas estavam sendo gravadas.

A variável *Presença ou ausência do que relativo entre verbo sujeito*

Em conformidade com o que explicamos na seção da Metodologia, a análise da possível influência da variável *Presença ou ausência do que relativo entre verbo e sujeito* tomou como norte os trabalhos de Naro e Scherre (2003) e Monte (2007). Em linhas gerais, esses pesquisadores comprovaram a relevância do *que relativo* para a marcação ou não de CV na 3pp padronizada. Em linhas gerais, as referidas pesquisas mostraram que a presença do *que relativo* inibe a realização da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, ao contrário da ausência do *que relativo*, pois quando não está presente, temos o favorecimento de marcas padronizadas de CV na 3pp. Diante desse quadro, decidimos analisar como a ausência e presença do *que relativo* se comportariam diante do comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de linguagem culta usada nesta pesquisa.

Tal como em Naro e Scherre (2003) e Monte (2007), verificamos que o grupo de fatores linguísticos *Presença ou ausência do que relativo entre verbo e sujeito* também é relevante para a amostra de fala culta analisada nesta tese, sendo a quarta variável selecionada como estatisticamente pertinente pelo GoldVarb X.

A fim de melhor expor nossos achados para a atuação da variável *Presença ou ausência do que relativo entre verbo e sujeito* sobre a realização das variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, distribuímos os resultados numéricos obtidos para a referida variável na Tabela 6:

Tabela 6 – Atuação da variável *Presença ou ausência do que relativo entre verbo sujeito*, em amostra de fala culta fortalezense

Fator	Apl./Total	%	PR.
Presença do <i>que relativo</i> entre SN/sujeito e verbo	171/203	84,2%	0.640
Ausência do <i>que relativo</i> entre SN/sujeito e verbo	920/1.224	75,2%	0.476

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 6, o fator *presença do que relativo entre SN/sujeito e verbo* beneficia (0.640) a realização da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, enquanto o fator *ausência do que relativo entre SN/sujeito e verbo* inibi (0.476) inibi o uso dessa mesma forma variante, em amostra de fala culta de Fortaleza. Esses resultados refutam, portanto, a hipótese que levantamos inicialmente para a atuação dos fatores que compõem a variável *Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo*, em dados representativos da variedade culta falada na capital cearense. Afinal, inicialmente, esperávamos que, tal como apontaram os trabalhos de Naro e Scherre (2003) e Monte (2007), a ausência do *que relativo* atuasse como favorecedora da realização da variante padronizada para a CV na 3pp, fato esse que, na presente pesquisa, não se confirmou.

Sobre a hipótese levantada inicialmente, é importante dizer que ela está pautada na seguinte pressuposição:

Será que o pronome relativo *que* funciona no sentido de relembrar ao falante qual é o sujeito da oração, aumentando a saliência da relação sujeito/verbo, e aumentando por isso as chances de marcação plural explícita do verbo em relação a outros casos em que há o mesmo número de sílabas entre sujeito e verbo? Ou, ao contrário, será que o pronome relativo *que* tem o efeito de mascarar a relação sujeito/verbo, provocando menos marcas explícitas de plural do que outras partículas de uma única sílaba? (MONTE, 2007, p. 81).

Em conformidade com o que já sinalizamos, os dados de Naro e Scherre (2003) e Monte (2007) mostram que é justamente no âmbito da segunda indagação feita por Monte (2007) que a presença do *que relativo* tende a atuar diante da variação na CV com a 3pp. Isto é, quando o *que relativo* não está presente há mais chances de os falantes realizarem a concordância, já que quando aparece, o *que relativo* pode atuar no sentido de ‘mascarar’ a relação entre verbo-sujeito, promovendo, assim, a não preservação de marcas padronizadas de CV na 3pp.

Em direção oposta, verificamos, conforme já mencionamos que, na amostra desta pesquisa, é justamente a presença do *que relativo* que beneficia a realização da variante com marcas de CV na 3pp. Assim, compreendemos que, para os informantes deste estudo, no que tange à amostra de fala culta fortalezense, a presença do *que relativo* pode ser tida como um elemento interveniente entre sujeito e verbo que atua de modo a salientar a relação entre eles e, dessa maneira, conduz a preservação das marcas padronizadas de CV na 3pp, como é possível verificar em construções do tipo:

- (111) Inf.: **as próprias empresas que produzem** o material é **que são** responsáveis por isso aí (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I (22-35 anos); ensino superior completo).
- (112) Inf.: **ela tá sim entre as doenças que mais matam** no Brasil (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I (22-35 anos); ensino superior completo).

A variável *Faixa etária*

Papel estatisticamente relevante para a variação na CV com 3pp, em dados de fala culta fortalezense, também foi atribuído a variável extralinguística *Faixa etária*. Afinal, essa variável foi a quarta selecionada na escala de relevância estatística estabelecida pelo Goldvarb X e o terceiro grupo de caráter extralinguístico que se mostrou pertinente para amostra de fala culta. Os resultados para cada um dos fatores que compõem a variável *Faixa etária* estão distribuídos na Tabela 7:

Tabela 7 – Atuação da variável *Faixa etária*, em amostra de fala culta fortalezense

Fator	Apl./Total	%	PR.
Faixa I (22-35 anos)	381/498	26,4%	0.440
Faixa II (36-49 anos)	431/552	38,7%	0.546
Faixa etária III (a partir de 50 anos)	279/377	34,9%	0.512

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 7, os informantes da Faixa I (0.440) tendem a inibir o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, os falantes da Faixa II (0.546) beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Já os informantes da Faixa III (0.512) se comportaram praticamente de forma neutra, em amostra de fala culta fortalezense.

Esses resultados comprovam, pelo menos uma das hipóteses levantadas inicialmente para o controle da *Faixa etária*, nesta pesquisa. Afinal, esperávamos que a referida variável extralinguística se mostrasse pertinente, de modo geral, para o comportamento variável da CV na 3pp, em dados de fala culta representativos da capital cearense. De igual modo, acreditávamos inicialmente que os informantes mais jovens da amostra se comportariam de modo a beneficiar a marcação de CV na 3pp, hipótese que não se confirmou de todo. Em sentido oposto, assumimos, de início, que os falantes mais velhos poderiam inibir o uso dessa mesma forma variante, ideia refutada pelos dados.

Sobre tais hipóteses, é importante dizer que, classicamente, os estudiosos variacionistas preconizam que informantes mais velhos tendem a se mostrar mais conservadores em seu comportamento linguístico (LABOV, 1994; NARO, 1992; ECKERT, 1997), optando, assim, por usarem formas linguísticas mais próximas do padrão normativo da língua. Todavia, optamos por não seguir essa linha de raciocínio, tendo em vista que estudos recentes sobre a variação na CV com a 3pp comprovam que, contrariando a hipótese clássica, os falantes com idades que giram em torno de 15 a 45 anos são os que mais têm favorecido a CV na 3pp.

Essa assertiva pode ser verificada em estudos como variacionistas sobre o fenômeno em tela como os de Scherre e Naro (1993), Anjos (1999) e Mongulhott (2009) para os quais os falantes mais jovens das amostras estudadas nas referidas pesquisas atuaram de modo a favorecer a realização da CV com a 3pp. Sobre esse ponto, vale salientar que, embora para a amostra de fala culta de Fortaleza, os falantes mais jovens (Faixa I: 22-35) não tenham se mostrado aliados da CV na 3pp, foram os sujeitos da Faixa II (36-50) – tida como intermediária – que beneficiaram de modo mais expressivo (0.546) a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Na busca por explicações para esses resultados, lançamos mão da ideia segundo a qual falantes com idade entre 36-49 são sujeitos que compartilham uma série de características sociais que tendem a pressionar seu comportamento linguístico de modo a fazer com que procurem maior aproximação das variantes linguísticas tidas como padronizadas e, na grande maioria das vezes, prestigiadas socialmente.

Como exemplo de tais características, vale lembrar que os indivíduos nessa faixa etária, geralmente, estão inseridos no mercado de trabalho, transitam em diferentes redes sociais e tendem a possuir níveis mais elevados de escolaridade, no caso dos informantes do PORCUFORT, todos os informantes possuem ensino superior completo.

Conforme explicamos na seção da Metodologia desta pesquisa (Cf. Quadro 8), os informantes da amostra de fala culta de Fortaleza inseridos na faixa II (36-49 anos) são sujeitos que, na época em que as entrevistas foram realizadas, estavam devidamente inseridos no mercado de trabalho e exercendo profissões como professores universitários e/ou do ensino básico, técnico operacional, pedagogos, médico psiquiatra, dentre outros. Profissões como essas, geralmente, exigem o uso de uma linguagem mais monitorada e, portanto, mais próxima do padrão normativo.

Questões como essas tendem a elevar o nível de monitoramento linguístico por parte dos informantes e fazer com que busquem se aproximar mais das formais linguísticas

prestigiadas socialmente, caso da variante na qual verificamos marcas padronizadas de CV na 3pp.

A respeito das funções ou papéis sociais exercidos pelos falantes e sua relação com a faixa etária, Freitag (2005, p. 111) explica que:

A aquisição da língua, a entrada na escola, a ampliação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias. Logo, a faixa etária não pode ser encarada como um fator simples. Ao contrário, é extremamente complexo, e é preciso muita atenção ao interpretar os resultados de um fenômeno de mudança em função das faixas etárias. A faixa etária é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo.

Sobre a questão da escolarização e sua ligação com a variável *Faixa etária*, há estudos que sinalizam a grande relação entre esses aspectos. Esse é, por exemplo, o caso do estudo de Rubio (2008) no qual o estudioso mostra como a primeira pode exercer algum tipo de influência sobre a segunda. Em linhas gerais, ao testar a atuação da *Faixa etária* sobre a variação na CV com a 3pp, Rubio (2008) verificou que os falantes mais jovens de sua amostra, isto é, indivíduos com 7-15 anos são os que mais inibem (.39) o uso da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp. Ao refletir sobre os resultados encontrados na amostra estudada, Rubio (2008), destaca:

Um fato relevante a ser considerado e que pode explicar o menor índice de CV da faixa etária compreendida entre 7 e 15 anos é que não há, nessa faixa etária, informantes de nível superior, já que os informantes entrevistados, e quaisquer outros jovens com o limite de idade de 15 anos, cursaram, no máximo, até o 1º ano do ensino médio (RUBIO, 2008, p. 114).

Já na pesquisa de Monguilhott (2009), é possível verificar justamente o oposto dos resultados obtidos por Rubio (2008). Afinal, ao testar a atuação da *Faixa etária* sobre a variação na CV com a 3pp, Monguilhott (2009) descobriu que, na amostra de sua pesquisa, são os falantes mais jovens e com ensino superior completo que favorecem (.74) o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Além do fato de estarem inseridos ou buscando inserir-se no mercado de trabalho – fato que pode fazer com os falantes procurem, como já sinalizamos, aproximar-se mais das variantes prestigiadas socialmente – Monguilhott (2009, p. 105) atenta que:

[...] a escola é um dos ambientes que privilegia a norma linguística utilizada na escrita e, de acordo com estudos variacionistas envolvendo a variável anos de escolarização, existe correlação entre formas linguísticas consideradas padrão

(ensinadas na escola e reforçadas em outros ambientes - como TV, jornais) e maior escolaridade.

Nessa linha, nada mais natural que supor, também em conformidade com o que vemos assumindo ao longo deste trabalho, que quanto mais elevado for o nível de escolarização dos informantes, maiores são as chances de eles usarem as formas linguísticas prestigiadas socialmente. Tendo em vista que todos os informantes selecionados para compor a amostra de linguagem culta usada nesta pesquisa possuem ensino superior completo, somos levadas a crer que o fato de os falantes com 36-49 anos beneficiarem o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp está mais relacionado com o fato de, nessa faixa, os informantes estarem mais ativos no mercado de trabalho e possuírem, geralmente, uma maior rede de relações sociais em relação aos jovens das faixas I e III.

No caso dos informantes da *Faixa III* (0. 512) cujo comportamento se aproxima bastante do ponto neutro (0. 50), cabe destacar que, na amostra de fala culta usada neste estudo, lidamos com sujeitos que eram aposentados ou estavam saindo do mercado de trabalho. Em ambos os casos, é natural esperar que esses indivíduos experimentem uma espécie de ‘relaxamento linguístico’ e se sintam mais livres de pressões sociais que, quando estavam inseridos no mercado de trabalho, faziam com que procurassem usar mais formas linguísticas prestigiadas socialmente, a exemplo da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Além das questões já mencionadas acerca da variável *Faixa etária* e os aspectos que podem justificar o modo como esse grupo de fatores atua em maior ou menor proporção sobre a variante com marcas formais de CV na 3pp, vale lembrar que a *Faixa etária* é de grande valia para os estudos variacionistas, não somente porque nos possibilita analisar como mais um aspecto da identidade social dos informantes atua sobre seu comportamento linguístico, mas, também, porque ela pode dar indícios de em qual direção (variação estável ou mudança em curso) caminham os mais diferentes fenômenos de variação e mudança linguística (FREITAG, 2005).

A esse respeito, sabemos que é bastante difundida no cenário dos estudos de natureza variacionista, a ideia de que falantes mais jovens tendem a se mostrar mais receptivos ao uso de formas linguísticas tidas como inovadoras e que, portanto, estão há menos tempo em uma determinada comunidade de fala – caso da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Assim, quando os falantes mais jovens favorecem uma forma linguística inovadora pode ser um sinal de que, talvez, no futuro, a forma inovadora venha a ocupar o

lugar da variante que está há mais tempo na comunidade – como a forma com marcas formais de CV na 3pp.

Nos resultados obtidos para a variação na CV com a 3pp, em função da *Faixa etária*, em dados de fala culta fortalezense da década de 1990, verificamos justamente essa tendência. Ou seja, constatamos que são os falantes situados na faixa dos mais jovens os mais propensos ao uso da variante inovadora, isto é, a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Assim, poderíamos supor que há indícios de a variante inovadora vir a tomar o lugar da forma com marcas de CV na 3pp, no futuro. Todavia, é preciso muita cautela antes de assumir essa ideia, em função de, pelo menos, quatro aspectos.

Em primeiro lugar, destacamos o fato de que os percentuais de uso obtidos para as variantes que compõem a CV na 3pp apontam a variante conservadora (76,5%) (Cf. Gráfico 1) como a grande favorita dos falantes da variedade culta fortalezense, no início da década de 1990. Em outras palavras, verificamos que, de modo geral, os informantes da amostra de fala culta fortalezense selecionados para esta pesquisa preferem a variante com marcas padronizadas de CV ao invés da variante sem marcas formais de CV na 3pp, cujo uso compreende 23,5% (Cf. Gráfico 1) dos casos de variação na CV com a 3pp.

Em segundo lugar, lembramos que esse estudo foi conduzido nos moldes de uma pesquisa variacionista em *tempo aparente* e, dada as limitações de um estudo dessa natureza – conforme discutimos no capítulo dedicado aos postulados teórico-metodológicos da sociolinguística de linha variacionista – qualquer afirmação no sentido de estarmos diante de um processo de mudança em curso é arriscado. A esse respeito, vale lembrar que:

A análise em tempo aparente considera a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em função das faixas etárias para caracterizar uma situação de estabilidade, mudança incipiente, mudança em progresso ou mudança completa. Porém, dada uma distribuição proporcional entre as ocorrências do fenômeno em estudo e as faixas etárias (no sentido que o aumento ou a queda das ocorrências está relacionado com o aumento ou a diminuição da faixa etária), pode-se dizer que é um caso de mudança em progresso ou não? *Sem um estudo em tempo real para contraponto, fica difícil responder a essa questão, pois não só a comunidade como também o indivíduo podem influir no fenômeno da variação e da mudança.* Por isso, é necessário controlar o comportamento linguístico da comunidade como um todo e o comportamento linguístico de cada indivíduo da amostra, especificamente (FREITAG, 2005, p. 110, grifo nosso).

Em terceiro lugar, salientamos que lado os resultados alcançados para a variável *Faixa etária* podem refletir não somente a atuação das diferenciações de idades dos informantes, mas também outros fatores como inserção, atuação no mercado de trabalho, ampla rede social, entre outros aspectos relacionados à realidade social dos falantes podem

variar conforme aumenta ou diminui a faixa etária dos informantes. Esses fatores, por sua vez, podem também estar por trás do maior ou menor uso da variante com marcas formais de CV na 3pp segundo uma determinada faixa etária, conforme discutimos anteriormente.

Um último fator que nos pede cautela ao supor, com base nos resultados da *Faixa etária*, que teríamos indícios de mudança em curso, refere-se justamente aos valores dos pesos relativos obtidos para cada um dos fatores postulados na *Faixa etária*. Conforme os dados da Tabela 7, para os informantes da *faixa I* (22-35 anos), obtivemos um peso relativo igual a 0.440; para os informantes da *faixa II* (36-49 anos), o peso relativo foi de 0.546 e, para a *faixa III* (acima de 50 anos), obtivemos 0.512 de peso relativo. Com isso, vemos que as diferenças entre estatísticas entre os pesos relativos obtidos para as faixas etárias consideradas em amostra de fala culta fortalezense são sutis para que amparar a tese de uma possível mudança em curso.

Diante dos pontos mencionados, nos parece mais interessante supor que o favorecimento do uso da variante com marcas formais de CV na 3pp por falantes da *faixa etária II* e não por falantes da *faixa I* ou *III* (no caso da *faixa III*, vimos que os informantes são praticamente neutros quanto ao uso de tal forma variante) reflete mais fortemente diferenças quanto à gradação etária dos sujeitos selecionados para comporem a amostra do que mesmo um traço de uma possível mudança linguística em curso.

O Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)

A última variável selecionada como estatisticamente relevante para a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza, compreende o *Paralelismo formal no nível oracional*. Trata-se de um grupo de fatores de natureza linguística e cujos resultados obtidos para cada um dos fatores que compõem essa variável estão devidamente distribuídos na Tabela 8:

Tabela 8 – Atuação da variável *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*, em amostra de fala culta fortalezense

Fator	Apl./Total	%	PR.
Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep).	1.020/1.334	76,5%	0.497
Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep).	2/5	28,6%	0.074
Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep).	12/18	66,7%	0.461
Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep).	28/36	77,8%	0.504
Presença de numeral no último (ou único) elemento do SN/sujeito.	11/12	91,7%	0.748
Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito.	18/20	90,0%	0.732

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados obtidos para a variável *Paralelismo formal no nível oracional* mostram que os fatores *Presença de numeral no último (ou único) elemento do SN/sujeito* (0.748) e *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito* (0.732) pressionam de modo favorável a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido oposto, os fatores *Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* (0.497); *Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* (0.461); *Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* (0.074), em especial este último, inibem a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense. Já o fator *Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* (0.504) atuou quase que totalmente de maneira neutra.

Esses resultados comprovam, portanto, algumas das hipóteses iniciais que alimentamos quanto ao comportamento da variável *Paralelismo formal no nível oracional* diante da realização variável da CV na 3pp, haja vista o fato de que esperámos mesmo que esse grupo de fatores se mostrasse relevante estatisticamente para o fenômeno estudado aqui, em amostra de fala culta da capital cearense. De igual modo, esses resultados mostram, também, que fatores como *Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* e *Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*, para os quais preconizamos uma atuação favorável sobre o uso da

variante com marcas formais de CV na 3pp, se comportam de modo praticamente neutro sobre tal variante, em amostra de fala culta fortalezense.

A hipótese inicial para a atuação favorável desses fatores sobre o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp foi levantada porque esse comportamento comprovaria, também em dados desta pesquisa, a tendência já revelada por outros estudiosos da variação na CV com a 3pp. Ou seja, os dados analisados nos mostrariam que a realização da variante com marcas de CV padrão estabelece, também aqui, algum tipo de relação com a ideia de que preservar marcas de plural no SN/sujeito tende a favorecer a manutenção dessas marcas também no verbo. Em sentido contrário, a ausência de marcas de plural no SN/sujeito tende a influenciar a perda de tais marcas também no verbo. Em outras palavras, marcas levam a marcas e zero levam a zero (POPLACK, 1980; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1993; ANJOS, 1999; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009).

No caso da amostra de fala culta analisada nesta pesquisa, conforme assinalamos anteriormente, constatamos que o fator *Presença de numeral no último (ou único) elemento do SN/sujeito* beneficia de modo bastante expressivo (0.748) o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Assim, ocorrências como em (113), (114), (115) e (116), nas quais localizamos numerais inseridos no SN/sujeito, favorecem ou levam ao uso de marcas de pluralidade nos verbos que os acompanha:

- (113) Inf.: na verdade é... assim... **as quatro moram** aqui (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (114) Inf.: **os dois tavam** sempre ai lá rota viajando (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (115) Inf.: **todos três são** basquete (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).
- (116) Inf.: você pega 20 ou 60 meninos daqueles e no máximo **cinco vão** ser jogador de basquetboll basquete (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

Sobre os numerais, vale pontuar, conforme Rúbio (2008, p. 91) que, nessa categoria, o ‘s’ “não é considerado uma marca que diferencia uma forma singular de uma forma plural”. Logo, ao analisarmos as ocorrências em que os numerais pressionam favoravelmente a marcação formal de CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense, somos levadas a crer que esse tipo de influência, por parte dos numerais, tem relação não com a presença da marca canônica de plural, mas sim com noção de pluralidade que os numerais

acima de ‘um’ e presentes no corpo do SN/sujeito denotam. Ou seja, acreditamos que, para os informantes da amostra de fala culta fortalezense analisada nesta tese, quando se trata da categoria dos numerais, a ideia de pluralização expressa nesses elementos é de grande valia e faz com que eles preservem as marcas de plural também nos verbos.

Além da categoria dos numerais, verificamos – conforme destacado anteriormente – que o fator *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito* também se mostrou favorável para a marcação formal de CV na 3pp, em amostra de fala culta da capital cearense. Exemplos desse tipo de ocorrências podem ser conferidas em (117), (118), (119) e (120):

- (117) Inf.: **essas são** as doenças que mais **causam** mortes (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (36-49 anos); ensino superior).
- (118) Inf.: ahh **eles sofrem** muito né porque não tem apoio dos amigos, da família (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (36-49 anos); ensino superior).
- (119) Inf.: **os homens são** muito afetados (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (36-49 anos); ensino superior).
- (120) Inf.: **elas são** tratadas assim (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (36-49 anos); ensino superior).

Em casos como esses, constatamos que os informantes da amostra tendem a preservar as marcas de CV padrão no verbo. Embora o fator *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito* não tenha se mostrado estatisticamente pertinente para sua pesquisa, quando do controle da variável *Paralelismo formal no nível oracional*, Rubio (2008, p.73) explica que “é impossível detectar se o ‘s’ pronunciado entre SN-sujeito e o verbo pertence a um ou outro elemento”. Em função disso, acreditamos que o informante sente, portanto, a necessidade de enfatizar as marcas de pluralização na forma verbal.

Além disso, não descartamos a possibilidade de a neutralização no último elemento do SN/sujeito estabelecer algum tipo de relação com a saliência na diferenciação entre singular e plural das formas verbais. Afinal, em ocorrências do tipo em (118), (119) e (120), vemos que há um alto grau de diferenciação entre a forma verbal no plural (*são*) e sua realização no singular (*é*), fato que também pode pressionar os falantes a usarem mais a variante com marcas de CV na 3pp. A esse respeito, lembramos que, ao discutir os resultados obtidos para a variável *Saliência fônica*, vimos que formas verbais como *é* e *são* – nas quais se verifica um alto grau de saliência fônica – beneficiam de maneira bastante expressiva o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala culta da capital cearense.

6.2.2 Variáveis descartadas, em amostra de fala culta fortalezense

Conforme destacamos anteriormente, as variáveis *Tipo estrutural do sujeito*, *Traço semântico do sujeito* e *Sexo* não foram selecionadas como estatisticamente pertinentes pelo GoldVarb X, para a amostra de linguagem culta fortalezense analisada nesta pesquisa. O descarte desses grupos de fatores pelo programa de análise estatística refuta, portanto, nossas expectativas iniciais quanto ao comportamento dessas variáveis diante da variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta representativa da capital cearense. Afinal, tal como discutimos na seção da Metodologia, esperávamos que as variáveis *Tipo estrutural do sujeito*, *Traço semântico do sujeito* e *Sexo* se mostrassem estatisticamente pertinentes, expectativa que não se confirmou.

Mesmo diante da não seleção estatística dessas variáveis pelo GoldVarb X, acreditamos que é interessante apresentar os percentuais obtidos para cada um dos fatores controlados no interior das variáveis *Tipo estrutural do sujeito*, *Traço semântico do sujeito* e *Sexo* para amostra de fala culta fortalezense. A esse respeito, Guy e Zilles (2007, p. 216) apontam que “na análise quantitativa, dado grupo de fatores pode não ser significativo, mas o resultado é, em si, importante em relação ao que já sabemos a respeito da língua estudada ou do fenômeno focado na análise”. Na esteira desse pensamento, optamos, portanto, por apresentar e refletir sobre os resultados referentes aos percentuais de uso obtidos para os fatores que compõem as variáveis *Tipo estrutural do sujeito*, *Traço semântico do sujeito* e *Sexo*.

Assim, intentamos analisar o que esses dados percentuais podem nos indicar sobre o comportamento desses fatores diante da variação para a CV na 3pp, em amostra de linguagem culta da capital cearense. Salientamos que esse mesmo procedimento será adotado quando da apresentação e discussão dos resultados obtidos para a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza.

Sobre a opção de apresentar e discutir os percentuais de uso para os fatores que compõem as variáveis descartadas pelo programa estatístico, destacamos, ainda conforme Guy e Zilles (2007), que em um estudo no qual busca-se estabelecer comparações entre resultados obtidos para diferentes amostras de fala – tal como procedemos nesta tese – se impõe, também, “a apresentação e discussão dos resultados sem significância” (GUY; ZILLES, 2007, p. 217).

Dito isto, salientamos que a apresentação das variáveis não selecionadas pelo GoldVarb X obedece a ordem decrescente de exclusão.

Variável *Tipo estrutural do sujeito*

A variável *Tipo estrutural do sujeito* foi a última, em termos de exclusão, a ser descartada pelo GoldVarb X, nos dados da amostra representativa do falar culto de Fortaleza. Os percentuais de uso para cada um dos fatores controlados na variável *Tipo estrutural do sujeito* podem ser devidamente conferidos na Tabela 9:

Tabela 9 – Percentuais de uso para a variável *Tipo estrutural do sujeito*, em amostra culta fortalezense

Fator	Apl./total	%
SN/sujeito pleno simples	384/509	75,4%
SN/sujeito pleno nu	101/120	84,2%
SN/sujeito pleno composto	19/23	82,6%
Pronome pessoal (eles/elas)	535/395	73,8%
Pronome demonstrativo	110/139	79,1%
Quantificadores indefinidos	47/58	81,0%
Numeral (como núcleo ou adjunto)	33/41	80,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os dados da Tabela 9, é possível dizer que todos os fatores controlados na variável *Tipo estrutural do sujeito* apresentaram altos percentuais de uso para a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Assim, constatamos que, na faixa dos 70%, temos os fatores *SN/sujeito pleno simples* (75,4%), *Pronome pessoal (eles/elas)* (73,8%) e *pronome demonstrativo* (79,1%). Ou seja, para todos esses fatores, na amostra de linguagem culta falada e analisada nesta pesquisa, a variante com marcas formais de CV é usada em mais de 70% dos casos.

Nas ocorrências (121) a (123), temos exemplos de construções com *SN/sujeito pleno simples*, *Pronome pessoal (eles/elas)* e *pronome demonstrativo*, respectivamente, extraídos da amostra de linguagem culta falada em Fortaleza e analisada nesta tese:

- (121) Inf.: **as doenças que mais matam** no Brasil (PORCUFORT; DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).
- (122) Inf.: **eles fazem** é for a (PORCUFORT; DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).
- (123) Inf.: **essas são** as doenças que mais **causam** mortes **eles fazem** é for a (PORCUFORT; DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).

Os demais fatores testados, na variável *Tipo estrutural do sujeito*, também apresentaram altos percentuais de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp, em dados de fala culta fortalezense. Em termos mais exatos, verificamos fatores com percentuais de uso praticamente superiores a 80%: *SN/sujeito pleno nu* (84,2%), *SN/sujeito pleno composto* (82,6%), *Quantificadores indefinidos* (81,0%) e *Numeral (como núcleo ou adjunto)* (80,5%).

Com o intuito de ilustrar esses fatores, destacamos as ocorrências de (124) a (128), respectivamente:

- (124) Inf.: temos **doenças que existiam** entre a população que não existem mais (PORCUFORT; DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).
- (125) Inf.: **os médicos e os dentistas acha** que é tudo normal sabe (PORCUFORT; DID 01; Informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).
- (126) Inf.: **muitos são** antigos (PORCUFORT; DID 01; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior).
- (127) Inf.: e agora esse ano **duas vão** para o Colégio 07 de Setembro (PORCUFORT; DID 08; informante do sexo masculino; faixa etária II: (22-35 anos); ensino superior).

Sobre os resultados obtidos para a variável *Tipo estrutural do sujeito* se faz pertinente destacar que pesquisas anteriores a esta como, por exemplo, o trabalho de Rubio (2008), Monguilhott (2009) e Monte (2012), já sinalizavam a pertinência desse grupo de fatores para o comportamento variável da CV na 3pp. Daí termos decidido testar a possível atuação dessa variável, também, neste trabalho. E, embora a variável *Tipo estrutural do sujeito* não tenha sido selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente pertinente para os dados de fala culta fortalezense, os percentuais de uso para os fatores que compõem a variável em discussão nos fornecem resultados interessantes quantos às hipóteses levantadas inicialmente.

A esse respeito, chamamos atenção para os fatores *SN/sujeito pleno nu* (84,2%) e o fator *Pronome pessoal (eles/elas)* (73,8%) que atingiram, respectivamente, o maior e o menor percentual de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra do falar culto fortalezense. A questão que aqui se coloca compreende o fato de que, desde o início, acreditávamos que o *SN/sujeito pleno nu* beneficiaria o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto o fator *Pronome pessoal (eles/elas)* poderia atuar de modo a inibir a realização dessa mesma forma variante, conforme Monte (2012).

Sobre tais premissas, cabe salientar que, embora não possamos afirmar com base em pesos relativos – uma vez que os pesos somente são fornecidos quando a variável é selecionada como estatisticamente pertinente para o estudo variacionista – verificamos que é justamente o fator *SN/sujeito pleno nu* (84,2%) que apresenta o maior percentual de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp, em dados de fala culta de Fortaleza. Em sentido oposto, mas também em harmonia com nossas expectativas iniciais, o fator *Pronome pessoal (eles/elas)* (73,8%) possui o menor índice de CV na 3pp, em amostra de linguagem culta fortalezense considerada nesta pesquisa.

Variável *Traço semântico do sujeito*

Ao controlar a variável *Traço semântico do sujeito* – tal como sinalizamos na seção dedicada à Metodologia deste estudo – procuramos, basicamente, analisar como os diferentes ‘traços’, em termos semânticos, apresentados pelo SN/sujeito podem interferir na realização variável da CV na 3pp. Todavia, ao contrário do que esperávamos, essa variável não foi selecionada como estatisticamente pertinente pelo GoldVarb X, sendo, na verdade, a penúltima variável excluída pelo programa, em amostra de fala culta fortalezense.

De todo modo, foi possível obter percentuais de uso para cada um dos fatores controlados na variável *Traço semântico do sujeito* e, embora não possamos fazer afirmações mais precisas acerca da atuação dessa variável em dados de linguagem culta da capital cearense, esses percentuais de uso nos fornecem pistas interessantes acerca da relação entre o *Traço semântico do sujeito* e o uso das variantes que compõem a realização variável da CV na 3pp, em dados de fala culta da capital cearense.

A respeito dos resultados obtidos para a variável *Traço semântico do sujeito*, em amostra de linguagem culta falada na capital cearense, vejamos os dados distribuídos na Tabela 10:

Tabela 10 – Percentuais de uso para a variável *Traço semântico do sujeito*, em amostra de fala culta fortalezense

Fator	Apl./total	%
[+humano]	691/889	85,9%
[-humano + animado]	79/92	77,7%
[-humano - animado]	321/446	72,0%

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 10, os fatores [+humano] e [-humano + animado] apresentam os maiores índices de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza, pois esses fatores atingiram, respectivamente, 85,9% e 77,7% dos casos de uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, o fator [-animado] atingiu o menor índice de uso quando da realização da variante com marcas padronizadas de CV.

Com base nesses resultados, podemos dizer que, no âmbito da amostra representativa do falar culto fortalezense considerada nesta tese, quando o SN/sujeito apresenta os traços [+humano] e [-humano + animado] há maiores chances de a variante com marcas de CV ser usada pelos informantes. São exemplos dos fatores [+humano] e [-humano + animado], as ocorrências em (128), (129), (130) e (131), respectivamente:

(128) Inf.: geralmente **as pessoas se infecta** com o vírus hoje dia assim (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

(129) Inf.: foi descrito como de 7 a 8 anos, às vezes até 10 anos, **as pessoas levam** pra manifestar o vírus (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

(130) Inf.: **os gato e os cachorros de lá latem** muito só você vendo (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); ensino superior completo).

(131) Inf.: **as aves chegam e fica** por lá mesmo eu tenho é pena dos bichinhos (PORCUFORT; DID; informante do sexo feminino; faixa etária II: (36-49 anos); ensino superior completo).

Por seu turno e conforme já indicamos, ainda que tenha atingido mais de 70% de casos para a variante com marcas de CV na 3pp, o fator [-humano -animado] (72,0%) se destacou menos em relação aos outros dois fatores testados na variável *Traço semântico do sujeito*. Sobre o fator [-humano -animado], em amostra de fala culta fortalezense, destacamos as ocorrências em (132) e (133):

(132) Inf.: **os musicais não são** contemplados (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária III: (acima de 50 anos); ensino superior completo).

(133) Inf.: **as programações era** diferenciadas demais (PORCUFORT; DID; informante do sexo masculino; faixa etária III: (acima de 50 anos); ensino superior completo).

No que concerne as nossas expectativas iniciais para o controle da variável *Traço semântico do sujeito*, lembramos que a consideração dessa variável estava pautada na premissa inicial de que o fator traço [+humano] tende a desempenhar um papel relevante para a uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. De modo mais preciso, acreditávamos que, a exemplo do que nos mostram outros estudos variacionistas (SCHERRE; NARO, 1998), quando o traço [+humano] impera no SN/sujeito, a variante com marcas formais de CV tende a ser favorecida. Ao contrário do que ocorre quando o traço semântico do SN/sujeito é [-humano].

Sobre essas hipóteses, podemos dizer que os percentuais obtidos para os fatores que compõem a variável *Traço Semântico do sujeito*, em amostra de fala culta de Fortaleza indicam que, para o fator traço [+humano], há uma maior tendência para o uso da variante com marcas de CV na 3pp, haja vista esse fator compreender 85,9% dos casos de concordância, em amostra de fala culta da capital cearense. Ou seja, o fator [+humano] apresenta, no âmbito da variável *Traço semântico do sujeito*, o maior percentual de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido oposto, o fator [-humano - animado] atingiu um percentual de uso igual a 72,0%, o menor dessa variável.

Variável sexo

Conforme explicamos na seção da Metodologia, controlamos, no âmbito das variáveis extralinguísticas, o *Sexo* tanto em amostra de fala culta como popular da capital do estado do Ceará. Com isso, procuramos analisar se as diferenças quanto aos papéis sociais exercidos por homens e mulheres influenciam o modo como os sujeitos deste estudo se comportam linguisticamente. Afinal, ao laçarmos mão dos postulados da Sociolinguística variacionista para análise linguística, assumimos que traços ou questões externas ao sistema, como é o caso do sexo dos indivíduos, pode exercer algum tipo de influência sobre seus comportamentos linguísticos.

No caso da variável *Sexo*, procuramos analisar como homens e mulheres se comportam diante da variação na CV com a 3pp. Para a amostra de fala culta fortalezense, vimos que a variável *Sexo* não foi selecionada como estatisticamente pertinente. Mesmo em face da exclusão da variável *Sexo*, o GoldVarb X, forneceu os percentuais de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp, tanto na fala de homens como na fala das mulheres da amostra. Esses resultados numéricos podem ser conferidos na Tabela 11:

Tabela 11 – Percentuais de uso para a variável *Sexo*, em amostra de fala culta fortalezense

Fator	Apl./Total	%
Homens	562/756	78,8
Mulheres	529/671	74,3

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 11, o percentual de uso para a variante com marcas de CV na 3pp é igual a 78,8%, para os informantes do sexo masculino, enquanto as mulheres atingiram um percentual de uso para essa mesma forma variante igual a 74,3%. Com isso, constatamos que, na amostra de linguagem culta falada em Fortaleza e usada nesta tese, os homens tendem a usar mais a variante com marcas padronizadas que as mulheres.

Ainda que, em termos numéricos, as diferenças entre o uso da variante com marcas de CV na 3pp registradas na fala de homens e mulheres não sejam tão marcantes, é, conforme já dissemos, na fala dos informantes do sexo masculino que essa variante tende a ocorrer com maior frequência. E, ainda que não possamos afirmar – haja vista o *Sexo* não ter sido selecionado pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante para a amostra – que os homens são aliados da variante com marcas de CV, em amostra de fala culta fortalezense, é justamente na fala desses sujeitos que tal variante se manifesta com percentual um pouco mais elevado.

Esses resultados caminham em direção oposta à hipótese que inicialmente levantamos quando da consideração da variável *Sexo*. A esse respeito, lembramos que, de início, nossa expectativa era a de que as mulheres se mostrassem mais conservadora que os homens diante da variação na CV na 3pp. Nesse sentido, esperávamos que as mulheres usassem com maior frequência a variante com marcas formais de CV, ao contrário dos homens, para os quais esperávamos percentuais de usos mais discretos em relação à variante com marcas de CV na 3pp.

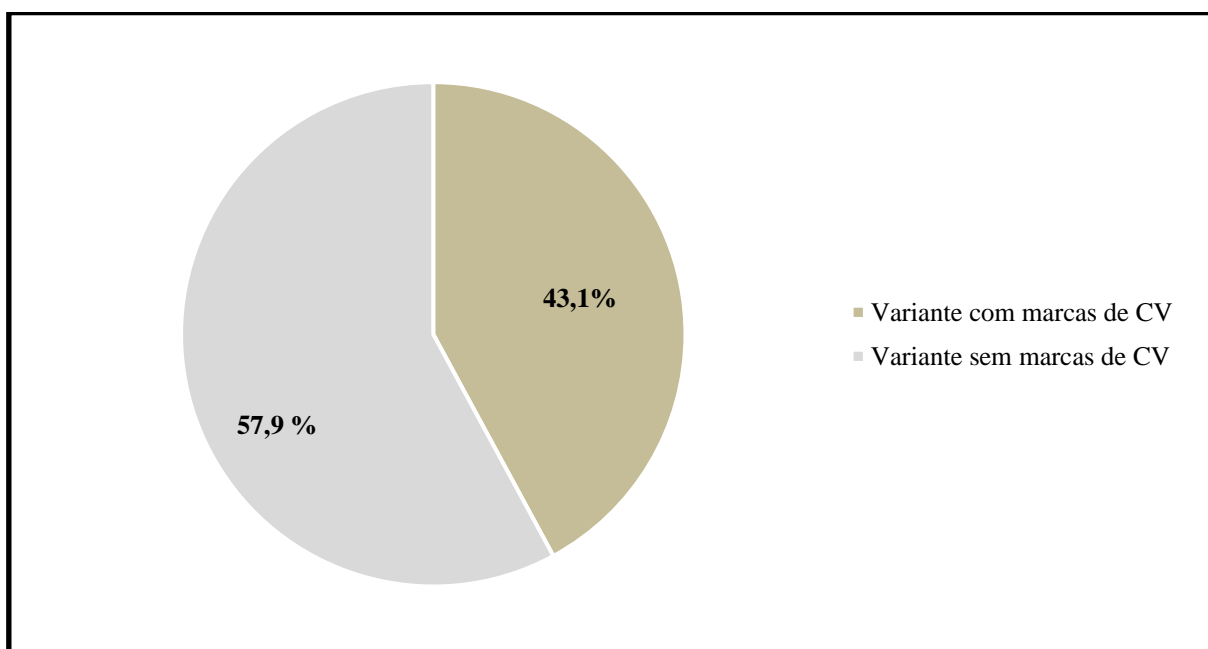
Essas proposições iniciais encontram amparo na ideia, bastante difundida entre os variacionistas, de que as mulheres tendem a ser mais conservadoras linguisticamente falando do que sujeitos do sexo masculino (LABOV, 2008). Todavia, os resultados para a análise do *Sexo*, em amostra de fala culta de Fortaleza, indicam justamente o oposto do que esperávamos. Afinal, ainda que de modo discreto, os homens se mostraram mais conservadores em relação ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp do que as mulheres.

6.3 Variação na CV com a 3pp, em amostra de fala popular fortalezense: visão geral do fenômeno

Para a análise da variação na CV com a 3pp, em amostra de fala popular da capital cearense, trabalhamos com 35 inquéritos do tipo DID e D2. Ao longo da audição desses inquéritos, localizamos 1.153 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse número total, 486 (42,2%) casos correspondem a variante com marcas formais de CV na 3pp. Em contrapartida, localizamos 667 (57,8%) ocorrências para a variante sem marcas formais de CV na 3pp.

Os percentuais de uso correspondentes à realização das variantes investigadas, na amostra de fala representativa da variedade popular falada em Fortaleza, podem ser mais bem visualizados nos dados do Gráfico 5:

Gráfico 5 – Frequência de uso das variantes investigadas, em amostra de fala popular fortalezense



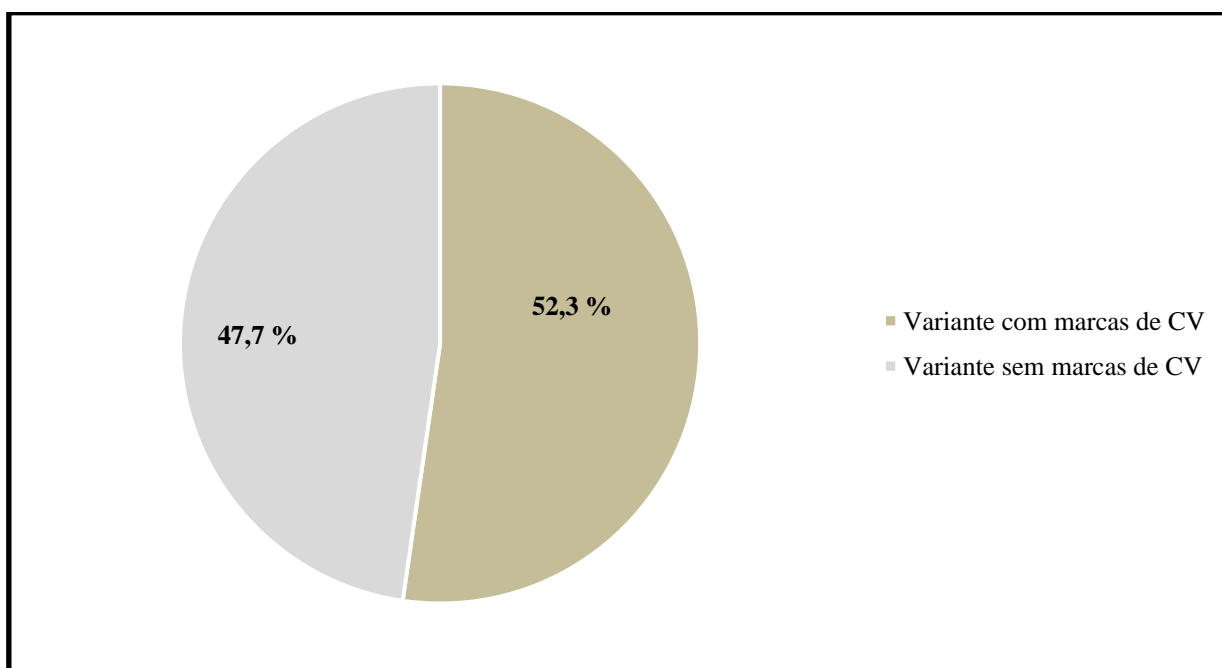
Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados obtidos mostram que, em amostra de fala representativa do falar popular de Fortaleza do início da década de 2000, a variante com marcas de CV na 3pp se realiza com uma frequência menor do que a variante sem marcas de CV na 3pp. Ou seja, na amostra de fala popular investigada neste estudo, predomina o uso da variante sem marcas de

CV na 3pp. Esses resultados refutam, portanto, a hipótese inicialmente levantada para o comportamento das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense. Afinal, conforme explicitamos na seção da Metodologia, esperávamos inicialmente que o uso da variante com marcas formais de CV ocorresse com frequência maior do que a variante sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense.

Sobre esse pressuposto inicial, lembramos que, embora tenhamos trabalhado com amostra de linguagem popular – fato que poderia beneficiar o predomínio da variante sem marcas formais de CV sobre a variante com marcas formais de CV na 3pp – tomamos como norte os resultados obtidos em Pereira (2016). Nele, realizamos, dentre outras, uma rodada de análise estatística específica para os dados de informantes com 0-4 anos de escolarização extraídos do bando de dados do NORPOFOR, tal como procedemos nesta tese. Em Pereira (2016), constatamos que a variante com marcas formais de CV na 3pp é usada com maior frequência do que a variante sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala de fala popular da capital cearense, conforme os dados do Gráfico 6:

Gráfico 6 – Percentual de uso obtido para as variantes em amostra de fala popular fortalezense informantes, no estudo de Pereira (2016)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Pereira (2016).

Assim, nos pareceu lógico supor que, também na amostra deste estudo, a frequência de uso para a realização da variante com marcas formais de CV seria maior do que a frequência de uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp, expectativa que não se confirmou. Diante da refutação da hipótese que inicialmente levantamos para a realização das variantes estudadas, cabe-nos procurar explicações para os achados desta tese.

Com intuito de encontrar explicações para tais resultados numéricos, laçamos mão da ideia segundo a qual o predomínio – em termos numéricos – da variante sem marcas de CV sobre a variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular analisada nesta tese, pode ter relação com os tipos de inquéritos considerados aqui, em relação ao tipo de inquérito com o qual trabalhamos em Pereira (2016). Para a realização desta tese, ao considerarmos dados de fala popular fortalezense, trabalhamos não apenas com dados extraídos de inquéritos do tipo DID – tal como fizemos em Pereira (2016) – mas também com inquéritos do tipo D2.

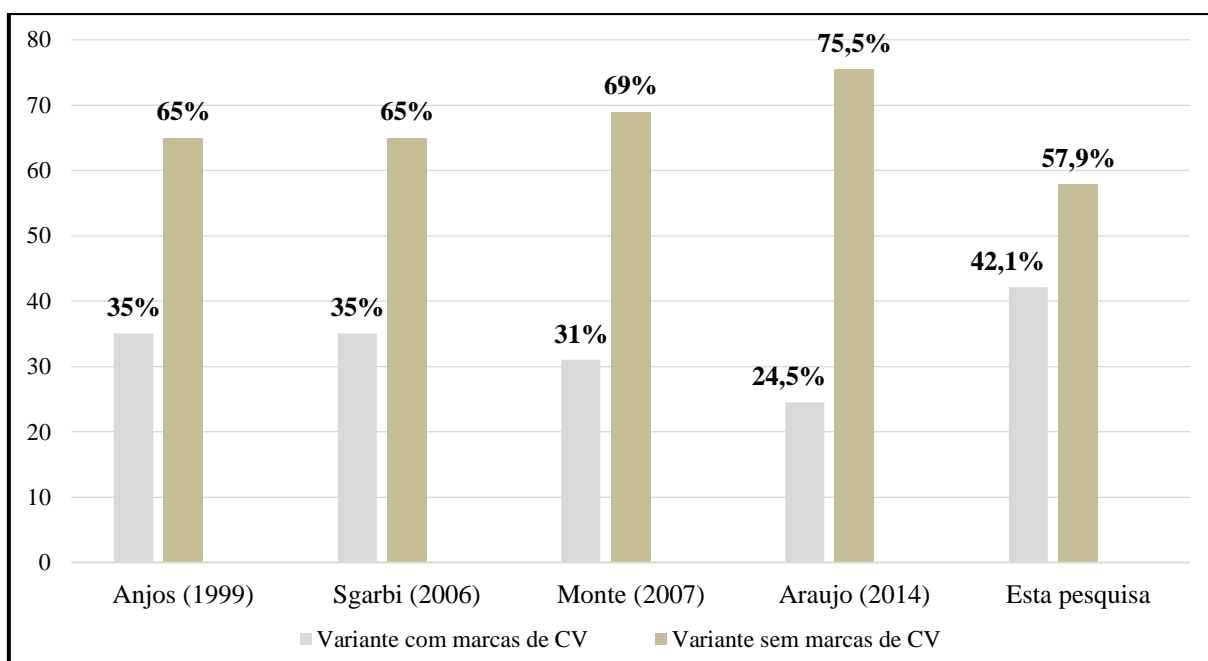
Grosso modo, tal como discutimos em outros momentos deste estudo, os inquéritos do tipo DID apresentam um grau intermediário de formalidade, o que pode exercer algum tipo de pressão sobre a fala dos informantes no sentido de fazer com que eles prefiram usar variantes linguísticas mais próximas do padrão normativo (caso da variante com marcas formais de CV na 3pp). Por outro lado, os inquéritos do tipo D2 são considerados os menos formais, no Projeto NORPOFOR. Logo, os D2 são inquéritos em que os informantes podem prestar menos atenção a sua fala e usarem com maior frequência formas linguísticas mais distantes do padrão normativo (caso da variante sem marcas formais de CV na 3pp).

Diante disso, nos parece plausível crer que o predomínio da variante sem marcas formais de CV na 3pp sobre a variante com marcas formais de CV, em amostra de fala representativa do falar popular de Fortaleza, pode estar relacionado, também, ao tipo de inquérito. Afinal, a consideração de dados obtidos por meio de um tipo de inquérito com baixo grau de formalidade pode fazer com os informantes usem mais a variante não padronizada.

Se por um lado, os resultados obtidos para o comportamento das variantes que compõem a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala popular, refutam nossa hipótese inicial e se distanciam dos achados de Pereira (2016), também obtidos a partir da análise do falar de informantes com 0-4 anos de escolaridade; por outro lado, os achados desta tese para a realização das variantes analisadas se aproximam dos resultados obtidos por outros pesquisadores da variação na CV com a 3pp.

Nesse sentido, pontuamos que outras pesquisas de caráter variacionista mostram que, no falar de sujeitos com até 4 anos de escolaridade, o percentual de uso da variante sem marcas formais de CV na 3pp tende a ser maior do que o percentual de uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Esse é o caso, por exemplo, dos estudos realizados por Anjos (1999), Sgarbi (2006), Monte (2007) e Araújo (2014). Sobre os resultados obtidos nas referidas pesquisas, em comparação com os achados deste trabalho, vejamos o Gráfico 7:

Gráfico 7 – Percentual de uso para as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp em outros estudos variacionistas sobre o falar de informantes com até 4 anos de escolaridade e nesta pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os dados do Gráfico 7, os achados desta tese em dados da variedade popular falada na capital cearense mostram a aproximação do percentual de uso das variantes investigadas nesta pesquisa do percentual dessas mesmas variantes em amostras de linguagem falada representativa do comportamento linguístico de sujeitos com, no máximo, 4 anos de escolarização, obtidos em outras localidades do Brasil. Assim, em se tratando de variação na CV com a 3pp, no falar dos brasileiros com até 4 anos de escolaridade, a tendência apontada nesta tese e, também, em estudos anteriores é a de que a variante sem marcação formal de CV na 3pp ocorre com maior frequência em relação à variante com marcas padronizadas de CV na 3pp.

Importante ressaltar que, embora os resultados obtidos para o percentual de uso das variantes analisadas não confirmem nossas expectativas iniciais, constatamos que as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp coexistem em maior ou menor proporção em amostra de linguagem falada por sujeitos com até 4 anos de escolaridade em uma das maiores metrópoles do Brasil, isto é, Fortaleza. Em outras palavras, as variantes investigadas coexistem harmoniosamente no interior da língua real e falada por sujeitos com pouca escolarização, homens e mulheres residentes na capital cearense e inseridos em diferentes situações de interação comunicativa.

Além disso, tal como ocorre com dados representativos da norma culta, extraídos do Projeto PORCUFORT – discutidos nas seções anteriores – os percentuais de uso obtidos para as variantes estudadas, em amostra de fala popular extraída do Projeto NORPOFOR, indicam que, na referida amostra de fala, a CV na 3pp trata-se de uma regra variável, conforme a já discutida proposta de Labov (2010).

Diante dessas constatações, é essencial que busquemos – tal como procedemos com os dados do PORCUFORT – analisar quais fatores internos ou externos ao sistema podem estar ou não influenciando a realização das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra da variedade popular falada em Fortaleza. Afinal, assumimos com base nos postulados da sociolinguística de linha variacionista, que o uso de toda e qualquer forma variante não ocorre de maneiras aleatória, mas sim mediante a atuação de diferentes ‘forças’ ou fatores, sejam eles internos ou externos à língua enquanto sistema. Logo, uma das principais tarefas dos pesquisadores inseridos nesse campo do conhecimento é procurar verificar o *quantum* com que cada fator postulado atua sobre o uso das variantes, aumentando ou diminuindo sua frequência de uso.

Assumindo tais postulados, realizamos uma segunda rodada – dando sequência as rodadas de cunho estatístico com o auxílio do GoldVarb X – a fim de verificar quais são os fatores que atuam sobre o uso das variantes em foco, em amostra de variedade popular falada na capital cearense. Importante destacar que, para essa etapa da pesquisa, elegemos como regra de aplicação a variante com marcas formais de CV na 3pp. Ou seja, as rodadas seguintes foram realizadas em função da variante tida como formal, ainda que seu percentual de uso tenha sido menor do que a variante sem marcas formais de CV na 3pp.

Essa tomada de posição metodológica pode ser justificada pelo fato de que esse foi o mesmo procedimento adotado por nós durante as análises do comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense. Portanto, seguir esse mesmo caminho durante as rodadas com dados de fala culta da capital cearense pode facilitar, na medida do

possível, as comparações estabelecidas nesta pesquisa entre os resultados obtidos para o fenômeno investigado nas diferentes amostras de fala analisadas nesta tese.

Importante destacar que, durante a segunda rodada com dados de fala popular fortalezense, localizamos alguns *nocautes*. O primeiro ocorreu na variável linguística *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*. O segundo nocaute foi verificado na, também variável linguística, *Paralelismo formal nível discursivo (marcas no verbo)*.

No grupo de fatores por meio do qual procuramos, basicamente, analisar o tipo de influência que a posição e distância do SN/sujeito em relação ao verbo pode exercer sobre a variação na CV com a 3pp, em dados de fala popular, localizamos 3 ocorrências para o fator *SN/sujeito posposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas)*. No referido contexto, as 3 ocorrências registradas para o fenômeno variável analisado aqui, em amostra de fala popular fortalezense, compreendem a realização da variante sem marcas formais de CV na 3pp, isto é, corresponde a 100% dos casos. Sobre essas ocorrências, vejamos os excertos (134), (135) e (136):

(134) Inf.: **sabe** trabalhar direito não **eles** (NORPOFOR, DID, 161, informante homem, faixa etária I: (25-35 anos); 0-4 anos de escolaridade).

(135) Inf.: **tava** envolvidos nisso **dois policiais e um tenente** (NORPOFOR, DID, 161, informante homem, faixa etária I: (25-35 anos); 0-4 anos de escolaridade).

(136) Inf.: **brincava** era muito tudim de boneca **as menina do meu tempo né** (DID, 86, informante mulher, faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Nas três ocorrências em destaque, verificamos um uso categórico da variante sem marcas formais de CV na 3pp. Ou seja, além de se mostrarem raras em amostra de fala popular fortalezense, em nenhuma das construções com *sujeito posposto mais ou menos longe*, os informantes usaram as marcas formais de CV na 3pp. Acreditamos que esse fato tem relação com, pelo menos, duas questões: a posição do sujeito e o grau de distanciamento deste em relação ao verbo.

Em linhas gerais, estudos variacionistas mostram que o sujeito posposto e com maiores graus de distanciamento entre sujeito e verbo tende a inibir a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp e, com isso, beneficiar a variante sem marcas formais de CV na 3pp. De acordo com Rúbio (2008) e Monguilhott (2009), por exemplo, isso ocorre porque o fato de o SN/sujeito aparecer depois e distante do verbo proporciona ao falante uma relação menos óbvia entre esses dois elementos. Logo, quanto menos evidente for a relação

entre sujeito e verbo, menores são as chances de as marcas de CV padronizadas serem preservadas pelo informante.

No que concerne o segundo *nocaute*, verificado na variável linguística *Paralelismo formal nível discursivo (marcas no verbo)*, constatamos que, nesse grupo de fatores, apenas um caso de CV na 3pp para o fator *verbo precedido de verbo com marca zero de plural* foi localizado. Nessa ocorrência, registramos apenas a variante sem marcas de CV na 3pp (100% dos casos). Em linhas gerais, procuramos, com o referido fator, analisar se quando um determinado verbo é precedido por outro sem marcas de CV na 3pp, a ausência de tais marcas tende a favorecer a variante com ou sem marcas de CV na 3pp.

Nossa expectativa inicial era a de que, nesse tipo de contexto, a variante com marcas formais de CV na 3pp não fosse beneficiada. E, embora esse fator tenha sido nocauteado, constatamos que a única ocorrência verificada compreende justamente a não marcação de CV na 3pp. Sobre esse caso, vejamos a ocorrência em (137):

- (137) Inf.: **eles fala e fala** de novo com a minha mãe (NORPOFOR, DID 36; informante homem, faixa I: (22-35); 0-4 anos de escolaridade).

Conforme verificamos em (137), o verbo precedido de verbo sem marcas de concordância padronizada permanece sem tais marcas. Compreendemos que, embora seja apenas uma, a ocorrência verificada em amostra de fala popular de Fortaleza sinaliza uma tendência já verificada por outros pesquisadores do fenômeno. Ou seja, a não marcação de CV no primeiro verbo, quando de uma construção seriada, tende a beneficiar a não marcação de CV na 3pp e inibir, portanto, o uso da variante com marcas de CV padronizadas.

Feitas essas considerações acerca dos *nocautes* localizados em amostra de fala popular da capital cearense, ressaltamos que optamos – tal como fizemos nos nocautes verificados na amostra de fala culta – descartá-los e seguir com as rodadas estatísticas. Assim, solicitamos ao GoldVarb X que realizasse uma terceira rodada, a fim de verificarmos quais grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) seriam considerados estatisticamente pertinentes para a análise com dados representativos da variedade popular falada em Fortaleza. Desse modo, procuramos responder a segunda grande questão desta pesquisa: *Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre o uso variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense?*

Em uma terceira rodada, o GoldVarb X selecionou como variáveis ou grupos de fatores estatisticamente relevantes para a CV na 3pp, em amostra de linguagem popular fortalezense e nessa mesma ordem de importância, as variáveis *Saliência fônica*, a *Posição e*

distância entre SN/sujeito e verbo e o Paralelismo discursivo no nível oracional (marcas no verbo). Por outro lado, foram descartadas pelo programa, as variáveis *Traço semântico do sujeito, Tipo estrutural do sujeito, Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito), Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo, Sexo, Faixa etária e Tipo de inquérito*.

Com isso, a hipótese de que também essas 7 variáveis poderiam ser pertinentes para o fenômeno em estudo, em dados de fala popular fortalezense, foi refutada. Em sentido oposto, a seleção das variáveis *Saliência fônica, Posição e distância entre SN/sujeito e verbo e do Paralelismo discursivo no nível oracional (marcas no verbo)* mostra que nossa expectativa inicial quanto a possível atuação desses grupos sobre a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala popular, foi confirmada. Salientamos que, para a terceira rodada, o GoldVarb X apontou o *stepping up run #14*, com *input 0.399* e *significance 0.000* como melhor nível da rodada.

Todavia, ainda que a terceira rodada tenha apresentado resultados estatisticamente satisfatórios, haja vista a seleção de fatores como estatisticamente pertinentes pelo GoldVarb X, alguns pontos referentes ao baixo número de ocorrências para determinados fatores em algumas variáveis que foram descartadas pelo programa chamaram nossa atenção. De modo mais específico, pontuamos que, em dados de fala popular da capital cearense, as variáveis *Traço semântico do sujeito e Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)* apresentam alguns fatores com muito poucos dados.

Sobre a variável *Traço semântico do sujeito*, ressaltamos que localizamos apenas três ocorrências de construções para a variação na CV com a 3pp no fator *[-humano +animado]*. As ocorrências verificadas para o fator *[-humano +animado]* podem ser conferidas nas construções em (138), (139) e (140):

- (138) Inf: **as formigas eram** cheias disso assim mesmo (NORPOFOR; D2; informante do sexo feminino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (139) Inf.: praticamente **todos os cachorros são** do saber dela (NORPOFOR; D2; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (140) Inf.: eu não podia dormir porque eu pensava **os lobo vai** me atacar (NORPOFOR; DID; informante do sexo masculino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Conforme as ocorrências nos excertos (138), (139) e (140), vemos que, dentre os três casos localizados em amostra de fala popular fortalezense, dois deles apresentam a

variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, enquanto uma ocorrência compreende a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp para o fator *[-humano+animado]*. Em consonância com o que discutimos em outros momentos desta tese, o fator *[-humano+animado]*, inserido na variável *Traço semântico do sujeito*, leva em consideração construções nas quais o SN/sujeito apresenta um traço que não necessariamente é humano, mas que se apresenta como animado (como no caso de termos usados para referir animais).

Tal como discutimos ao apresentar os resultados para a amostra de fala culta da capital cearense, construções para o fator *[-humano+animado]* se mostraram produtivas, em amostra de linguagem culta. Todavia, para os dados de fala popular fortalezense – como estamos discutindo – poucas ocorrências foram registradas. Diante disso, julgamos interessante realizar alguns amálgamas.

Em termos simples, o amálgama consiste na combinação entre diferentes fatores que passam a ser tratados como uma única categoria. Sobre a possibilidade de realizar amálgamas na análise variacionista, Guy e Zilles (2007) explicam que esse procedimento deve levar em consideração a convergência teórica e quantitativa dos dados amalgamados. Sobre os aspectos teóricos, os referidos estudiosos explicam que “[...] os fatores a ser combinados têm uma semelhança linguística ou social, e a junção dos dois constitui uma supercategoria racional” (GUY; ZILLES, 2007, p. 188).

Quanto à convergência quantitativa entre os fatores amalgamados, Guy e Zilles (2007, p. 189) postulam que “[...] não adianta combinar fatores que têm efeitos muito distintos. [...] Fica claro, então, que nossa meta é combinar fatores quantitativamente semelhantes”. Sobre os critérios adotados para decidir se há convergência quantitativa entre os fatores a serem combinados, Guy e Zilles (2007) sugerem que o(a) pesquisador(a) leve em consideração “a quantidade de dados, as diferenças em percentagens e em pesos relativos etc. Para facilitar a decisão, podemos sugerir uma regra informal simples: considerar semelhantes fatores cujos pesos relativos difiram entre si em, no máximo, valores de 0,05 ou 0,06” (GUY; ZILLES, 2007, p. 189).

Levando em consideração, os postulados de Guy e Zilles (2007) acerca dos princípios básicos que norteiam a realização de combinação de fatores na análise variacionista, decidimos amalgamar, na variável *Traço semântico do sujeito*, os fatores *[+humano]* e *[-humano+animado]*. Acreditamos que esse amálgama encontra respaldo teórico no fato de que, para ambos os fatores, é possível verificar o traço de *animacidade* no SN/sujeito.

Sobre o princípio quantitativo, destacamos que, embora em termos numéricos as ocorrências dos fatores [+humano] e [-humano +animado] apresentem notórias diferenças, o redirecionamento das três ocorrências registradas para o fator [-humano+animado] para o grupo do fator [+humano] não deve ‘encobrir’ a possível atuação desse primeiro fator sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em dados de fala popular da capital cearense. Diante desse amalgama, verificamos a necessidade de renomear os fatores que compõem a variável *Traço semântico do sujeito*. Logo, passamos a ter, nessa variável específica, não mais três, mas sim, dois fatores que, a partir daqui, passam a ser denominados de: [+animado] e [-animado].

No que concerne à variável *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*, verificamos que, para o fator *Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*, localizamos apenas quatro constrições que assinalam a variação para a CV na 3pp, em dados de fala popular. De acordo com o que discutimos na seção da Metodologia desta tese, para a análise do fator *Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*, levamos em consideração construções para as quais é possível verificar marcas de pluralidade no último elemento do SN/sujeito quando este aparece inserido em um SPrep. São exemplos desse tipo de construções as ocorrências de (141) a (144):

- (141) Inf.: **os sobrinhos de lá era** tudo chato sabe (NORPOFOR; D2; informante do sexo masculino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (142) Inf.: a coisa que mais me admiro é **as crianças de hoje que num sabe** (NORPOFOR; D2; informante do sexo masculino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (143) Inf.: tem **certos tipos de crentes de lá são** sem vergonha (NORPOFOR; DID; informante do sexo masculino; faixa etária II: (36-50 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (144) Inf.: **as meninas da praia eram** bonitas mesmo muito bonitas sabe (NORPOFOR; DID; informante do sexo masculino; faixa etária I: (22-35 anos); 0-4 anos de escolaridade).

De acordo com as quatro ocorrências verificadas para o fator *Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*, na variável *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*, 50% dos casos (duas ocorrências) correspondem à variante com marcas formais de CV na 3pp

e 50% (duas ocorrências) compreendem à variante sem marcas formais de CV na 3pp, em dados de norma popular fortalezense.

Em face do baixo número de ocorrências para o fator *Presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*, resolvemos amalgamá-las com o fator *Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*. Para a realização desse amalgama, pontuamos que consideramos o fato de que, em ambos os fatores, encontramos o traço presença das formas de plural explícitas no último elemento do SN/sujeito. E, tal como ocorreu quando amalgamamos fatores na variável *Traço semântico do sujeito*, também na variável *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*, verificamos a necessidade de renomear os fatores que a compõem.

Assim, após o amalgama, os fatores da variável *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)* passaram a ser: *Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito inserido ou não em um sintagma preposicional (SPrep)*; *Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*; *Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*; *Presença de numeral no último elemento do SN/sujeito*; *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito*.

Com os procedimentos adotados diante do baixo número de ocorrências registradas em determinados fatores que constituem algumas variáveis linguísticas – conforme acabamos de discutir – esperávamos que as variáveis (ou mesmo outras) como o *Traço semântico do sujeito* e o *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)* fossem selecionadas como estatisticamente pertinente pelo GoldVarb X. Para tanto, realizamos uma quarta rodada e, conforme esperávamos, pelo menos a variável *Traço semântico do sujeito* foi selecionada como estatisticamente pertinente.

Assim, em uma quarta rodada, foram selecionados, para os dados de norma popular fortalezense e segundo essa mesma ordem de importância, as variáveis: *Saliência fônica*, *Paralelismo formal nível discursivo (marcas no verbo)*, *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo* e *Traço semântico do sujeito*. Em sentido oposto, foram descartadas, também nessa ordem, as variáveis: *Tipo de inquérito*; *Tipo estrutural do sujeito*; *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)*; *Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo*; *Sexo e Faixa etária*.

Importante colocar que, para essa quarta rodada, o GoldVarb X apontou com melhor nível de análise o *stepping up run* #29, com *input* 0.398 e *significance* 0.019. Posto isto, nas páginas seguintes, apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos para as variáveis selecionadas como estatisticamente pertinentes para o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense. Pontuamos ainda que, tal como procedemos quando da análise dos dados da variedade culta de Fortaleza, apresentaremos também os resultados obtidos para as variáveis descartadas pelo programa GoldVarb X, em amostra de fala representativa da variedade popular da capital cearense.

6.3.1 Variáveis selecionadas para amostra de fala popular fortalezense

A variável *Saliência fônica*

Conforme explicitamos anteriormente, a variável de natureza linguística *Saliência fônica* foi apontada como a mais relevante, estatisticamente falando, para a amostra representativa da variedade popular falada na capital cearense. Sobre os resultados alcançados para a *Saliência fônica*, vejamos os dados da Tabela 12:

Tabela 12 – Atuação da variável *Saliência fônica*, em amostra de norma popular fortalezense

Nível 1: Posição não acentuada	Apl./Total	%	PR
Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	10/91	11,0%	0.134
Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	70/441	15,9%	0.220
Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	19/77	24,7%	0.314
Nível 2: Posição acentuada			
Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	236/299	78,9%	0.852
Envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural	8/43	18,6%	0.232
Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	143/222	70,8%	0.828

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo os resultados expostos na Tabela 12, dois dos três fatores situados no nível 2 (posição acentuada) da variável *Saliência fônica* favorecem a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Ou seja, os fatores *envolve apenas mudança na qualidade*

da vogal na forma plural (0.852) e *envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural* (0.828) beneficiam a realização da variante com marcas formais de CV, em dados de fala popular da capital cearense. Sobre construções com esses fatores, em amostra de fala popular fortalezense, destacamos as ocorrências nos excertos (145) e (146), respectivamente:

- (145) Inf.: **eles seguir**U o caminhos dos pais deles né dos tios deles (NORPOFOR; Inq. DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (146) Inf.: **os ladrões é** assim o tempo todo lá (NORPOFOR; Inq. DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Em sentido oposto, o fator *envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural* (0.232), também no nível 2 (posição acentuada), inibe a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Exemplo de ocorrências de variação na CV com a 3pp em que podemos verificar o fator *envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural* estão destacadas em (147) e (148):

- (147) Inf.: só que eu tava esperando **eles passar** pra me pegar (NORPOFOR; Inq. DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (148) Inf.: quando **eles passaram** por lá de carro eu já fiquei de olho já (NORPOFOR; Inq. DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Além do fator *envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural* (situado no nível 2), os fatores *não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural* (0.134), *envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural* (0.220) e *envolve acréscimo de segmentos na forma plural* (0.314) atuam de modo a inibir o uso da variante com marcação formal de CV na 3pp. Com isso, todos os fatores alocados no nível 1 (posição não acentuada) da variável *Saliência fônica* inibem a realização da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza.

A fim de ilustrar ocorrências do fenômeno investigado nesta tese em que podemos verificar casos dos fatores *não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural*, *envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural* e *envolve acréscimo de segmentos na forma plural*, da variável *Saliência fônica*, em amostra de fala popular fortalezense, destacamos as ocorrências de (148) a (150) respectivamente:

- (148) Inf.: se **eles fossem outros tinham** me carregado embora (NORPOFOR; Inq. DID 18; informante do sexo feminino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (149) Inf.: **essas pessoas que aceita** Jesus como seu salvador vai tudo viver (NORPOFOR; Inq. DID 18; informante do sexo feminino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (150) Inf.: mas **essas pessoas num quer** que eu assista sabe (NORPOFOR; Inq. DID 70; informante do sexo feminino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Os resultados obtidos para a variável *Saliência fônica*, além de nos mostrarem o *quantum* com que cada um dos fatores postulados para a variável *Saliência fônica* interfere no uso das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em dados de fala popular fortalezense, apontam para dois aspectos que merecem destaque. Primeiro, constatamos que a hipótese levantada inicialmente para os fatores testados por meio da variável linguística *Saliência fônica* foi confirmada, ao menos em parte. Sobre esse aspecto, lembramos, conforme discutimos na seção da Metodologia, que esperávamos já de início que as formas verbais com maior grau de diferenciação fônica entre singular e plural beneficiassem o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Essa expectativa só não foi inteiramente confirmada em virtude de o fator *envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural* (0.232) ter apresentado um peso relativo significativamente inibidor para a realização da variante com marcas de pluralidade.

Um segundo aspecto interessante diz respeito ao fato de que, tanto em dados de fala culta fortalezense, extraídos do Projeto PORCUFORT (*Cf.* seção 6.3), como em dados de fala popular, obtidos por meio do Projeto NORPOFOR, as formais verbais mais salientes tendem a favorecer o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário das formas verbais com menores graus de saliência fônica entre singular e plural das formas verbais.

Sobre esse último ponto, lembramos que essa tendência já era apontada por outros pesquisadores do fenômeno, conforme também já nos referimos. Além disso, reforçamos que os estudiosos do fenômeno acreditam que a tendência de favorecimento da variante com marcas formais de CV na 3pp por parte das formais verbais mais salientes tem relação com o fato de essas formais tornarem mais evidentes as diferenças entre o singular e o plural das formas verbais, fazendo, assim, com que ao perceberem tais diferenças, os falantes realizam mais a variante com marcas formais de pluralidade.

A variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*

A segunda variável, também de natureza linguística, apontada pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante para a amostra de fala popular fortalezense, analisada nesta tese, compreende a *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*. Interessante que, mesmo apresentando um fator nocauteado (*SN/sujeito posposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas)*) – conforme explicamos anteriormente – e tendo um fator postulado sem ocorrências registradas (*SN/sujeito posposto distante (a partir de 10 sílabas)*), a variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo* foi apontada como estatisticamente pertinente pelo programa, mostrando, assim, o quão relevante a variável em foco é para o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra da variedade popular falada em Fortaleza.

Conforme discutimos na seção da Metodologia, por meio do controle da variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*, analisamos como e se a posição do sujeito em relação ao verbo, bem como os diferentes graus de distanciamento entre esses dois elementos atuam de modo a inibir ou favorecer o uso das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense. Sobre os resultados alcançados, vejamos a Tabela 13:

Tabela 13 – Atuação da variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%	PR
SN/sujeito anteposto próximo (0 a 2 sílabas)	422/994	43,3%	0.864
SN/sujeito anteposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas)	9/21	42,9%	0.538
SN/sujeito anteposto distante (a partir de 10 sílabas)	1/2	50,0%	0.435
SN/sujeito posposto próximo (0 a 2 sílabas)	54/153	35,3%	0.277
SN/sujeito posposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas)	Fator nocauteado		
SN/sujeito posposto distante (a partir de 10 sílabas)	Sem ocorrências		

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados distribuídos na Tabela 13, os fatores *SN/sujeito anteposto próximo (0 a 2 sílabas)* (0.864), principalmente este, e o fator *SN/sujeito anteposto mais ou menos próximo (3 a 10 sílabas)* (0.538) condicionam de modo favorável a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Diante desses resultados, podemos dizer que as hipóteses levantadas de início foram confirmadas pelos resultados estatísticos.

A esse respeito, convém lembrar que essas hipóteses encontram apoio teórico em resultados já alcançados por outros pesquisadores do fenômeno que perseguimos aqui para a

variável *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo* (ANJOS, 1999; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009). Em linhas gerais, as pesquisas de cunho variacionistas têm mostrado que, no que concerne à *posição e distância do SN/sujeito em relação ao verbo*, o SN anteposto e próximo ao verbo, como nas ocorrências (151) e (152), bem como o SN anteposto mais ou menos próximo, como nas ocorrências (153) e (154), tendem a beneficiar a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp:

- (151) Inf.: **eles vão** mesmo sabe (NORPOFOR; Inq. DID 36; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (152) Inf.: quando **eles chegam** desembarcam lá (NORPOFOR; Inq. DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (153) Inf.: **os ônibus** antigamente **parava** tudo na praça do Ferreira (NORPOFOR; Inq. DID 95; informante do sexo masculino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (154) Inf.: **esses** aqui sabe num **tiveram** sorte ainda não (NORPOFOR; Inq. DID 31; informante do sexo masculino; faixa etária II (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Sobre esses tipos de construções, os(as) estudiosos(as) acreditam que elas favorecem a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp porque tornam a relação entre verbo e sujeito mais evidente, fato esse que tende a beneficiar a preservação da marcação formal de CV na 3pp. Em sentido contrário, a posposição e um grau maior de distanciamento entre SN/sujeito e verbo tende a inibir o uso dessa mesma forma variante. Sobre essa questão, Rúbio (2008) explica que o SN posposto ao verbo pode apresentar características de objeto “o que dificultaria a marcação de concordância” (RUBIO, 2008, p. 108). Essa última ideia, vale reforçar, também foi confirmada pelos achados deste estudo.

Afinal, o fator SN/sujeito posposto próximo (0 a 2 sílabas) (0.277) se revelou desfavorável para a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala representativa da variedade popular falada em Fortaleza. Assim, construções como em (155) e (156) tendem a inibir o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp:

- (155) Inf.: **era meninos pobres** que num **tinha** pais (NORPOFOR; Inq. DID 57; informante do sexo feminino; faixa etária III (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (156) Inf.: ao todo **era duas casas** lá ar bichinha bem feitinhas bem bonitinhas sabe (NORPOFOR; Inq. DID 57; informante do sexo feminino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).

A respeito de construções como essas, é interessante atentar que o enfraquecimento da variante com marcas formais de CV na 3pp parece sofrer significativa influência não necessariamente do grau de proximidade entre SN/sujeito e verbo, mas sim, da posição desse elemento. Afinal, vemos, em construções como em (155) e (156), que o SN/sujeito e o verbo estão muito próximos (fato que enfatiza a realização entre eles). Porém, nesses casos, o SN/sujeito aparece depois do verbo, fazendo com que o SN assuma características de objeto e não de sujeito (fato que pode camuflar a relação entre sujeito e verbo).

A variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*

A penúltima variável selecionada como estatisticamente relevante para a amostra da variedade popular falada em Fortaleza foi o *Paralelismo formal no nível discurso (marcas no verbo)*. Os resultados obtidos para a referida variável estão devidamente distribuídos na Tabela 14:

Tabela 14 – Atuação da variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%	PR
Verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita	444/1.089	40,8%	0.922
Verbo isolado ou primeiro de uma série	42/48	97,5%	0.473
Verbo precedido de verbo com marca zero de plural	Fator nocauteado		

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos dados da Tabela 14, vemos que o fator *verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita* (0.922) favorece de maneira bastante expressiva o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp em dados de fala popular da capital cearense. Por outro lado, o fator *verbo isolado ou primeiro de uma série* (0.473) inibe o uso dessa mesma forma variante.

Ao testar a atuação do *Paralelismo no nível discursivo*, conforme já explicamos em outros momentos desta tese, procuramos analisar, basicamente, se o uso de marcas plurais em um verbo tende a beneficiar a preservação dessas marcas nos verbos seguintes, em uma construção seriada. Para esse grupo de fatores, nossa expectativa inicial era justamente essa, ou seja, acreditávamos que construções como destacadas em (157) a (160) poderiam ser

aliadas da realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala representativa da variedade popular falada na capital cearense:

- (157) Inf.: **os caras arrombaram** minha casa lá e **levarU** minha coisas macho (NORPOFOR; Inq. DID 153; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (158) Inf.: **os caras ainda cortarU** quase meu pescoço aqui embaixo **cortatU** ainda um pouco (NORPOFOR; Inq. D2 94; informante do sexo masculino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolarização).
- (159) Inf.: **eles matarU** o rapa **derU** cinco facadas embaixo do braço dele (NORPOFOR; Inq. D2 94; informante do sexo masculino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (160) Inf.: ei **os rapazes completaram** 18 anos e **tiveram** que sair né (NORPOFOR; Inq. D2 94; informante do sexo masculino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Interessante destacar que, tal como ocorre em amostra de fala popular fortalezense, também em dados de fala culta da capital cearense, verificamos a tendência de marcas formais no primeiro verbo induzir a preservação de tais marcas nos verbos seguintes para construções seriadas. Com isso, verificamos que, tanto em amostra de fala culta como popular fortalezense estudadas nesta tese, a variável *Paralelismo formal no nível oracional* aponta para uma mesma tendência: marcas conduzem a marcas. Assim, independentemente da variedade de fala estudada aqui, se culta ou popular, os resultados caminham na mesma direção quando tratamos da variável *Paralelismo formal no nível oracional*.

A variável *Traço semântico do sujeito*

Conforme nossas expectativas iniciais, a variável *Traço semântico do sujeito* foi selecionada como estatisticamente pertinente para a variação na CV com a 3pp, em amostra de linguagem popular de Fortaleza - CE. Os resultados para essa variável podem ser devidamente conferidos na Tabela 15:

Tabela 15 – Atuação da variável *Traço semântico do sujeito* após amalgama, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%	P.R
[+animado]	441/1013	43,5	0.517
[-animado]	45/140	32,1	0.376

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, o fator [+animado] favorece, ainda que discretamente (0.517), a variante com marcas formais de CV na 3pp. Ou seja, em amostra da variedade popular falada na capital cearense, construções em que o SN/sujeito apresenta o traço [+animado] beneficiam a realização da variante em que podemos verificar o emprego de marcas explícitas de plural entre sujeito e verbo na 3pp.

Como exemplos de ocorrências de construções nas quais o traço [+animado] pode ser verificado, em amostra de linguagem popular de Fortaleza, vejamos os casos de (161) a (164):

- (161) Inf.: **os meus primos são** muito pouco (NORPOFOR; Inq. DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (162) Inf.: mas **as pessoas não querem** (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (163) Inf.: **as pessoas se acordam** pela manhã (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (164) Inf.: **os filhos nascerU** foi muito dificultoso (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Conforme podemos ver nas ocorrências de (161) a (164), em construções desse tipo, impera no SN/sujeito o traço [+animado]. Esse traço pode ser entendido, grosso modo, como relativo a algo que possui vida, capaz, portanto, de executar tarefas, ações impossíveis de serem realizadas por elementos inanimados ou, conforme a denominação que adotamos aqui [-animado]. É, pois, o traço [+animado] – no interior da variável *Traço semântico do sujeito* – que, quando presente, beneficia a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense.

Diante desses resultados, convém destacar que, não apenas a seleção da variável *Traço semântico do sujeito* confirma nossa expectativa inicial quando do controle dessa variável, em dados de fala popular da capital cearense, como também a atuação dos fatores nela postulados caminham na direção de nossas hipóteses iniciais. Afinal, como explicamos na seção da Metodologia desta tese, acreditávamos que fatores⁵³ nos quais prevalece o traço

⁵³ De início, esperávamos que os fatores [+humano] e [-humano +animado] atuassem de modo favorável sobre o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp (Cf. Metodologia). Porém, esses fatores foram amalgamados e deram origem ao fator [+animado], no interior da variável *Traço semântico do sujeito*.

ou aspecto [+animado] para o SN/sujeito se revelariam como aliados da variante com marcas de pluralidade para a CV na 3pp, na amostra deste estudo.

Cabe lembrar, ainda, que essa expectativa foi amparada no fato de que diferentes estudos acerca do fenômeno aqui investigado apontam que é justamente o fator traço [+humano] que tende a favorecer a realização da variante com marcas de plural para a CV na 3pp, em diferentes variedades de fala do PB.

A esse respeito, Monguilhott (2009), por exemplo, entende que a probabilidade de uso da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp tende a ser maior quando o sujeito apresenta o traço [+animado] – em Monguilhott (2009), denominado [+humano] – porque esse tipo de sujeito aparenta ou se caracteriza mais prototipicamente como sujeito, conforme mostramos nas ocorrências de (161) a (164). Em sentido oposto, Monguilhott (2009) explica que o fator traço [-animado] – denominado, na tese de Monguilhott (2009) [-humano] – tende a inibir a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Sobre a atuação do fator [-animado], em amostra de linguagem popular analisada nesta tese, cabe salientar que foram justamente as construções em que impera o traço [-animado] no SN/sujeito que atuaram de modo a inibir o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp, em dados de fala popular fortalezense. Assim, destacamos que, na amostra deste estudo, o fator [-animado] atingiu um peso relativo igual a 0.376 e percentual de uso igual a 32,1%. Com base nesses números, podemos dizer que, na amostra desta pesquisa, o fator [-animado] inibe consideravelmente a realização da variante com marcas de plural para a CV na 3pp na variedade popular falada em Fortaleza - CE.

A fim de exemplificar construções nas quais identificamos o traço [-animado], em amostra de fala popular fortalezense, destacamos as ocorrências de (165) a (168):

- (165) Inf.: mas **as paredes e as grades não impede** o homem de ter contato com Deus (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (166) Inf.: **as roupa é** diferente do que a gente usa (NORPOFOR; DID 161; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (167) Inf.: **as torre da ‘cerasa’ de cuba era** tudo aterrado (NORPOFOR; DID 95; informante do sexo masculino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Dadas as convergências teóricas entre os dois fatores amalgamados na categoria [+animado], nos pareceu lógico esperar que esse fator beneficiasse a variante com marcas de pluralidade para a CV na 3pp.

- (168) Inf.: **os ônibus antigamente parava** tudo na praça do Ferreira (NORPOFOR; DID 95; informante do sexo masculino; faixa etária III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Em conformidade com o que dissemos anteriormente, as construções de (165) a (168) ilustram casos de construções com SN/sujeito em que podemos verificar o traço [-animado]. Nesses casos, o SN/sujeito apresenta um aspecto que o difere de elementos ou seres vivos e que, portanto, não podem executar tarefas ou mesmo ações e/ou tarefas comumente realizadas por seres animados. Em função dessas características, o SN/sujeito com traço [-animado] apresenta-se ‘menos sujeito’. Logo, esse tipo de SN/sujeito tende a camuflar a relação entre SN/sujeito e SV, desfavorecendo, assim, o emprego de marcas padronizadas de CV na 3pp.

6.3.2 Variáveis descartadas, em amostra de fala popular fortalezense

A variável *Tipo estrutural do sujeito*

Em amostra de fala representativa da variedade popular de Fortaleza, a variável *Tipo estrutural do sujeito* foi o último grupo de fatores a ser excluído pelo programa GoldVarb X. E, tal como procedemos ao tratar dos resultados obtidos com a análise dos dados referentes à amostra de fala culta fortalezense, também para os dados de fala popular, resolvemos apresentar e discutir o que os resultados nos revelam – em termos de percentual de uso – acerca da atuação de cada um dos fatores postulados nas variáveis descartadas pelo programa estatístico diante do comportamento variável da CV na 3pp.

Desse modo, os resultados obtidos, em termos de percentuais de uso, para a variável *Tipo estrutural do sujeito*, em amostra do falar popular de Fortaleza, estão destacados na Tabela 16:

Tabela 16 – Percentuais de uso para a variável *Tipo estrutural do sujeito*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%
SN/sujeito pleno simples	169/ 455	37,1
SN/sujeito pleno nu	17/ 49	34,7
SN/sujeito pleno composto	10/ 18	55,6
Pronome pessoal (eles/elas)	237/ 508	46,7
Pronome demonstrativo	6/ 17	35,3
Quantificadores indefinidos	25/ 46	54,3
Numeral	22/ 60	36,7

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados expostos na Tabela 16, os fatores que mais se destacaram, em termos de percentagens, foram o *SN/sujeito pleno composto* (com 55,6%) e *Quantificadores indefinidos* (com 54,3%). Segundo esses números, quando o SN/sujeito se apresenta como pleno e composto ou quando consiste em quantificadores indefinidos, a variante com marcas formais de CV na 3pp tende a ocorrer em mais de 50% dos casos.

A fim de oferecer ao(a) leitor(a) uma ideia mais precisa de construções com *SN/sujeito pleno composto*, destacamos as ocorrências em (167) e (168). Já para os casos de *Quantificadores indefinidos* ocupando a posição de SN/sujeito, vale considerar as ocorrências nos excertos (169) e (170):

- (167) Inf.: minha mãe nunca deixou faltar nada pra mim **minha mãe e meu pai nunca deixar**U faltar nada (NORPOFOR; DID 84; informante do sexo masculino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (168) Inf.: porque o caixão o **motorista e o passageiro são** responsáveis pelo que acontece sim (NORPOFOR; DID 10; informante do sexo feminino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (169) Inf.: **todas são** super legal (NORPOFOR; DID 70; Informante do sexo feminino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (170) Inf.: o pessoal de lá sabe **todos gostam** dela fazem tudo por ela (NORPOFOR; DID 31; informante do sexo feminino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Ocorrências do tipo (167) e (168) mostram, conforme explicitamos na seção da Metodologia desta tese que, na categoria *SN/sujeito pleno composto*, consideramos casos em que o SN/sujeito é marcado por mais de um termo. Sobre a consideração deste fator, é importante lembrar que, de início, esperávamos que o *SN/sujeito do tipo pleno composto* se mostrasse desfavorável ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Essa hipótese

inicial estava assentada na ideia, bastante difundida entre os(as) estudiosos(as) do fenômeno (ZILLES, 2000; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; MONTE, 2012), de que esse tipo de SN/sujeito tem mais chances de ocorrer à direita do verbo, posição essa que poderia conferir a esses elementos um menor status de sujeito e camuflar a sua relação com o verbo.

Com isso, vemos que, a construção das hipóteses para a variável *Tipo estrutural do sujeito* leva em consideração não apenas questões relacionadas ao caráter estrutural do sujeito, mas também compreende questões concernentes à posição do sujeito em relação ao verbo. Sobre esse segundo aspecto, cabe salientar, conforme fizemos em outros momentos deste estudo, que quando aparece à direita ou posposto ao verbo, o SN/sujeito e o verbo tendem a concordar menos. Ou seja, a posição posposta para o SN/sujeito tende a inibir a realização da variante com marcas de pluralidade para a CV na 3pp.

No caso deste estudo, todavia, vemos que, embora não possamos afirmar – dada a não seleção da variável *Tipo estrutural do sujeito* como estatisticamente pertinente – que o fator *SN/sujeito pleno composto* beneficia, em termos de peso relativo, o uso da variante com marcas de plural na CV com a 3pp, vemos que foi juntamente esse o fator que apresentou o maior percentual de uso (55,6%) para a referida forma variante, em amostra de fala popular fortalezense. Esses resultados refutam, portanto, a nossa hipótese inicial quando do controle do fator *SN/sujeito pleno composto*, na variável *Tipo estrutural do sujeito*.

A esse respeito, acreditamos que as explicações para a não confirmação de nossas expectativas iniciais podem ter relação não necessariamente com o fator em si, mas sim com a sua baixa ocorrência em amostra de fala popular fortalezense. Afinal, para o fator *SN/sujeito pleno composto*, localizamos 18 casos de variação na CV com a 3pp. Desses 18 casos, 10 compreendem a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto 8 ocorrências dizem respeito à variante sem marcas de pluralidade (Cf. Tabela 16).

Cabe destacar, ainda, que em uma análise atenta de cada um dos casos localizados individualmente para as ocorrências do fator *SN/sujeito pleno composto*, verificamos que, em quase todos os casos, o SN/sujeito pleno composto encontra-se à esquerda do verbo, isto é, aparece anteposto ao verbo, conforme ilustram as ocorrências em (167) e (168). Sobre esse aspecto, lembramos que ao aparecer anteposto ao verbo, o SN/sujeito deixa mais evidente sua relação com o verbo e tende, assim, a favorecer o maior emprego de marcas de CV na 3pp (ZILLES, 2000; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; MONTE, 2012).

No caso do fator *Quantificadores indefinidos* que, conforme mostramos anteriormente, atingiu o segundo maior percentual (54,3%) de uso mais expressivo dentre os fatores que compõem a variável *Tipo estrutural do sujeito*, consideramos para essa categoria

termos como pronomes indefinidos que indicam quantidades e que, em uma determinada construção, conforme mostram as ocorrências em (169) e (170), desempenham o papel ou função de SN/sujeito.

Ao levantarmos algumas hipóteses iniciais para o controle do fator *Quantificadores indefinidos*, seguimos, basicamente, a mesma lógica da qual nos valem para o controle do fator *SN/sujeito pleno composto*. Ou seja, admitimos que os quantificadores têm mais chances de aparecer em posição posposta ao verbo e, por essa mesma razão, poderiam se mostrar menos favoráveis à realização da variante com marcas de pluralidade para a CV na 3pp. Porém, tal como ocorreu com o fator *SN/sujeito pleno composto*, os quantificadores mostraram que tendem a beneficiar a variante com marcas de plural para a CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense, atingindo, conforme já mencionamos, o segundo maior percentual de uso para a referida variante dentre os fatores que compõem a variável *Tipo estrutural do sujeito*.

Sobre os demais fatores da variável *Tipo estrutural do sujeito*, isto é, *SN/sujeito pleno simples* (37,1%); *SN/sujeito pleno nu* (34,7%); *pronome pessoal* (eles/elas) (46,7%); *pronome demonstrativo* (35,3%) e *numeral* (36,7%) vimos que eles apresentam percentuais de uso mais discretos em relação à variante com marcas formais de CV na 3pp. Dentre esses resultados, chamamos atenção para o comportamento do fator *pronome pessoal* (eles/ou elas), conforme as ocorrências em (171) e (172):

(171) Inf.: **eles vão** mesmo sabe (NORPOFOR; DID 36; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade);

(172) Inf.: quando **eles chegam** desembarcam lá (NORPOFOR; DID 36; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Sobre ele, destacamos que, inicialmente, esperávamos que esse tipo de pronome se mostrasse mais favorável à marcação de plural no verbo e favorecesse, assim, a CV com a 3pp, em amostra de linguagem popular de Fortaleza. Essa hipótese encontrava apoio no fato de que, como bem atentam Zilles (2000) e Monguilhott (2009), o pronome eles/elas tem menos chance de ocorrer em posição anteposta ao verbo, fato esse que poderia ajudar a realçar a ligação entre o pronome eles/elas e o verbo que o acompanha. Porém, no caso deste estudo, o fator pronome pessoal (eles/elas) não chegou a atingir nem mesmo 50% dos casos de uso da variante com marcas de pluralidade entre sujeito e verbo na 3pp.

A variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)*

Contrariando nossas expectativas iniciais, a variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)*, assim como a variável *Tipo estrutural do sujeito* – comentada anteriormente – não foi selecionada como estatisticamente pertinente para a amostra de linguagem popular falada na capital cearense.

Seja como for, os resultados em termos de percentual de uso, obtidos para a variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)*, estão distribuídos na Tabela 17:

Tabela 17 – Percentuais de uso para a variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)* após amalgamas, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%
Presença das formas de plural explícitas no último (ou único) elemento do SN/sujeito inserido ou não em um sintagma preposicional (SPrep)	437/1023	42,7
Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)	12/37	32,4
Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)	9/31	29,0
Presença de numeral no último elemento do SN/sujeito	18/46	39,1
Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito	9/11	81,8

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 17, o fator *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito* (81,8%) atingiu o maior percentual de uso para a realização da variante com marcas de pluralidade na CV com a 3pp. Ocorrências em que podemos verificar a presença desse fator, estão destacadas em (173) e (174):

(173) Inf.: **todas são** super legal (NORPOFOR; Inq. DID 70; informante do sexo feminino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade);

(174) Inf.: **eles são** tão inteligentes que nenhum passarU de ano (NORPOFOR; Inq. DID 10; informante do sexo feminino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Importante destacar que o percentual de 81,8% para a variante com marcas formais de CV na 3pp em função do fator *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito* corroboram a hipótese inicial para o comportamento dessa variável diante do fenômeno investigado aqui. Afinal, tal como discutimos na seção da Metodologia, diferentes

estudos comprovam que a presença de marcas de pluralidade (*s*) no último elemento do SN tende a favorecer o uso de marcas de pluralidade também no SV, conforme vimos nas ocorrências (173) e (174).

Os demais fatores que compõem a variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)* não atingiram nem mesmo 50%, em termos de percentual de uso para a CV na 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza. A esse respeito, vale salientar que os fatores *Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* (32,4) e *Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* (29,0), em especial este último, atingiram os menores percentuais de uso para a variante com marcas de CV na 3pp.

Exemplos da ocorrência dos fatores *Presença da forma zero de plural no último (ou único) elemento do SN/sujeito não inserido em um sintagma preposicional (SPrep)* e *Presença da forma zero de plural no último elemento do SN/sujeito inserido em um sintagma preposicional (SPrep)*, em amostra de linguagem popular falada na capital cearense, estão destacados em (175) e (176), respectivamente:

(175) Inf.: **os pobi saia** de lá correndo num queria nem saber (NORPOFOR; Inq. DID 31; informante do sexo feminino; faixa etária II: (26-49 anos); 0-4 anos de escolaridade).

(176) Inf.: a coisa que mais me admiro é **as criança de hoje num saber** escrever e **passar** de ano (NORPOFOR; Inq. D2 106; informante do sexo masculino; faixa III: (a partir de 50 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Conforme essas ocorrências, é possível localizar construções em que verificamos a presença da forma zero de plural no último ou único elemento do SN inserido ou não em um Sprep. Em amostra de linguagem popular falada na capital do estado do Ceará. Em ambas as ocorrências, os resultados numéricos desta tese mostram que, para casos como esses, a variante com marcas formais de CV tende a ocorrer com uma frequência muito baixa em comparação com o fator *Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito*.

Também aqui, os dados obtidos, ainda que apenas em termos de percentagem, corroboram as hipóteses iniciais levantadas para a variável *Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)*. Com base em resultados obtidos por outras pesquisas variacionistas sobre o fenômeno em foco, acreditávamos já de início que casos nos quais não há a presença de marcas de pluralidade no último ou único elemento do SN, a variante com

marcas formais de CV na 3pp tende a ocorrer com menor frequência, em amostra de fala popular da capital cearense.

Variável *Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo*

Testamos a atuação da variável *Presença ou ausência do que relativo* a fim de analisar como os fatores que a compõem se comportam diante da variação na CV com a 3pp, em amostra de linguagem popular falada em Fortaleza - CE. Para tanto, elencamos dois grandes fatores: *presença do que relativo entre SN/sujeito e verbo* e *ausência do que relativo entre SN/sujeito e verbo*.

Todavia, ao contrário do que esperávamos inicialmente, a variável *Presença ou ausência do que relativo* não foi selecionada como estatisticamente pertinente pelo GoldVarb X. Porém, mesmo em face desta não seleção, optamos – conforme já nos referimos – por apresentar e refletir sobre os percentuais de uso obtidos para os fatores testados na variável em foco, com o intuito de averiguar o que esses percentuais nos indicam acerca da variável *Presença ou ausência do que relativo* diante do comportamento variável da CV na 3pp.

Tabela 18 – Percentuais de uso para a variável *Presença ou ausência do que relativo entre sujeito e verbo*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%
Presença do <i>que</i> relativo entre SN/sujeito e verbo	40/ 115	34,8
Ausência do <i>que</i> relativo entre SN/sujeito e verbo	446/ 1038	43,0

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados expostos na Tabela 18, indicam que, em amostra de linguagem popular falada em Fortaleza, a variante com marcar formais de CV na 3pp diante do fator *presença do que relativo entre SN/sujeito e verbo* tende a ocorrer com uma frequência igual a 34,8 %. Ou seja, em construções para as quais verificamos a presença do que relativo em meio ao sujeito e verbo pouco mais de 30% das ocorrências compreendem a variante com marcas formais de CV na 3pp. São exemplos de ocorrências desse tipo, os casos de (176) a (179):

- (176) Inf.: **os pais que são** responsáveis por nós (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

- (177) Inf.: passei a observar **os garçons que trabalhava** comigo (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (178) Inf.: os **profissionais que alimentam** suas famílias (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (179) Inf.: lá a gente acha **as pessoas que comete** crime (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Quanto ao fator *ausência do que relativo entre SN/sujeito e verbo*, os números estatísticos mostram que 43,0% das ocorrências de construções nas quais verificamos a ausência do *que relativo* entre SN/sujeito e verbo, os falantes selecionados para a amostra da variedade popular falada na capital cearense tendem a usar a variante com marcas formais de CV na 3pp em pouco mais de 40% dos casos. Sobre ocorrências em que verificamos a ausência do *que relativo* entre SN/sujeito e verbo, destacamos os exemplos de (180) a (183):

- (180) Inf.: e então **eles voltaram** (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25); 0-4 anos de escolaridade).
- (181) Inf.: **eles sabem** do poder das quadrilhas do crime organizado (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (182) Inf.: **as pessoas se acordam** pela manhã a maioria infelizmente (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).
- (183) Inf.: e **eles passaram** a não ir mais a igreja não frequentar mais os culto (NORPOFOR; DID 150; informante do sexo masculino; faixa etária I: (15-25 anos); 0-4 anos de escolaridade).

Sobre nossas hipóteses iniciais no que se refere ao controle da variável *Presença ou ausência do que relativo*, em dados de fala popular de Fortaleza, é importante destacar que, além de evidentemente partirmos do pressuposto básico de que essa variável seria selecionada como estatisticamente pertinente para a amostra, levantamos também algumas expectativas quanto ao comportamento de cada um dos fatores que compõem a variável.

Assim, trabalhamos com a premissa inicial de que o fator *presença do que relativo entre SN/sujeito e verbo* se comportaria de modo a inibir a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, haja vista a ideia de que a presença do *que relativo* poderia encobrir ou tornar menos evidente a relação entre SN/sujeito e o verbo (NARO; SCHERRE, 2003; MONTE, 2012). Em contrapartida, assumimos, inicialmente, a hipótese de que o fator *ausência do que relativo entre SN/sujeito e verbo* poderia se mostrar favorável ao uso da

variante com marcas de pluralidade para a CV na 3pp. Essa hipótese estava, basicamente, assentada na ideia de que a ausência do *que* relativo poderia tornar mais saliente, isto é, mais evidente, a relação entre SN/sujeito e verbo. Desse modo, poderia ser mais fácil para o falante perceber essa relação e empregar as marcas formais de CV na 3pp.

Sobre a refutação ou confirmação de tais hipóteses iniciais, salientamos que, embora a não seleção estatística da variável *Presença ou ausência do que relativo entre SN/sujeito* impossibilite o acesso aos pesos relativos e, com base neles analisar a real influência numérica dos dois fatores que a compõem sobre as variantes investigadas, vemos que os percentuais de uso obtidos para os fatores da variável em pauta nos mostram que foi justamente para o fator *ausência do que relativo entre SN/sujeito e verbo* que registramos o maior índice de uso da CV na 3pp (43,0 %). Esses resultados caminham, portanto, em direção às nossas expectativas iniciais.

Variável *Sexo*

Com o controle da variável *Sexo*, procuramos analisar como informantes do sexo masculino e feminino se comportam diante da variação na CV com a 3pp, em amostra de linguagem falada e popular da capital do estado do Ceará. No entanto, a variável *Sexo* foi descartada pelo programa de análises estatística.

Conforme já explicamos, mesmo em face da não seleção da variável *Sexo* pelo programa GoldVarb X, optamos por apresentar os percentuais de uso obtidos para os fatores que compõem a variável *Sexo* os quais podem ser conferidos na Tabela 19:

Tabela 19 – Percentuais de uso para a variável *Sexo*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%
Homens	259/ 582	44, 5
Mulheres	227/ 571	39, 8

Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, os resultados obtidos para a variável *Sexo* indicam que, na amostra deste estudo, ela não exerce muita influência sobre a variação na CV com a 3pp, tanto que foi a terceira variável descartada pelo programa de análises estatísticas. Nesse sentido, vemos que os percentuais de uso obtidos para o comportamento de homens e mulheres não se distanciam de maneira significativa. Afinal, a diferença numérica quanto ao uso da variante com marcas

formais de CV na 3pp entre homens e mulheres, em amostra de fala popular fortalezense, é igual a 4,7 pontos percentuais, isto é, pouco menos de 5 pontos.

Assim, registramos um percentual de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp, para informantes do *sexo masculino*, igual a 44,5%. Ou seja, quando se trata de informantes do *sexo masculino*, a variante padronizada é usada em pouco menos de 45% dos casos. Por outro lado, para as *mulheres*, obtivemos um percentual de uso igual a 39,8% para o uso da variante com marcas de pluralidade para a CV na 3pp. Assim, para as informantes do *sexo feminino* o uso da referida forma variante atingiu quase 40% dos casos.

Sobre as nossas expectativas iniciais para o controle da variável *Sexo*, em dados de fala popular fortalezense cabe destacar que, de início, esperávamos que as mulheres se mostrassem favoráveis ao uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, acreditávamos que os homens atuariam de modo a inibir o uso dessa variante e, assim, se mostrariam favoráveis a realização da variante sem marcas de pluralidade para a CV na 3pp. Todavia, os percentuais de uso obtidos para a variável *Sexo* nos mostram que praticamente não há diferenças significativas quanto à realização da CV na 3pp, na fala de homens e mulheres, em amostra representativa da norma popular fortalezense.

Variável *Faixa etária*

Assim como o *Sexo*, a variável extralinguística *Faixa etária* não foi selecionada como estatisticamente pertinente pelo programa de análise GoldVarb X. A não seleção da *Faixa etária* pelo programa estatístico refuta, portanto, nossa expectativa inicial de que ela poderia ser pertinente para a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala popular fortalezense.

Sobre os percentuais de uso obtidos para os fatores que compõem a variável *Faixa etária*, vejamos a Tabela 20:

Tabela 20 – Percentuais de uso para a variável *Faixa etária*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%
15-25 anos	148/360	41,1
26 a 49 anos	206/467	44,1
A partir de 50 anos	132/326	40,5

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados da Tabela 20, os informantes mais jovens da amostra, (*Faixa I*: 15-25 anos) atingiram um percentual de uso para a variante com marcas de CV na 3pp igual a 41,1%. Já os informantes da *Faixa II* (26-49 anos) atingiram um percentual de uso para a CV na 3pp igual a 44, 1%. Enquanto os informantes da *Faixa III* (a partir de 50 anos) atingiram 40,5% dos cacos da variante com marcas de CV na 3pp.

Com esses resultados vemos que, embora a diferença quanto aos percentuais de uso para a variante com marcas de CV na 3pp para os informantes com diferentes faixas etárias, seja bem discreta, são os informantes da *Faixa II* (26-49 anos) que mais tendem a empregar a variante com marcas de CV na 3pp, na amostra analisada nesta pesquisa.

Esses resultados caminham em direção oposta ao que esperávamos de início para o comportamento da variável *Faixa etária*, em dados de fala popular fortalezense, uma vez que acreditamos que essa variável poderia exercer forte influência sobre o fenômeno investigado aqui. Fato esse que não foi confirmado pelos resultados números obtidos.

Variável *Tipo de inquérito*

A variável *Tipo de inquérito* foi a primeira a ser descartada pelo GoldVarb X. Ou seja, dentre todas as variáveis não selecionadas pelo programa, o *Tipo de inquérito* foi apontado como a que menos exerce algum tipo de influência sobre a variação na CV a 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza. Esses resultados refutam, portanto, nossas expectativas iniciais para a análise da variável *Tipo de inquérito* sobre a amostra de fala representativa da variedade popular falada na capital cearense.

Quanto aos percentuais de uso obtidos para os dois fatores considerados na variável *Tipo de inquérito*, pontuamos que eles estão ser devidamente explicitados na Tabela 21:

Tabela 21 – Percentuais de uso para a variável *Tipo de inquérito*, em amostra de norma popular fortalezense

Fator	Apl./Total	%
Diálogo Entre Informante e Documentador (DID)	289/678	42,6
Diálogo entre Dois Informantes (D2)	197/475	41,5

Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, os dados da Tabela 21 nos mostram que os números obtidos para os fatores Diálogo Entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes

(D2) são bastante discretos e praticamente não apresentam diferenças entre si. Constatamos, assim, que o fator DID atingiu um percentual de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp igual a 42,6%. Já o percentual de uso para essa mesma variante no fator D2 foi igual a 41,5.

Diante desses achados, cabe ressaltar que, ao controlarmos a variável *Tipo de inquérito* acreditávamos que esse grupo de fatores poderia se revelar pertinente para este estudo, expectativa esta que, conforme assinalamos de início, foi refutada, pelo menos em amostra de fala popular fortalezense. Além de trabalhar com essa hipótese, no que se refere ao controle da variável *Tipo de inquérito*, esperávamos, ainda, que essa variável nos mostrasse que, em amostra de linguagem popular falada da capital cearense, o *Tipo de inquérito exerce influência* sobre o fenômeno investigado de modo que, o fator DID é um aliado da variante com marcas formais de CV na 3pp, ao contrário do fator D2.

Sobre esse ponto, lembramos que, tal como discutimos em diferentes momentos desta tese, a hipótese segundo a qual o fator DID beneficiaria a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto o fator D2 inibiria o uso desta mesma forma variante encontrava apoio nos diferentes graus de formalidade que imperam nesses dois tipos de inquérito. A esse respeito, lembramos que para Araújo (2011), os inquéritos do tipo DID apresentam grau maior de formalidade em relação aos inquéritos do tipo D2.

Uma vez assumida a proposição de que quanto maior o nível de formalidade que envolve a situação de interação comunicativa – no caso dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR refletidas nos tipos de inquéritos – maiores são as chances de os informantes prestarem mais atenção a sua fala e, assim, usarem mais as variantes linguísticas padronizadas, era mesmo de se esperar que os inquéritos do tipo DID favorecessem a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido oposto, acreditávamos que os inquéritos do tipo D2 inibiriam a realização da CV com a 3pp, haja vista esse tipo de inquérito apresentar um menor grau de formalidade.

Todavia, diante da não seleção da variável *Tipo de inquérito*, bem como do fato de que os percentuais de uso para os fatores que a compõem terem se mostrado praticamente os mesmos, não nos parece prudente fazer qualquer afirmação no sentido de confirmar as hipóteses que levantamos inicialmente.

6.4 Comparação entre os resultados obtidos para a variação na CV com a 3pp, em amostras das variedades culta e popular faladas em Fortaleza

No início deste texto, informamos que esta pesquisa foi nutrida pelo interesse de investigar um dos fenômenos variáveis mais frutíferos do PB, isto é, a variação na CV com a 3pp, em amostras das variedades culta e popular faladas na capital cearense, com base na perspectiva variacionista. Dentre os muitos questionamentos que surgem a partir dessa temática, nos esforçamos para lançar luz a, pelo menos, três deles:

- a) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre o uso variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza?
- b) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre o uso variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense?
- c) De que modo o comportamento variável da CV na 3pp aproxima e/ou distancia as variedades culta e popular faladas na capital cearense?

Ao longo das subseções 6.2 e 6.3, respectivamente, apresentamos nossas descobertas acerca dos dois questionamentos em **a** e **b**. Tais descobertas resultam do trabalho empírico com dados coletados nas amostras de fala selecionadas para este trabalho. A presente seção é, portanto, dedica às discussões por meio das quais procuramos tratar o terceiro e último questionamento que moveu a realização desta pesquisa. Evidentemente que, para esta parte desta tese, a retomada de resultados discutidos anteriormente é imprescindível.

Com base neles, discutimos em que medidas os resultados desta pesquisa apontam distanciamentos e/ou aproximações quanto ao comportamento variável da CV na 3pp, em amostras representativas das variedades culta e popular faladas em Fortaleza.

Em sua dimensão mais restrita discutimos, aqui, o que a comparação entre os resultados obtidos para amostra de fala culta e popular cearense nos revelam sobre o comportamento variável da CV na 3pp. Já em uma dimensão mais ampla, acreditamos que é possível relacionar os resultados obtidos às questões concernentes à variação na CV com a 3pp não apenas nas amostras de linguagem falada selecionadas para este estudo, mas também sobre esse fenômeno no PB.

A fim de tornar a apresentação de nossas discussões mais didática, optamos por dividir esta subseção em duas: as subseções 6.4.1 e 6.4.2. Na primeira, estabelecemos e discutimos as comparações entre os percentuais de uso obtidos para as variantes com e sem

marcas de CV na 3pp, em amostras de linguagem culta e popular faladas na capital cearense. Na segunda subseção, as comparações são estabelecidas com o intuito de comparar a atuação das variáveis linguísticas e extralinguísticas testadas sobre as variantes investigadas, tanto em amostra de linguagem culta como popular fortalezense.

Evidentemente, estamos cientes das diferenças internas que marcam cada uma das amostras de fala analisadas, tanto que, em um primeiro momento, optamos por apresentar os seus respectivos resultados em momentos distintos deste estudo. Dentre as diferenças que compreendem as amostras analisadas, frisamos que elas retratam não apenas o comportamento variável da CV com a 3pp em diferentes variedades de fala da comunidade de fala fortalezense, mas também em diferentes momentos do tempo. Logo, a amostra extraída do Projeto PORCUFORT é representativa do falar culto fortalezense no início da década de 1990. Já a amostra de fala extraída do NORPOFOR compreende a variedade popular falada na capital do estado cearense, no início da década de 2000.

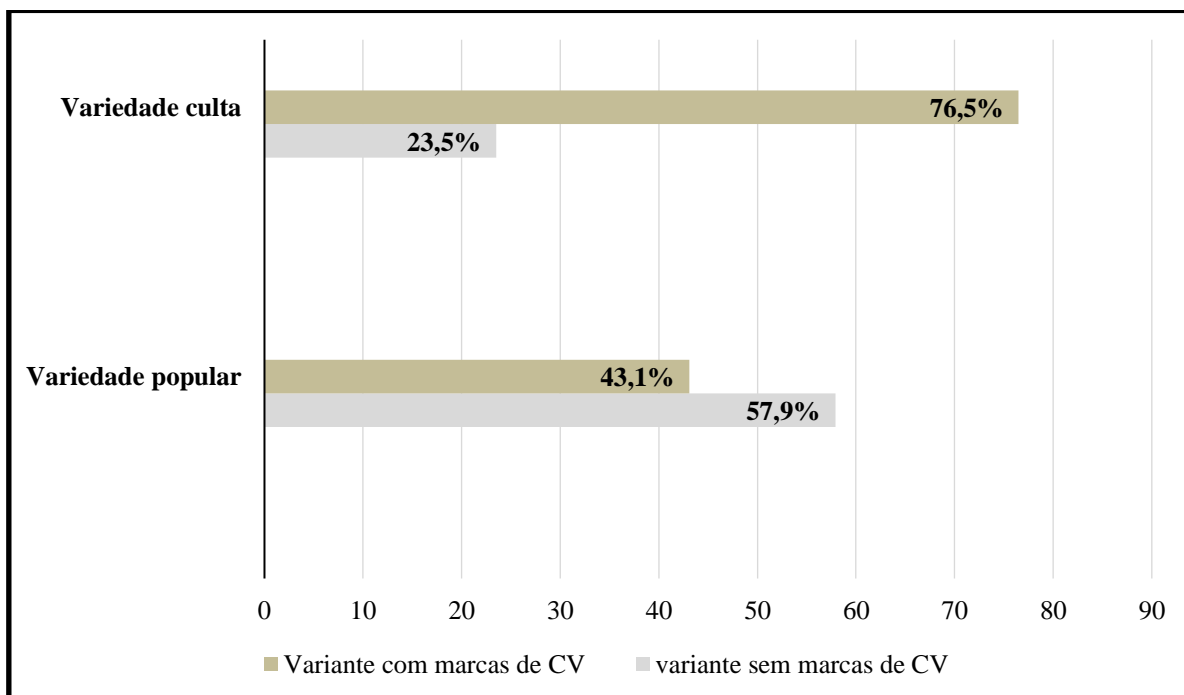
A imensa complexidade de estabelecer comparações para o comportamento variável de um mesmo fenômeno linguístico a partir de diferentes amostras de fala, bem como o risco de fazê-lo e deixar escapar algum ponto importante para suas especificidades certamente poderia nos afastar dessa tarefa. Todavia, mesmo diante da complexidade e riscos, enxergamos na comparação dos resultados obtidos para o comportamento variável da CV na 3pp em amostras das variedades culta e popular faladas em Fortaleza, a possibilidade de compreendermos um pouco mais sobre o funcionamento desse fenômeno variável na comunidade de fala fortalezense, bem como ampliar nosso conhecimento acerca da realidade das variedades linguísticas analisadas.

Além disso, enxergamos como natural a possibilidade de surgirem outras questões em nosso caminho.

6.4.1 Comparação entre os resultados obtidos para as variantes controladas em amostra de fala culta e popular de Fortaleza

No Gráfico 8, retomamos, para fins de comparação, os percentuais de uso obtidos para as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostras de fala representativas das variedades culta e popular fortalezense:

Gráfico 8 – Comparação entre as variantes estudadas, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao considerarmos esses resultados, chama nossa atenção a tendência verificada quanto ao comportamento das variantes estudadas nas amostras. Assim, tratando-se da variante com marcas de CV na 3pp, vemos que, em amostra do falar culto, essa forma variante tende a ocorrer com maior frequência do que a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, em amostra de fala popular fortalezense, a variante com marcas formais de CV na 3pp ocorrer com frequência menor do que a variante sem marcas formais de CV.

Em amostra da variedade culta falada na capital cearense, a variante com marcas formais de CV obteve um percentual de uso igual a 76,5%, enquanto a variante sem marcas padronizadas de CV atingiu um percentual de uso igual a 23,5%. Já em amostra da variedade popular, essas mesmas formas variantes obtiveram um percentual de uso igual a 43,1%, para a variante com marcas formais de CV, e 57,9%, para a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp.

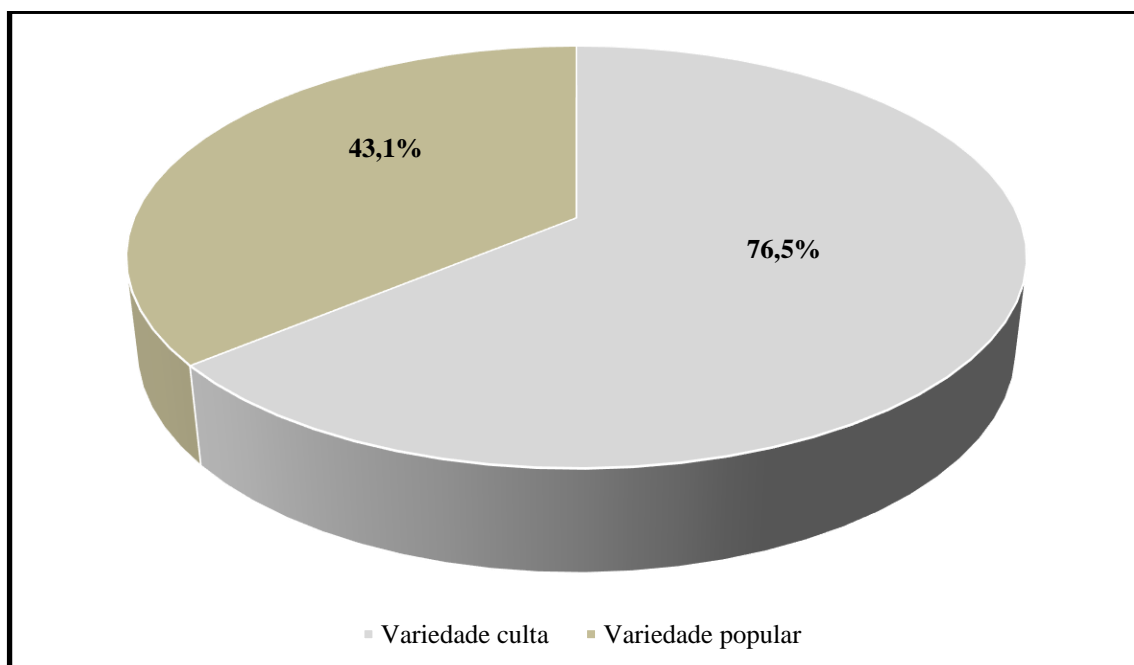
Esses resultados mostram que as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp se comportam de modos distintos, em amostra de variedade culta e popular faladas na capital cearense. De acordo com o que discutimos nas seções anteriores, o comportamento das variantes em amostra de linguagem culta confirmou nossas expectativas iniciais, já que

esperávamos mesmo que a variante com marcação formal de CV na 3pp ocorresse com frequência maior do que a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp.

O mesmo, contudo, não pode ser dito em relação ao comportamento das variantes, em amostra de fala popular. A esse respeito, lembramos que, embora tenhamos trabalhado com uma amostra de linguagem popular, esperávamos que a variante com marcas formais de CV na 3pp ocorresse com frequência maior do que a variante sem marcação formal de CV. Afinal, além de estarmos lidando com amostra de fala popular representativa de uma das maiores metrópoles brasileiras, estudos como o de Pereira (2016) já indicava essa tendência. Além de confirmar nossa hipótese inicial, caso as variantes investigadas tivessem se comportando de maneiras semelhantes em amostra de fala culta e popular, teríamos, portanto, um ponto de aproximação entre essas duas variedades de fala no que tange o comportamento variável da CV na 3pp, na capital cearense.

Todavia, vemos que, de fato, as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp apresentam comportamentos notadamente distintos, quando comparamos os resultados obtidos para as amostras de fala culta e popular fortalezense. Sobre a variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, é importante destacar que, ao comparamos os resultados obtidos para as amostras analisadas, salta aos olhos as diferenças quantitativas com que ela ocorre em amostra de fala culta e popular. A esse respeito, vejamos o Gráfico 9:

Gráfico 9 – Comparação entre os percentuais de uso obtidos para a variante com marcas de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular fortalezense



Fonte: Elaborado pela autora.

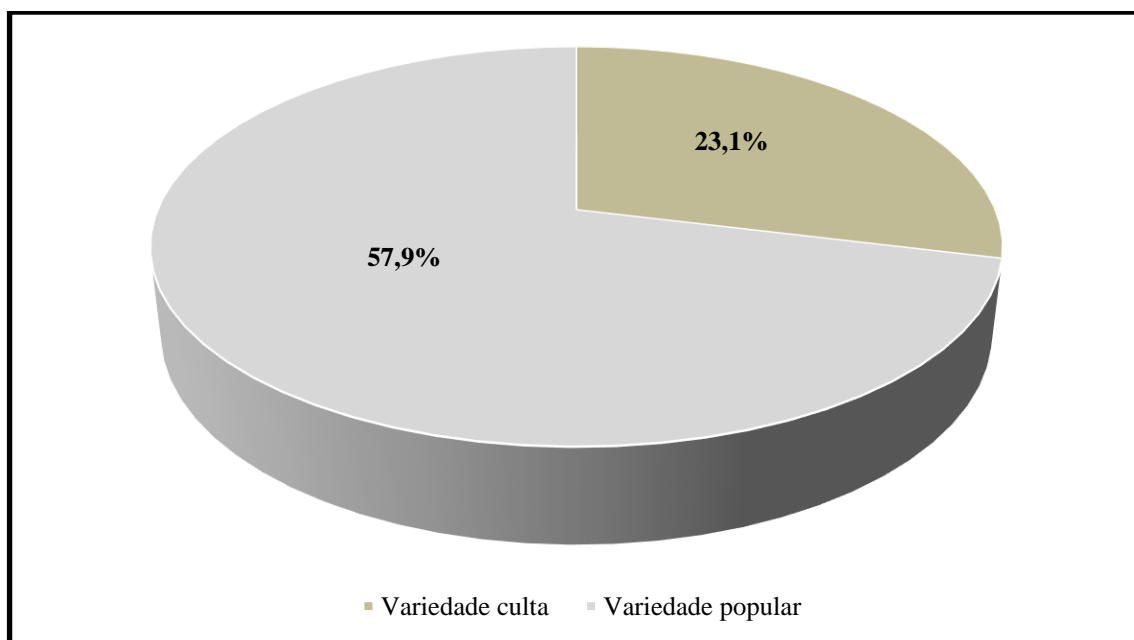
Os diferentes comportamentos da variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular da capital cearense, aponta para aquilo que Lucchesi (2012) chamada de gradação sociolinguística. Assim, quando se trata da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostra de linguagem culta e popular da capital cearense, verificamos que há um aumento gradativo no uso dessa variante conforme muda a variedade de fala analisada. Logo, em amostra de fala popular, a variante com marcas formais de CV na 3pp atinge um percentual de uso igual a 43,1%, já em amostra de fala culta, verificamos o aumento expressivo dessa mesma forma variante que se realiza em 76,5% dos casos.

A gradação no aumento da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp verificada entre a variedade popular e culta pode ter relação com o fato de que, em amostra de fala culta, trabalhamos apenas com informantes que possuem ensino superior completo. Já em amostra de fala popular, selecionamos somente falantes com 0-4 anos de escolaridade.

A esse respeito, lembramos, tal como discutimos em outros momentos desta tese, que quanto maior for o nível de escolarização dos sujeitos, maiores são as chances de eles usarem as formas variantes que mais se aproximam do padrão normativo. No caso do fenômeno estudado aqui, a variante com marcação formal de CV na 3pp. Por outro lado, quanto menor for o grau de escolaridade dos informantes, menor tende a ser sua aproximação do modelo de língua padronizado e, portanto, maior é a tendência de falantes usarem formas variantes que não condizem com o padrão normativo da língua, caso da variante sem marcas formais de CV na 3pp.

Sobre a realização dessa última variante, em amostra de fala culta e popular fortalezense, vejamos a comparação estabelecida no Gráfico 10:

Gráfico 10 – Comparação entre os percentuais de uso obtidos para a variante sem marcas de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular fortalezense



Fonte: Elaborado pela autora.

No caso da variante sem marcas de CV na 3pp, vemos que os percentuais de uso obtidos neste estudo também revelam diferenças interessantes quanto ao comportamento dessa forma variante, em amostras de variedade culta e popular faladas na capital do estado do Ceará. Em linhas gerais, os resultados revelam que, tratando-se da variante sem marcas formais de CV na 3pp sua frequência de uso é bem maior (57,9%), em amostra de fala representativa da norma popular fortalezense. Por outro lado, sua realização mostra-se mais discreta (23,5%), em amostra da variedade culta.

Também aqui, compreendemos que a realização da variante sem marcas de CV na 3pp sinaliza uma gradação do fenômeno investigado em amostras de falas culta e popular de Fortaleza. Em se tratando da variante sem marcação formal de CV na 3pp, constatamos que sua realização aumenta conforme diminui o grau de escolaridade dos informantes. Por outro lado, a realização dessa variante cai de forma significativa conforme aumenta o grau de escolaridade dos informantes.

Sobre essa questão, não é demais lembra que subjaz à estratificação verificada tanto no uso da variante com marcas como da variante sem marcação padronizada de CV na 3pp, em amostra de fala culta e popular da capital cearense, uma série de fatores intrínsecos às amostras de fala analisadas. Dentre esses fatores, destacamos o já mencionado grau de escolarização dos informantes além de suas profissões e renda per capita que possuíam na

época das gravações dos Projetos PORCUFORT e NORPOFOR, dos quais extraímos, respectivamente, as amostras de fala culta e popular analisadas nesta tese.

Ao tratar a escolarização dos informantes selecionados para este estudo, tanto em amostra de fala culta como popular, esclarecemos que, na primeira amostra, todos os sujeitos selecionados possuem ensino superior completo; já na segunda, trabalhamos com informantes que possuíam de 0-4 anos de escolarização. Sobre esse ponto, reforçamos que os diferentes graus de escolaridade dos brasileiros e das brasileiras têm se mostrado de grande valia para a compreensão de seus comportamentos linguísticos diante de alguns fenômenos de variação e mudança linguística, conforme explica Votre (2012, p. 51, grifo nosso):

[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que **ela atua como preservadora de formas de prestígio**, face a tendência de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever.

A constatação de que a escola tem atuado como um mecanismo capaz de modelar e preservar o uso de variantes linguísticas prestigiadas socialmente e, conseqüentemente, reprimir o uso de formas linguísticas que se afastam do padrão normativo, nos ajuda a compreender melhor o porquê de a variante sem marcas formais de CV na 3pp ser mais usada justamente pelos informantes com 0-4 anos de escolaridade e que constituem a amostra de norma popular analisada nesta pesquisa. Afinal, são esses sujeitos que passaram menos tempo na escola. Logo, a tendência é que usem menos as formas linguísticas prestigiadas socialmente e amplamente difundidas pela escola, no caso do fenômeno investigado nesta tese, a variante com marcas formais de CV na 3pp.

No caso da variação de número, seja ela verbal ou nominal, concordamos com Scherre (2012) ao atentar que, nesse âmbito, muitos são os estereótipos. De acordo com essa estudiosa, “temos a tendência quase compulsiva de rotular de erradas apenas as formas que fazem correlação estreita com classe social, mesmo que, consciente ou inconsciente façamos uso destas mesmas formas” (SCHERRE, 2012, p. 210).

Dito isso, chamamos atenção para a correlação que geralmente é feita entre escolaridade e classe social dos sujeitos. Tal como discutimos em outros momentos desta tese, não raramente os sujeitos com maior escolaridade são postos em escalas sociais mais abastadas, ao contrário do que ocorre com sujeitos com menos escolarização. Embora essa tendência nem sempre corresponda a realidade dos(as) brasileiros(as), não se pode negar que

quanto mais tempo os falantes passam na escola, maiores são suas chances de desempenharem profissões que são bem remuneradas socialmente.

Em sentido oposto, quanto menor é o acesso dos(as) brasileiros(as) aos bens culturais preservados pela escola, menores são as chances de ocuparem cargos ou desempenharem profissões que gozam de maior prestígio social e, portanto, com maior remuneração. Por razões como essas, acreditamos que a educação é um direito que precisa ser assegurado a todos os brasileiros e a todas as brasileiras, haja vista o fato de que para muitos e muitas, a educação figura como a única e melhor maneira de lutar por melhores condições de vida.

No universo desta pesquisa, compreendemos que a escolarização, a classe social e o uso das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp são fatores que estão intimamente relacionados. Assim, no caso da amostra de fala culta fortalezense, lembramos que os informantes, além de possuírem ensino superior completo, compreendem homens e mulheres que desempenhavam, na época das entrevistas, profissões como professores do ensino básico e superior, psicólogos, médicos, advogados, administradores, terapeutas, dentistas etc. (Cf. Quadro 8). Profissões como essas exigem não apenas alto grau de escolarização, mas reclamam um monitoramento linguístico que afaste os falantes do uso de variantes desprestigiadas socialmente e os aproxime de variantes que gozam de maior prestígio social.

Nessa linha de raciocínio, é fácil compreender o porquê de a variante com marcas formais de CV na 3pp ter obtido percentuais de uso bem superiores, em termos numéricos, em amostra de fala culta, quando comparamos a realização dessa mesma variante, em amostra de fala popular. Importante destacar que, mesmo em uso reduzido, a variante sem marcas formais de CV na 3pp está presente em amostra de fala culta fortalezense. Ou seja, tal como atentam Preti (1999), Luchessi (2012), Scherre (2012), Bortoni-Ricardo (2012), para citar apenas alguns, as variantes linguísticas desprestigiadas socialmente – a exemplo da variante sem marcas de CV na 3pp – também ocorrem em variedades cultas faladas pelos(as) brasileiros(as). Os resultados obtidos para esta pesquisa, no que tange à amostra de fala culta da capital cearense e tomada para análise aqui, reforça tal assertiva.

No caso da amostra de fala popular fortalezense investigada por nós, salientamos que os informantes possuem de 0-4 anos de escolarização. Nesse caso, constatamos que os falantes selecionados compreendem homens e mulheres que, se não estavam desempregados, na época das entrevistas, exerciam profissões como servente, pedreiro, estofador, vigilante, vendedor, empregada doméstica e prendas do lar (no caso de algumas mulheres), balconista,

dentre outras (Cf. Quadro 11). Ainda que não seja uma regra absoluta, é sabido que para exercer profissões ou ocupações como essas, um elevado grau de escolarização não é exigido. Além disso, essas atividades podem dispensar o uso de uma linguagem mais monitorada. A soma desses fatores, acreditamos, nos ajuda a compreender o porquê de, em amostra de fala popular de Fortaleza, a variante com marcas formais de CV ser menos usada, sobretudo quando comparada ao uso dessa variante em amostra de fala culta.

Diante de tudo que já dissemos, cabe chamar atenção, ainda, para o seguinte fato: os resultados desta pesquisa mostram que, embora esteja presente em ambas as amostras, a realização da variante com marcas formais de CV ocorre com uma frequência bastante expressiva (76,5%), em amostra de fala culta fortalezense. Tal como já dissemos, o comportamento distinto das variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp assinala um significativo ponto de distanciamento entre as variedades estudadas no que concerne o comportamento variável da CV na 3pp.

Além disso, os resultados obtidos mostram que, em amostra de fala popular, o uso das variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp é mais equilibrado. Afinal, obtivemos 57,9% de uso, para a variante sem marcas padronizadas de CV, e 43,1%, para a variante com marcas de CV na 3pp. Já no âmbito da amostra de fala culta fortalezense, os percentuais de uso para as variantes investigadas apresentam uma disparidade maior. Nesse caso, os resultados obtidos revelaram um uso de 76,5%, para a variante com marcas de CV, e 23,5%, para a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp.

Na busca por explicações para esses achados, acreditamos ser válidos supor que os informantes com ensino superior completo (variedade culta) podem ter uma maior percepção e conseqüente avaliação negativa da variante sem marcas formais de CV na 3pp em comparação com os informantes com 0-4 anos de escolaridade (variedade popular). Logo, a tendência é a de que os primeiros evitem mais frequentemente o uso da variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp do que os segundos.

A maior percepção quanto ao uso das variantes por parte dos falantes com ensino superior completo nos parece ser decorrente justamente do maior tempo que esses sujeitos passaram na escola em relação aos informantes com 0-4 anos de escolaridade que, nessa lógica, tendem a ter uma menor percepção das avaliações sociais negativas que recaem sobre a variante sem marcas de CV na 3pp.

Sobre esse ponto, é sabido que a escola gera mudanças no padrão linguístico daqueles que a frequentam e muitas ainda trabalham no sentido não de ampliar os

conhecimentos linguísticos dos estudantes, mas sim de substituir as variantes desprestigiadas socialmente por formas variantes que gozam de prestígio social.

Como bem atentam Castilho (2012) e Rodrigues (2012), esse tipo de atitude por parte dos grandes bancos escolares reflete, antes de qualquer coisa, uma violência praticada contra as muitas variantes linguísticas apreendidas naturalmente por nossos jovens estudantes, haja vista o fato de que, nem sempre, essas formas – a exemplo da variante sem marcas de CV na 3pp – são contempladas no âmbito escolar. Para um campo de conhecimento como a Sociolinguística variacionista em que assumimos a ideia de que a língua é um dos principais traços da identidade social dos sujeitos, ir contra os fatos da língua é, ao mesmo tempo, perder a chance de ampliar nossa competência comunicativa e negar nossa identidade social. Por questões como essas é que tornamos a defender, tal como fizemos na seção em que abordamos a questão do trabalho com as normas culta e popular na escola, que o funcionamento das variantes mais fortemente relacionadas a uma ou outra variedade linguística sejam trabalhadas no contexto da sala de aula.

Afinal, quando a escola repudia o uso da variante sem marcas de CV, por exemplo, ela está abdicando de uma forma variante falada por milhões e milhões de brasileiros(a) todos os dias, em maior ou menor proporção, durante as muitas atividades comunicativas que desempenham diariamente. Essa forma variante, cabe lembrar, é falada, ainda que em menores proporções, por falantes com altos níveis de escolaridade, conforme mostram os resultados desta pesquisa, ao tratarmos os dados de fala representativos da variedade culta fortalezense.

A esse respeito, insistimos, ainda que com notáveis diferenças em relação à amostra de fala popular, verificamos que a variante sem marcas de CV também faz parte da linguagem falada por sujeitos tidos como cultos. É verdade que no terreno da variedade culta, a variante sem marcas de CV tende a ocorrer com menor frequência se comparada com o uso dessa mesma forma variante em amostra de fala popular fortalezense. Esse fato, conforme argumentamos anteriormente pode sinalizar um grau de percepção negativa por parte dos informantes com ensino superior completo acerca da variante sem marcas de CV na 3pp.

Em função das próprias limitações desta pesquisa, não realizamos testes de atitudes linguísticas o que certamente poderia nos oferecer um panorama apurado sobre o modo como os falantes tanto da variedade culta como popular de Fortaleza compreendem as variantes investigadas aqui. Com base nisso, seria possível traçar um quadro mais apurado sobre o *problema da avaliação* sobre o comportamento variável da CV na 3pp, no universo das amostras de fala analisadas nesta tese.

A esse respeito, lembramos, tal como discutimos na seção da Fundamentação Teórica, que ao lado de outros problemas, como a *restrição*, a *transição*, o *encaixamento* e a *implementação*, o *problema da avaliação* figura como um dos pontos perseguidos pelos sociolinguistas quando da compreensão de um fenômeno linguístico variável. Nesse caso, como o próprio nome sugere, procuramos averiguar como os sujeitos avaliam (se positivo ou negativamente, por exemplo) um dado fenômeno de variação e mudança linguística. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), compreender essas avaliações é de suma importância para um estudo sociolinguístico haja vista elas serem capazes, ao lado de outros fatores, de acelerar, quando positivas, ou barrar, quando negativas, processos de variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Também em conformidade com as discussões estabelecidas na seção da Fundamentação Teórica, a realização de testes de atitudes linguísticas pode nos ajudar a compreender melhor as avaliações sociais a que frequentemente os falantes de uma língua submetem às variantes linguísticas, no caso desta pesquisa, com e sem marcas de CV na 3pp. Todavia, por limitações próprias deste trabalho, não aplicamos testes de atitudes. Esse fato aponta uma lacuna que estamos deixando com esta tese, mas que certamente abre espaço para a realização de pesquisas futuras. Sobre esse ponto, aliás, concordamos com Lucchesi (2012, p. 253) ao atentar que “[...] a ausência de estudos que focalizem a reação subjetiva dos falantes perante as variantes linguísticas certamente, por meio da aplicação de testes de atitudes específicos, constitui uma lacuna da pesquisa sociolinguística no Brasil”.

Diante da falta de dados empíricos sistemáticos por meio dos quais pudemos analisar detidamente o problema da avaliação do comportamento variável da CV com a 3pp, em amostra de fala culta e popular fortalezense, lançamos mão da premissa segundo a qual, para falantes com ensino superior completo (norma culta), a não aplicação da regra padronizadas de CV na 3pp pode ser avaliada negativamente pelos falantes.

Já para informantes com 0-4 anos de escolaridade (norma popular), essa avaliação negativa não seria registrada e, se o fosse, certamente seria em menor grau do que por falantes com ensino superior completo (BORTONI-RICARDO, 2008; LUCHESSI, 2012). Conforme assinalamos anteriormente, pesquisas variacionistas que medem a avaliação social das formas variantes são ainda discretas no Brasil. Não obstante, temos notícias do trabalho de Bortoni-Ricardo (2008) no qual a autora analisa a significação social da CV, na fala de sujeitos com ensino superior completo e com pouca ou nenhuma escolarização.

Em linhas gerais, Bortoni-Ricardo (2008, p. 370) verificou que “a estigmatização da concordância não padrão está instituída entre falantes que têm acesso a curso superior. A

estigmatização ocorreu entre os universitários, mas não ocorreu entre os alunos do supletivo”. Dados como esses sustentam, portanto, a hipótese de que, nas variedades cultas, a ausência de CV padronizada é tida como uma marca negativa, ao contrário do que ocorre nas variedades populares. Compreendemos que essa hipótese ganha força com os dados obtidos nesta pesquisa para as variantes com e sem marcas de CV na 3pp tanto em amostra de fala culta como popular fortalezense. Afinal, em amostra de fala culta, as diferenças entre as variantes com e sem marcas de CV na 3pp se revelam mais acentuadas (76,5%, para a variante com marcas de CV e 23,5%, para a variante sem marcas de CV na 3pp).

A partir desses dados, somos levadas a crer que, na amostra de fala culta investigada, pode haver uma rejeição maior por parte dos informantes da variante sem marcas formais de CV na 3pp. No que tange à amostra de fala popular, reforçamos que os percentuais de uso obtidos para as variantes se mostram mais equilibrados (43,1%, para a variante com marcas de CV, e 57,9%, para a variante sem marcas formais de CV). Assim, acreditamos que a avaliação negativa dessa segunda variante pode ser menor, em amostra de fala popular de Fortaleza.

Sobre a realização das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular da capital cearense, tornamos a atentar para o fato de que, na amostra analisada, o uso dessas variantes se mostrou equilibrado, em comparação com as diferenças no percentual de uso das variantes, em amostra de fala culta de Fortaleza. Esses dados, conforme já nos referimos, mostram um comportamento diferenciado entre as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular da comunidade de fala de Fortaleza.

Em um sentido mais amplo, os resultados obtidos aqui também fornecem uma visão interessante do fenômeno variável em análise, no PB. A respeito dos percentuais obtidos para as variantes com e sem marcas formais de CV, em amostra de fala culta, lembramos que os resultados desta tese não se distanciam muito dos achados de outros pesquisadores que também analisaram o fenômeno em tela, na fala de sujeitos com ensino superior. Esse é caso das já discutidas pesquisas de Anjos (1999), sobre o falar de João Pessoa-PB, e Rubio (2008), sobre o falar de São Carlos-SP.

Embora já tenhamos estabelecido algumas comparações entre os resultados dessas duas pesquisas e os desta tese, no que tange os percentuais de uso obtidos para as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, em outros momentos deste texto (*Cf.* seção Gráfico 3), tornamos a compará-los, também, na Tabela 22:

Tabela 22 – Comparação entre os dados de Anjos (1999), Rubio (2008) e esta tese

Pesquisa	Variante com marcas formais de CV %	Variante sem marcas formais de CV %
Anjos (1999)	74%	26%
Rubio (2008)	87%	13%
Esta tese	76,5%	23,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os dados da Tabela 22, em estudos variacionistas como os de Anjos (1999), Rubio (2008) e esta tese que analisaram o comportamento variável da CV em amostras de fala de brasileiros e brasileiras com ensino superior completo, em diferentes localidades do país, o percentual de uso para a variante com marcas formais de CV na 3pp oscila entre as casas de 70 e 80%, enquanto a variante sem marcas formais de CV na 3pp aproxima-se, no máximo, dos 30%, caso do estudo de Anjos (1999). O considerável aumento no uso da variante com marcas de CV e a consequente queda no uso da variante sem marcas de CV, no falar de sujeitos com alto grau de escolaridade registrada nesta pesquisa, segue, portanto, uma tendência que já era indicada por outras pesquisas de linha variacionista sobre o comportamento variável da CV na 3pp, no PB.

No âmbito da amostra de variedade fala popular da capital cearense, podemos dizer que os dados obtidos também nos relevam aspectos importantes sobre o comportamento variável da CV na 3pp, no PB. A esse respeito, tornamos a dizer que os dados desta tese quanto à realização das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala popular, indicam uma tendência já verificada por outros pesquisadores do fenômeno: quando se trata da fala de sujeitos com 0-4 anos de escolaridade, a tendência maior é a de que a variante sem marcas formais de CV na 3pp ocorra com maior frequência do que a variante com marcas padronizadas de CV.

Para fins de comparação entre os resultados desta tese, obtidos para amostra de fala popular, e outras pesquisas variacionistas sobre o fenômeno, vejamos a Tabela 23:

Tabela 23 – Comparação entre os dados de Alves (2005), Araujo (2014) e esta tese

Estudo	Variante com marcas formais de CV %	Variante sem marcas formais de CV %
Alves (2005) Cinzento	13%	87%
Morrinhos	26%	74%
Poções	26%	74%
Araujo (2014)	24,5%	75,5%
Esta tese	43,1%	57,9%

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos dados da Tabela 23, comparamos os percentuais de uso para as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp obtidos no estudo de Alves (2005), sobre o falar de duas comunidades rurais (Cinzento e Morrinhos) e uma urbana (Poções), situadas no interior do estado da Bahia; Araujo (2014), sobre o falar de Feira de Santa, também situada no interior baiano e esta tese, sobre o falar popular da capital cearense, Fortaleza. De acordo com esses dados, quando se trata da fala de sujeitos com 0-4 anos de escolarização, a tendência é que a realização da variante sem marcas de CV padronizadas ocorra mesmo com frequência maior do que a variante com marcas padronizadas, não apenas em Fortaleza, mas também em outras localidades do Brasil.

Além disso, ao considerarmos os dados da Tabela 23, chama nossa atenção as significativas diferenças numéricas quanto à frequência de uso das formas variantes em um e outro estudo. Afinal, ainda que, tal como nesta tese, Alves (2005) e Araujo (2014) tenham trabalhado com amostras de fala representativas de informantes com 0-4 anos de escolarização, são notórias as diferenças numéricas para o uso das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, entre os estudos mencionados na Tabela 23.

Assim, vemos que, na pesquisa de Alves (2005) a variante sem marcação formal de CV na 3pp atingiu índices de uso iguais a 87%, para a comunidade de Cinzento, e 74%, para Morrinhos e Poções. Nesse mesmo estudo, a variante com marcas formais de CV na 3pp atingiu índices de uso iguais a 13%, para Cinzento, e 26%, para Morrinhos e Poções. Na pesquisa de Araujo (2014), por sua vez, os percentuais de uso para as formas variantes investigadas foram iguais a 74%, para a CV padronizada e 24,5%, para a variante sem marcação formal de CV na 3pp. Já no universo desta tese, para a amostra de fala popular, a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp obteve um índice de uso igual a 57,9%,

enquanto a variante com marcas formais de CV na 3pp atingiu uma frequência de uso igual a 43,1%.

Esses dados não deixam dúvidas de que há notórias diferenças quanto ao comportamento das variantes com e sem marcação formal de CV na 3pp, nas pesquisas em comparação. Diante desse quadro, nos indagamos: se tanto nos estudos de Alves (2005), Araujo (2014) como nesta tese trabalhamos com a fala de informantes com 0-4 anos de escolarização, o que pode, então, estar por trás das significativas diferenças quanto a frequência de uso das variantes nos estudos referidos na Tabela 23?

A resposta para essa questão pode ter relação com a configuração socio-histórica das comunidades em pauta. Afinal, como bem atenta Castilho (2012, p. 25, grifo nosso):

É sabido que as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham, o **espaço geográfico, social** e temático em que se movem. O conjunto dessas circunstâncias interage sobre os fatores da comunicação e daqui fluem as variantes linguísticas.

A esse respeito, pontuamos que, por exemplo, as comunidades de Cinzento e Morrinhos, estudadas em Alves (2005) e para as quais foram registrados os maiores índices de uso para a variante sem marcas formais de CV na 3pp, no quadro dos trabalhos em comparação, são comunidades rurais, no caso de Cinzento e Morrinhos e de aspecto urbano, no caso de Poções, todas situadas no interior do estado da Bahia. Sobre o perfil socio-histórico das comunidades investigadas, Alves (2005, p. 17, grifo nosso) explica:

A primeira comunidade, a de Cinzento, pode ser classificada como **uma comunidade afro-brasileira, em face da origem quilombola e da preservação de traços culturais que mantêm a comunidade a certos padrões atávicos**. A segunda comunidade **é um povoado rural típico**, denominado Morrinhos, e que possui uma vida campesina como tantos outros que existem no interior do Estado, visto que seus moradores desenvolvem atividades próprias de subsistência, **predominando atividades agro-pastoris e manufatureiras, demonstrando, assim, uma realidade econômica ainda pouco mecanizada**. A terceira comunidade é uma pequena cidade típica do interior baiano, **um centro urbano que convive com processo de urbanização incipiente** cuja população transita entre o espaço rural e o espaço urbano, mas que **possui um senso de coesão que a caracteriza como uma cidade de expansão em direção aos outros centros mais desenvolvidos do Estado**.

Conforme Alves (2005), Cinzento e Morrinhos são comunidades rurais do interior baiano, sendo a primeira de origem afro-brasileira e na qual seus habitantes preservam muitos dos traços dos seus antepassados. Na comunidade de Morrinhos impera traços de um típico povoado rural do estado da Bahia. Já a comunidade de Poções, embora seja de caráter urbano,

caracteriza-se por ser uma comunidade pequena em início de desenvolvimento urbano, portanto, pouco mecanizada.

Traços bem diferentes dos que marcam a cidade de Fortaleza, uma das maiores metrópoles brasileiras. Ao contrário das comunidades de Cinzento, Morrinhos e Poções, estudadas por Alves (2005), praticamente não há em Fortaleza traços que remetem a uma dimensão rural ou uma paisagem urbana ainda em desenvolvimento. Muito pelo contrário, a trajetória histórica de Fortaleza é fortemente marcada pelo domínio dos portugueses, bem como pela eliminação de traços que remetem aos povos indígenas que habitavam a região hoje conhecida como Fortaleza antes da chegada dos europeus, além, evidentemente, do intenso processo de urbanização que marca a capital cearense (RODRIGUES, 2013).

Diferenças como as que verificamos entre as comunidades de fala de Fortaleza e as comunidades estudadas por Alves (2005), por exemplo, certamente podem ajudar a compreender o porquê de, mesmo tendo trabalhado com informantes com 0-4 anos de escolaridade, o uso das variantes com e sem marcas de CV na 3pp se distancia de forma tão notória comparamos os resultados desta tese com os de Alves (2005). Em linhas gerais, vemos que, na amostra de fala desta pesquisa em que se reflete a linguagem popular usada por indivíduos situados em uma grande metrópole brasileira a frequência de uso da variante com marcas de CV na 3pp (43,1%) é bem maior do que a realização desta mesma forma variante, em amostra de fala popular de comunidades rurais (Cinzento: 13%; Morrinhos: 26%) ou com uma urbanização incipiente (Poções: 26%), conforme mostra o estudo de Alves (2005).

Sobre a influência dos aspectos rural e urbano sobre a variação na CV com a 3pp, cabe destacar, por fim, as palavras de Lucchesi (2012, p. 254):

Apesar de exibirem um elevado grau de variação no uso da regra de concordância, os falantes, por estarem imersos no ambiente da cultura urbana, teriam consciência do prestígio social da regra, aumentando conscientemente o seu emprego na produção verbal mais monitorada. À medida que os falantes da base social vão tomando consciência do valor simbólico da regra de concordância na sociedade letrada, acelera-se o processo de aquisição da regra.

6.4.2 Comparação entre os resultados obtidos as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas em amostra de fala culta e popular de Fortaleza

Ao estudarmos a variação na CV com a 3pp, em amostras representativas das variedades culta e popular faladas em Fortaleza à luz da Sociolinguística variacionista, lançamos mão da premissa basilar de que a realização variável desse fenômeno não ocorre de

modo aleatório, no PB, tampouco nas amostras de fala analisadas aqui. Pelo contrário, assumimos aqui que a presença ou não de marcas formais de CV na 3pp é um fenômeno variável perfeitamente regulado por fatores tanto de ordem interna sistema ao sistema (fatores linguísticos) como por fatores de natureza externa a língua (fatores extralinguísticos).

Naturalmente, o acolhimento de tais assertivas encontra amparo em um série de estudos variacionista que, desde a década de 1970, se esforçam para traçar um apurado mapeamento sociolinguístico da variação na CV com a 3pp, em amostras de diferentes variedades faladas, bem como na modalidade escrita, do PB. Desde que se iniciaram, essas pesquisas têm nos fornecido ricas descrições – sempre com base em dados reais de linguagem em uso – sobre os fatores internos e externos ao sistema que favorecem ou inibem a realização das variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp.

As descobertas feitas pelos muitos estudiosos e estudiosas que se debruçam sobre esse fenômeno promovem, portanto, a compreensão desse fenômeno a partir de um olhar científico e distante de suposições infundadas sobre a língua. Como exemplo de conjunturas acerca do fenômeno que não encontram amparo científico, destacamos o mito da superioridade de uma variante sobre a outra, bem como a ideia infundada de que a variante não prestigiada socialmente seria quase uma exclusividade da fala de sujeitos com pouca ou nenhuma escolaridade.

Diversas são as pesquisas científicas que comprovam por meio de dados empíricos que suposições como essas não passam de mitos construídos sem amparo científico ao longo de nossa história. Felizmente, essas ‘ilusões’ desabam quando são postas em questão por um estudo realmente comprometido com o fazer científico. Nesta pesquisa, como bem discutimos na seção anterior, esclarecemos que – com suas devidas especificidades – tanto em amostras de variedade culta como popular faladas na capital cearense, as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp ocorrem no comportamento linguístico dos fortalezenses. Acreditamos que descobertas como essas só contribuem com a tarefa de aclarar as ilusões e equívocos que pairam na sociedade brasileira acerca não apenas do fenômeno analisado neste estudo, mas sobre a heterogeneidade linguística quase que como um todo que marca o PB.

Se no seio da ciência da linguagem aclarar equívocos e ilusões é uma tarefa árdua, mas muito frutífera, promover as descobertas científicas acerca do funcionamento da linguagem verbal, sobretudo em sua dimensão heterogênea, na esfera social, ainda carece de mais afã. Talvez por isso, mesmo após cinco décadas de estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil sobre a CV na 3pp, os cientistas da linguagem, dentre os quais nos incluímos, redobram cada vez mais seus esforços para que as regras internas e extensas ao sistema que,

de fato, compreendem a variação na CV com a 3pp sejam mais bem compreendidas e, sobretudo, que essas descobertas não fiquem restritas ao universo da ciência, mas sim, que alcancem o público no geral.

Na esteira dessas pesquisas, nos esforçamos para construir uma ‘fotografia’ sociolinguística da variação na CV com a 3pp, em amostra de linguagem culta e popular fortalezense, variedades nas quais, compreendemos, esse fenômeno ainda não foi bem explorado. Logo, uma de nossas tarefas mais relevantes foi mapear as variáveis internas e externas que favorecem ou inibem a realização das variantes com e sem marcas formais de CV com a 3pp, no universo das amostras de fala que analisamos. Assim, após um trabalho criterioso de seleção, coleta e análises estatísticas, chegamos a um detalhamento não apenas das variantes com e sem marcas de CV, conforme discutimos nas seções anteriores, mas também dos fatores internos e externos que as condicionam, no universo deste estudo.

Com o objetivo de facilitar para o(a) leitor(a) a retomada dos principais resultados obtidos para a atuação das variáveis testadas sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra das variedades culta e popular faladas em Fortaleza, destacamos os achados desta pesquisa – no que tange as variáveis linguísticas e extralinguísticas, bem como a refutação ou não das hipóteses levantadas inicialmente – no Quadro 12:

Quadro 12 – Variáveis selecionadas e descartas, em amostras das variedades culta e popular de Fortaleza

Norma culta fortalezense (PORCUFORT)		
Variável	Hipótese	Situação
Saliência fônica	Formas verbais mais salientes tendem a beneficiar a CV na 3pp, ao contrário das formas verbais menos salientes.	Hipóteses parcialmente confirmadas
Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)	Marcas de CV no verbo, em uma construção seriada, favorecem o emprego dessas mesmas marcas nos verbos seguintes.	Hipóteses parcialmente confirmadas.
Tipo de inquérito	Os inquéritos do tipo Elocução Formal (EF) favorecem a CV na 3pp.	Hipóteses parcialmente confirmadas.
Presença ou ausência do <i>que</i> relativo entre sujeito verbo	A ausência do <i>que</i> relativo favorece a realização da variante com marcas de CV na 3pp.	Hipótese refutada.
Faixa etária	Os falantes mais jovens favorecem a CV na 3pp.	Hipóteses parcialmente refutadas.
Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)	A presença de marcas de pluralidade no sujeito favorece o emprego dessas mesmas marcas, também, no verbo.	Hipóteses parcialmente confirmadas.
Posição e distância entre SN/sujeito e verbo		Não selecionada
Sexo		Não selecionada
Tipo estrutural do sujeito		Não selecionada
Traço semântico do sujeito		Não selecionada
Norma popular fortalezense (NORPOFOR)		
Saliência fônica	Formas verbais mais salientes tendem a beneficiar a CV na 3pp, ao contrário das formas verbais menos salientes.	Hipótese parcialmente confirmadas.
Posição e distância entre SN/sujeito e verbo	Sujeito anteposto e próximo ao verbo favorece a CV na 3pp.	Hipóteses confirmadas.
Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)	Marcas de CV no verbo, em uma construção seriada, favorecem o emprego dessas mesmas marcas nos verbos seguintes.	Hipóteses confirmadas.
Traço semântico do sujeito	O traço [+animado] favorece a CV na 3pp.	Hipóteses confirmadas.
Tipo estrutural do sujeito		Não selecionada
Paralelismo formal nível oracional (marcas no sujeito)		Não selecionada
Presença ou ausência do <i>que</i> relativo entre sujeito verbo		Não selecionada
Sexo		Não selecionada
Faixa etária		Não selecionada
Tipo de inquérito		Não selecionada

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o Quadro 12, a variação na CV com a 3pp é um fenômeno linguístico variável condicionado por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos, tanto em amostra de fala culta como popular fortalezense. De modo mais específico, em amostra de variedade culta,

são pertinentes estatisticamente, e nessa mesma ordem de relevância, as variáveis *Saliência fônica*, *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*, *Tipo de inquérito*, *Presença ou ausência do que relativo entre sujeito verbo*, *Faixa etária* e *Paralelismo formal no nível oracional (marcas no sujeito)*. Já no âmbito da amostra de variedade popular, são pertinentes estatisticamente, e segundo essa ordem de seleção, as variáveis *Saliência fônica*, *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo*, *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)* e *Traço semântico do sujeito*.

A partir desses resultados, verificamos que, para a variação na CV com a 3pp, em amostra da variedade culta falada em Fortaleza, se revelam pertinentes tanto fatores de ordem linguística como extralinguística. Já para a amostra da variedade popular falada na capital cearense são relevantes fatores de ordem essencialmente linguística, haja vista que nenhuma das variáveis extralinguísticas testadas foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo GoldVarb X, para a amostra de variedade popular. Esse último ponto nos parece diferenciar um pouco o comportamento variável da CV na 3pp, no contexto das amostras analisadas nesta tese. Afinal, acreditávamos inicialmente que, para ambas as amostras, tanto variáveis externas como internas se mostraram pertinentes, estatisticamente falando, para a variação na CV com a 3pp, fato que só ocorreu em amostra da variedade culta.

Embora os resultados obtidos revelem que, para a amostra de fala popular fortalezense, as variáveis extralinguísticas foram descartadas pelo programa de análises estatística, é salutar dizer que alguns dos resultados obtidos para as variáveis linguísticas aproximam consideravelmente o comportamento variável da CV, nas normas culta e popular de Fortaleza. Ou seja, verificamos que, ao se revelarem estatisticamente pertinentes para este estudo, os resultados obtidos para as variáveis *Saliência fônica* e *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)* – selecionadas em ambas as amostras – caminharam praticamente na mesma direção.

Desse modo, salvo as diferenças numéricas, a variável *Saliência fônica* mostrou que, independentemente da variedade linguística analisada nesta pesquisa (se culta ou popular), formas verbais mais salientes tendem a favorecer o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Em sentido oposto, as formas verbais menos salientes inibem a realização dessa mesma forma variante. Na variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*, constatamos que tanto em amostra de norma culta como popular de Fortaleza, o emprego de marcas de pluralidade no primeiro verbo em uma construção seriada promove a manutenção dessas marcas nos verbos seguintes, beneficiando, assim, a realização da CV na 3pp.

Conforme explicamos anteriormente, embora as variáveis descartadas pelo GoldVarb X não forneçam os pesos relativos que indicam o real peso com que os fatores testados atuam sobre as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, acreditamos que os percentuais de uso obtidos também nos fornecem pistas importantes acerca dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos da variação na CV com a 3pp, em amostras das variedades culta e popular faladas em Fortaleza.

Assim, por exemplo, as percentagens obtidas para os fatores que compõem a variável *Tipo estrutural do sujeito* – descartada pelo programa estatístico em ambas as amostras – relevam que os fatores *SN/sujeito pleno e composto* (55,6%) e *Quantificadores* (54,3%), na amostra de fala popular, foram os que mais se destacaram no conjunto dos fatores testados na variável *Tipo estrutural do sujeito*. Na amostra de fala culta, esses fatores também se destacaram. Aqui, o fator *SN/sujeito pleno composto* atingiu um percentual de uso para a CV na 3pp igual a 82,6% e o fator *Quantificadores indefinidos* atingiu 81,0% de marcação de CV na 3pp, em amostra de fala culta fortalezense.

A partir desses resultados, compreendemos que a variação na CV com a 3pp se mostra mais uniforme em amostras de fala culta e popular fortalezense quando tratamos a atuação dos fatores condicionantes. A esse respeito, são pertinentes as palavras de Scherre (2012, p. 210, grifo da autora):

Pelas pesquisas realizadas, até o presente momento, a variação na concordância de número no português brasileiro não apresenta distinção geográfica. Essa variação se dá de maneira uniforme de norte a sul e de leste a oeste. Os principais fatores que condicionam a variação são também uniformes. [...] fazemos mais concordância verbal explícita com sujeito antes do verbo (OS FILHOS VIERAM *morar aqui*; CÊS FICAVAM *vendo desenho*; ai, ELES ACABAM *se casando, né?*) do que com jeito depois do verbo (ai VEIO DOIS GAROTOS *atrás dela*; FICAVA OS DOIS *discutindo aqui*; quando ACABA AS NOVELAS, *eu durmo*).

De fato, também nesta pesquisa, muitas das tendências já atestadas por outros pesquisadores para a atuação de fatores linguísticos e, também, extralinguísticos sobre o comportamento variável da CV na 3pp foram verificadas, conforme discutido anteriormente. Às descobertas já feitas pelos(a) estudiosos(a) da variação na CV com a 3pp acerca das restrições internas e externas ao sistema para a realização das variantes com e sem marcas padronizadas de CV esta pesquisa acrescenta os achados para a variável extralinguística *Tipo de inquérito*.

Em consonância com o que discutimos em diferentes momentos desta tese, a variável *Tipo de inquérito* pode ser apontada como um grupo de fatores externos pouco

testado sobre a variação na CV com a 3pp. Nesse sentido, os resultados obtidos, sobretudo para a amostra de variedade culta de fortaleza – já que para a amostra de fala popular, a variável *Tipo de inquérito* foi descartada pelo programa de análise estatística – ampliam nossos conhecimentos acerca do comportamento variável da CV na 3pp, pelo menos na amostra deste trabalho. Em linhas gerais, os resultados obtidos para a variável *Tipo de inquérito*, em amostra de fala culta fortalezense, mostram que o tipo de inquérito *EF* beneficia a variante com marcas de CV na 3pp, assim como o tipo de inquérito *D2*.

O comportamento dos inquéritos do tipo *EF* confirmam nossas hipóteses iniciais, pois esperávamos, desde o início que, em inquéritos desse tipo, a variante com marcas padronizadas de CV na 3pp fosse favorecida. Afinal, é no *EF* que verificamos os inquéritos com maior grau de formalidade do Projeto PORCUFORT, do qual extraímos a amostra de fala culta analisada nesta pesquisa. Todavia, fomos surpreendidas com os resultados para os inquéritos do tipo *D2*, já que esses inquéritos refletem um menor grau de formalidade na situação de interação que compreendem e, mesmo assim, foram apontados como favorecedores da variante com marcas padronizadas de CV na 3pp. A esse respeito, lembramos que nossa expectativa inicial era a de que a realização da variante com marcas de CV na 3pp fosse inibida nesse tipo de inquérito, hipótese refutada pelos dados analisados.

Além dos pontos já mencionados, destacamos que os resultados obtidos para a atuação das variáveis linguísticas e extralinguísticas sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza, lançam alguma luz acerca de um outro problema que se coloca para a sociolinguística variacionista quando do estudo da variação e mudança linguística, estamos nos referindo ao *problema de restrição ou fatores condicionantes*. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), a questão da *restrição ou fatores condicionantes* se impõe como um dos problemas centrais para o qual devemos atentar ao estudar um fenômeno de variação e mudança linguística.

Em linhas gerais, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121) sugerem “que um possível objetivo para uma teoria da mudança é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”. Em outras palavras, ao voltar nossa atenção para o *problema da restrição ou fatores condicionantes* para um fenômeno de variação e mudança linguística é preciso compreender quais mudanças possíveis e as condições possíveis para que essa mudança ocorra, a partir dos dados analisados.

No caso desta pesquisa, verificamos que tanto em amostra de fala culta como popular, a variante com marcas padronizadas de CV na 3pp tende a ocorrer com maior frequência, sobretudo, em amostra de fala culta fortalezense. Evidentemente que, dada as

restrições próprias deste estudo, como, por exemplo, o fato de ser realizado sob o prisma do *tempo aparente*, é delicado tirar qualquer conclusão no sentido de que há indícios de mudança em curso para o fenômeno variável que focalizamos aqui. Porém, com base nos dados obtidos, nos parece coerente pressupor que, caso estejamos diante de um fenômeno de mudança em progresso, ela está ocorrendo no sentido de que a variante com marcas padronizadas de CV se sobrepõe de modo cada vez mais acentuado⁵⁴ sobre a variante sem marcas formais de CV, em amostra de fala culta. Já em amostra de fala popular, é a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp que se sobrepõe à realização da variante com marcas formais de CV na 3pp.

Além disso, os resultados aos quais chegamos sinalizam algumas das *restrições* para que essa mudança possa ocorrer. Assim, por exemplo, a realização da variante com marcas formais de CV na 3pp, seja em amostra de fala culta seja no universo da amostra de fala popular, é favorecida, no caso da variável *Saliência fônica*, por formas verbais em que a diferenciação fônica entre plural e singular é mais saliente. De igual modo, verificamos que, em ambas as variedades, a variante com marcas de CV é beneficiada por verbos precedidos de verbos com marcas de CV, quando de uma construção seriada, no contexto da variável *Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo)*.

Na dimensão externa ao sistema, os resultados obtidos também nos fornecem algumas pistas sobre as *restrições* extralinguísticas para a variação na CV com a 3pp, pelo menos em amostra de fala culta fortalezense, haja vista que nenhum grupo de fator extralinguístico foi selecionado como estatisticamente pertinentes para a amostra de fala popular. Assim, a variável externa *Faixa etária* indica que, em amostra da variedade culta fortalezense, os falantes da *faixa II* (36-49 anos) são aliados da variante com marcas de CV, assim como os falantes da *faixa III* (a partir de 50 anos). Já os falantes da *faixa I* (22-35), isto é, os mais jovens da mostra, comportam-se de modo a inibir a realização da variante com marcas de CV na 3pp.

Quando colocamos os resultados obtidos para a *Faixa etária* em paralelo com os percentuais de uso para as variantes linguísticas, na amostra de fala culta, novamente, julgamos arriscado fazer qualquer assertiva no sentido de uma possível mudança em curso tomando como base o *problema da restrição ou fatores condicionantes*. Afinal, caso estivéssemos mesmo diante de um processo de mudança em curso para a CV, na variedade

⁵⁴ Laçamos mão desta ideia com base no percentual de uso obtido para as variantes analisadas, na norma culta (variante com marcas de CV (76,5%) e variante sem marcas de CV (23,5%)) e na norma popular (variante com marcas de CV (43,1%) e variante sem marcas de CV na 3pp (57,9%)) (Cf. seção 6.4.1).

culta fortalezense, os falantes mais jovens da amostra é que se revelariam aliados à regra de concordância (LABOV, 2006), fato que não ocorre na amostra deste estudo.

Com isso, fazer afirmações pautadas em apenas um ou dois problemas é delicado, pois, como bem nos explicam Weinreich, Labov e Herzog (2006), a variação e mudança linguística nunca é fruto da atuação de um ou dois aspectos, mas sim, da soma de uma série de fatores extremamente complexos.

6.5 Síntese da seção

Na penúltima seção desta tese, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para análise da variação linguística de CV coma 3pp, em amostra de linguagem culta e popular faladas na capital do estado do Ceará. Além disso, estabelecemos algumas comparações entre os resultados alcançados a fim de verificarmos de quais maneiras o comportamento variável da CV na 3pp aproxima e/ou distancia as amostras de fala culta e popular fortalezense investigadas neste trabalho.

7 CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, objetivamos investigar, à luz dos postulados teórico e metodológicos da Sociolinguística variacionista, o comportamento variável da CV na 3pp, em amostras de linguagem falada representativas das variedades culta e popular de uma das maiores metrópoles brasileiras, isto é, Fortaleza, capital do estado do Ceará. Para estudar o fenômeno variável em pauta, assumimos, antes de qualquer coisa, que a realização das variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp não acontece, em instância alguma, de modo aleatório. Na verdade, lançamos mão da ideia segundo a qual a realização de uma ou de outra forma variante, seja em amostra de fala culta, seja em amostra de fala popular da capital cearense, é fruto da atuação de uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos.

A partir disso, traçamos, como objetivos específicos:

- a) Analisar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas condicionam a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala representativa da variedade culta fortalezense;
- b) Investigar o conjunto de variáveis internas e externas ao sistema que condiciona o comportamento variável da CV com a 3pp, em amostra de fala popular de Fortaleza;
- c) Comparar, na medida do possível, os resultados obtidos para as amostras de fala culta e popular, a fim de verificar de que maneiras o fenômeno variável investigado aproxima e/ou distancia os falares culto e popular da capital cearense.

A partir dos objetivos (geral e específicos) elencados para este estudo, nos deparamos com três grandes questões de pesquisa, a saber:

- a) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza?
- b) Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre a realização variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense?
- c) De que modo o comportamento variável da CV na 3pp aproxima e/ou distancia as variedades culta e popular faladas na capital cearense?

Almejando lançar alguma luz às questões ou problemas que moveram a realização desta tese, construímos duas amostras de linguagem falada na capital cearense. A primeira delas é representativa da variedade culta fortalezense e foi composta por 34 inquéritos dos tipos *DID*, *D2* e *EF* extraídos do Projeto PORCUFORT. A segunda amostra de fala, por sua vez, é representativa da variedade popular fortalezense e compreende 35 inquéritos do tipo *DID* e *D2* extraídos do Projeto NORPOFOR.

Conforme discutimos ao longo desta tese, tanto o Projeto PORCUFORT como o Projeto NORPOFOR foram construídos nos moldes da Sociolinguística. O primeiro tem sua origem na década de 1990, enquanto o segundo foi construído nos primeiros anos da década de 2000. De qualquer maneira, hoje, ambos os Projetos figuram como ricas fontes de pesquisa e das quais podemos extrair dados reais de linguagem em uso acerca dos mais diversos fenômenos variáveis que permeiam as variedades culta e popular da capital cearense.

Sobre os resultados obtidos para a amostra de fala culta fortalezense, verificamos ao longo dos 34 inquéritos do tipo *DID*, *D2* e *EF*, um total de 1.421 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse número, 76,5% dos casos compreendem a variante com marcas formais de CV na 3pp, enquanto 23,5% das ocorrências correspondem a variante sem marcas formais de CV na 3pp. Esses resultados nos mostram, dentre outras coisas, que a variante tida como padrão tende a ser mais usada que a variante sem marcas formais de CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza.

Sobre o percentual de uso das variantes analisadas, em dados de variedade culta da capital cearense, convém ressaltar que a predominância da variante com marcas formais de CV confirma a tendência já observada por outros(as) estudiosos(as) do fenômeno. Ou seja, diversos trabalhos variacionistas sobre a variação na CV com a 3pp, realizados em diferentes localidades do Brasil, mostram que, de fato, quando se trata da linguagem falada por sujeitos com ensino superior completo, a tendência é que a variante com marcas formais de CV ocorra com frequência maior que a variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp. Dentre as muitas explicações para esse fato, lembramos que isso pode ter relação com a maior aproximação que esses sujeitos têm com o modelo de língua preservado pela escola e pela grande maioria dos meios de comunicação. Esse modelo de língua defende explicitamente o ensino de apenas uma das variantes testadas (com marcas padronizadas de CV na 3pp) e condena a realização de qualquer outra que escape ao modelo que prega (caso da variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp).

Além do percentual de uso das variantes, verificamos, com o auxílio do GoldVarb X, que a variante com marcas formais de CV na 3pp, em amostra da variedade culta

fortalezense, é beneficiada por variáveis linguísticas (*Saliência fônica* (formais verbais mais salientes); *Paralelismo formal no nível discursivo* (marcas no verbo) (verbo precedido de verbo com marcas formais de pluralidade); *Presença ou ausência do que relativo entre verbo e sujeito* (presença do *que* relativo) e *Paralelismo formal no nível oracional* (marcas no sujeito) (presença de numeral no último ou único elemento do SN/sujeito e Presença de neutralização no último elemento do SN/sujeito). Além disso, variáveis extralinguísticas também se revelaram pertinentes, estatisticamente falando, para a variação na CV com a 3pp, em amostra de fala culta, foram elas: *Tipo de inquérito* (EF e D2) e *Faixa etária* (faixa II (36-50 anos) e faixa III (a partir de 50 anos)).

Sobre os resultados obtidos para as variáveis extralinguísticas, é salutar mencionar que, conforme postulamos inicialmente, a variável *Tipo de inquérito* mostrou-se relevante para a amostra de fala culta fortalezense. Com isso, comprovamos nossas suspeitas iniciais de que a variação na CV com a 3pp é, em amostra da norma culta de Fortaleza, influenciada não apenas por variáveis ‘clássicas’ como a *Faixa etária*, mas também pela variável de natureza estilística *Tipo de inquérito* que, até a realização deste estudo, não havia sido testada. Já no âmbito da amostra de norma popular, a variável *Tipo de inquérito* não foi selecionada como estatisticamente pertinente pelo programa de análises estatísticas.

Os resultados aos quais chegamos para a amostra de variedade culta falada em Fortaleza, nos permitem, portanto, lançar alguma luz à primeira questão formulada neste estudo: *Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala culta de Fortaleza?* Desse modo, a partir de amostras reais de linguagem em uso, verificamos que são pertinentes para a variação na CV com a 3pp, em amostra do falar culto de Fortaleza, as variáveis linguísticas *Saliência fônica*; *Paralelismo formal no nível discursivo* (marcas no verbo); *Presença ou ausência do que relativo entre verbo e sujeito* (presença do *que* relativo) e *Paralelismo formal no nível oracional* (marcas no sujeito) e extralinguísticas *Tipo de inquérito* e *Faixa etária*.

No que tange à análise da variação na CV com a 3pp, em amostra de fala representativa da variedade popular de Fortaleza, trabalhamos com um total de 1.153 casos de variação na CV com a 3pp. Desse número total, 57,9% dos dados compreendem à variante sem marcas formais de CV e 43,1%, referem-se à variante sem marcação padronizada de CV na 3pp. Com isso, verificamos que, ao contrário do que ocorre em dados de fala culta fortalezense, em amostra da variedade popular, os fortalezenses selecionados para este estudo preferem a variante sem marcas de CV na 3pp.

Com esses resultados, refutam a hipótese inicialmente levantada para o comportamento variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense, haja vista que, inicialmente, lançamos mão da ideia segundo a qual, em amostra de fala popular falada em Fortaleza, a realização da variante com marcas de CV na 3pp seria maior do que o uso da variante sem marcas de CV. Importante destacar que a hipótese aqui testada para os usos das variantes com e sem marcas de CV na 3pp, em amostra de fala representativa da variedade popular fortalezense, caminha praticamente na mesma direção de muitas das descobertas feitas sobre esse mesmo fenômeno em outras amostras de fala popular obtidas em estudos anteriores a este.

Afinal, é sabido que, em amostras de fala popular do PB, a variante sem marcas de CV na 3pp tende a ocorrer com maior frequência que a variante com marcas de CV na 3pp. Dentre as explicações para nossa opção de inicialmente levantarmos uma hipótese contrária às tendências verificadas por outros(as) estudiosos(as) do fenômeno, reafirmamos que ela tem relação com o fato de lidarmos com amostras de fala que, para todos os efeitos, são oriundas de uma das maiores metrópoles brasileiras. Nesse contexto, entra em cena a ideia de que, pelo menos nos grandes centros urbanos, a variante com marcas de CV é muito bem avaliada socialmente, o que pode induzir o maior uso dessa forma variante pelos fortalezenses, independentemente da variedade linguística analisada.

Ao lado dos percentuais de uso das variantes com e sem marcas de CV na 3pp, em amostra da variedade popular de Fortaleza, constatamos que, na amostra deste estudo, a variante com marcação de CV na 3pp é beneficiada, exclusivamente, por fatores de ordem linguística (*Saliência fônica* (formas verbais mais salientes); *Posição e distância entre SN/sujeito e verbo* (SN/sujeito anteposto próximo (0-2 sílabas) e SN/sujeito mais ou menos próximo (3-10 sílabas) e *Traço semântico do sujeito* (traço [+animado])). Com esses resultados, obtivemos algumas respostas para a segunda questão de pesquisa levantada nesta tese, isto é: *Quais variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam sobre a realização variável da CV na 3pp, em amostra de fala popular fortalezense?*

Com a terceira e última questão que moveu a realização desta pesquisa, indagamos: *De que modo o comportamento variável da CV na 3pp aproxima e/ou distancia as variedades culta e popular faladas na capital cearense?* Visando fomentar algumas respostas para essa questão, estabelecemos – na medida do possível e procurando sempre respeitar as suas respectivas especificidades – algumas comparações entre os resultados obtidos para a variação na CV com a 3pp, em amostras de fala culta e popular da capital cearense. Em um primeiro momento, comparamos os percentuais de uso obtidos para as

variantes testadas em ambas as amostras. Em um segundo momento, relacionamos os resultados obtidos para as variáveis linguísticas e extralinguísticas testadas, tanto em amostra de fala culta como popular da capital cearense.

Sobre o primeiro ponto, constatamos um comportamento diferenciado quanto ao uso das variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza. De forma mais direta, vimos que a variante com marcas formais de CV na 3 pp ocorre com uma frequência bem mais expressiva (76,5%) do que a variante sem marcação formal de CV (23,5), em amostra de fala culta. Esses resultados podem ser indícios de que, os informantes com ensino superior completo (variedade culta), possuem uma maior percepção quanto ao uso das variantes com e sem marcas padronizadas de CV e atribuem uma maior valorização à primeira variante em detrimento da segunda.

Já em amostra de fala popular, verificamos justamente o oposto. Aqui, o uso das variantes se mostrou mais equilibrado, com 57,1% dos casos, para a variante sem marcas formais de CV, e 43,1%, para a variante com marcas de CV na 3pp. Esses dados nos mostram que, ao contrário do que ocorre em amostra de fala culta de Fortaleza, os informantes com 0-4 anos de escolaridade (variedade popular) preferem fazer uso da variante sem marcas padronizadas de CV na 3pp. De igual modo, o uso mais equilibrado dessas variantes, em amostra de fala popular fortalezense, pode ser indício de que, falantes com 0-4 anos de escolarização tendem a fazer menos ‘julgamentos’ positivos ou negativos das formas variantes em ‘competição’ do que falantes com ensino superior completo, na capital cearense.

Enxergamos nos resultados obtidos para as frequências de uso das variantes com e sem marcação formal de CV na 3pp faz um ponto de distanciamento entre o modo como falantes representativos das variedades culta e popular faladas em Fortaleza se comportam diante da variação na CV com a 3pp. Afinal, conforme discutimos nos dois parágrafos anteriores, as variantes com e sem marcas padronizadas de CV na 3pp atingiram percentuais de uso distintos em uma e outra amostra de fala analisada. Tais frequências indicam que falantes com ensino superior completo (variedade culta) e com 0-4 anos de escolaridade (variedade popular) percebem de maneiras distintas o uso das variantes com e sem marcação formal de CV na 3pp.

Em relação à atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a variação na CV com a 3pp, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza, verificamos que, para primeira amostra, são pertinentes fatores de ordem linguística e extralinguística. Já para segunda amostra, apenas fatores internos ao sistema foram selecionados. Além disso, quando comparados, os resultados mostram que as variáveis selecionadas tanto em uma como em

outra amostra de fala representativa das variedades testadas caminham praticamente na mesma direção, salvo algumas nuances numéricas. Assim, por exemplo, a variável *Saliência fônica* selecionada como mais pertinente estatisticamente em ambas as variedades de fala aponta que formas verbais cuja distinção fônica entre plural e singular é mais saliente beneficiam a variante com marcas formais de CV, tanto em amostra de fala culta como popular fortalezense. A partir desses resultados, concluímos que o comportamento variável da CV na 3pp apresenta pontos que distanciam e, ao mesmo tempo, aproxima as variedades culta e popular da capital do estado do Ceará.

Finalizamos este estudo com a expectativa de estarmos logrando alguma contribuição para a compreensão do comportamento variável da CV na 3pp, em diferentes variedades de fala da capital cearense e adicionando mais uma peça significativa ao conjunto de estudos que visa descrever o fenômeno em pauta, no PB. Afinal, acreditamos que as descobertas desta tese certamente podem oferecer muito ao frutífero e complexo mapeamento sociolinguístico não apenas do fenômeno em pauta, em amostras de variedade culta e popular de Fortaleza – em uma dimensão mais específica – mas também, da variação da CV com a 3pp no PB – em uma perspectiva mais ampla.

Concluímos esta tese, convencidas de que continuaremos trabalhando sempre no sentido de fazer com que as descobertas proporcionadas pelas diferentes áreas que constituem a ciência da linguagem, a exemplo da Sociolinguística, não fiquem restrita à academia, mas que alcancem o maior número de brasileiros e brasileiras que procuram compreender melhor a realidade linguística de nossa língua mãe.

De igual modo, esperamos que as descobertas desta tese – banhada inteiramente com a luz da ciência – ajudem, de algum modo, a desconstruir mitos que assombram nossa sociedade; a quebrar preconceitos, como o linguístico, e se revele mais um norte que pode ser seguido por professoras e professores de Língua Portuguesa que, sempre de forma brilhante e empenhada, se voltam para questões da linguagem em uso e esbarram, quase que inevitavelmente, com a variação na CV com a 3pp, no PB. Esperamos, também, que este estudo possa amparar futuras pesquisas empreendidas por pesquisadores e pesquisadoras de nosso país sobre o comportamento variável da CV na 3pp.

Ao término desta tese, se faz pertinente deixar registradas não apenas nossas expectativas para os caminhos que as descobertas proporcionadas aqui venham a percorrer, mas também cabe ressaltar algumas das lacunas que deixamos. Afinal, nenhum estudo científico pretende, tampouco consegue, abarcar todas as complexas questões ou problemas que envolvem os fenômenos de nossa realidade enquanto seres humanos, no caso deste

estudo, situados na dimensão que mais nos singulariza em relação a outras espécies de animais, isto é, o uso da linguagem verbal.

Assim, dentre as lacunas que deixamos, ressaltamos que a variação na CV com a 3pp foi aqui analisada em amostras de fala culta e popular de Fortaleza que refletem distintos momentos no tempo. Trabalhamos, no que tange à variedade culta, com uma amostra representativa dessa variedade construída nos primeiros anos da década de 1990. Para a norma popular, lidamos com uma amostra de fala que reflete a variação na CV na 3pp, no início da década de 2000.

Logo, acreditamos que trabalhar com amostras de fala mais recentes seria uma ótima oportunidade para que pudéssemos conhecer mais sobre o funcionamento da variação CV na 3pp, em amostras de fala culta e popular da capital cearense mais recentes. Evidentemente que o fato de termos trabalhado com amostras de fala representativas das variedades culta e popular de Fortaleza, nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente, não invalida, em instância alguma, as descobertas proporcionadas por esta tese. Na verdade, abre espaço para que outros(as) pesquisadores(a) retornem se voltem para este estudo a fim de estabelecer algumas comparações futuras, por exemplo.

Nessa linha de raciocínio, acreditamos que a realização de um estudo acerca da variação na CV com a 3pp, sob a noção de *tempo real*, tanto em amostra de fala culta como popular fortalezense certamente abre espaço para uma pesquisa futura. Afinal, em função das limitações deste estudo, analisamos a variação na CV com a 3pp, em amostra das variedades culta e popular de Fortaleza a partir da noção de *tempo aparente*.

Uma outra lacuna que identificamos compreende o fato de não termos aplicado testes de atitudes linguísticas por meio dos quais obteríamos uma visão mais apurada acerca dos valores e julgamentos sociais que falantes com ensino superior completo (variedade culta) e com pouca ou nenhuma escolarização (variedade popular) atribuem à realização das variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, na capital cearense. Acreditamos que a aplicação de testes de atitudes linguísticas certamente ampliaria nossa compreensão sobre as avaliações sociais feitas em torno do comportamento variável da CV na 3pp, na capital do estado do Ceará. Logo, enxergamos nessa lacuna mais uma possibilidade de realização de uma pesquisa futura.

As lacunas deixadas por esta pesquisa não ofuscam as descobertas aqui proporcionadas sobre a variação na CV com a 3pp, em amostras de fala culta e popular de Fortaleza, tampouco diminuem as contribuições que logramos aos estudos variacionistas, sobretudo, aqueles se debruçam sobre o fenômeno variável que aqui tomamos para

investigação. As lacunas deixadas, na verdade, apenas mostram quão complexa, rica e, naturalmente, limitada pode ser uma pesquisa científica. E, mesmo em face de eventuais limitações, a ciência é um dos grandes alicerces das sociedades modernas e uma das formas mais seguras que temos para lidar com fatos de nossa complexa realidade humana.

Afinal, é no fazer científico que levantamos questionamentos, identificamos problemas e a eles procuramos lançar alguma luz. É no labor científico que desfazemos ilusões e varremos mitos nocivos para o avanço de uma sociedade como a brasileira. O ano em que concluimos esta tese é 2021 e, nesse momento, acreditamos que nunca precisamos tanto da ciência como atualmente. Nosso tempo histórico é assombrado por trevas. Todavia, a ciência segue, como bem nos ensinou Sagan (2006), sendo uma luz na escuridão.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística (Parte I). In. MUSSALIN, Fernanda; BENTES Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012, p. 23-50.

ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos pretos, Restinga Seca, RS**. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7627>. Acesso em: 20 de set. de 2018.

ALMEIDA, Evanilda Martins. **Uso e norma: variação da concordância verbal em redações escolares**. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/AlmeidaEM.pdf>. Acesso em: 31 fev. 2018.

ALMEIDA, Gilce; ANTONINO, Vivian. A concordância verbal de terceira pessoa do plural em produções escritas de estudantes universitários. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 329-350, 2011. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/201>. Acesso em: 13 jun. 2018.

ALVES, Jorge Augusto da Silva. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. 2005. 340 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11634/1/Tese%20Jorge%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

ALVES, Tiago Gil Lessa. **A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses**. 2011. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8894>. Acesso em: 13 abr. 2018.

AMARAL, Nelson Cardoso. **Financiamento da educação superior: Estado x Mercado**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. 216p.

ANJOS, Sandra Espínola dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999. Disponível em: http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord. Acesso em: 16 jan. 2018.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editora, 2007. 168p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação x monotongação no falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa, v.5, n.1, p.109-120, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/%20article/viewFile/9349/5029>. Acesso em: 09 abr. 2018.

ARAÚJO, Ana Maria Mato; CARLEIAL, Adelita Neto. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**, Barcelona, v. 7, n. 146, p. 01-16, 2003. Disponível em: www.uece.br/lepop/.../26-opulencia-e-miseria-nos-bairros-de-fortaleza. Acesso em: 16 nov. 2015.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. A monotongação do ditongo [ej] no projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma abordagem variacionista. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 45, p. 289-308, 2013. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1219.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597. Acesso em: 12 mar. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In. XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CiFEl, p. 835-845, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 12 jan. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel de Bezerra Macedo; PEREIRA, Lidiane de Sousa Pereira. O projeto descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Sociodialeto**, Moto Grosso do Sul, v. 8, n. 24, p.174-198, 2018a. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>. Acesso em 10 set. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel de Bezerra Macedo; PEREIRA, Lidiane de Sousa Pereira. O banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In. ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. (Orgs.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza**. Fortaleza: EdUECE, 2018b, p. 15-65.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana – BA: sociolinguística e socio-história do português brasileiro**. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística e cultura) — Programa de Pós-Graduação em Linguística e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014. Disponível em: <http://www.ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/TESE%20VERS%C3%83O%20FINAL%20Silvana%20Silva%20de%20Farias%20Araujo.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

ARAÚJO; Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. Variação linguística em livro didático do Ensino Fundamental: propostas e tratamento. **Revista Letrônica**, Porto Alegre, v.

10, n. 1, p. 350-360, 2017. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24624/16324>. Acesso em: 17 jul. 2019.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Editora Parábola, 2003. 194p.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2010. 328p.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Editora Parábola, 2007. 240p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola. 2009. 136p.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Editora Parábola, 2013. 192p.

BARROS, Diana Luz Pessoa. A propósito do conceito de discurso oral culto: definições e imagens. In. PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 35-53. Disponível em:
[disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20\(1999\)%20%20In%20PRETI%20\(org.\)](http://disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20(1999)%20%20In%20PRETI%20(org.)). Acesso em: 21 ago. 2018.

BATTISTI, Elisa; ROSA, Renan Silveira. Variação e mudança linguística: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul. **Sociodialeto**, Mato Grosso do Sul, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2012. Disponível em:
www.sociodialeto.com.br/edicoes/13/01122012014220.pdf. Acesso em: 16 out. 2017.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001. 720p.

BOPP DA SILVA, Taís. Estamos formando professores que conhecem a variação linguística? Uma análise acerca da importância dos dados e das teorias para o ensino de língua. Revista **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 144-156, 2015. Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/issue/view/1311>. Acesso em: 26 fev. 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In. VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia. (Org.). **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 362-380.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migrações e redes sociais. São Paulo: Editora Parábola, 2011. 304p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Editora Parábola, 2004. 112p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. 192p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil. *In.* BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 313-325.

BRAIT, Beth. Imagens da norma culta, interações e constituição do texto oral. *In.* PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 53-78. Disponível em: [disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20\(1999\)%20%20In%20PRETI%20\(org.\).](http://disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20(1999)%20%20In%20PRETI%20(org.).) Acesso em: 21 ago. 2018.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 1035-1064, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4913>. Acesso em: 30 mar. 2018

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série. Brasília-DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa Nacional do Livro Didático de Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2014. Disponível em: https://www.edocente.com.br/pnld2020confiraascaracteristicasdasobraliterarias/?utm_source=googleads&utm_medium=CPC&utm_campaign=PNLDcaracteristicasobrasliterarias&gclid=Cj0KCQjwjrvpBRC0ARIsAFrFuV_jM9eeLpOH9D8UzZzbd1Og54FGvME32PZ2z29OBzk9aLcm_mg9moaAjqXEALw_wcB. Acesso em: 17 jul. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. *In.* FONSECA, Maria Stelia; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23.

BRIGHT, William (Org.). **Sociolinguistics**. Mouton: Haia, 1966. 392p.

CABRAL, Leonor Scliar. Registros e variedades sociolinguísticas. *In.* GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Coleção Linguística, 2014, p. 51-63.

CALLOU, Dinah. O projeto NURC no Brasil: da década de 70 à década de 90. **Revista de Linguística**, São Paulo, v.11, n. 2, p.231-250, 1999.

CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola, 2002. 157p.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Editora Parábola, 2013. 272p.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 72p.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística parte II. *In*. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012, p. 51-83.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. Variação do Imperativo no Português Brasileiro: Análise de Uma motivação Linguística. *In*. PINHEIRO, Clemilton Lopes (Org.). **Estudos sobre a língua culta falada em Fortaleza: explorando dados do PORCUFORT**. Fortaleza: Tipogresso, 2010, p. 91-124.

CARMO, Débora Lopes; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. n. 16, p. 282-297, 2015. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CARVALHO, Hebe Macedo de; ARAÚJO, Aluiza Alves de; NETO, Artur Viana do Nascimento. O uso do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar culto de Fortaleza. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 11, n. 19, 2017. Disponível em: [https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16932#:~:text=Analisa%2Dse%2C%20neste%20estudo%2C,2008\)%%2C%20com%20base%20em%2017](https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16932#:~:text=Analisa%2Dse%2C%20neste%20estudo%2C,2008)%%2C%20com%20base%20em%2017). Acesso em: 26 fev. 2021.

CARVALHO, Hebe Macêdo de; FREITAS, Mayelle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes *nós* e *a gente*: a fala culta de Fortaleza em cena. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/1188>. Acesso em: 18 jan. 2021.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. *In*. BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 25-33.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. Sobre Valência Verbal e Construção de referentes no Discurso. *In*. PINHEIRO, Clemilton Lopes. (Org.). **Estudos sobre a língua culta falada em Fortaleza: explorando dados do PORCUFORT**. Fortaleza: Tipogresso, 2010, p. 161-187.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1965. 372p.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. Haia: Mouton, 1957. 120p.

COAN, Márluce; FREIRAG, Raquel Meiter Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Domínios da Ling@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>. Acesso em: 17 jul. 2019.

COELHO; Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edais Maria; SOUZA, Christiane Maria de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 176p.

CORBUCCI, Paulo Roberto. **O Ensino Superior Brasileiro na Década de 90: Políticas Sociais, acompanhamento e análise**. Brasília: IPEA, 2001. 120p.

COSTA, Luciane Trennephol. Análise variacionista do rotacismo. **RevLet — Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 5, n. 9, p.1-29, 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_do_rotacismo.pdf. Acesso em: 25 fev. 2018

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. *In*. MARTELOTTA, Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 113-126.

CUNHA, Celson; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013. 762p.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? *In*. ZILLES, Ana Maria; FARACO, Carlos Alberto. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 31-51.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. *In*. MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 133-155.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; PERNAMBUCCO, Dea Lucia Campos. A língua culta na escola: uma interpretação sociolinguística. **Revista Instrumento**, Juiz de Fora, v. 10, p.17-28, 2008. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+1%C3%ADngua+culta+na+escola%3A+uma+interpreta%C3%A7%C3%A3o+sociolingu%C3%ADstica&btnG=. Acesso em: 26 fev. 2021.

CYSNE, Marcus Rodney Portela. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE. 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf. Acesso em: 28 nov. 2020.

ECKERT, Penelope. Age as a sociolinguistic variable. *In*. COULMAS Florian. **The handbook of sociolinguistics** (Org.). Oxford: Blackweel, 1996. p. 151-167. Disponível em: <http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/lin3342/readings/Eckert.1998.pdf>. Acesso em: 08 mar de 2016.

ECKERT, Penelope. **Linguistic Variation as Social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000. 349p.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: University Press, 2001. Disponível em: <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/00068947.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. *In*. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011a, p.27-52.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Editora Parábola, 2008. 224p.

FARACO, Carlos Alberto. O Brasil entre a norma culta e a norma culta. *In*. LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Editora Parábola, 2011b, p. 259-275.

FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação linguística. *In*. CORREA, Djane Antonucci (Org.). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Editora Parábola, 2007, p.21-43.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2017. 222p.

FÁVERO, Leonor Lopes. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. *In*. PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 140-159. Disponível em: [disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20\(1999\)%20%20In%20PRETI%20\(org.\)](http://disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20(1999)%20%20In%20PRETI%20(org.)). Acesso em: 21 ago. 2018.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic metatheory**. New York: Pergamon, 1994. 230p.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Por que ainda ler Saussure? *In*. FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.7-20.

FISCHER, John. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. *In*. FONSECA, Maria Sttelia; NEVES, Moema (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 87-98.

FISHER, John. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, New York, v.14, p. 47-56, 1958. Disponível em: acesso em: <http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). **Metodologia de Coleta em manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. 156p. Disponível em: <http://openaccess.blucher.com.br/article-list/metodologia-sociolinguistica>. Acesso em: 21 set. 2018.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Linguas & Letras**, Paraná, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005. Disponível em: <http://e->

revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/875/740. Acesso em: 25 jun. 2020.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Pistas prosódicas para a segmentação da entrevista sociolinguística. *In. VII COLÓQUIO BRASILEIRO DE PROSÓDIA DA FALA*, 2013, Mato Grosso. **Anais...** Mato Grosso: UFMG, p. 1-6, 2013. Disponível em http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/6160. Acesso em: 23 abr. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; ARAÚJO, Andreia Silva; BARRETO, Eccia Alécia; CARVALHO, Eliana dos Santos Silva de Carvalho. “Vamos prantar frores no grobo da Terra”: Estudando o rotacismo nas series iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita – SE. **Revista Virtual de Letras – RevLet**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 17-31, 2010. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/50.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018.

FREITAS, Clarissa Sampio; PEQUENO, Luis Renato Bezerra. Produção habitacional na Região Metropolitana de Fortaleza, na década de 2000. **Revista Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 45-59, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5139/513951512004.pdf>. Acesso em 14 jan. 2021.

FURTADO, Bárbara Amaral de Andrade. **A concordância de número em predicativos do sujeito**: variação linguística em Fortaleza. 2017. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26900/1/2017_dis_baafurtado.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

GONÇALVES, Vânia de Fátima. **Ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce – MG**. 2007, 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR76RM CJ/disserta_o_ii_completa_sumario_completa.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 abr. 2018.

GONDIM, Emanuela Monteiro. O uso do clítico na fala culta de Fortaleza. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.1, n.1, p. 37-47, 2011. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/3/47>. Acesso em: 07 out. 2020.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Revista Working papers em Linguística**, Santa Catarina, v. 10, n.1, p. 73-91, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/issue/view/1279>. Acesso em: jul. 2018.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. A variação estilística em entrevista sociolinguística: uma (re)leitura do modelo laboviano. *In. GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christine Maria Nunes de. **Variação Estilística**: reflexões teóricas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 67- 92.

GRACIOSA, Diva. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991, 181f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUIMARÃES, Tatiane de Almeida Araújo Studart de. **TU É DOIDO, MACHO: A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza**. 2014, 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTACAO_TATIANE.pdf. Acesso em: maio de 2018.

GUIMARÃES, Tatiane de Almeida Araújo Studart de. **Tu e você no falar de Fortaleza: variação e avaliações linguísticas**. 2019, 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://btdt.ibict.br/vufind/Record/UECE-0013154779951bd62ce7c3ec96e68b1d7>. Acesso em: 26 fev. 2021.

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *In*. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2001, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ABRALIN, p.1-17, 2001. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em: 14 Jun. 2015.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in brazilian portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981, 383f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8117786/>. Acesso em: 04 set. 2015.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editora Parábola, 2007. 272p.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. *In*. BAGNO, Marcos (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.97-114.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Grammaticalization.html?id=NwJ_QgAACAAJ&redir_esc=y. Acesso em 17 set. 2018.

HORA, Dermeval. Estilo: uma perspectiva variacionista. *In*. GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação Estilística**: reflexões teóricas e propostas de análise. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 19- 30.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. 272p.

LABOV, William. Building on empirical foundations. *In*. LEHMANN, Winfred; MALIEL, Yakov (Orgs.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 23-45.

LABOV, William. **Language in the Inner city**: studies in the black English vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1978a. 230p.

LABOV, William. **Language in the Inner city**: studies in the black English vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1978b. 189p.

LABOV, William. **Location Language in time and space**. New York: Academic Press, 1980. 430p.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008. 392p.

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico**: factores sociales. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006. 573p.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**: social Factors. Oxford: Blackwell, 2001. 632p.

LABOV, William. **Principles of linguistic change, vol. 1**. Malden: Blackwell Publishers, 1994. 453p.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors, vol. 3. Wiley-Blackwell: A John Wiley e Sons, Ltd, publication, 2010. 420p.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel**, Goiás, v. 5, n. 9, p. 1-3, 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em: 16 jan. 2018.

LABOV, William. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**: language Variation and Change. Cambridge: University Press, 1990, p. 205-254.

Disponível em:

<http://journals.cambridge.org/action/displayFulltext?type=1&fid=2703836&jid=LVC&volumeId=2&issueId=02&aid=2703828&bodyId=&membershipNumber=&societyETOCSession>.

Acesso em: 13 Jan. 2018

LABOV, William. **The Logic of Nonstandard English**. Columbia: Columbia University, p. 60-74, 1969. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=EJ014801>. Acesso em: jan. 2018.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966. 320p.

LABOV, William. **The study of non-standard English**. Champaign: National Council of teachers of English, 1970. 267p.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, Texas, v. 44, n.1, p. 05-16, 1978a. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED157378>. Acesso em: 16 jan. 2018.

LEITE, Marli Quadros. Purismo no discurso culto. *In*. PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 77-113. Disponível em: [disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20\(1999\)%20%20In%20PRETI%20\(org.\)](http://disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20(1999)%20%20In%20PRETI%20(org.)). Acesso em: 21 ago. 2018.

LEITE, Yonne de Freitas; CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio. Processos de mudanças no português do Brasil: variáveis sociais. *In*. CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. **Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 2003, p. 87-114. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1.pdf. Acesso em: 14 out. 2017.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências Básicas do Português Mobral**. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1977. 160p.

LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância Maria Borges de; SOUZA, Emília Helena (Orgs.). **Um estudo da fala popular de Salvador PEPP**. Salvador: Editora Quarteto, 2009. 180p.

LUCCHESI, Dante. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. **A cor das letras**, Feira de Santana, v. 3, n. 1, p. 73-100, 2001. Disponível em: www.gpesd.com.br/baixar.php?file=18. Acesso em: 14 mar. 2018.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partida**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 320p.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. *In*. BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 57-81.

MAIA, João Paulo Ferreira. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza - CE**. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8288/1/2011_dis_jpfmaia.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010. 136p.

MARTINS, Carlos Benedito. O ensino superior brasileiro nos anos 90. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 41-60, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9801.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da Sociolinguística brasileira. *In*. MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 9-35.

MASCARELLO, Lidiomar José. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos nativos na costa da lagoa. **Work. pap. linguistic**, v. 10, n. esp. Florianópolis, p. 57-68, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11nespp57>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MATEUS, Maria Helena; CARDEIRA, Esperança. **Norma e Variação**. Lisboa: Editora Caminho, 2007. 210p.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Madison Ave, 2006. Disponível em:

http://home.lu.lv/~pva/Sociolingvistika/0891160_FFF6C_meyerhoff_miriam_introducing_so_ciolinguistics.pdf. Acesso em: maio. 2018.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. *In*. LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Editora Parábola, 2011a, p. 49-85.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. *In*. LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011b, 49-85.

MODESTO, Tiago Tácito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos - SP**. 2006. 130f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-02102006-221207/en.php>. Acesso em: maio de 2018.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.7-14.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. 200p.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. 2009, 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001, 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2001. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9. Acesso em: 12 abr. 2018.

MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e europeu**. 2012, 173f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de

Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES. Acesso em: 02 fev. 2018.

MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação**: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES. Acesso em: 02 fev. 2015.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 168p.

MORATO, Maria Edwirges. O interacionismo no campo linguístico. In. MUSSALIN, Fernanda; BENTES Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012, p. 23-50.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.15-25.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, Chicago, v. 57, n. 1, p.63-98, 1981. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 20 nov. 2017.

NARO, Anthony Julius; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In. WALKER, Carol; STEEVER, Sanford (Orgs.). **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976, p. 221-241.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **Delta**. São Paulo, v. 9, n.1, p. 1-14, 1993.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In. HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 383-401.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Influência de variáveis escalares na concordância verbal. **A cor das letras**, Feira de Santana, v. 18, n.1, p. 17-34, 1999.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 208p.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Ensino Superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão. In. XXX LASA INTERNATIONAL CONGRESS LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 2012, San Francisco. **Anais...** San Francisco: External Sources, p. 12-23, 2012. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2013/03/1114.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.

OLIVEIRA, Marian dos Santos. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista**: variação estável ou mudança em progresso? 2005, 190f. Dissertação

(Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>. Acesso em: 04 mai. 2018.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. *In*. MOLLICA, Maria Cecília; FERRERAZI JÚNIOR, Celso (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p.23-32.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística: observações no tempo real. *In*. MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 179-190.

PEREIRA, Deize Crispim. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas**. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022013-120141/pt-br.php>. Acesso em 14 fev.2015.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **Por que eles não concorda?** Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza - CE. 2016. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/288-2016>. Acesso em 03 nov. 2017.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Mapeamento de fatores linguísticos e sociais relevantes para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no falar brasileiro. **Littera Online**, Maranhão, v. 7, n. 2, p. 125-147, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/5711/3444>. Acesso em 20 set. 2018.

PINHEIRO, Regina. A regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza - CE: relação entre ensino e pesquisa. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77807/84805>. Acesso em: 18 set. 2017.

PINHO, Maria Eliane Vila de. O uso do rotacismo no falar dos moradores do bairro Vila Mariana em Cáceres-MT. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres, v. 7 n. 2, p. 119-129, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/react/article/view/274>. Acesso em: 25 fev. 2018.

PONTE, Sebastião Rogério. *A Belle Époque* em Fortaleza. *In*. SOUZA, Simone. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 162-191.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: Competing constraints on /s/ deletion. *In*. LABOV, William (Orgs.). **Locating language in the space**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980, p. 55-67.

PRETI, Dino. A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais. *In*. PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 21-34. Disponível em: [disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20\(1999\)%20%20In%20PRETI%20\(org.\)](http://disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20(1999)%20%20In%20PRETI%20(org.)). Acesso em: 21 ago. 2018.

RAQUEL, Betânia Maria Gomes; COAN, Márluce. Análise sociolinguística dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Referenciais Curriculares Básicos do Estado do Ceará: política linguística e planejamento linguístico. **Revista Textura**, Canoas, v. 1, n. 31, p. 68-82, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1203/910>. Acesso em: 03 set. 2019.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes. **Ramô rê se rai dá certo**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013, 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues>. Acesso em: 03 jun. 2015.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza – CE**. 2018. 283f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/TESE_ANA-GERMANA-PONTES-RODRIGUES.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. *In*. BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 11-21.

ROMÃO, Flávio Lívio. Brasil década de 90: a recorrência das desigualdades em meio a muitas transformações. *In*. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2003, Campinas. **Anais...** Campinas: Editora Unicamp, p. 251-252, 2003. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=81&Itemid=171. Acesso em: 22 jun. 2021.

RUBIO, Cássio Florêncio. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008, 153f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/175432?mode=full>. Acesso em: 02 mar. 2018.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu**: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 393f. Tese (Doutorado em Letras e Ciências exatas) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/100100>. Acesso em: 30 mar. 2018.

RUBIO, Cássio Florêncio. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável gênero/sexo. **Estudos Linguísticos**,

Araraquara, v. 36, p. 380-388, 2007. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/268433070_Por_uma_definicao_da_variante_estigmatizada_na_concordancia_verbal_no_interior_paulista_a_atuacao_da_variavel_generosexo
 Acesso em: 21 set. 2018.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: A ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006. 512p.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics: University of Toronto, 2005.

SANTOS, Jéssica Coêlho Franklin dos. **Não quero não!** As negativas sentenciais no falar de Fortaleza/CE, na perspectiva variacionista. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o-Je%CC%81ssica-Coe%CC%82lho-F.-Santos-1.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012. 312p.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. *In*. BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 197-224.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Editora Parábola, 2005. 160p.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony. Marking in discourse: birds of a feather. **Language variation and change**, Cambridge, v. 1, n. 3, p. 23-32, 1991.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. *In*. HORA, Dermeval da (Org.) **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Editora Ideia, 1997, p. 34-49.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. *In*. MASSINI-CAGLIARI, Gladis; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; BERLINCK, Rosane Andrade; GUEDES, Marymarcia (Orgs.). **Estudos de linguística histórica do português**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p. 31-71.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 45-71, 1998. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6914>. Acesso em: 20 set. 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. *In.* RUFFINO, Giovanni (Org.). **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 1998, p.110-135.

SEVERO, Cristine Gorski. Estilo, variação e discurso. *In.* GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação Estilística**: reflexões teóricas e propostas de análise. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 31-50.

SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>. Acesso em: 04 abr. 2015.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **“O português são dois”**: novas fronteiras, velhos problemas. 2. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2004. 135p.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. *In.* BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 291-316.

SILVA, Jorge Augusto Alves; SANTOS, Danilo da Silva; SOUZA, Valéria Viana. Concordância verbal no português popular do Brasil: aspectos empírico-teóricos da concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6 na comunidade de fala de Vitória da Conquista. *In.* V JORNADA DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE, 2012, Natal. **Anais...** Natal: Cadernos do GELNE, p.16-37, 2012. Disponível em: [http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20\(1\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf). Acesso em: 03 mai. 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In.* GERARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 32-43. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina escolar. *In.* BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 141-160.

SOUZA, Francisco Ferreira de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015, 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

SOUZA, Maria Salete de. Análise da estrutura urbana. *In.* DANTAS, Eustógio Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa; SILVA, José Borzacchiello da (Orgs.). **De Cidade a Metrópole**: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 13-87.

SPINOSA, Juan Antonio Cuttilas; CAMPOY, Juan M. Hernández. Modelos Sociolingüísticos de variación estilística. **Revista Eletrónica de Estudios Filológicos**, Murcia, v. 1, n. 35, p. 1-

30, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6515682>. Acesso em: 21 set. 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985. 96p.

TEIXEIRA, Suelem Cristina Cunha; LUCCHESI, Dante; MENDES, Elisângela dos Passos. Concordância verbal no português popular de Salvador: uma amostra da variação linguística na periferia da capital baiana. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 251-275, 2013.

Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/124/177>. Acesso em: 17 fev. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em URBANO, Hudinilson. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In. PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 112-139 Disponível em:

[disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20\(1999\)%20%20In%20PRETI%20\(org.\)](http://disciplinas.stoa.usp.br/.../GALEMBECK%20(1999)%20%20In%20PRETI%20(org.)). Acesso em: 21 ago. 2018.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidades de fala’. **Acta scientiarum language and culture**, Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/6367/6367>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VARJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. **Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular**. 2006. 187f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Leydiana/Downloads/DialnetConcordanciaVerbalDeTerceiraPessoaDoPluralNoPortug-6125177.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

VIANA, Rakel Beserra de Macêdo. **Uma fotografia variacionista dos verbos existenciais haver/existir/ter no português oral culto de Fortaleza – CE**. 2018. 235f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wpcontent/uploads/sites/53/2019/11/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O_RAKEL-BESERRA-DE-MACE%CC%82DO-VIANA.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Tipologias de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Linguística (ALFAL)**, João Pessoa, v. 30, n. 2, p. 81-112, 2014. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S2079-312X2014000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 12 maio 2021.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Concordância verbal. In. VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso, 2007, p. 86-101.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; GOMES, Danielle Kely. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In. VIEIRA, Sílvia Rodrigues (Org.).

A concordância verbal em variedades do português. Rio de Janeiro Vermelho Marinho, 2015, p. 104-147.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; SILVA, Karen Cristina da. Estudo sociolinguístico da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português de São Tomé e Príncipe. **Letrônica**, Porto Alegre, v.10, n.1, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24957/16310>. Acesso em: mar. 2018.

VOTRE, Josué Sebastião. Relevância da variável escolaridade. *In*. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 51-57.

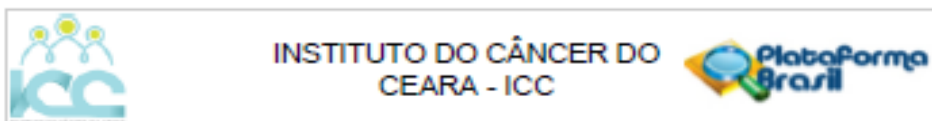
WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editora, 2002. 168p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006. 152p.

XAVIER, Antônio Carlos. A (in)sustentável leveza do internetês: como lidar com essa realidade virtual na escola? *In*: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 167-183.

ZILLES, Ana Maria. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 35, n.1, p.75-96, 2000. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fabio/ojs/index.php/fale/article/view/14760>. Acesso em: 28 nov. 2017.

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UM ESTUDO VARIACIONISTA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL NOS FALARES CULTO E POPULAR DE FORTALEZA - CE

Pesquisador: Maria Lidiane de Sousa Pereira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31499220.3.0000.5528

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.052.120

Apresentação do Projeto:

A pesquisa aborda o comportamento variável da concordância verbal (CV) com a 3ª pessoa do plural (3pp), nos falares culto e popular de Fortaleza-CE. No que concerne aos escorregadios e complexos conceitos de norma culta e popular, ressaltamos que o termo português culto tem sido usado para referir o conjunto de formas "[...] efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo" (LUCHESSI, 2012, p. 59). Essa conceitualização clássica é adotada, como princípio metodológico, desde a elaboração do Projeto NURC (CALLOU, 1999) cuja configuração, aliás, serviu de modelo para a elaboração do NORPOFOR e PORCUFORT (ARAÚJO, 2011). Em contrapartida, o termo português popular frequentemente é entendido como o conjunto de "variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades" (BAGNO, 2003, p. 59). Importante lembrar que, embora tais princípios metodológicos sejam frequentemente adotados, as 'fronteiras' entre o português culto e popular nunca foram delimitadas com precisão (BORTONI-RICARDO, 2012).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Principal: Observar, à luz da Sociolinguística variacionista a realização variável da CV na 3pp nos falares culto e popular de Fortaleza.

Endereço: PAPI JÚNIOR, 1222 CEP: 60.430-230
 Bairro: RODOLFO TEÓFILO
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3228-4853 Fax: (85)3228-4853 E-mail: eoc@icc.org.br



INSTITUTO DO CÂNCER DO
CEARA - ICC



Continuação do Parecer: 4.062.120

Objetivos Secundários: Verificar quais variáveis linguísticas (Salência fônica, Traço semântico do sujeito, Posição do SN/sujeito em relação ao verbo, Distância entre SN/sujeito e verbo em termos de sílabas, Tipo estrutural do sujeito, Paralelismo formal no nível oracional, Paralelismo formal no nível discursivo, Tipo de verbo, Constituição morfológica da forma verbal e Presença do que relativo) atuam sobre o uso variável da CV na 3pp, tanto em dados de fala do PORCUFORT como NORPOFOR; b) Testar a atuação das variáveis extralinguísticas (Sexo, Escolaridade, Faixa etária e Tipo de Inquérito)

sobre a variação na CV com a 3pp em dados do Projeto NORPOFOR;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco: Vazamento de Identidades dos Informantes.

Benefício: Promover uma melhor compreensão do fenômeno variável bastante produtivo do Português Brasileiro, mas ainda não estudado na norma culta de Fortaleza. Promover também a quebra de preconceitos, como o linguístico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Serão analisadas 34 falas provenientes do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) e 35 falas oriundas do Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza (NORPOFOR).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou dispensa de TCLE uma vez que a pesquisa fará uso de dados já coletados anteriores ao ano 2000.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado desse CEP acompanha o parecer do relator aprovando-o como se apresenta.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	28/04/2020		Aceito

Endereço: PAPI JÚNIOR, 1222
Bairro: RODOLFO TEÓFILO CEP: 60.430-230
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3288-4853 Fax: (85)3226-4853 E-mail: icc@icc.org.br



INSTITUTO DO CÂNCER DO
CEARA - ICC



Continuação do Parecer: 4.062.120

Básicas do Projeto	ETO_1542794.pdf	10:10:44		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_de_tese_compleo.pdf	28/04/2020 10:09:27	Maria Lidiane de Sousa Pereira	Aceito
Investigador				
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada_Lidiane.pdf	28/04/2020 10:04:53	Maria Lidiane de Sousa Pereira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Neecessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 01 de Junho de 2020

Assinado por:

Marcelo Gurgel Carlos da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: PAPI JÚNIOR, 1222
Bairro: RODOLFO TEÓFILO CEP: 60.430-230
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3286-4653 Fax: (85)3286-4653 E-mail: icc@icc.org.br